



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

**A TERMINOLOGIA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO E DE REGISTRO DE TERMOS
TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS DO MEIO ACADÊMICO EM
GLOSSÁRIO BILÍNGUE**

PATRICIA TUXI DOS SANTOS

**Brasília – DF
Março / 2017**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

PATRICIA TUXI DOS SANTOS

**A TERMINOLOGIA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO E DE REGISTRO DE TERMOS
TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS DO MEIO ACADÊMICO EM
GLOSSÁRIO BILÍNGUE**

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Léxico e Terminologia.

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich.

**Brasília – DF
Março / 2017**

TP314t TUXI DOS SANTOS , PATRICIA
A TERMINOLOGIA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO E DE REGISTRO DE TERMOS
TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS DO MEIO ACADÊMICO EM
GLOSSÁRIO BILÍNGUE / PATRICIA TUXI DOS SANTOS ;
orientador ENILDE FAULSTICH. -- Brasília, 2017.
278 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2017.

1. glossário bilíngue. 2. sinais-termo. 3. signo
linguístico. 4. QR Code e Videoguias. 5. Língua de
Sinais Brasileira . I. FAULSTICH, ENILDE , orient.
II. Título.

PATRICIA TUXI DOS SANTOS

**A TERMINOLOGIA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO E DE REGISTRO DE TERMOS
TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS DO MEIO ACADÊMICO EM
GLOSSÁRIO BILÍNGUE**

Tese de Doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de Pesquisa: Léxico e Terminologia.

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich.

Aprovado em

Professora Doutora Enilde Faulstich
Orientadora (Presidente) -LIP/ IL/UnB

Professora Doutora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Membro Efetivo - LIP/ IL/UnB

Professora Doutora Sandra Lucia Rodrigues da Rocha
Membro Efetivo TEL/IL/UnB

Professora Doutora Sandra Patrícia de Faria do Nascimento
Membro Efetivo – SEEDF

Professora Doutora Fatima Ali Abdalah Abdel Cader-Nascimento
Membro Efetivo –UDF

Professora Doutora Cristiane Batista do Nascimento
Suplente – UFG

DEDICATÓRIA

Ao Divino Pai Eterno, Nossa Senhora Aparecida e ao meu Santo Expedito por toda força, sabedoria e amor.

A minha mãe, modelo de persistência, força, coragem e dedicação. Para a senhora tudo, ontem, hoje e sempre.

A minha irmã Flávia por me fazer acreditar que era possível.

AGRADECIMENTO

A Deus Pai todo poderoso que me ajudou, cuidou e amparou em todos os momentos.

A minha mãe Glória, mais que uma fonte de inspiração, mais que um modelo de mulher e de profissional, um exemplo de garra de força e coragem. Mãe que sempre esteve ao meu lado e me mostrou o mundo que podemos conquistar.

A minha irmã caçula Flávia, por acreditar no meu potencial e incentivar a minha vida acadêmica. A minha irmã mais velha Nadege por mostrar a força que tenho dentro de mim e lutar pelos meus desejos.

A minha orientadora, Dra. Enilde Faulstich, minha eterna gratidão e amor por todos esses anos ao meu lado. Por ter me recebido, me acolhido, me instigado, mas principalmente por ter me ensinado a ver quem eu sou e quem eu posso ser.

A Falk Soares Ramos Moreira que nunca mediu esforços para me ensinar a Língua de Sinais Brasileira e principalmente a respeitar a Comunidade que a usa. Além de amigo querido é meu modelo de professor na vida.

A Luciana Marques Vale que sempre esteve ao meu lado, acreditando e apoiando. Mais que amiga, uma irmã de coração que sempre que caí me ajudou a levantar segurando na minha mão e dizendo: Vai dar certo!

A Daniela Prometi, Messias Ramos, Fátima Félix Nascimento e João Paulo Vitório professores, pesquisadores e amigos queridos que acreditaram e colaboraram para que esse glossário fosse realizado!

A Eduardo Felipe Felten, por todas as madrugadas de conversa me encorajando a ir em frente com todo esse trabalho quando eu me sentia sem forças para isso.

A Virgílio Soares da Silva Neto, por tirar do meu caminho tantas pedras e obstáculos que encontrei nesses anos de estudo.

A Marcos Brito, amigo e irmão mais que especial, obrigada por todo o apoio desde o início dessa jornada acadêmica que é fruto também do seu incentivo.

A Rodolfo Pinheiro de Azevedo por todas as traduções feitas com tanto carinho e rapidez.

Aos Mafiosos do meu coração Marcos Brito, Denise Soares Ribeiro, Alliny Andrade, Fabiane Elias Pagy, Israel Costa, Pier Aguayo, Kelly Aguayo! Vocês são a família que Deus permitiu viver ao meu lado com nome de amigos.

Aos Elementais, representados aqui por Silvana Aguiar. Amigos queridos que cuidaram do meu corpo, da minha mente e da minha fé durante todo esse trajeto. Gratidão!

A Rodrigo Prudente, amigo mais que querido, e que esteve presente literalmente do início ao fim de todo esse processo. Sua amizade foi uma das maravilhas desse doutorado!

A Rebeka Aguiar, Altaci Rubim, Rodrigo Prudente e Fausto Pereira por todas as manhãs, tardes e noites de muito café, conversas e leituras compartilhadas no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (CentroLexterm).

A Flavia Maia, Cleide Cruz e Michelle Vilarinho pela incrível presença de vocês na minha vida!

A Anna Salles e Marcelo de Oliveira Silva, poderia dizer apenas obrigada pela eficiência e rapidez que realizaram a revisão e formatação do trabalho, mas na verdade quero dizer muito obrigada pela amizade de vocês!

Enfim, agradeço a todos que estiveram presentes nesses anos de muito aprendizado, crescimento e conquistas! Só tenho uma palavra a dizer: Obrigado!

EPIGRAFE

*“Se você fala com uma pessoa num idioma que ela entende,
aquilo chega até a mente dela.*

Se fala no idioma dela, chega-lhe ao coração”.

Nelson Mandela

RESUMO

O tema desta tese se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) e no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais (LabLibras), da Universidade de Brasília. O objeto de estudo são os termos técnicos e administrativos do meio acadêmico tendo como público-alvo o discente surdo da Universidade de Brasília. O objetivo é criar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue, Língua Portuguesa - LP e Língua de Sinais Brasileira – LSB. Entendemos glossário como um conjunto de termos de uma mesma área, ou similar, composto por macroestrutura e microestrutura (FAULSTICH, 2010). Assim, propomos o registro, bem como, a organização nas duas línguas de modalidades diferentes que constituem o glossário. Para tanto repertoriamos os termos e os sinais-termos seguindo o modelo de Ficha Terminológica de Faulstich (1995a, 1995b, 2010, 2014). O percurso metodológico utilizado foi o de mapeamento de termos e definições, no caso da Língua Portuguesa, e de criação, registro e edição dos sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira. O processo de criação dos sinais-termo teve como base teórica a teoria do signo linguístico de Peirce (1975) na qual postulamos que o signo-linguístico que compõe o sinal-termo na LS se constitui pela abstração mental do conceito e significado que o objeto representa na mente do interpretante, no caso o surdo. Essa concepção possibilita que a criação do sinal-termo ocorra a partir de três características: i) iconicidade mental; ii) representação processual e iii) abstração conceitual. Portanto o termo e o sinal-termo são unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas. No glossário o sistema de busca pode ser feita de três formas: ordem alfabética, configuração de mãos e tópicos temáticos do Guia do Calouro da UnB – 2016. Apresentamos também a inovação do uso do QR Code e de Videoguias como instrumento de acessibilidade e interação para o surdo, inserido no espaço acadêmico.

Palavras- chave: glossário bilíngue, sinais-termo, signo linguístico, QR Code, Videoguias e Língua de Sinais Brasileira.

ABSTRACT

The theme of this thesis is inserted in the line of research of Lexicon and Terminology, developed at the Center for Lexical and Terminological Studies (Centro Lexterm) and at the Laboratory of Linguistics of Sign Language (LabLibras) of the University of Brasilia. The object of study is the technical and administrative terms of the academic environment having as target group the deaf student of the University of Brasília. The objective is to create a proposal for organization and registration of a bilingual glossary Portuguese Language - LP and Brazilian Sign Language – LSB. We understand glossary as a set of terms of the same or similar area, compounded of macrostructure and microstructure (FAULSTICH, 2010). Therefore, we propose the register, as well as the organization in two languages of different modalities that constitute the glossary. In order to do so, we have to register the terms and the term-signs following the model of Faulstich Terminology Record (1995a, 1995b, 2010, 2014). The methodological approach used was the mapping of terms and definitions, in the case of the Portuguese Language, and the creation, registration and edition of term-signs in the Brazilian Sign Language. The process of creation of term-signs had as theoretical base the theory of the linguistic sign of Peirce (1975) in which we postulate that the linguistic sign that composes the term-sign in the Sign Language is constituted by the mental abstraction of the concept and meaning that the object represents in the mind of the interpretant, in this situation the deaf person. This conception enables the creation of the term-sign to occur from three characteristics: i) mental iconicity; ii) procedural representation e iii) conceptual abstraction. Therefore, term and the term-sign are specific terminological units that present distinct forms of registration and organization. In the glossary, the search system can be done in three ways: alphabetical order, hand configuration and thematic topics of the UnB Freshman Guide. We also present the innovative use of QR Code and Videoguides as accessibility and interaction tools for deaf person inserted into the academic space.

Keywords: Bilingual glossary, term-sign, linguistic sign, QR Code, Videoguides and Brazilian Sign Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Um trajeto pela Terminologia	26
Figura 2: Sinal-termo CORAÇÃO.....	33
Figura 3: Sinais-termo BEBÊ, CRIANÇA, ADOLESCENTE e ADULTO	34
Figura 4: Organização do Sinal-termo PENTAGRAMA	35
Figura 5: Sistematização do Sinal-termo PENTAGRAMA	36
Figura 6: Lista de nomes e personagens do Glossário de Termos Bíblicos iniciados pela letra A.	37
Figura 7: Menu de acesso.....	38
Figura 8: Mecanismo de busca pela LSB	39
Figura 9: Mecanismo de busca em LP	40
Figura 10: Mecanismo de busca pelas ilustrações	41
Figura 11: Sinal-termo SEGUNDO REINADO	42
Figura 12: Unidade Lexical Sinalizada – MAÇÃ. Sinal prototípico da categoria Frutas	49
Figura 13: Sinal de pentear e pente em Língua de Sinais Americana (ASL)	53
Figura 14: Sinal- PALAVRA e, em seguida, o Sinal- MORFOLOGIA	54
Figura 15: Sinal- MORFOLOGIA	54
Figura 16: Sinal ACREDITAR.....	56
Figura 17: Sinal PAI e MÃE e Sinal PAIS.....	56
Figura 18: Sinal BOA NOITE	57
Figura 19: sinal PAI em LSB	58
Figura 20: Sinal ZEBRA.....	58
Figura 21: Sinal BALEIA AZUL.....	59
Figura 22: Sinal LETRAS-LIBRAS.....	60
Figura 23: Sinal INDEPENDÊNCIA.....	63
Figura 24: Sinal-termo INDEPENDÊNCIA DO BRASIL	64
Figura 25: Construtos terminológicos dos processos derivacionais em LSB de Faria-Nascimento	65
Figura 26: Sinal-termo BRASIL IMPERIAL	66
Figura 27: Sinal-termo BRASIL REPÚBLICA.....	67
Figura 28: Sinal-termo ESPÉCIE	67
Figura 29: Sinal-termo POPULAÇÃO.....	68
Figura 30: Sinal-termo COMUNIDADE.....	68
Figura 31: Constructo de Faulstich.....	69
Figura 32: Termo da NBR 6502 utilizado na reaplicação do constructo de Faulstich.....	70
Figura 33: Sinal-termo EXPANSÃO MARÍTIMA.....	70
Figura 34: Signo linguístico.....	77
Figura 35: Estrutura do Signo linguístico baseado em Saussure.....	78
Figura 36: Signo de Peirce	82
Figura 37: Sinal INDEPENDÊNCIA DO BRASIL	87
Figura 38: Imagem da obra <i>O Grito do Ipiranga</i>	87
Figura 39: Sinal-termo INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.....	88
Figura 40: Sinal CRÉDITO	89
Figura 41: Sinal-termo CRÉDITO.....	89
Figura 42: Sinal-termo CALENDÁRIO ACADÊMICO.....	90
Figura 43: Bonet – "Finger Alphabet", 1620	93

Figura 44: Capa da obra <i>Thèorie des Signes</i>	94
Figura 45: Sinal HOMEM em LSF	95
Figura 46: Forma de registro do sinal HOMEM por Pélissier, Brouland e Lambert	96
Figura 47: Dictionnaire Étymologique et Historique	96
Figura 48: Dictionary of American Sign Language on linguistic principles (DASL)	97
Figura 49: Capa da obra <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos</i>	98
Figura 50: Estampa 20 da obra <i>Iconographia dos Signaes dos Surdos – Mudos</i>	99
Figura 51: Capa da obra <i>Linguagem das Mãos</i>	100
Figura 52: Página do Livro <i>Linguagem das mãos</i>	101
Figura 53: Verbetes VIGIAR.....	102
Figura 54: Estrutura do verbete do Glossário Sistemico Bilíngue - Termos da História do Brasil	108
Figura 55: Verbetes do Dicionário Ilustrado de LIBRAS	114
Figura 56: Verbetes em Língua de Sinais Brasileira no Contexto do Ensino Superior	117
Figura 57: il dizionario TEMATICO dei SEGNI – in 3000 immagini.....	119
Figura 59: Sinal SUSPENSÃO ESCOLAR – Glossário Libras EaD – Glossário - Universo escolar	122
Figura 60: Sinal REQUERIMENTO – Terminologia em Língua de Sinais para Política.....	123
Figura 61: Capas dos guias do calouro da UnB (2014/2015/2016).....	132
Figura 62: Sinal- termo crédito.....	144
Figura 63: Ficha Terminográfica de registro do sinal-termo	146
Figura 64: Modelo de Ficha Terminológica de registro do sinal	147
Figura 65: Modelo de Ficha Terminográfica de registro do sinal-termo	150
Figura 66: Modelo de Ficha Terminográfica	151
Figura 67: Proposta de Ficha Terminográfica de registro do sinal-termo em LSB.....	153
Figura 68: Grupos de Configuração de Mão	157
Figura 69: Lâmina com Apresentação do Glossário em LSB e LP	160
Figura 70: Apresentação da Macroestrutura do Glossário	161
Figura 71: Opções de Sistema de Busca.....	162
Figura 72: Grupo de Configuração de Mãos baseado na Sequência-de-Símbolos em SW	163
Figura 73: Ficha de Análise dos Sinais-Termo	163
Figura 74: Sinais-Termo do Grupo de CM número 10 em ASL.....	164
Figura 75: Ficha de Análise do Sinal-termo	165
Figura 76: Sistema de busca por ordem alfabética	166
Figura 77: Lâmina que representa os sinais-termo escritos em português com a letra A.....	166
Figura 78: Sistema de busca pelo Guia do Calouro 2/2016 da UnB.....	167
Figura 79: Lâmina de Tópicos do Guia do Calouro da UnB – Ensino, Pesquisa e Extensão.	168
Figura 80: Indicações por cores dos tipos de busca	169
Figura 81: Equipe de Produção	170
Figura 82: Email do Glossário	171
Figura 83: Verbetes do termo Aluno Especial	172
Figura 84: Explicação dos Verbetes por cor	173
Figura 85: Verbetes em LSB	173
Figura 86: Forma integrada de sistema de busca pelas cores	174
Figura 87: Órgãos Complementares e Centros da UnB.....	175
Figura 89: Sinal-Termo de localização	177
Figura 90: Lâmina de Videoguia do glossário.....	178

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha do Termo Crédito:	88
Quadro 2 – Público-alvo do glossário bilíngue:	128
Quadro 3 – Resultado da Coleta dos Termos.....	133
Quadro 4 – Resultado da Coleta de Termos das Localizações do Mapa do Guia do Calouro	134
Quadro 5 – Modelo de Ficha Terminológica de Faulstich.....	135
Quadro 6 – Modelo de Ficha Terminológica.....	137
Quadro 7: Termos do Guia básico de sobrevivência para calouros em São Carlos – SIGLAS	139
Quadro 8 – Modelo de Ficha com Definição Reformulada baseada em Nascimento.....	144
Quadro 9 – Forma de Constituição da definição em LS.....	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estudos de Léxico e Terminologia da LSB- Da Iniciação Científica à Pós-Graduação.....	32
Gráfico 2 –Interfaces com os Estudos de Léxico e Terminologia da LSB.....	43

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

- ASL:** Língua de Sinais Americana
- Centro Lexterm:** Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos
- CM:** Configuração de Mão
- DCE:** Diretório Central dos Estudantes
- DEG:** Decanato de Graduação
- ENM:** Expressões Não Manuais
- FT:** Ficha Terminológica
- GC:** Guia do Calouro
- IES:** Instituição de Ensino Superior
- INES:** Instituto Nacional de Educação de Surdos
- ISWA:** Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais
- L:** Localização
- LabLibras:** Laboratório de Linguística de Língua de Sinais
- LO:** Língua Oral
- LP:** Língua Portuguesa
- LS:** Língua de Sinais
- LSB:** Língua de Sinais Brasileira
- LSF:** Língua de Sinais Francesa
- LSI:** Língua de Sinais Italiana
- M:** Movimento
- OR:** Orientação da palma
- PA:** Ponto de Articulação
- PSL:** Português como Segunda Língua
- SW:** SignWriting
- TGT:** Teoria Geral de Terminologia
- TILS:** Tradutor e Intérprete de Libras/Português/Libras
- UFAM:** Universidade Federal do Amazonas
- UFG:** Universidade Federal de Goiás
- UFPI:** Universidade Federal do Piauí
- UFRJ:** Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UFSC:** Universidade Federal de Santa Catarina
- UFSCAR:** Universidade Federal de São Carlos

ULS: Unidade Lexical Sinalizada

UnB: Universidade de Brasília

UNITRI: Centro Universitário do Triângulo

UTC: Unidade Terminológica Complexa

UTCS: Unidade Terminológica Complexa Sinalizada

UTS: Unidade Terminológica Sinalizada

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
<hr/>	
CAPÍTULO 1	24
<hr/>	
TERMINOLOGIA: ÁREA DE CONHECIMENTO PARA O REGISTRO DE LÍNGUAS	24
1.1 UMA BREVE RETROSPECTIVA BIBLIOGRÁFICA DA TERMINOLOGIA	24
1.1.1 A Terminologia no mundo das ciências: uma mudança de paradigmas	25
1.2 LÍNGUAS DE SINAIS E TERMINOLOGIA: UM NOVO TRILHAR	30
1.2.1 Pesquisas centradas no Léxico e na Terminologia da Língua de Sinais	31
CAPÍTULO 2	45
<hr/>	
SINAL E SINAL-TERMO: UM MOVIMENTO CONCEITUAL NA TERMINOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS	45
2.1 O SINAL EM LÍNGUA DE SINAIS COMO REPRESENTAÇÃO DE UMA UNIDADE LEXICAL SINALIZADA	45
2.2 O SINAL-TERMO: UMA PROPOSTA CONCEITUAL DE FAULSTICH	50
2.2.1 Derivação	52
2.2.2 Composição	55
2.2.3 Iconicidade	61
2.2.4 Aglomeração	62
2.3 O SINAL-TERMO E SUAS CONSTITUIÇÕES MORFOLÓGICAS	63
2.3.1 A formação de Unidades terminológicas sinalizadas (UTS) e de Unidades terminológicas complexas sinalizadas (UTCS)	64
CAPÍTULO 3	72
<hr/>	
O SIGNO LINGUÍSTICO NA LÍNGUA DE SINAIS: UMA PROPOSTA TEÓRICA	72
3.1. O SIGNO LINGUÍSTICO NA FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS	72
3.2 O SIGNO LINGUÍSTICO DA LÍNGUA DE SINAIS NA VISÃO ESTRUTURALISTA E FUNCIONALISTA	76
3.2.1 O signo linguístico na visão estruturalista	76
3.2.2 O signo linguístico na visão funcionalista	80
3.3 O SINAL-TERMO NA ESTRUTURA CONCEITUAL DE UM GLOSSÁRIO BILÍNGUE	85
CAPÍTULO 4	92
<hr/>	
ANÁLISE DO REGISTRO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E AVALIAÇÃO DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS	92
4.1 DICIONÁRIOS, GLOSSÁRIOS OU VOCABULÁRIOS ESPECIALIZADOS: UM OLHAR SOBRE AS OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS COM LÍNGUA DE SINAIS.	92
4.2 AS MACROESTRUTURAS E AS MICROESTRUTURAS DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS NA LSB	106

CAPÍTULO 5 **124**

METODOLOGIA PARA ORGANIZAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM GLOSSÁRIOS BILÍNGUES LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: UMA PROPOSTA TERMINOGRÁFICA	124
5.1 ABORDAGEM E NATUREZA DA PESQUISA	124
5.2 DEFINIÇÃO DO OBJETIVO E DO PÚBLICO-ALVO	127
5.3 RECOLHA DOS TERMOS	128
5.4 ORGANIZAÇÃO E ELABORAÇÃO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS	135
5.4.1 Organização e elaboração das fichas terminológicas em Língua Portuguesa do Brasil	137
5.4.1.1 Mapeamento das definições	138
5.4.2 Organização e elaboração das fichas terminológicas em Língua de Sinais Brasileira	141
5.4.2.1 Organização dos Termos para a criação dos sinais-termo e respectivas definições	142
1º PASSO: APRESENTAÇÃO INFORMAL DO CONCEITO DO TERMO EM LP PARA A CRIAÇÃO DO SINAL-TERMO.	142
2º PASSO: AVALIAÇÃO DO REGISTRO DE SINAIS-TERMO ARQUIVADOS EM MEIO DIGITAL E GRAVAÇÃO DEFINITIVA	144
3º PASSO: ORGANIZAÇÃO DAS DEFINIÇÕES DOS SINAIS-TERMO EM LS	144
4º PASSO: ANÁLISE DE FICHAS TERMINOLÓGICAS EM LSB PARA POSTERIOR PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE FT EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	145

CAPÍTULO 6 **160**

PROPOSTA DE GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS DO MEIO ACADÊMICO DA UNB	160
6.1 APRESENTAÇÃO DA MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO	160
6.2 APRESENTAÇÃO DA MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO	171
6.2.1 O verbete dos termos técnicos e administrativos em LSB	172
6.2.2 Sinais-termo de localizações na UnB	175
6.2.2.1 O QR Code e o Videoguia como instrumentos de acessibilidade e interação do surdo ao meio ambiente	176

CONSIDERAÇÕES FINAIS **180**

REFERÊNCIAS **183**

ANEXO A **189**

GRUPO DE CONFIGURAÇÃO DE MÃO COMPLEMENTAR SW **189**

APÊNDICE B **199**

GRUPO DE PESQUISA EM LÉXICO E TERMINOLOGIA DO LABORATÓRIO DE LINGUÍSTICA DE LÍNGUA DE SINAIS **199**

APÊNDICE C	200
TERMOS RECOLHIDOS NA PESQUISA	200
APÊNDICE D	202
FICHAS TERMINOLÓGICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA	202
MODELO DE FICHA COM DEFINIÇÃO REFORMULADA BASEADA EM NASCIMENTO (2016).	218
GLOSSÁRIO – GUIA DO ALUNO	225
APÊNDICE E	232
FICHA DE ANÁLISE DOS SINAIS-TERMO	232

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia, desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – CentroLexterm e no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais – LabLibras, da Universidade de Brasília. O objeto de estudo são os termos técnicos e administrativos do meio acadêmico, com o objetivo de criar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue, Língua Portuguesa - LP e Língua de Sinais Brasileira – LSB. O público-alvo desta pesquisa são os discentes surdos da Universidade de Brasília.

Para alcançar nosso objetivo, esta pesquisa propõe-se a: i) identificar os estudos teóricos terminológicos com foco nas línguas de sinais; ii) analisar as definições de termo nas línguas orais e do sinal-termo nas línguas de sinais; iii) verificar as macroestruturas e microestruturas de obras terminográficas e, se necessário, às lexicográficas em línguas de sinais; iv) selecionar os termos técnicos e administrativos, já existentes, no meio acadêmico; v) verificar se existem, em Língua de Sinais Brasileira, glossários ou vocabulários da área de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico; vi) investigar uma metodologia para organização de sinais em glossários bilíngues LSB - LP; ix) criar sinais-termo técnicos e administrativos do meio acadêmico; x) elaborar um glossário bilíngue, que respeite a estrutura do verbete e atenda à especificidade da LP e da LSB.

Na Tese que defendemos, a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB tem base na abstração mental do conceito que o objeto representa na mente do interpretante, no caso o surdo. Portanto, o termo e o sinal-termo são unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas. Para isso, consideramos como hipótese, que o sinal-termo resulta da elaboração do conceito do termo, que é organizado pela estrutura da definição do objeto. O sinal-termo possui características, baseadas no processo de criação que permite estruturar em categorias são elas: i) iconicidade mental (FAULSTICH, 2007); ii) representação processual e iii) abstração conceitual. Essa proposição se baseia na Teoria dos Estudos Terminológicos do sinal-termo desenvolvido por Faulstich (2016), que pressupõe que na língua de sinais há uma diferença entre sinais usados na linguagem comum e nas linguagens de especialidade, razão pela qual a autora sugere a criação do sinal-termo para responder às necessidades contextuais e cotextuais em que o léxico é empregado (FAULSTICH, 2016, p.4). Diante disso, a elaboração de uma proposta de glossário bilíngue – LP e LSB, de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico para discentes falantes da língua de sinais, como primeira língua, deve apresentar o registro e a organização dos dados a

partir da peculiaridade de cada língua, ou seja, a estrutura necessária à modalidade oral-auditiva da LP e a estrutura necessária à modalidade visual-espacial da LSB. Os estudos desta pesquisa têm como fundamentos estudos linguísticos gerais de Saussure (2012)¹, Pierce (2015)² e Wuster (1998). e para descrição terminológica do termo e do sinal-termo Faulstich (1997, 1998, 2001, 2016, 2006, 2007, 2010, 2012, 2014 e 2016); também descrição fonológica e morfológica Faria-Nascimento (2003,2009 e 2011), Stumpf (2013, 2014 e 2015) e Oliveira (2013, 2014 e 2015).

A motivação para a realização dessa pesquisa é resultado de uma vivência, como docente na Universidade de Brasília, onde há alunos surdos matriculados. Os termos que compõem o glossário proposto são da área de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico. Essa escolha teve origem em reuniões de colegiado frequentada por professores surdos³ e não-surdos e com a presença de Tradutores e Intérpretes de Libras/Português/Libras - TILS.

Durante as interpretações das exposições de colegiado foi possível constatar o uso contínuo da datilologia⁴ no processo de tradução de termos como **colegiado, decano, departamento, extensão**. O uso da datilologia tem o seu valor já reconhecido em pesquisas como afirma Castro Junior (2011), no entanto, o seu uso excessivo e repetitivo revela uma lacuna de sinais-termo em língua de sinais nessa área. Outro fato que também auxiliou na escolha do tema foi à ausência de sinais-termo para **histórico escolar, créditos, disciplina optativa e disciplina obrigatória**. A ausência desses sinais-termo evidenciou a necessidade de a Língua de Sinais Brasileira ocupar o espaço do conhecimento científico e tecnológico que é apresentado pelo saber da língua majoritária, no caso, o português, que permeia os espaços sociais e acadêmicos.

Com o intuito de tornar as informações, que integram o cotidiano das universidades, acessíveis para o público acima citado, elaboramos uma proposta de glossário bilíngue dos termos técnicos e administrativos. Neste, as informações são oferecidas tanto na LP quanto na LSB. Vale ressaltar que a LP apresentada no glossário leva em consideração, as características

¹ Esta edição foi publicada em 2012, porém, o livro Curso de Linguística Geral (CLG), de Ferdinand de Saussure, é originalmente datada de 1970.

² PEIRCE, C. S. Semiótica. Segunda reimpressão da 4ª edição de 2010. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2015. Título original – The Collected Papers of Charles Sanders Peirce- 1975.

³ No ano de 2013 o Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP contava com servidores docentes surdos e tradutores intérpretes de língua de sinais contratados.

⁴ Datilologia é o uso do alfabeto manual para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal. (FERREIRA-BRITO, 2010.p. 23).

do falante surdo que estrutura e organiza o português como uma segunda língua (FAULSTICH, 2014)⁵.

Para contemplar a proposta apresentada, organizamos esta tese em seis capítulos. No primeiro capítulo, revemos o trajeto da Terminologia desde os primeiros registros do léxico especializado em obras dicionarizadas ao reconhecimento da área como disciplina formal, que sistematiza a conceituação de termos de uma área de especialidade. Além disso, descrevemos os estudos teóricos e pesquisas desenvolvidas na área da Terminologia da Língua de Sinais Brasileira, a fim de situarmos os estudos da LSB nos princípios da Terminografia e analisarmos, sobre essa perspectiva, o percurso teórico adotado na tese.

No segundo capítulo, apresentamos o embasamento teórico do sinal-termo, a partir de Faulstich (2016). Destacamos o componente conceitual que distingue o sinal do sinal-termo quando inseridos em discursos de linguagem comum e da linguagem de especialidade. Além disso, descrevemos a constituição morfológica do sinal-termo. Em 2009, Faria-Nascimento, demonstra esse tipo de sinal como Unidade Lexical Sinalizada – ULS e Unidade Terminológica Sinalizada – UTS. Em 2016, Felten assume a denominação de sinal-termo para Unidade Terminológica Complexa Sinalizada – UTCS.

No terceiro capítulo, destacamos a constituição do sinal-termo pela sua essência. Isso quer dizer, que é pelo signo-linguístico que compõe esta unidade terminológica na LS e a reconhecemos como parte da visão funcionalista. A composição desse signo que se constitui pela abstração mental do conceito e significado que o objeto representa na mente do interpretante, no caso o surdo. Nessa representação, a criação do sinal-termo, que tem origem no termo da língua majoritária, a Língua Portuguesa, se constitui de três categorias: i) iconicidade mental; ii) representação processual e iii) abstração conceitual.

No quarto capítulo, analisamos obras lexicográficas e terminográficas em língua de sinais com o objetivo de: i) elencar a tipologia das obras; ii) observar como são organizados os componentes estruturais (macroestrutura e microestrutura) e iii) verificar como está constituída a obra em relação à peculiaridade linguística, ou seja, como está inserida na modalidade visual-espacial.

No quinto capítulo, apresentamos a metodologia para elaboração de nossa proposta de dicionário bilíngue de sinais-termo da área técnica e administrativa no meio acadêmico. Iniciamos delimitando o público-alvo e o objetivo do glossário. Em seguida, retratamos a

⁵ BRASIL. Participação de FAULSTICH, Enilde no Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa - MEC/SECADI – 2014.

recolha de termos e exibimos os documentos, textos e guias utilizados para o correto levantamento dos dados. Ademais apresentamos também, a organização e elaboração das fichas terminológicas tanto em língua portuguesa quanto em língua de sinais. Demos destaque a todos os obstáculos que encontramos na composição desse material. Por fim, relatamos como ocorreu o processo de criação dos sinais-termo e o sistema de validação dos mesmos.

É importante destacar as características das pesquisas em língua de sinais, em especial no campo da Terminologia em que há obstáculos que acarretam dúvidas constantes sobre registro e gravações dos sinais-termo, qual sistema de escrita de sinais usar e como se estrutura a definição em LS. Estruturar todos esses pontos foi o grande desafio desta tese.

No sexto e último capítulo, o produto final desta pesquisa apresenta, a proposta do **Glossário Bilíngue de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico da Universidade de Brasília – UnB – Língua de Sinais Brasileira – Língua Portuguesa** que tem como público-alvo: discentes surdos da Universidade de Brasília - UnB. Inserimos a inovação, para glossários bilíngues, por meio do uso do QR Code⁶ que permitirá acesso a Videoguias como instrumento de acessibilidade e interação do surdo ao meio social no qual ele está inserido, no caso dessa pesquisa, no ambiente acadêmico.

Para finalizar, em seguida aos capítulos, apresentamos as considerações finais, as referências e os apêndices. Informamos, ainda, que as figuras com a referência Tuxi (2016) são de nossa autoria para fins desta tese.

⁶ Código de barras bidimensional que é escaneado por telefones celulares equipados com câmera. O código pode ser convertido em: texto, endereço ou localização (georreferenciada), número de telefone, e-mail, vídeo ou página de internet. In: QRcode.com. “About QR Code”. 2012. <http://www.qrcode.com/en/aboutqr.html>. (acesso em: 20 de Setembro 2016).

CAPÍTULO 1

TERMINOLOGIA: ÁREA DE CONHECIMENTO PARA O REGISTRO DE LÍNGUAS

Neste capítulo, apresentamos o trajeto da Terminologia desde o primeiro registro da palavra no dicionário até o seu reconhecimento como disciplina formal. O capítulo se organiza em duas partes: na primeira parte, descreve e analisa o escopo teórico da Terminologia sob o ponto de vista dos principais teóricos, bem como seus campos de atuação. Em seguida, elenca as pesquisas desenvolvidas na Terminologia da Língua de Sinais Brasileira por meio de uma revisão bibliográfica de dissertações e teses que têm como centro a Lexicologia e a Terminologia. Esses percursos nos permitiram robustecer o reconhecimento dos pressupostos adotados pelos pesquisadores de forma a elucidar melhor as questões alusivas aos estudos da Terminologia da Língua de Sinais Brasileira (LSB) tanto na Linguística geral como na de Língua de Sinais (LS).

1.1 UMA BREVE RETROSPECTIVA BIBLIOGRÁFICA DA TERMINOLOGIA

A Terminologia tem seu registro na história das línguas, muito antes de ser reconhecida como disciplina no espaço acadêmico. Segundo Faulstich (1997, p. 71), “[...] a terminologia tem origem e evolução desde o momento em que as línguas são organizadas em gramáticas e dicionário”. Com essas palavras, a autora apresenta uma análise minuciosa da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira (1553) e enfatiza a relevância dos vocábulos terminológicos registrados desde o século XVI.

Com o avanço dos estudos a Terminologia se consolidou nas áreas da Botânica, Zoologia e Química, em razão das novas necessidades encontradas nas investigações científicas, de classificar e categorizar as “nomenclaturas” criadas nessas áreas de conhecimento. Desde o século XVI, então, os estudiosos já se preocupavam em padronizar a linguagem especializada de forma concisa, clara e com reconhecimento amplo no mundo das ciências. Concernente a este assunto, Faulstich (1997, p. 82) afirma que:

Os novos conceitos científicos e técnicos precisavam ser resumidos numa expressão denominadora (termo) para que a referência pudesse ser conhecida. Agora já não era mais a palavra e seu significado (sema) que estavam em primeiro lugar como na descrição lexicográfica, mas eram os objetos, a denominação das coisas (onoma) que surgiam e que exigiam um “marco divisionário” (terminu) entre a língua geral e a especialidade criada, parte integrante de uma realidade designativa.

Com a expansão do léxico especializado e do seu uso em espaços científicos, verifica-se o primeiro registro histórico da palavra terminologia em 1864. À época, o vocábulo publicado no *Dictionnaire des sciences, des letters et des arts* apresentava a seguinte definição: “palavra que designa um conjunto de termos técnicos de uma ciência ou de uma arte e das ideias que elas representam⁷” (BARROS, 2004, p. 32).

Na ocasião, o conceito adotado se limitava a identificar a terminologia como área de nomeação de objetos, elementos e ideias de uma determinada área. A partir do desenvolvimento das pesquisas científicas, o campo de atuação desse conhecimento se amplia a tal ponto que o objeto do estudo em questão deixa de ser uma simples nomeação de um léxico especializado e passa a ser uma disciplina de descrição e análise de termos em contextos sociais de diversas línguas. Por essa razão, o termo Terminologia será grafado em letra maiúscula na presente tese, uma vez que ele pertence a um campo de estudo, uma disciplina com objeto específico e distinto. Ademais, a forma reflete o valor da área desde a sua concepção uniconceitual até a perspectiva de seu uso pela variação linguística, isto é, tanto o percurso teórico já concebido quanto as novas teorias que ainda serão formuladas.

1.1.1 A Terminologia no mundo das ciências: uma mudança de paradigmas

A Terminologia tanto é classificada como uma disciplina que descreve e analisa o léxico especializado em diversas áreas do conhecimento, dada a sua especificidade conceitual frente às palavras, quanto como uma nova interpretação teórica, formulada em 1931 e publicada na tese de doutorado do engenheiro Eugen Wuster que particulariza ainda mais essa qualificação e descreve o termo como uma unidade lexical concisa.

Para Wuster (1998), a diligência de sua pesquisa era a de desenvolver a padronização terminológica, com vistas a evitar a ambivalência dos termos. Segundo o criador da Teoria Geral da Terminologia - TGT, o termo é um elemento essencial na comunicação profissional e tem por princípio a uniformidade da comunicação.

Em sintonia com las ideas del Círculo de Viena, la TGT es internamente coherente, porque se basa en el logicismo, en la búsqueda de la lengua universal y en la uniformidad de la comunicacion (WUSTER, 1998, p. 50).

No intuito de conceber uma forma padrão universal para a língua de especialidade, a TGT tem em vista sistematizar a relação unívoca entre termo e conceito no aspecto comunicacional da área de conhecimento. De acordo com Wüster (1998), o termo surge para nomear um conceito do mundo científico. Desse modo, ele se utiliza da abordagem

⁷ Dicionário de ciências, de letras e de artes (tradução nossa).

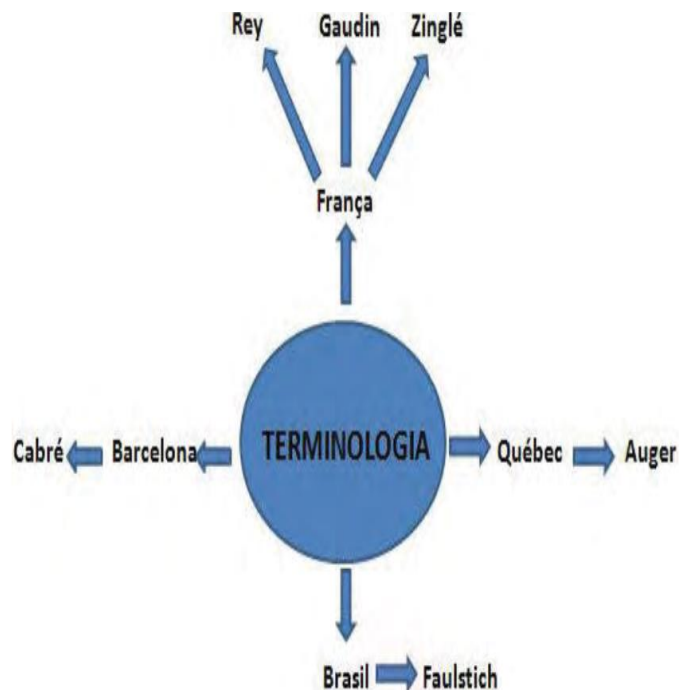
onomasiológica (conceito-termo), que objetiva a definição tradicional, por meio da rotulação e designação dos conceitos empregados na linguagem de especialidade, para desenvolver o seu trabalho.

A princípio, a TGT foi considerada uma teoria que limita o termo à representação de um único sentido, sem perspectiva de usos relacionados aos aspectos sociais, culturais e variacionistas, dada a sua visão monorreferencial. Anos depois, com o incremento funcional da Terminologia, novas pesquisas acerca do funcionamento da linguagem foram lançadas. Desta vez, a atenção à natureza teórica e prática da Terminologia foi melhor observada.

Terminologia pós-Wüster

A partir da mudança conceitual de caráter padronizador das linguagens de especialidade, os estudos da Terminologia como disciplina começam a se expandir dentro das universidades. Faulstich (2012) representa essa expansão em seu artigo “Terminologia, Socioterminologia, Dialetoлогия: afinidades e necessidades interdisciplinares”, por meio da figura intitulada “Um trajeto pela Terminologia”, que apresentamos a seguir.

Figura 1: Um trajeto pela Terminologia



Fonte: Faulstich (2012, p. 32)

Na figura 1, Faulstich (2012) sistematiza alguns fundamentos – defendidos também por outros pesquisadores em Terminologia – com o auxílio de postulados e metodologias que norteiam, até hoje, estudos relacionados à área de conhecimento em questão. Faulstich esclarece que:

Os estudiosos listados deram à Terminologia a feição de disciplina teórica e aplicada porque expuseram, em diversas obras, o caráter epistemológico do conteúdo, segundo uma perspectiva linguística e social de aplicação do conhecimento (FAULSTICH, 2012, p. 32).

Em consonância com a figura 1, apresentaremos breves comentários acerca da repercussão das ideias dos autores.

1976 – Pierre Auger (Québec)

O núcleo do pensamento de Auger, organizado em 1976, rege-se pelo caráter transdisciplinar da Terminologia no campo linguístico, assim como pela necessidade de se registrar o aspecto funcional da língua, com vista a compendiar a teoria de base linguística. Em seu artigo, Faulstich (2012, p. 35) destaca que Auger rechaçava a terminologia como uma disciplina de atuação meramente prescritiva, em virtude do caráter inovador da Terminologia por meio da Socioterminologia. Em relação a esse pensamento inovador, Auger (2001, p. 53) postula:

Surge uma nova corrente chamada socioterminologia, em reação às escolas hipernormalizadoras desconectadas de situações linguísticas próprias a cada país; essa corrente busca suas origens no cruzamento da sociologia da linguagem e interação linguística (AUGER, 2001, p. 53).

Esse reconhecimento é reflexo da organização linguística da Terminologia ocorrida no Canadá. Ademais, as pesquisas apresentadas pelo autor representam a política linguística emergente e sistematizada em Quebec⁸.

Auger (ibidem), além de ser um dos precursores dos estudos da terminologia, foi também presidente fundador de La Commission de Terminologia de L'Office de la Langue Française du Québec (l'OLF) entre os anos de 1976 e 1987.

⁸ Quebec é a única província canadense com uma maioria francófona (79%) e uma minoria anglófona (8,3%). É também a província com a maior porcentagem de bilinguismo (42,6% da população). Possui ainda 61% dos jovens francófonos. A forte influência francesa, presente desde os primórdios da colonização, torna a província de Québec sensivelmente diferente do resto do Canadá, porque o único idioma oficial é o francês (www.quebec.fr).

1980 – Alain Rey (França)

Alain Rey (1980), na obra “*La terminologie, noms et notions*”, concebe a terminologia como uma área de análise do nome, na qual um sistema definido é capaz de registrar o conceito e sua definição.

L’objet de la terminologie, à l’instar de la linguistique, de la sémantique ou de la sémiologie, es le signe, mais seulement dans sa fonction de nom et d’indicateur de notion ou concept (REY, 1980, p. 126).

Para Rey (ibidem), o sistema de nomeação e de definição dos termos corresponde à caracterização desses vocábulos dentro do espaço social das especialidades, espaço este que dispõe de uma denominação própria e determinada. Desta feita, a formulação das palavras tem, também, um papel social arraigado a todo esse processo, uma vez que conceituar um termo requer uma sistematização eficiente e distinta, isto é, a concepção de um signo próprio precisa ser capaz de conter em si uma representação na língua e na cultura de uso.

1991 - François Gaudin (França)

Entre os pesquisadores, Gaudin é quem discute com mais propriedade a pertinência da terminologia voltada ao âmbito social (FAULSTICH, 1995, p. 282). Em sua obra “*Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*”, publicada pela Universidade de Rouen, o autor registra os fundamentos da nova vertente da Terminologia: a Socioterminologia. Nesse trabalho, Gaudin (2003) define a Terminologia como um ramo da Lexicologia não limitado à tradução, documentação e normalização, mas sim uma disciplina propensa a estudar os termos que veiculam as significações já inseridas nas práticas sociais.

Fundador das pesquisas da Socioterminologia na França, Gaudin aponta o estatuto de signo linguístico do termo em seus trabalhos, tendo como base o comportamento pragmático.

La socioterminologie, qu’il définit ici comme une « conception sociolinguistique de la discipline, orientée vers l’étude des rapports entretenus par le terme avec les contextes dans lesquels il apparaît, contexte linguistique, contexte pragmatique et contexte social en synchronie, et aussi contexte historique (GAUDIN, 2003, p. 384).

Para Gaudin (ibidem), a Socioterminologia é o estudo dos termos e de suas relações com os contextos sociais e culturais nos quais são aplicados. Ademais, não se trata de criação de termos apenas para resultar em um conceito científico ou técnico. Contrariamente a isso, a Socioterminologia vale-se de um conceito abstrato de uso maleável e sugestível

consubstanciado por parte de especialistas que a imbuem de significados além de um léxico comum em seus espaços de trabalho e convivência.

1992 – Maria Tereza Cabré (Espanha)

O termo Terminologia, segundo Cabré (2005), contempla três noções: i) a disciplina; ii) a prática e iii) o produto gerado por essa prática. Como disciplina, a Terminologia é o estudo dos termos especializados; como prática, tem confluência em uma mesma estrutura dos princípios comuns do termo, e, por fim, como produto dessa prática, corresponde ao conjunto de termos de uma determinada especialidade que pode ser constituída em espaços sociais diversos.

Para Cabré (ibidem), a terminologia se concentra no termo de maneira que seja uma unidade dotada de características linguísticas do campo de especialidade, a ponto de formar uma base terminológica sistematizada por concepções, enfoques e práticas às quais pertencem.

1995 – Enilde Faulstich (Brasil)

Faulstich (1993) é a primeira pesquisadora no Brasil a apresentar um estudo teórico e aplicado sobre a Socioterminologia. A autora, em publicação da obra “Base metodológica para pesquisa em Socioterminologia, Termo e Variação” (1995), define a Socioterminologia como:

Socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo, assentada no funcionamento da linguagem. **Socioterminologia**, como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social (FAULSTICH, 1995. p. 1).

A trajetória social da Terminologia, assim como os aspectos históricos relativos ao registro dos termos em obras lexicográficas nos permitem propor três fatos que consideramos determinantes na cronologia da Terminologia. São eles:

- 1- O registro da Terminologia na história das línguas dá-se antes mesmo do reconhecimento da área como disciplina no universo acadêmico. Esse feito evidencia o valor do uso dos termos para a comunicação no mundo todo;
- 2- A criação de novas terminologias normalmente indica que o processo científico e tecnológico está em desenvolvimento, seja em determinada língua, povo ou cultura. Assim, para que esses novos termos perdurem, eles precisam continuar a passar pelas

etapas de elaboração, análise, consolidação, entre outras, visto que esse contínuo desenvolvimento gradativo do saber é essencial para a interação entre as diversas áreas e esferas do conhecimento. É por esse motivo também que a Terminologia tem um caráter interdisciplinar, afinal, ela não é apenas um instrumento de caráter normalizador, mas sim um mecanismo de uso funcional caracterizado pela variação linguística presente nos espaços sociais.

- 3- A organização terminológica de uma língua é o passo determinante para se estabelecer o desenvolvimento de uma política linguística. Um exemplo disso são as línguas minoritárias que manifestam em si conceitos constantemente contrastivos à língua majoritária, em especial, no tocante aos estudos científicos dos termos dessas línguas.

Quanto às enumerações precedentes, reiteramos que o terceiro aspecto é o objeto do nosso trabalho, em razão de reconhecermos a posição da Língua de Sinais Brasileira (LSB) como uma língua com quantidade de falantes muito menor do que os falantes de português. Dessa maneira, para fixar o reconhecimento linguístico perante as outras línguas, a LSB necessita da produção e publicação de dicionários, glossários e outras obras didáticas cuja base seja a Linguística. E é nesse caminho que vamos seguir.

1.2 LÍNGUAS DE SINAIS E TERMINOLOGIA: UM NOVO TRILHAR

Os estudos do Léxico e da Terminologia na Língua de Sinais Brasileira configuram um novo paradigma de cunho teórico e de organização linguística no meio acadêmico. Essa mudança resulta da necessidade que a LSB tem em ocupar o lugar de língua de comunicação e de interação. Em outras palavras, Nascimento (2016) reforça a ideia supracitada, ao escrever que:

As terminologias das mais diversas áreas técnicas e científicas têm sido organizadas em léxicos, dicionários, glossários nas Línguas de Sinais. Isto se deve às conquistas de inclusão social dos surdos, que têm ocupado ambientes em que o vocabulário de LS precisa ser ampliado para a plena participação dos surdos, principalmente, nos espaços acadêmicos e técnicos (NASCIMENTO, 2016, p. 53).

Isso posto, ressaltamos que os estudos nas linhas de pesquisa dos termos técnicos e científicos em LSB cresceram no meio acadêmico. Esse aumento vem em resposta à necessidade de ampliação do léxico da língua de sinais nas áreas de especialidade. Em suma, as investigações das línguas de sinais já são uma realidade, do mesmo modo que as pesquisas em Terminologia das línguas de sinais passaram a existir de fato. O número de produções acadêmicas cresceu substancialmente.

Neste trabalho, interessa-nos os conceitos relacionados à Terminologia das línguas de sinais, em especial da LSB. Para isso, fizemos um levantamento dos estudos feitos em Instituições de Ensino Superior (IES) que versam sobre o tema Léxico e Terminologia das Línguas de Sinais. Acreditamos que esta análise auxiliará nas discussões desta pesquisa, do mesmo modo que suprirá, pelo menos em parte, a carência de materiais apropriados e direcionados a esse tema em questão.

1.2.1 Pesquisas centradas no Léxico e na Terminologia da Língua de Sinais

Para localizar os trabalhos que sistematizam os assuntos alusivos ao Léxico e à Terminologia, optamos pela busca uso do sistema online para atingir essa finalidade. As três ferramentas de busca foram: i) Google⁹; ii) Google acadêmico¹⁰ – que têm a opção de busca em outras línguas e iii) banco de teses e dissertações da Capes¹¹. As palavras-chave para a busca foram: i) terminologia e língua de sinais; ii) léxico e língua de sinais; iii) terminologia na Libras; iii) léxico na Libras e iv) Libras, léxico e terminologia.

Após a procura, tivemos como resultado poucos trabalhos acadêmicos. Verificamos, então, um número significativo de artigos, contudo, por não constarmos quais os critérios de avaliação no tocante à qualidade destes, voltamos à fase de busca online – dessa vez, com novas palavras: i) dicionário e língua de sinais; ii) glossário e língua de sinais e iii) vocabulário e língua de sinais. As novas consultas resultaram em um aumento significativo de trabalhos acadêmicos na área de Léxico e Terminologia da LSB.

Por conseguinte, passamos à etapa da análise das pesquisas, a fim de verificarmos se, de fato, o conteúdo dos trabalhos explanava a temática concernente ao Léxico e à Terminologia nas áreas decorrentes da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminografia.

Consequentemente, identificamos 29 trabalhos acadêmicos na área (Apêndice A), cujos detalhes apresentamos no gráfico a seguir. O diagrama demonstra a distribuição quantitativa das publicações encontradas, que modalizam desde as pesquisas desenvolvidas na Iniciação Científica até as produções acadêmicas na Pós-Graduação no Brasil. De modo geral, estas pesquisas apresentam satisfatoriamente traços de criação, descrição, categorização, organização e registro de léxicos ou de terminologias na Língua de Sinais Brasileira. Notamos, também, que elas datam de 2007 aos dias atuais, o que nos permite perceber que os

⁹ Site da Google: www.google.com.

¹⁰ Site da Google acadêmico: <https://scholar.google.com.br/>.

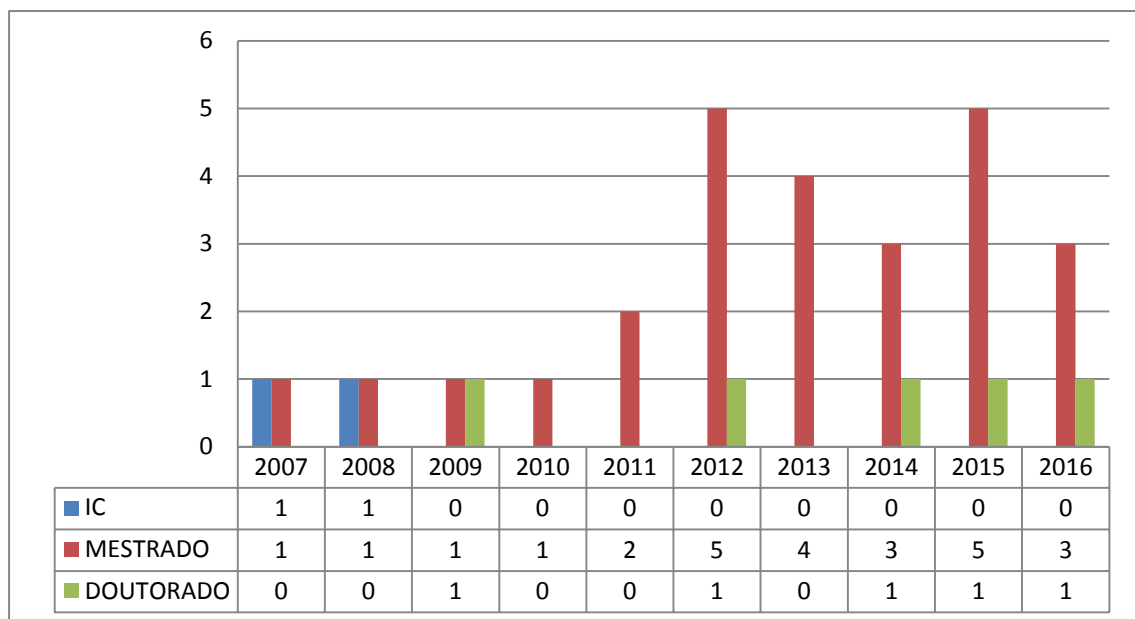
¹¹ Site do banco de dissertações e teses da Capes: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

estudos precípuos referentes ao Léxico e à Terminologia têm seus registros, de fato, a partir do ano de 2007, com pesquisas de iniciação científica e mestrado.

O gráfico 1 evidencia que os estudos no mestrado têm uma constância nas produções. Entre os anos de 2011 e 2016, verificamos um crescimento significativo na quantidade de publicações ocorridas nessa fase de pesquisa, o que nos parece um marco na ampliação da análise e descrição da Lexicologia e Terminologia da LSB na época.

A primeira defesa de doutorado na área acontece no ano de 2009. Esse sucedido volta a se realizar em 2012 e, posteriormente, em 2016. Vale destacar que esses trabalhos aparentam estar em uma fase inicial em nosso país, visto que eles foram desenvolvidos, até o presente momento, em poucas universidades no Brasil. Destacamos que, na Universidade de Brasília - UnB, o objeto de estudo é a produção de glossários bilíngues e semibilíngues.

Gráfico 1: Estudos de Léxico e Terminologia da LSB – Da Iniciação Científica à Pós-Graduação



Fonte: Tuxi (2016)

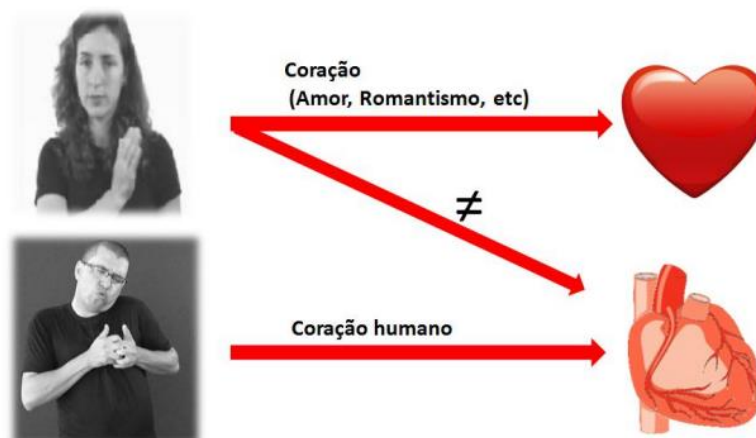
Concluído o quantitativo descrito anteriormente, selecionamos os estudos sobre o sinal-termo para compor nosso compêndio bibliográfico. É preciso remarcar que a expressão sinal-termo foi criada em 2012 por Faulstich, como explicitamos no capítulo 3 desta Tese. Entre os movimentos conceituais na Terminologia das línguas de sinais, destacamos: Costa (2012); Prometi (2013); Douettes (2015); Nascimento (2016) e Felten (2016). Estes trabalhos defendidos e aprovados, nos proporcionam buscar propostas de criação, conceituação, organização e registro do sinal-termo em trabalhos que descrevam a língua de sinais.

A dissertação de mestrado de Costa (2012), pormenoriza o campo semântico dos sinais-termo do Corpo Humano. Na oportunidade, o escopo dizia respeito à sistematização do estudo dos conceitos, assim como a validação dos sinais existentes, e de novos. Para isso, a metodologia estabelecida foi a da pesquisa qualitativa que consistia dos seguintes procedimentos: a) criação de sinais em Libras; b) validação dos sinais criados; c) elaboração de proposta de material didático com foco no aprendizado da Língua de Sinais Brasileira e do português e d) a criação de material didático ilustrado. Como resultado, o autor registrou 126 verbetes em LSB e, com eles, criou uma Enciclolibras. A dissertação de Costa (Ibid., Id) é importante para nossa pesquisa também por se tratar da primeira dissertação que registra o conceito de sinal-termo, conforme afirma o autor:

Cunhamos, em nossa pesquisa, o termo “sinal-termo” para designar um sinal que compõe um termo específico da LSB, no caso desta pesquisa, os sinais-termos apresentados referem-se a termos do Corpo Humano apresentados em LSB (COSTA, 2012, p. 33).

Costa (2012) destaca o aspecto conceitual do sinal-termo, ou seja, distingue o uso do sinal para o léxico comum e do sinal-termo para o léxico especializado. Essa construção inovou os conceitos de estudos existentes na área de Terminologia das línguas de sinais. Desde então, o trabalho – orientado pela Prof.^a Dr.^a Enilde Faulstich – é uma fonte científica indispensável para aqueles que almejam realizar pesquisas em Terminologia e língua de sinais.

Figura 2: Sinal-termo CORAÇÃO



Fonte: Costa, 2012, p. 36

Outro quesito importante nessa dissertação é o tópico Criação de sinais específicos: expansão terminológica como observamos acima, na Figura 2: Sinal-termo CORAÇÃO. Segundo o autor, “para criar sinais em Libras, em vista da expansão terminológica que a área do conhecimento exige, utilizamos as palavras comuns da LSB como base para criar novos sinais-termo” (COSTA, 2012, p. 47).

Figura 3: Sinais-termo BEBÊ, CRIANÇA, ADOLESCENTE e ADULTO



Fonte: Costa (2012, p. 47)

A pesquisa em questão traz a proposta inédita do conceito de sinal-termo em obras lexicográficas e terminográficas. Nela, o autor apresenta o ponto de partida para a criação de novos sinais-termo e evidencia a necessidade de haver uma ruptura conceitual de representação, isto é, de perceber a diferença entre o sinal comum, que se refere ao léxico geral, e o novo sinal. No caso, o sinal-termo é criado para representar o conceito científico ou tecnológico de uma área específica.

A próxima pesquisa que consideramos inovadora no âmbito da Terminologia das Línguas de Sinais foi realizada por Prometi (2013), cujo campo semântico refere-se aos sinais-termo da Notação Musical. O objetivo da autora na obra permeia a elaboração de um glossário bilíngue em Língua Sinais Brasileira e Língua Portuguesa com a finalidade de desenvolver a compreensão musical nos Surdos bilíngues, mediante a utilização dos próprios sinais-termo da Língua de Sinais Brasileira.

Para tanto, a metodologia adotada foi: a) seleção de vocabulário em português para a criação de sinais-termo; b) organização, registro e validação dos sinais-termo; c) constituição de um glossário bilíngue; d) uso de ficha terminológica de Faulstich (1995) para o registro dos sinais-termo da esfera musical, com modelo bilíngue: Língua Portuguesa/Libras e Libras/Língua Portuguesa. Como resultado, a autora registrou 52 verbetes no modelo bilíngue Língua Portuguesa/Libras e Libras/Língua Portuguesa. Em nossa avaliação, a dissertação de

Prometi é importante para a presente pesquisa, assim como para as áreas de trabalho da terminologia das línguas de sinais, pelo fato de registrar o termo e o sinal-termo em glossário bilíngue, a partir da perspectiva teórica de Faulstich (2010).

Os dicionários bilíngues confrontam dois sistemas linguísticos e, notadamente, dois sistemas lexicais. São geralmente, constituídos de duas partes: uma em que a língua-fonte é Língua 1, como Libras para os surdos, e a língua-alvo é a L2, como o português para os surdos (Faulstich, 2010, p. 175). Se o glossário ou dicionário for bilíngue e reverso, deverá ser composto assim: $\neg L2 \rightarrow L1$, como Português \rightarrow LIBRAS e $\neg L1 \rightarrow L2$ como LIBRAS \rightarrow Português (PROMETI, 2013, p. 49).

Nesse sentido, ao considerar a estrutura acima apresentada, a pesquisadora chama atenção para os sistemas linguísticos envolvidos. Em sua visão, não é possível uma língua ser traduzida de uma para a outra, mas sim o entendimento da existência de duas línguas com sistemas lexicais distintos. A respeito do caráter linguístico e político de uma estrutura bilíngue, na qual uma das línguas é LS, Faulstich (2013) tece a seguinte afirmativa:

Um elaborador de glossário ou de dicionário bilíngue português-língua de sinais brasileira e vice-versa precisa conhecer as duas línguas para, necessariamente, representar os léxicos de acordo com os conceitos em harmonia. Harmonizar as línguas é combinar seus sistemas, de tal forma que, no léxico, o resultado apareça no bilinguismo explícito em conformidade conceitual entre os itens lexicais. Nesse caso, não basta traduzir a língua de sinais para o português e o português para a língua de sinais, porque poderá prevalecer, na língua de sinais, palavras soletradas manualmente (FAULSTICH, 2013, p. 5).

Nessa perspectiva, o pensamento de Faulstich (ibidem) mostra que o glossário bilíngue não é apenas uma obra traduzida de uma língua para a outra, mas sim dois sistemas linguísticos que, apesar de terem o campo semântico semelhante, possuem constituições do termo e do sinal-termo diferenciadas. Essa distinção está associada à representação conceitual que cada léxico especializado tem nas respectivas línguas e na modalidade linguística diversa.

Figura 4: Organização do Sinal-termo PENTAGRAMA



Observamos, na Figura 4, o verbete Pentagrama do Glossário bilíngue de termos. Na imagem, a autora apresenta cada um dos elementos em questão e orienta o modo como o trabalho deve suceder. “Para a criação dos sinais-termo, analisamos a configuração de mãos, o movimento, o ponto de articulação, a orientação de mão e as expressões não-manuais, que são importantes na formação dos sinais-termo [...] (PROMETI, 2013, p. 43).

Figura 5: Sistematização do Sinal-termo PENTAGRAMA



Termo:	Pentagrama
Sinal-termo:	
Configuração de mão:	
Representação do conceito da LSB:	Mão passiva (E) em CM 54, na posição lateral com os dedos para frente e mão ativa (D) em CM 26 apontando para o dedo polegar da mão passiva (E) e fazendo o movimento semicircular, descendo para baixo para o dedo mínimo da mão passiva (E), representando o conjunto de linhas e espaços do pentagrama.

Figura 7- Pentagrama. Ver página 93.

Fonte: Prometi (2013, p. 75)

Na figura 5, a pesquisadora demonstra a sequência da sistematização dos sinais da música e evidencia a funcionalidade de cada estrutura do sinal-termo. Concomitantemente à apresentação da configuração de mão na criação do sinal-termo, a autora introduz o conceito de termo em LSB em sua obra.

Essa sistematização inicial ocorre a partir do morfema-base do sinal-termo do pentagrama (FARIA–NASCIMENTO, 2009), que passa a apresentar as condições paramétricas (CASTRO JÚNIOR, 2014) que possibilitam gerar outras formas paramétricas para a criação de novos sinais-termo, no caso, na área da música.

A pesquisa de Prometi (2013) é relevante ao nosso projeto científico porque apresenta, em sua essência, a ideia de organização e registro de um glossário bilíngue – serviço este que também nos propomos a realizar nesta tese.

Outra pesquisa que apresenta contribuições para o nosso trabalho é a publicação de Douettes (2015), que preconiza uma nova proposta de organização e registro de glossários. O objetivo desse projeto foi o de apresentar um recurso semibilíngue com sinais-termo religiosos e afins, compilados em uma apresentação de verbetes tanto em Libras como em Língua Portuguesa aos consulentes.

Para isso, a metodologia adotada percorreu os seguintes passos: a) seleção e análise documental; b) levantamento dos sinais-termo religiosos em obras já previamente estipuladas pelo autor. Nessa etapa, o autor também considerou as possíveis interferências dogmáticas de cada religião na concepção do sinal-termo; c) criação do glossário de sinais-termo religiosos. Este último estágio foi subdividido em quatro porções: i) elaboração das fichas terminográficas, seleção dos sinais-termo para compor o glossário piloto, gravação dos verbetes de composição do Glossário Semibilíngue de Termos Bíblicos em Libras e, por fim, a validação do trabalho desenvolvido. Como resultado, o autor registrou um modelo de glossário a partir de uma lista de 93 sinais-termo, cada um deles possui seus respectivos conceitos e exemplos.

Na nossa percepção, a dissertação de Douettes (ibidem) é significativa, visto que questiona a forma como os glossários em línguas de sinais têm se constituído e o modo como são apresentadas as informações ao consulente surdo.

É preciso refletir sobre até que ponto os glossários de Libras/Português são realmente eficazes para o consulente surdo, já que apresentam o significado do léxico em Língua Portuguesa, uma língua que a maioria dos sujeitos surdos não domina fluentemente. Essas e outras são questões a se considerar nas futuras pesquisas nesta área (DOUETTES, 2015, p. 219).

Para atingir o proposto, ou seja, apresentar um modelo de glossário semibilíngue em Libras com conceitos e exemplos dos sinais-termo acessíveis ao consulente surdo, o autor utilizou vídeos reunidos em uma mídia anexa ao glossário, como parte dos recursos desse projeto. No DVD encontram-se 93 sinais-termo ordenados sob a forma de menu. Além dos conceitos, cada dado possui também exemplos retirados das obras analisadas. Outro ponto de destaque nesse trabalho é a apresentação do glossário em ordem alfabética a partir dos nomes dos personagens bíblicos e suas histórias.

Figura 6: Lista de nomes e personagens do Glossário de Termos Bíblicos iniciados pela letra A.



Fonte: Douettes (2015, p. 210)

Figura 7: Menu de acesso



Fonte: Douettes (2015, p. 210)

Nosso interesse é particularmente pelo glossário semibilíngue em mídia digital por conter a estrutura apresentada anteriormente na figura 7. Na figura, vemos que o pesquisador propõe janelas distintas: uma para o sinal e outra para descrição, exemplo e variação. Assim, é possível visualizar o contexto selecionado de modo diferenciado, tanto no verbete escrito, no nosso caso em língua portuguesa, quanto em outros moldes, tal qual a descrição de cada elemento que constitui o verbete.

A distinção mediante o uso de janelas e cores, realizada por Douettes (2015), configura uma proposta muito sugestiva sob o ponto de vista metodológico, pois, além de permitir diferenciar os elementos de constituição do verbete, possibilita ao consulente surdo a visualização completa do vocábulo, juntamente com as suas devidas descrições e referência, dentro dos princípios da modalidade linguística da LS.

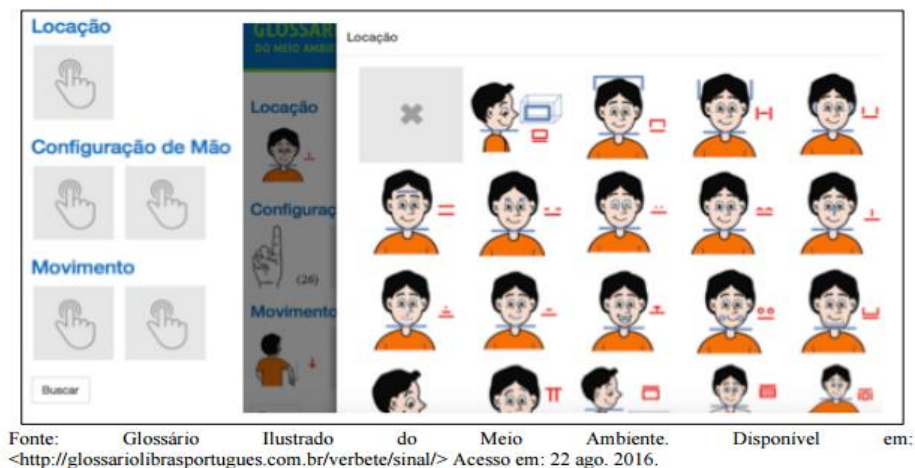
Outro trabalho que muito contribui para o movimento conceitual na Terminologia das línguas de sinais é a pesquisa de Nascimento (2016). A autora se empenha em estudar as questões relativas ao campo semântico do Meio Ambiente. No contexto em questão, o objetivo traçado no trabalho foi o de desenvolver um glossário ilustrado semibilíngue da área de Meio Ambiente, com vista à escolarização de surdos do Ensino Fundamental.

Quanto à metodologia, a autora adotou 15 etapas, que são a grande inovação no processo de organização de obras lexicográficas e terminográficas em línguas de sinais. A estrutura apresentada pela autora se mostra de grande importância para nossa pesquisa, uma vez que constitui uma metodologia que pode ser utilizada como modelo padrão para os trabalhos de terminologia das línguas de sinais.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram: 1. seleção de termos da área do Meio Ambiente para composição de fichas lexicográficas; 2. criação de fichas lexicográficas em LP dos termos selecionados; 3. busca de definições dos termos em obras lexicográficas de referência; 4. reformulação das definições extraídas de materiais lexicográficos e terminográficos existentes e adaptação dessa linguagem ao público-alvo; 5. organização dos termos em campos temáticos e preparação de materiais visuais para a apreensão de conceitos durante as sessões de criação e validação; 6. pesquisa e identificação de termos do Meio Ambiente na LSB 7. promoção das sessões de criação de sinais-termo; 8. promoção das sessões de validação de sinais-termo; 9. gravação em vídeo dos sinais-termo 10. armazenamento dos sinais-termo; 11. criação das ilustrações dos termos do Meio Ambiente e submissão destes à revisão de especialistas; 12. desenho do modelo do glossário para criação do suporte em mídias digitais; 13. descrição da composição fonológica dos sinais-termo para busca pelo sinal no suporte digital; 14. registro dos dados no suporte digital e 15. divulgação do glossário (NASCIMENTO, 2016, p. 92).

Cada um desses passos supracitados será devidamente comentado no capítulo 5, no intuito também de tê-los como modelo orientador para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Salientamos a relevância do estudo de doutorado de Nascimento (2016) pelo fato de contribuir com sua base teórica e metodológica para o desenvolvimento da presente tese. A pesquisadora traz ainda em seu material a possibilidade de escolher o mecanismo de busca dos verbetes que se deseja usar. Estes podem ocorrer de três formas: i) pela língua de sinais, no caso a LSB; ii) pela Língua Portuguesa e iii) pela ilustração, que é a marca de inovação desse trabalho. Abaixo apresentamos os três mecanismos.

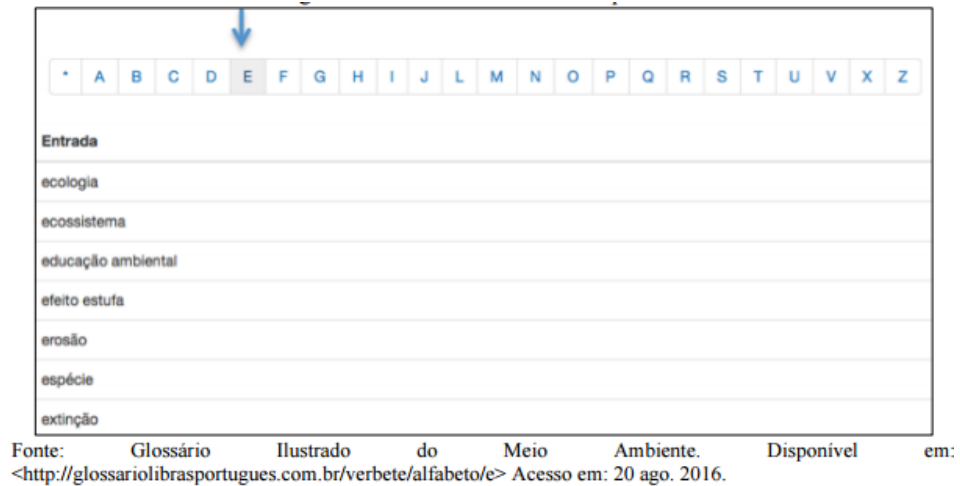
Figura 8: Mecanismo de busca pela LSB



Fonte: Nascimento, 2016, p. 184

Na figura acima, a autora apresenta a interface da página do glossário que permite o mecanismo de busca pela Língua de Sinais Brasileira, por meio do qual, o consulente consegue pesquisar os sinais-termo pelos parâmetros de configuração de mão (CM), movimento (M) e locação (L). Vale destacar que a escrita de sinais utilizada é a ELiS¹².

Figura 9: Mecanismo de busca em LP

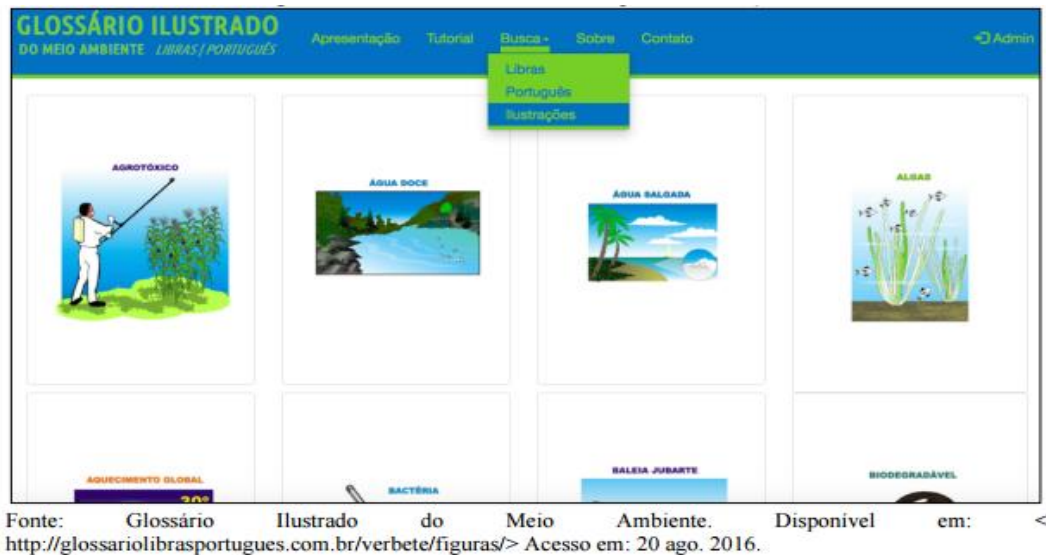


Fonte: Nascimento, 2016, p. 184

A figura 9, apresenta o sistema de busca pelo português. No caso, segue o sistema de alfabetação como uma ferramenta de busca. Ademais, a autora sugere a utilização dessa opção àqueles que sabem apenas o vocábulo escrito na língua portuguesa. Os resultados são mais eficientes nessas ocasiões.

¹² Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais proposta por Maria Estelita Barros. Fonte: <http://elislibras.wix.com/home>.

Figura 10: Mecanismo de busca pelas ilustrações



Fonte: Nascimento, 2016, p. 184

A busca descrita há pouco configura a inovação das pesquisas em glossários de LS. O uso de imagens oferece a oportunidade de busca por campo semântico, baseado no conceito do termo. Assim sendo, a pesquisa realizada por Nascimento (2016) precede todo um trabalho ainda a ser elaborado, por nós, assim como outros pesquisadores, na área de léxico e terminologia das línguas de sinais.

A última pesquisa que mencionaremos diz respeito ao trabalho realizado por Felten (2016), cujo campo semântico permeia os sinais-termo da História do Brasil. O objetivo, nesse caso, foi o de sistematizar os termos da História do Brasil no português e propor a criação de sinais-termo correspondentes na LSB. Entre a metodologia utilizada encontramos: a) listagem dos termos mais frequentes usados no ensino da História do Brasil em três períodos históricos – América Portuguesa, Império e República; b) criação de sinais-termo correspondentes; c) avaliação dos sinais-termo de acordo com as propriedades da Língua de Sinais Brasileira e d) validação dos sinais-termo com alunos surdos.

Como resultado, o autor registrou verbetes das áreas: tempo histórico da América Portuguesa, Brasil Império e Brasil República. A dissertação de Felten (2016) mostra-se inovadora pelo aspecto de criação e formação das unidades terminológicas. O autor aplica em sua obra a construção de Unidade Terminológica Sinalizada (UTS) proposta por Faria-Nascimento (2009).

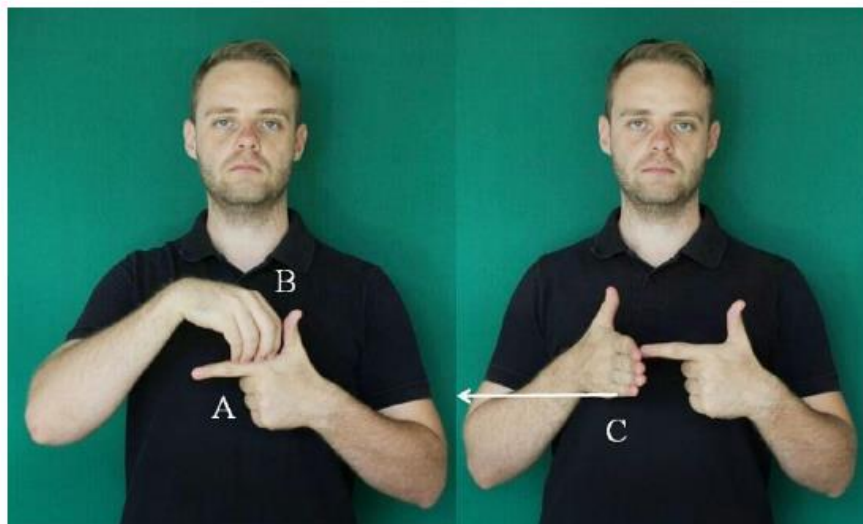
A constituição morfológica dos sinais-termo criados por esta pesquisa segue a proposta de Faria-Nascimento (2009) na construção das UTS, que consiste na análise dos parâmetros isoladamente e combinados. Esse estudo é orientado pelos parâmetros fonológicos da Libras, a saber, Configuração de Mão (CM), Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA), considerados primários. E dos outros dois parâmetros considerados secundários, Orientação da Palma da Mão (OP) e as Expressões Não Manuais (Expressões Faciais e Corporais) (FELTEN, 2016, p. 95).

A obra supracitada representa uma proposta interessante de trabalho para a nossa pesquisa, uma vez que temos a intenção de analisar as possíveis representações dos sinais-termo da área técnica e administrativa do meio acadêmico a partir do estudo das unidades terminológicas sinalizadas (UTS).

Em sua perspectiva de investigação, Felten (ibidem) institui ainda o estudo e a análise da constituição de Unidades Terminológicas Complexas Sinalizadas (UTCS). Esse estudo tem como base o pressuposto teórico de Faulstich acerca do Constructo F^{13} (FAULSTICH, 2003). Subsequentemente à análise do léxico especializado das línguas orais, Felten decide examinar as UTCS, as Unidades Terminológicas Complexas Sinalizadas, no caso, no âmbito da Língua de Sinais Brasileira.

A figura a seguir exhibe o sinal-termo SEGUNDO REINADO, UTCS formada por três outras unidades lexicais sinalizadas: SEGUNDO/DOIS (A), COROA (B), e PERÍODO (C).

Figura 11: Sinal-termo SEGUNDO REINADO



Fonte: Felten, 2016, p. 110

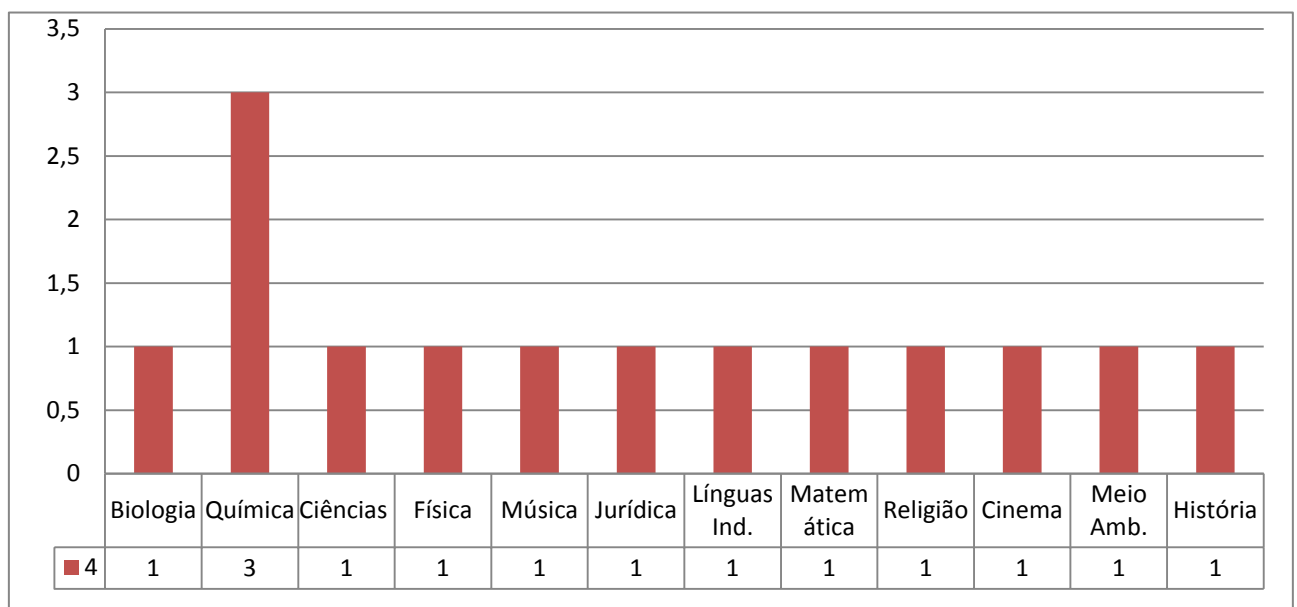
¹³ O constructo (C) é semelhante à equação formada pela terminologia (T), que se compõe de formativo (F). Um formativo terminológico pode ser ou um termo simples ($F \rightarrow A$), ou um predicado (AB ; AaB ; ABC etc.). Em outras palavras, os formativos se organizam em uma sequência de base + predicado, até que as combinações sucessivas atinjam a exaustão semântica. Um termo, por sua vez, atinge a exaustão semântica quando i) é formulado de acordo com as regras da gramática da língua em questão; ii) encerra um conceito evidente; iii) a fórmula de uma definição (FAULSTICH, 2003, p. 13).

Conforme consta na História do Brasil, o Segundo Reinado é caracterizado pelo período de 1840 a 1889 em que o imperador D. Pedro II governou a nação até sobrevir a Proclamação da República. À vista disso, as UTCS apresentadas na figura 11 possuem a base A com valor +geral do conceito; B reopera o conceito de A; C reopera no conceito de AB e fecha o conceito complexo (FELTEN, 2016, p. 110).

A título de curiosidade, a análise das estruturas do sinal-termo, bem como a sua categorização quanto ao tipo de unidade terminológica é ainda uma temática conceitual pouco pesquisado nos ambientes acadêmicos atualmente. Esse exemplo mostra a possibilidade de se iniciarem novas pesquisas na área da Terminologia das Línguas de sinais.

Os trabalhos elencados nesta tese demonstram a diversidade das pesquisas realizadas na área da Terminologia na LSB. Tal crescimento evidencia a necessidade que os falantes de língua de sinais têm em sistematizar o léxico e os termos de especialidade a partir dos conhecimentos já ordenados na Língua Portuguesa. Posto isso, observamos no gráfico, a seguir, a diversidade dos trabalhos averiguados, exibidas pelas estatísticas dessas áreas do saber:

Gráfico 2: Interfaces com os Estudos de Léxico e Terminologia da LSB



Fonte: Tuxi (2016)

Essa síntese recolhida de fontes informatizadas nos leva a reconhecer que, como ocorre nas línguas orais, o ambiente acadêmico, hoje, necessita do registro formal de publicações científicas, assim como da organização de dicionários especializados para

falantes da LSB, visto que as línguas de sinais estão presentes nos mais diversos espaços sociais, graças às implementações das práticas de acessibilidade. Garantir esse direito é ir além da visão tradicionalista que ainda perdura em alguns imaginários humanos, bem como desfazer a barreira ideológica que supõe que todo esse universo linguístico se resume a uma simples prática de tradução do português para a língua de sinais.

Ao refletir sobre o conteúdo apresentado nos estudos selecionados, percebemos a urgente necessidade de continuação de pesquisas na linha que sistematiza os sinais em obras de referência. Além disso, surgiram, ao longo desse processo, questionamentos que tentaremos responder, tais como: i) as unidades terminológicas de línguas de modalidades diferentes têm o mesmo signo linguístico com a mesma constituição semântica?; ii) há uma diferença conceitual entre termo e sinal-termo? Estas questões serão retomadas no capítulo 2 em que buscamos aprofundar a discussão que perpassa as especificidades do sinal e do sinal-termo.

CAPÍTULO 2

SINAL E SINAL-TERMO: UM MOVIMENTO CONCEITUAL NA TERMINOLOGIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Este capítulo tem como objetivo analisar os princípios teóricos do processo de criação do sinal-termo a partir da sua constituição morfológica. Desse modo, discutimos a diferença conceitual que o sinal recebe quando estruturado na linguagem comum, em contraste com a linguagem de especialidade. Ademais, demonstramos a proposta conceitual de Faulstich (2012) sobre o sinal-termo, bem como os aspectos conceituais envolvidos na criação e formação do sinal-termo. Realizamos também uma revisão das pesquisas científicas com foco nos mecanismos de criação e formação de sinais-termo e apresentamos os conceitos de unidade terminológica sinalizada (UTS) e de unidade terminológica complexa sinalizada (UTCS). A análise dessas unidades terminológicas na língua de sinais nos permitiu compreender questões distintas do estudo da Terminologia da LSB, em especial, da constituição linguística de um sinal quando inserido em uma linguagem de especialidade.

2.1 O SINAL EM LÍNGUA DE SINAIS COMO REPRESENTAÇÃO DE UMA UNIDADE LEXICAL SINALIZADA

As palavras, ou itens lexicais, são a base de constituição da linguagem. Para Lima (2007, p. 125), “o fato de a linguagem ser um instrumento de construção da realidade constitui um postulado implícito nas pesquisas, pois, como já sabemos, é na e pela língua em uso que instauramos, sustentamos e alteramos os processos sociais”. Em outras palavras, é por meio da língua que ocorrem os processos de troca de informações no mundo. A LSB, apesar de não ser comum a todos os falantes brasileiros, é uma língua de modalidade visual e espacial que permite a um grupo determinado e minoritário de pessoas participar, conceber e realizar os processos de interação no meio social em que se encontram.

O conjunto de palavras de uma determinada língua constitui seu léxico. Há diversas concepções para léxico e, em grande parte, esse conceito está atrelado ao falante da língua em questão. No entanto, é necessário pensar além dos falantes e buscar o meio social onde a língua é utilizada, porque “[...] uma língua só existe inserida em uma cultura determinada, e o léxico apresenta a estrutura que obedece aos padrões de construções da língua a que pertence.” (FAULSTICH, 2013, p. 5). Essa representação do léxico como responsável por desvelar características culturais e valores sociais de uma determinada língua demonstra a

importância de analisar a língua pela funcionalidade, assim como o contínuo no meio em que ela constrói e transforma conceitos.

A língua é, ao mesmo tempo, um sistema de classificação e um sistema de comunicação e, neste caso, o léxico está diretamente ligado a essa dupla função que atua como uma espécie de banco de dados previamente classificado, um depósito de elementos de designação, que fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. (BASILIO, 2007, p. 31).

Desse modo, vemos que o léxico é amplamente cognitivo. Organiza conceitos mentais, sociais, culturais, expressando categorizações, modo de ver o mundo e estruturas da língua como forma de estabelecer uma comunicação que possibilite a troca de informações entre os falantes da língua, fornecendo, assim, unidades de designação no espaço social (ROSCH et al, 1978). Além disso, o léxico é percebido pela sua estrutura como uma resposta do meio em que é constituído, em outras palavras, reflete a cultura do ambiente no qual foi criado e, por isso, reflete o seu aspecto semântico. Para nossa pesquisa, essa percepção de como o léxico se constitui é essencial, pois reforça a importância do processo de abstração conceitual em cada língua.

Baseados nos estudos feitos durante a pesquisa, entendemos o léxico como uma unidade lexical composta de expressão e conteúdo, por ter por função representar conceitos pertinentes aos meios sociais e culturais. Isso possibilita a elucidação das escolhas, bem como as formulações lexicais advindas do processo linguístico que organiza a comunicação e as trocas nesses meios. Além disso, o léxico não é uma unidade isolada de valor individual, mas está ligado à gramática na constituição de uma língua e, por isso, possui propriedades fortemente determinadas ou motivadas.

Podemos afirmar que o léxico não é uma estrutura isolada. Ao contrário, existe no contexto de uma gramática que lhe dá suporte morfológico, sintático, fonológico, pragmático e semântico.

Todas as línguas possuem um fundo lexical, que é “[...] um componente no qual se acumulam todos os elementos léxicos de uma língua – predicados e palavras –, assim como as regras, por meio das quais é possível criar novas entidades de um modo produtivo.” (FAULSTICH, 2012, p. 368). A autora destaca ainda que o subcomponente do fundo é o *lexicón*: “O *lexicón* é formado por regras abstratas, que, segundo nosso entendimento, estão de acordo com a origem da língua” (ibidem). Dessa forma, o fundo lexical organiza a competência lexical do falante.

Para Faria-Nascimento (2009), no *lexicón* organizam-se as estruturas internas em contínuo movimento de enriquecimento, atualização e inovação da língua.

O lexicón, então, é constituído, além dos constituintes, dos recursos que uma língua tem para a construção infinita de vocábulos, candidatos ao preenchimento de todas as lacunas lexicais e terminológicas dessa língua. Além de oferecer as regras de organização interna do léxico e dos termos, também oferece as possibilidades de associação dos termos entre si, com todos os componentes gramaticais e restrições que a língua comporta. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 110).

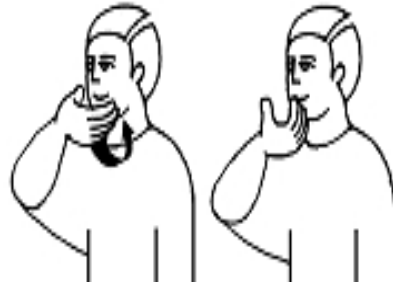
Como as línguas orais, as línguas de sinais também possuem um fundo lexical e, portanto, um *lexicón*. Essa afirmativa ainda é um tema muito debatido, principalmente pela linguística, no que diz respeito ao processo de criação de novas palavras – no caso dessa pesquisa, a criação de novos sinais. A dúvida maior refere-se ao que compõe o fundo lexical das línguas de sinais, visto que na LS não há uma língua-mãe, como existe na Língua Portuguesa, que tem o seu *lexicón* sedimentado no Latim. Portanto, o questionamento maior é: do que são constituídos os sinais?

Segundo Faria-Nascimento (2009, p. 108), o *lexicón* da Língua de Sinais Brasileira é composto de: parâmetros, classificadores, empréstimos linguísticos, elementos prototípicos e morfemas-base.

- i) **Parâmetros** são unidades distintivas ‘fonemas’ que constituem os sinais. São cinco os parâmetros em LS:
 - a) **Configuração de Mão (CM)** refere-se às formas que as mãos podem adquirir. Elas podem advir da datilologia (alfabeto manual) ou de outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizante. Atualmente, há 75 CMs (FARIA-NASCIMENTO, 2009) registradas. As CMs são de grande importância para a organização e o registro de glossários bilíngues, como apontam as pesquisas de Faria-Nascimento (2009); Stumpf, Oliveira e Miranda (2014) e Nascimento (2016);
 - b) **Ponto de Articulação (PA) ou Localização (L)** diz respeito ao lugar onde incide a mão predominante configurada. Ela pode tocar alguma parte do corpo ou se localizar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) e/ou horizontal (à frente do emissor). Nascimento (2016, p. 23) destaca que “não há sinal sem ponto de articulação, entretanto, pode haver sinais sem configuração de mão, conseqüentemente, sem orientação da palma.” Essa constatação define o PA como uma ferramenta de busca importante para as obras lexicográficas em língua de sinais;

- c) **Movimento (M)** é um parâmetro que representa as formas e direções que a CM pode utilizar. As possibilidades de descrição são baseadas nas formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até os conjuntos de movimentos no mesmo sinal. “O movimento que as mãos descrevem no espaço ou sobre o corpo pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em várias direções e posições” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 54 *apud* KLIMA e BELLUGI, 1979);
- d) **Orientação da palma (OR)** relaciona-se aos sinais que podem ter uma direção da palma da mão. A inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 59); e
- e) **Expressões Não Manuais (ENM)** refletem o movimento de face, dos olhos, da cabeça ou do tronco e tem como função básica a marcação de construções sintáticas, assim como distinguir itens lexicais. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 60).
- ii) **Classificadores** são formas constituídas por parâmetros usados para representar a forma e o tamanho dos referentes – que podem ser animados ou inanimados. Trazem consigo expressões de número, volume, tamanho, quantidade. Em LS, eles são usados para descrever ideias para as quais não há sistemas específicos, principalmente em substituição a uma palavra que não possui um referente em LSB (BERNARDINO, 2000, p. 95).
- iii) **Elementos prototípicos** correspondem a unidades lexicais sinalizadas. Eles são consideradas de grande valor na representação de determinada categoria. Estudos apontam que há na LSB várias categorias lexicais representadas por protótipos (KLIMA e BELLUGI, 1979; FARIA-NASCIMENTO, 2009; NASCIMENTO, 2016). O exemplo, comumente utilizado nas pesquisas, diz respeito à ULS-maçã, que é o sinal considerado protótipo da categoria frutas.

Figura 12: Unidade Lexical Sinalizada – MAÇÃ. Sinal prototípico da categoria Frutas



Fonte: Novo Deit-Libras – Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue de Libras (2013)

- iv) **Morfemas-base** são “constituintes de unidades lexicais sinalizadas com o estatuto morfológico de radical, sobre os quais é possível construir uma infinidade de termos do mesmo campo semântico” (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 96). Para Nascimento (2016, p. 26), “os morfemas-base são constituídos de alguns sinais, ou parte de sinais, que têm a função de base para a criação de diversas palavras e têm demonstrado ser elementos constituintes produtivos na construção de sinais nas áreas de especialidade”. No âmbito desta pesquisa, o conceito de morfema-base será utilizado: i) nos processos de criação de unidades lexicais sinalizadas no discurso de especialidade e ii) nas análises dos dados gerados pelos pesquisadores.

A análise desses componentes anteriormente explicitados nos permite compreender como ocorre a constituição das estruturas de organização interna do *lexicón* da LS. Por conseguinte, é a partir da combinação desses fundamentos que a língua realiza construções, renovações e inovações linguísticas capazes de representar a língua de sinais e do surdo.

Portanto, o conjunto de ULS constitui a língua comum, isto é, um instrumento de interação social constituído pelos aspectos de uso do cotidiano imprescindível no uso e na cultura de determinada comunidade linguística. O léxico faz parte do sistema da língua comum, por meio do qual o indivíduo organiza seus valores e aspectos de cuja sociedade ele faz parte. Desse modo, é na língua comum que está inserida a linguagem de especialidade.

Assim, a linguagem de especialidade tem um espaço linguístico distinto, pois simboliza um subsistema constituído de léxicos que representam conceitos de uma determinada área específica. A unidade lexical inserida na linguagem de especialidade corresponde ao termo que se distingue dos elementos lexicais comuns, tendo em vista que esse termo é utilizado em contextos de áreas específicas.

De modo análogo, o sinal, na LSB, quando inserido em um contexto de especialidade, deixa de apresentar o significado de léxico comum e passa a assumir o significado de léxico especializado, recebendo, assim, a denominação de sinal-termo, proposta conceitual criada por Faulstich (2012) e que será o foco da nossa seção subsequente.

2.2 O SINAL-TERMO: UMA PROPOSTA CONCEITUAL DE FAULSTICH

Termo é a unidade lexical especializada de determinada área técnica e científica que tem como objeto a análise da Terminologia descrita e registrada pela Terminografia (KRIEGER, 2001). Ele se mostra distinto dos elementos lexicais comuns, ou seja, da linguagem comum, pelo fato de ser utilizado nos discursos especializados que representam o conceito da área descrita, além de contribuir para uma legítima comunicação clara e eficiente de determinado grupo.

Em consequência disso, o léxico, ao ser inserido no universo da linguagem científica e técnica, assume um conceito próprio de terminologia de uma área de especialidade. Nesse sentido, uma terminologia se consolida a partir do momento em que uma área científica apresenta termos e conceitos capazes de compor, de fato, um conjunto de léxicos especializados daquela ciência ou técnica.

Nas línguas de sinais há, também, o léxico comum – correspondente ao sinal – e o léxico de especialidade – alusivo ao sinal-termo. A expressão sinal-termo foi criada por Faulstich (2012) durante a orientação de mestrado de Messias Costa (2012).

A expressão sinal-termo surgiu em 2012, criada por Faulstich, e aparece pela primeira vez na dissertação de mestrado de Messias Ramos Costa, denominada *Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclolibras* (2012). Durante as discussões de natureza lexicográfica, Faulstich percebeu que a expressão *sinal* ou *sinais* não correspondia ao significado de termos usados no contexto das linguagens de especialidade, especialmente na terminologia científica ou técnica. A designação *sinal* serve para os significados usados no vocabulário comum da libras (FAULSTICH, 2016, p. 5).

Assim, a criação da expressão sinal-termo é uma inovação conceitual sobre os estudos do léxico da LSB, próprio para estudos da Terminologia. A partir da distinção de sinal e de sinal-termo, nos foi possível perceber que o sinal perde o aspecto conceitual original da linguagem comum e exige a criação de um sinal-termo, como explicitamos a seguir pela fonte de Faulstich (2012)¹⁴.

Sinal

¹⁴ Disponível em <http://www.centrolexterm.com.br>, acesso em 27 de novembro de 2015.

1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais. 2. Propriedades linguísticas das línguas dos surdos. Nota: a forma plural – sinais – é a que aparece na composição língua de sinais.

Sinal-termo

1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira.

A distinção entre sinal e sinal-termo demonstra que o sinal surge a partir da necessidade linguística da língua comum; por outro lado, o sinal-termo advém da premência de um sinal representar e conceituar os vocábulos na LS, dentro do contexto das áreas específicas e tecnológicas, com base em conceitos abstratos e definições de determinado objeto da área de especialidade.

O processo de criação dos sinais, assim como dos sinais-termo, é ainda uma área do conhecimento científico com poucas pesquisas realizadas e publicadas, por isso constitui um campo aberto para análise futura. Há algumas pesquisas científicas que estudam o processo de criação de unidades lexicais sinalizadas (ULS), de unidades terminológicas sinalizadas (UTS) e de unidades terminológicas complexas sinalizadas (UTCS). Entre estas destacamos as contribuições de Faria-Nascimento (2009 e 2013), Oliveira (2015), Nascimento (2016) e Felten (2016). Destacamos o fato de que o primeiro, bem como os dois últimos trabalhos foram desenvolvidos no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm¹⁵ – da Universidade de Brasília.

¹⁵ O Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília é um organismo dedicado à pesquisa científica, técnica e à formação de pós-graduados, tal como prevê o seu regulamento. Os Estudos Lexicais e Terminológicos dizem respeito às atividades científicas e profissionais dedicadas à resolução de problemas linguísticos e de comunicação, bem como ao atendimento de necessidades linguísticas de organismos e de instituições. Com este propósito, o Centro Lexterm trabalha igualmente em pesquisas fundamentais, na constituição de instrumentos e no desenvolvimento de recursos relacionados às aplicações da linguagem (<http://www.centrolexterm.com.br>).

Faria-Nascimento (2009, p. 58) identifica, sistematiza, analisa e exemplifica o processo de construção terminológica na LSB. Destaca que a criação das unidades terminológicas é análoga ao processo de formação das unidades lexicais.

O processo de construção terminológica com vista ao preenchimento de lacunas na LSB constitui-se de mecanismos linguísticos, se não idênticos, bastante semelhantes aos mecanismos linguísticos presentes na construção lexical. Isso porque Terminologia é léxico, e um lexema, unidade do léxico, ganha estatuto de termo, unidade da Terminologia, no contexto das linguagens de especialidade. No espaço abstrato de construção de palavras, o mecanismo linguístico é praticamente o mesmo (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 59).

Dessa forma, nos direcionamos a análise da terminologia em língua de sinais baseada na constituição conceitual da construção lexical na LSB, pois como a autora acima destaca, o termo é um léxico que ganha o valor terminológico devido ao contexto de área de especialidade.

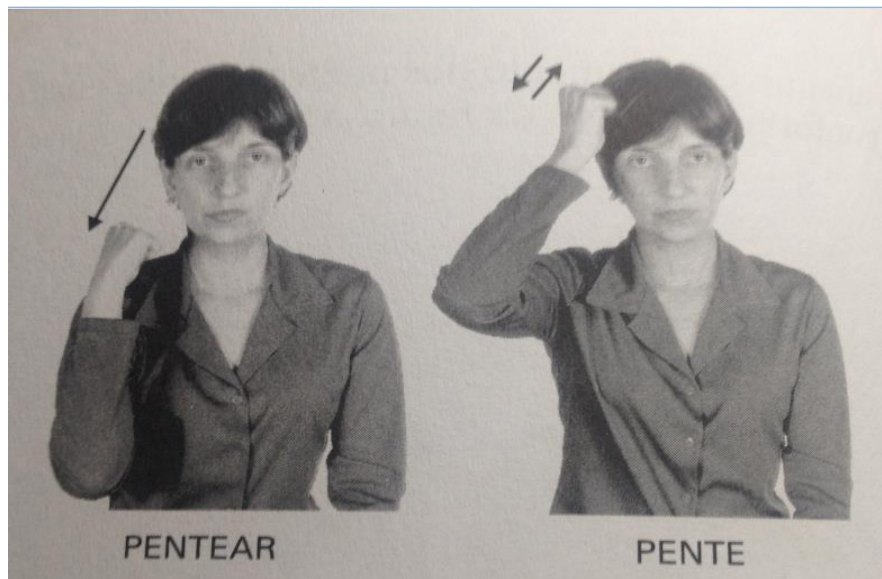
Nascimento (2016), em sua na pesquisa sobre a Terminologia do Meio Ambiente, destaca os fenômenos linguísticos da composição, derivação, extensão lexical, iconicidade, empréstimos nas LS, metáforas, metonímias, classificadores, categorização e protótipo como mecanismos de criação de sinais, como já explicitamos antes, mais precisamente no tópico anterior. Para os fins de explicitação de nosso pensamento retomaremos os mecanismos morfológicos de formação de sinais, quais sejam, derivação, composição, extensão lexical e iconicidade.

2.2.1 Derivação

Quadros e Karnopp (2004) informam que os estudos com resultados significativos em relação à derivação em LS foram analisados por Supalla e Newport (1982¹⁶). Estes observaram pares de nomes e de verbos, e então concluíram que a diferença de uma categoria para a outra – dentro do processo de derivação em Língua de Sinais Americana (ASL) – ocorre apenas em um dos parâmetros que constitui o sinal, no caso, o do Movimento (M).

¹⁶ A obra referida de 1982 é SUPALLA, T. (1982) Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego.

Figura 13: Sinal de pentear e pente em Língua de Sinais Americana (ASL)



Fonte: QUADROS e KARNOPP (2004, p. 100) *apud* VALLI e LUCAS (1992, p. 54)

Na figura 13, Quadros e Karnopp (2004) apresentam dois sinais em ASL. O primeiro representa o sinal PENTEAR e o segundo, o sinal PENTE. Os parâmetros primários de constituição como configuração de mão (CM) e localização (L) são os mesmos, o que difere é o movimento (M). O sinal PENTE realiza um movimento duplo (para baixo e para cima), enquanto o sinal PENTEAR realiza um movimento simples (apenas para baixo).

Semelhantemente, após analisar 100 sinais da ASL, Suppala e Newport (1982) concluíram que a diferença no parâmetro do Movimento (M) possui característica análoga, capaz de diferenciar nome de verbo. Esse estudo foi de grande valia para a análise linguística das línguas de sinais à época. Contudo, no Brasil, Pizzio (2011) realizou investigação similar e não obteve a mesma resposta. Ela não encontrou um número expressivo de sinais que marcasse a diferença entre classes de palavras ‘nome’ e ‘verbo’, tal qual o registrado na ASL. Dessa forma, podemos questionar como ocorre a derivação na LSB.

Por sua vez, Oliveira (2015), no desenvolvimento de sua pesquisa, questiona o tipo de derivação que se dá na LS e se é possível compará-lo ao processo de derivação das línguas orais (LO).

Diferentemente do processo de flexão, na derivação observaram-se diferentes pontos de vista com relação à produtividade deste último processo nas LS. Isso provavelmente se deve às formas distintas de definir derivação – por modificação da raiz ou por acréscimo de afixos (OLIVEIRA, 2015, p. 164).

Para Faria-Nascimento (2009), uma das pesquisadoras que analisa o processo de derivação na LSB e apresenta, em sua pesquisa sobre ULS e UTS, a construção de itens

lexicais pelo processo de derivação, com o acréscimo de afixos, conclui que uma das formas de derivação de UTS basicamente, tem como constituinte o morfema-base que pode ser uma ULS, como exemplificamos.

Figura 14: Sinal- PALAVRA e, em seguida, o Sinal- MORFOLOGIA



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 305)

Segundo a análise da autora, o termo MORFOLOGIA é formado a partir do processo de derivação do termo primitivo PALAVRA, cujo morfema livre base para a criação do termo apresentado na figura 14. Desta feita, o processo de derivação ocorre como consequência da construção de uma base: ULS + afixo que resulta uma UTS.

Figura 15: Sinal- MORFOLOGIA



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 309)

Para Oliveira (2015), o estudo de Faria-Nascimento (2009) representa uma evolução para a área, pois sua análise demonstra haver construção de itens lexicais pelo processo de

derivação com o acréscimo de afixos. O estudo de Faria-Nascimento (2009 e 2013) é condizente com o de Bellugi (1980, p. 66) quando afirma: “Na realização de estudos das estruturas da ASL foi possível perceber sinais com mudanças sistemáticas regulares em radicais lexicais, que resultam na formação de itens lexicais relacionados e com raiz marcada, ou seja, há uma base para a construção”.

Entendemos que as mudanças que ocorrem a partir da raiz, marcam uma derivação de sinais lexicais que fazem parte de um mesmo campo semântico e partilham de mesmo campo conceitual. Essas marcas são a base para que um novo sinal, por derivação, seja construído. As metodologias derivacionais discutidas anteriormente possibilitam a expansão do vocabulário e permitem que um campo conceitual seja construído.

Esperamos que as ideias apresentadas neste tópico abram caminhos para futuros pesquisadores buscarem respostas acerca dos afixos em LS. Na continuidade dessa análise, apresentaremos outro mecanismo de formação de novos sinais: a composição.

2.2.2 Composição

A composição é o “processo de harmonização duas bases preexistentes na língua, a fim de criar um novo vocábulo” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 100).

Liddel (1990, 1995) observou a formação de novos sinais a partir da harmonização de outros elementos com conceitos distintos na ASL. Quadros e Karnopp (2004 *apud* Liddel 1990) apresentam três regras morfológicas utilizadas especificamente para criar novas unidades com significados compostos. São elas: i) regra do contato; ii) regra da sequência e iii) regra da antecipação da mão dominante, conceituadas pelas autoras autoras (*ibidem*, p. 103) da seguinte forma:

Regra do contato: o contato pode ocorrer no corpo ou na mão passiva¹⁷. Nesses casos, o primeiro, o segundo ou o único contato deve ser sustentado até a conclusão da realização do sinal. Isso significa que, se dois sinais transcorrem ao mesmo tempo para formar um composto e o primeiro sinal apresenta contato, este tende a permanecer. Pode também acontecer de o primeiro sinal não apresentar contato, mas o segundo sim – neste exemplo, o toque permanece na composição.

¹⁷ Em havendo distintas configurações de mão (CM), a mão ativa deve produzir um movimento e a mão passiva servir de apoio. (Quadros e Karnopp, 2004)

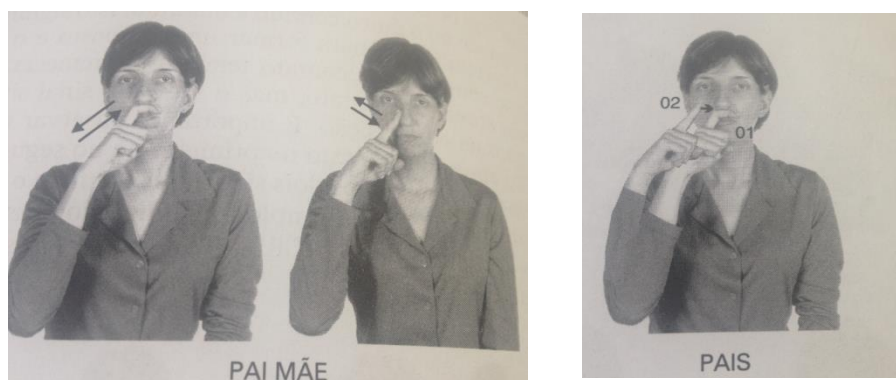
Figura 16: Sinal ACREDITAR



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 103)

Regra da sequência única: quando os sinais que originam o sinal composto apresentam um movimento ou repetição, este movimento ou repetição é excluído. Exemplos disso são os sinais PAI e MAE (sinal variante do Rio Grande do Sul) – representados na figura 17. Como se vê pela seta, o movimento é repetido (para frente e para trás). Ao formar uma nova unidade lexical composta, no caso PAIS, os movimentos dos sinais são apagados e o sinal é executado em sequência.

Figura 17: Sinal PAI e MÃE e Sinal PAIS

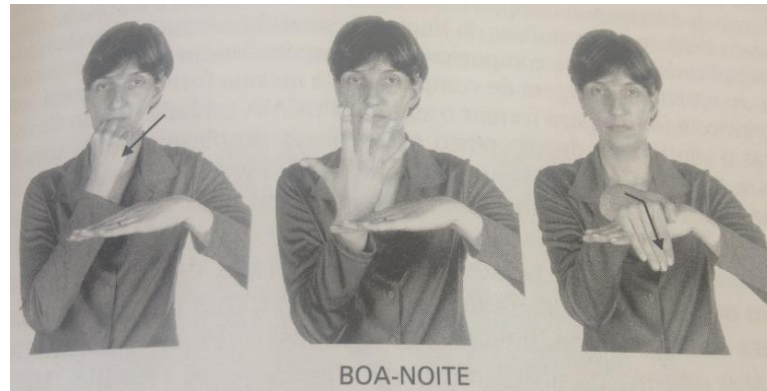


Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 103)

Regra de antecipação da mão não dominante: quando dois sinais são combinados para formar um composto, frequentemente a mão passiva do sinalizador antecipa o movimento, quer dizer,

já fica evidente no sinal, quando configurado pelo sinalizante antes do segundo sinal no processo de composição.

Figura 18: Sinal BOA NOITE



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 103)

Estas regras são também consideradas como processos de análise de constituição dos sinais pelo aspecto fonológico (OLIVEIRA, 2015). Isso se justifica porque o contato na execução do movimento pode ser entendido com a sílaba do sinal. No entanto, não nos aprofundaremos nesse contexto, pois não é foco de nossa pesquisa.

Felipe (2006, p. 203) também desenvolve estudos na linha de pesquisa em questão e define composição como um “conjunto de duas ou mais bases, que se combina em outra forma, a partir de outro elemento ou modificações concomitantes”. A pesquisadora completa, ainda, que essa composição pode ocorrer de duas maneiras: pela justaposição ou pela aglutinação.

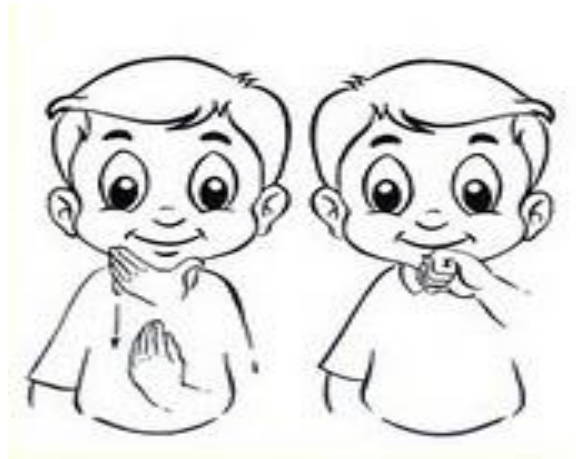
Justaposição

Tipo de composição que pode ocorrer de três formas:

i) composição de sinal por dois itens lexicais. Exemplo: o sinal PAI é composto por dois itens lexicais: $HOMEM \wedge BEIJO-NA MÃO$ ¹⁸

¹⁸ O \wedge indica na transcrição para a Língua Portuguesa para a língua de sinais que essas palavras significam um sinal em LSB. No caso, o sinal é PAI.

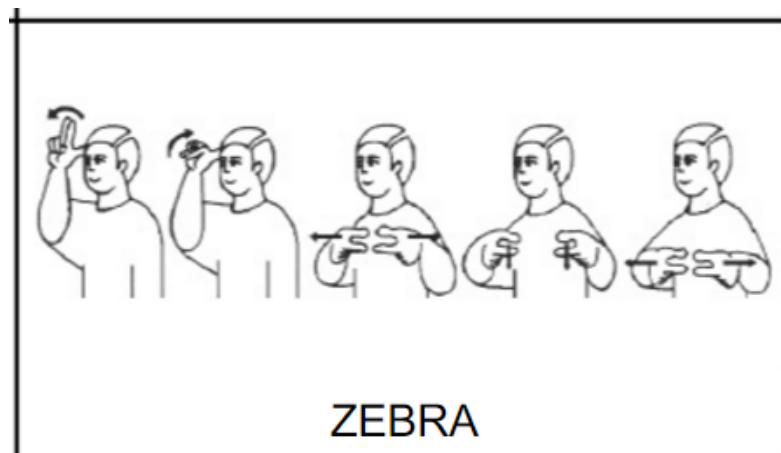
Figura 19: sinal PAI em LSB



Fonte: Fundação Catarinense de Educação Especial – FCEE (s/ano)

ii) composição de um classificador com um item lexical. Exemplo: o sinal ZEBRA é composto pelo sinal de CAVALO e o classificador das listas pelo corpo.

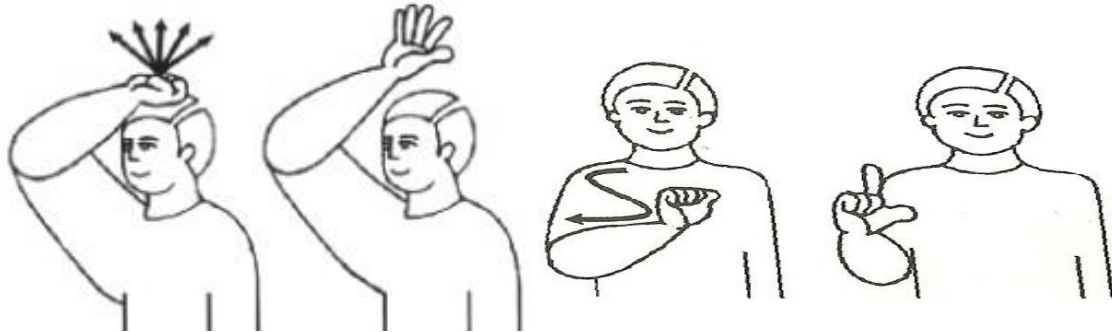
Figura 20: Sinal ZEBRA



Fonte: CAPOVILLA e RAFAEL (edição online)

iii) O terceiro tipo de composição ocorre no uso da datilologia.

Figura 21: Sinal BALEIA AZUL



Fonte: TUXI (2016)¹⁹

Segundo Castro Júnior (2015), pesquisador surdo, existe uma gramática da datilologia. Ela se constitui de regras metadescriptivas que dão à sequência de letras o status de sinal. No entanto, são necessários que se constituam os seguintes aspectos: a) postura e situações de uso – há a necessidade de se convencionar o espaço da datilologia no corpo, bem como a cor da roupa do tradutor e b) atenção à gramática da acentuação na datilologia – a acentuação é uma estratégia didática para que o surdo compreenda que as palavras nas línguas de origem apresentam acentuação.

Os três fenômenos explicitados formam o processo de composição e podem ser registrados com base nos dados de LSB. Há outro mecanismo de formação de sinais encontrados na LSB como é a aglutinação.

Aglutinação: É um fenômeno pouco encontrado nas obras sobre mecanismos de criação de sinais. Segundo Oliveira (2015, p. 176 *apud* SILVA e SELL, 2011, p. 35), trata-se de uma justaposição de dois sinais independentes, mas que, na formação do novo item lexical, parece resultar em um sinal independente junto a um morfema preso.

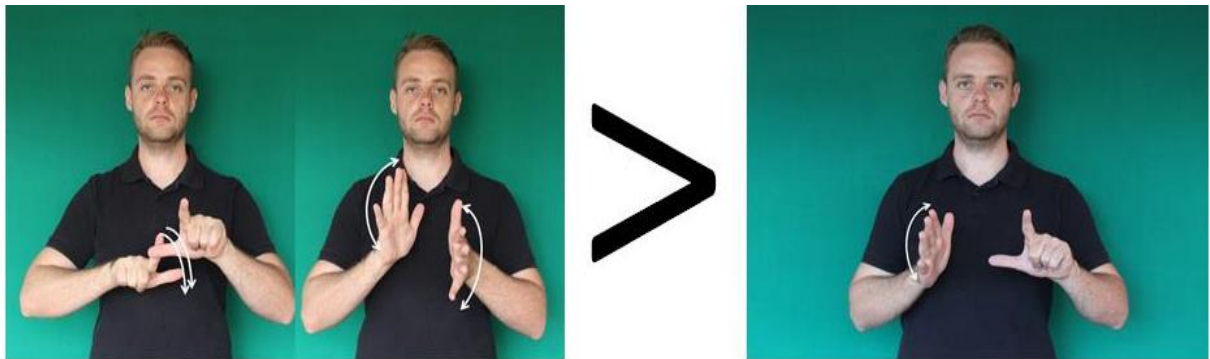
Felten (2016, p. 94-95), em sua pesquisa de mestrado, evidencia casos de alteração da estrutura do sinal-termo – mediante aglutinação – na proposição de novas UTS, tal qual no exemplo a seguir.

¹⁹ Sinais retirados de CAPOVILLA, Fernando César & RAPHAEL, Walkiria Duarte. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe. Revista Projetos Escolares da Educação Infantil; Editora On Line.

Figura 22: Sinal LETRAS-LIBRAS.

22A

22B



Fonte: Felten (2016, p. 94)

Tanto a figura 22A como a figura 22B ilustram os sinais do Curso de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esse arquétipo demonstra as alterações ocorridas no decorrer do curso. Assim, é possível perceber que o sinal foi modificado pelos falantes de LSB durante o período das aulas.

[...] com o fortalecimento produzido nesses ambientes em que se pensa a língua, as mudanças de natureza diacrônica acontecem à medida que o momento determinante dos falantes de Libras é requerido e, nesse contexto, a UTS *Letras-Libras* sofreu mudanças previsíveis na introdução de neologismo de novo campo de conhecimento à época da construção do Curso. Nesse processo natural de evolução da língua, enquanto uma UL é introduzida no uso pode passar de um processo de composição para um processo de aglutinação como o que ocorreu com a UTS *Letras-Libras* (FELTEN, 2016, p. 95).

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 108) “a acomodação linguística de novos sinais é um fenômeno recorrente na LSB e demais LS”. Portanto afirmamos que, no uso constante nas trocas sociais por que o sinal ou sinal-termo passa, acontece a validação do uso pelo grupo que o utiliza. Em alguns casos, essa interação entre os usuários do meio ocasiona a mudança por algum processo de formação de sinais.

Em resumo, a composição de novos sinais é, ainda, um processo que necessita de pesquisas mais detalhadas que definam melhor o que constitui cada um dos aspectos desse mecanismo. As mudanças que ocorrem nas ULS e, principalmente, nas UTS são reflexos do comportamento linguístico dos falantes das LS em resposta ao uso e à comutação realizada no meio social.

Após análise de alguns dados, como apresentamos anteriormente, foi possível concluir que o estudo sobre a composição ainda é um processo carente de mais estudos na área, esse,

no entanto, não é nosso objetivo nesta pesquisa. Na continuidade, apresentaremos outro mecanismo de formação de novos sinais: a iconicidade.

2.2.3 Iconicidade

Por muitos anos, a língua de sinais foi considerada uma comunicação baseada em gestos ou mímicas que representavam, de forma icônica, os objetos e fatos do mundo. Esse conceito social foi rompido a partir dos estudos desenvolvidos por Stokoe na década 1960 sobre o reconhecimento do *status* linguístico da língua de sinais, em especial, da Língua de Sinais Americana (ASL). A respeito disso, Faria-Nascimento (2009) escreve:

Felizmente, a análise histórica propiciou o entendimento de que as propriedades icônicas dos sinais das LS mudam ou diminuem. Alguns sinais tornam-se mais opacos com o passar do tempo enquanto outros são completamente arbitrários (FARIA-NASCIMENTO 2009, p. 16).

As propriedades icônicas fazem parte da constituição de grande parte das línguas e, por isso, não seria diferente nas línguas de sinais. Contudo, essa marcação ocorre, em grande parte, no momento da apropriação do objeto que ainda não possui um correspondente na primeira língua. A partir do domínio do objeto, ou seja, do conceito abstrato que constitui o objeto, essa marca pode vir a se tornar opaca e, com o tempo, arbitrária.

Faulstich (2007) aborda a questão da iconicidade mental com perspicácia, posto que ela a percebe da seguinte maneira:

“[...] a iconicidade é um fenômeno que aparece ligado à forma, visto que o movimento que descreve a configuração das mãos é entendido como um indicativo para a realização do sinal, daí a relação entre forma e ícone. O que queremos postular é que a iconicidade em Libras é um fenômeno de cognição, posto que uma palavra em Libras, sob a perspectiva do “objeto dinâmico”, é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos” (FAULSTICH, 2007, p. 155).

A autora analisa a iconicidade pela vertente do pensamento da cognição, demonstrada pelo nível de significação ocorrente nas LS. Por ser uma língua de modalidade visual e espacial, a questão da forma ligada à imagem pressupõe que o pensamento está ligado à forma. Contudo, Faulstich (ibidem) evidencia que essa forma não é icônica somente por ver e perceber o objeto, a iconicidade é fenômeno da abstração mental pela cognição.

Nascimento (2016, p. 28) apresenta, em sua obra, o pensamento de Wilcox (2004, p. 140-141) sobre iconicidade e evidencia que esta não ocorre apenas como resposta das palavras às necessidades comunicacionais impostas pelo mundo, mas sim em concordância à representação dos itens linguísticos realizada no intelecto humano – sob forma de

“concepções mentais”. Em suma, a iconicidade é um fenômeno mental e não uma representação concreta e física.

Por reconhecer a importância do aspecto icônico para a formação de novos termos, aprofundaremos esse tema no próximo capítulo. Na ocasião, descreveremos a teoria do signo linguístico na LSB. Agora, porém, continuaremos a tratar do mecanismo de formação de novos sinais, agora, denominado aglomeração.

2.2.4 Aglomeração

Oliveira (2015, p. 277) traz a inovação no processo de formação de sinais com a identificação do fenômeno da aglomeração.

Concluiu-se ser indispensável definir um processo intermediário no *continuum* entre composição e derivação, ao qual se denominou aglomeração. Define-se aglomeração como o processo de formação de itens lexicais na Libras que associa formantes querênicos. Além disso, os critérios para classificar aglomeração definem-se por: i) Item formado por partes constituintes de outros sinais e ii) Itens articulados com duas mãos de modo que as CMs de cada uma sejam diferentes e ambas sejam atuantes (OLIVEIRA, 2015, p. 277).

Para Oliveira (2015), a formação de sinais denominada aglomeração configura a organização da LS no âmbito morfológico; considera que a aglomeração se posiciona entre o processo de composição e de derivação.

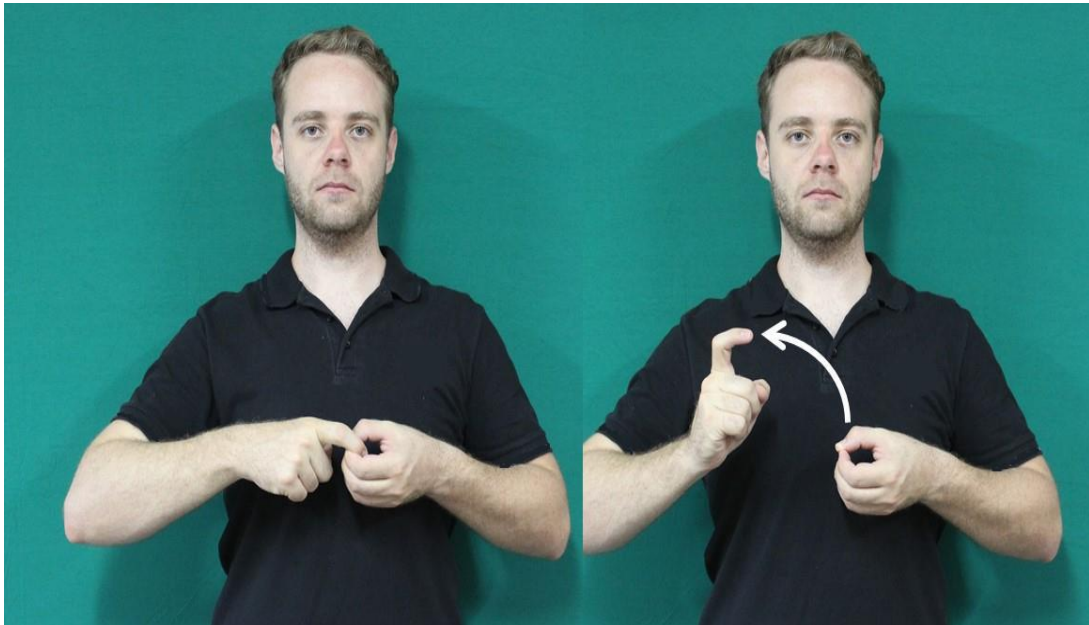
Para a autora, a criação de sinais intercorre a partir da confluência das unidades mínimas dotadas de significado, pois, os morfemas, ao serem combinados entre si, resultam em estruturas complexas. Na LS, os novos sinais resultam, quase sempre, de processos em que a base é enriquecida com estruturas baseadas nos conceitos dos novos sinais que serão criados (OLIVEIRA, 2015). Detalharemos melhor esse mecanismo de criação de sinais no capítulo 6, quando forem analisados os dados desta pesquisa.

Os processos de criação e de formação dos sinais exigem estudo refinado de morfologia lexical. O que fizemos, neste capítulo, foi procurar compreender os mecanismos gramaticais, a fim de embasar adequadamente a análise dos dados no âmbito da nossa pesquisa do glossário bilíngue de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico. Nosso interesse surgiu com a necessidade de compreender a gramática do objeto que constitui as unidades terminológicas sinalizadas (ULS), bem como as unidades terminológicas complexas sinalizadas (UTCS) – tema que veremos no próximo tópico.

2.3 O SINAL-TERMO E SUAS CONSTITUIÇÕES MORFOLÓGICAS

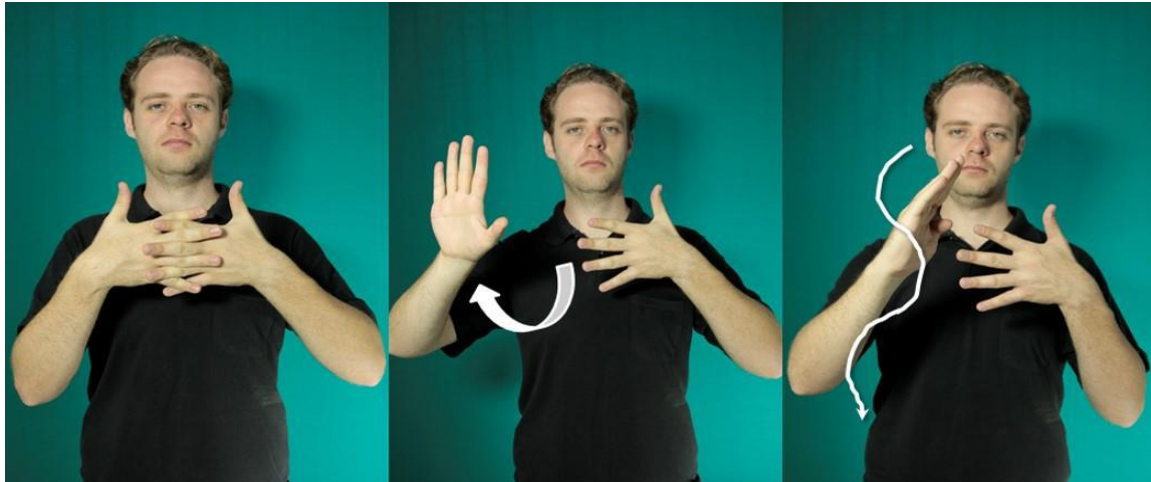
O sinal-termo pode se constituir de uma Unidade Terminológica Sinalizada (UTS) ou de uma Unidade Terminológica Complexa Sinalizada (UTCS). Ambas são compostas por sinais-termo que representam o conceito do discurso de especialidade em que está inserido. A característica conceitual da especialidade constitui a diferença entre o sinal da língua comum e o sinal de especialidade. Faulstich (2016), por meio do exemplo que faz parte da pesquisa de mestrado de Felten (2016), evidencia a diferença da constituição conceitual existente entre sinal e sinal-termo, como explicaremos adiante.

Figura 23: Sinal INDEPENDÊNCIA.



Fonte: Faulstich (2016, p. 6)

Figura 24: Sinal-termo INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.



Fonte: Faulstich (2016, p. 6)

As figuras 24 e 25 exibem a diferença de sinal e sinal-termo. Na primeira, figura o sinal INDEPENDÊNCIA – pode ser associado a vários léxicos da Língua Portuguesa relativos à ideia de independência na linguagem comum social. Na segunda, o sinal-termo qualifica a INDEPENDÊNCIA, isto é, mostra que se trata da INDEPENDÊNCIA DO BRASIL pelo fato de o movimento (M) e a configuração de mão (CM) exporem em si a significação alusiva ao processo da independência do nosso país.

Assim, o conceito de formação do sinal-termo, desenvolvido por Faulstich (2016), é uma inovação no campo da linguística da língua de sinais, pois reconhece o processo de conceituar termos técnicos e específicos na LS. Ainda neste trabalho, discorreremos mais sobre as formas de registro do sinal-termo, a partir da sua constituição linguística.

2.3.1 A formação de Unidades terminológicas sinalizadas (UTS) e de Unidades terminológicas complexas sinalizadas (UTCS)

Faria-Nascimento (2009), nos estudos de análise sobre mecanismos de criação, analisa a constituição de novos sinais pelo processo de derivação com base na raiz. Para tanto, a autora apresenta um Construto Terminológico em LSB, que apresentamos a seguir:

Figura 25: Construtos terminológicos dos processos derivacionais em LSB de Faria-Nascimento

<i>MECANISMOS MORFOLÓGICOS DE CONSTRUÇÃO TERMINOLÓGICA POR PROCESSOS DERIVACIONAIS EM LSB</i>	
CONSTRUTO TERMINOLÓGICO EM LSB PROCESSO DERIVACIONAL I	
$UT = B_p + M_{esp}$	
Onde:	
UT = unidade terminológica	
B_p = base presa / morfema preso (morfema-base)	
M_{esp} = morfema preso especificador	
<i>Explicação do construto:</i> o termo equivale à 'base presa' ¹¹⁴ ou morfema-base que se refere a uma entidade com estatuto de base, a qual cabe, nesse caso, também chamar de raiz ¹¹⁵ , articulado pela mão passiva (constituída de CM, OP e PA) com informação semântica ¹¹⁶ associada a um 'morfema especificador' articulado pela mão ativa e constituído de CM, OP e PA, também preso, dependente, com função de afixo ou fragmento de palavra.	
CONSTRUTO TERMINOLÓGICO EM LSB PROCESSO DERIVACIONAL II	
$UT = B_l + M$	
Onde:	
UT = unidade terminológica	
B_l = base livre / morfema livre	
M = morfema preso	
<i>Explicação do construto:</i> o termo equivale a 'base livre' que é, grande parte das vezes, constituída de uma UL ou de uma UT da LSB que passa a ser base para a construção de novos termos, associada a um 'morfema preso'.	

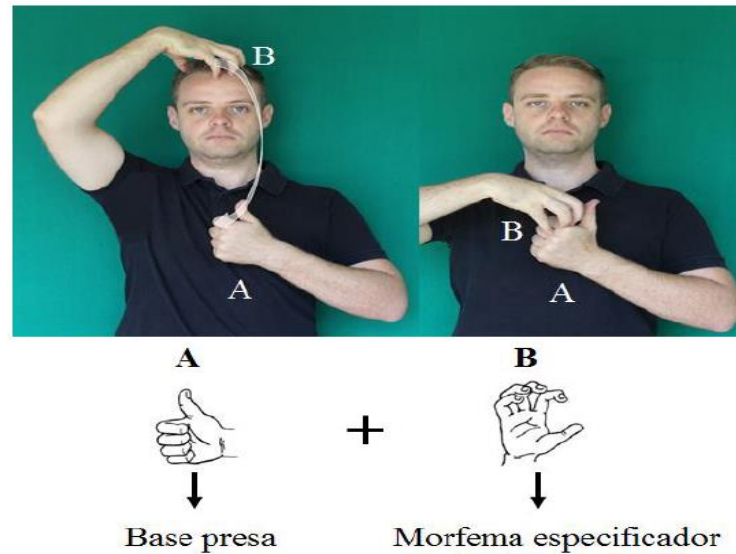
Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 96)

Em seu construto, Faria-Nascimento (ibidem) demonstra que a criação de novos sinais ocorre por meio de formativos que podem ser presos ou livres. No primeiro, o formativo é constituído de uma mão passiva e de uma mão ativa. No caso, a passiva configura o morfema-base no qual se encontra a informação semântica, enquanto a ativa representa o morfema especificador que também é compreendido, pela autora, como preso, dependente, com função de afixo ou fragmento de palavra.

No segundo construto, o formativo sistematiza a unidade lexical ou unidade terminológica da LSB, que passa a ser a base para a construção de novos termos e, portanto, um morfema livre.

Percebemos então que, a partir do construto, é possível investigar a morfologia das UTS e das UTCS. Nos trabalhos de Costa (2012), Prometi (2013), Nascimento (2016) e Felten (2016) encontramos análises de dados com base nesse construto. Abaixo, destacaremos o sinal-termo AMÉRICA PORTUGUESA do Glossário Sistemico Bilíngue Português – Libras de Termos da História do Brasil (FELTEN, 2016), em que o autor aplica, na sua execução, o construto de Faria-Nascimento (2009).

Figura 26: Sinal-termo BRASIL IMPERIAL

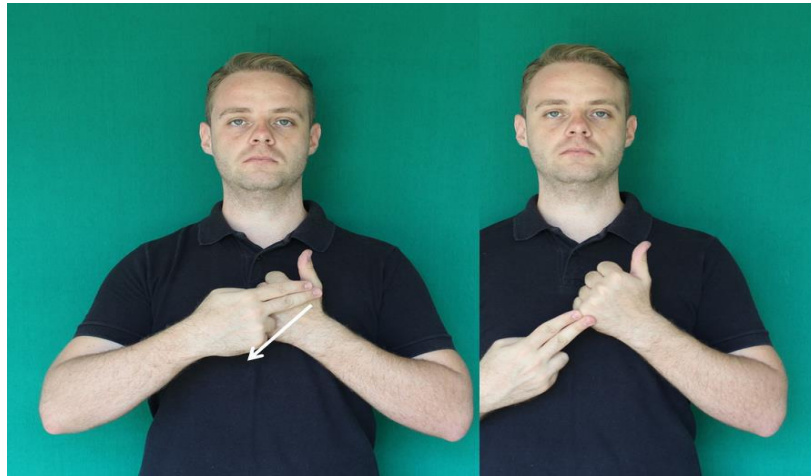


Fonte: Felten (2016, p.100)

Segundo o autor, ao se aplicar o Construto de Faria-Nascimento (2009), é possível analisar o componente A como morfema preso que representa o conteúdo semântico de BRASIL em LSB e o componente B como morfema especificador que representa o IMPÉRIO. A organização dessa estrutura possibilita a derivação do sinal-termo BRASIL IMPERIAL²⁰. Com isso, o sinal-termo registrado tem a marca da carga conceitual que representa a natureza do signo linguístico do termo na LP. Outro dado que contribui para a análise da formação e da criação de novos sinais do léxico de especialidade é o sinal-termo BRASIL REPÚBLICA apresentado por Felten (ibidem, p. 101).

²⁰ Os sinais-termo BRASIL IMPERIAL e BRASIL REPÚBLICA fazem parte do Glossário Sistemico Bilíngue Português – Libras de Termos da História do Brasil criado por Eduardo Felipe Felten (2016), sob a orientação da Professora Dra. Enilde Faulstich. Esses e outros sinais-termo podem ser encontrados no canal do Youtube, no endereço: <https://www.youtube.com/channel/UCOXK-pkMWALGjPk1cuNMUfw>.

Figura 27: Sinal-termo BRASIL REPÚBLICA

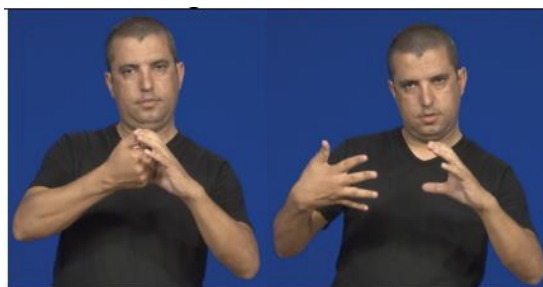


Fonte: Felten (2016, p.101)

Neste exemplo, o autor configura o sinal-termo como Unidade Terminológica Sinalizada (UTS), no qual o morfema-base corresponde ao conteúdo semântico de BRASIL e o morfema-especificador corresponde a REPÚBLICA. Deste modo, o morfema-base representa o sinal-termo BRASIL, que recebe um morfema especificador. Por conseguinte, este concebe a construção conceitual de REPÚBLICA e, assim, permite a formação do sinal-termo BRASIL REPÚBLICA.

Outro trabalho que analisa os mecanismos de formação de novas UTS e UTCS a partir de um morfema-base é o de Nascimento (2016), no Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente. Nele, a autora apresenta o sinal-termo ESPÉCIE como a base para o sinal-termo POPULAÇÃO, que por sua vez, simboliza o sinal-termo que é a base para COMUNIDADE.

Figura 28: Sinal-termo ESPÉCIE²¹

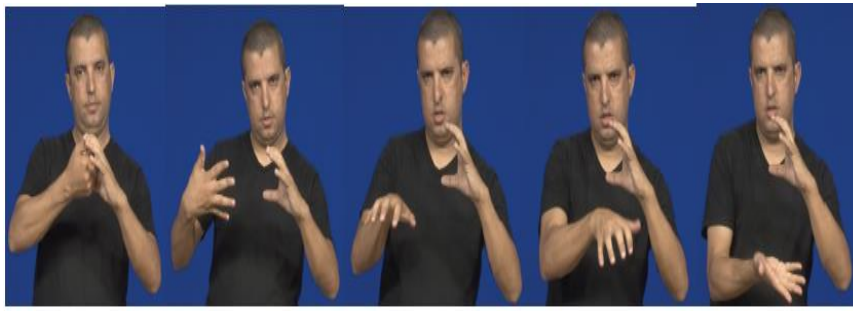


Fonte: Nascimento (2016, p. 146)

²¹ Grupo de seres vivos, bem parecidos, que pode produzir descendentes também capazes de se reproduzirem uns com os outros (NASCIMENTO, 2016).

Figura 29: Sinal-termo POPULAÇÃO²²

Fonte: Nascimento (2016, p. 146)

Figura 30: Sinal-termo COMUNIDADE²³

Fonte: Nascimento (2016, p. 146)

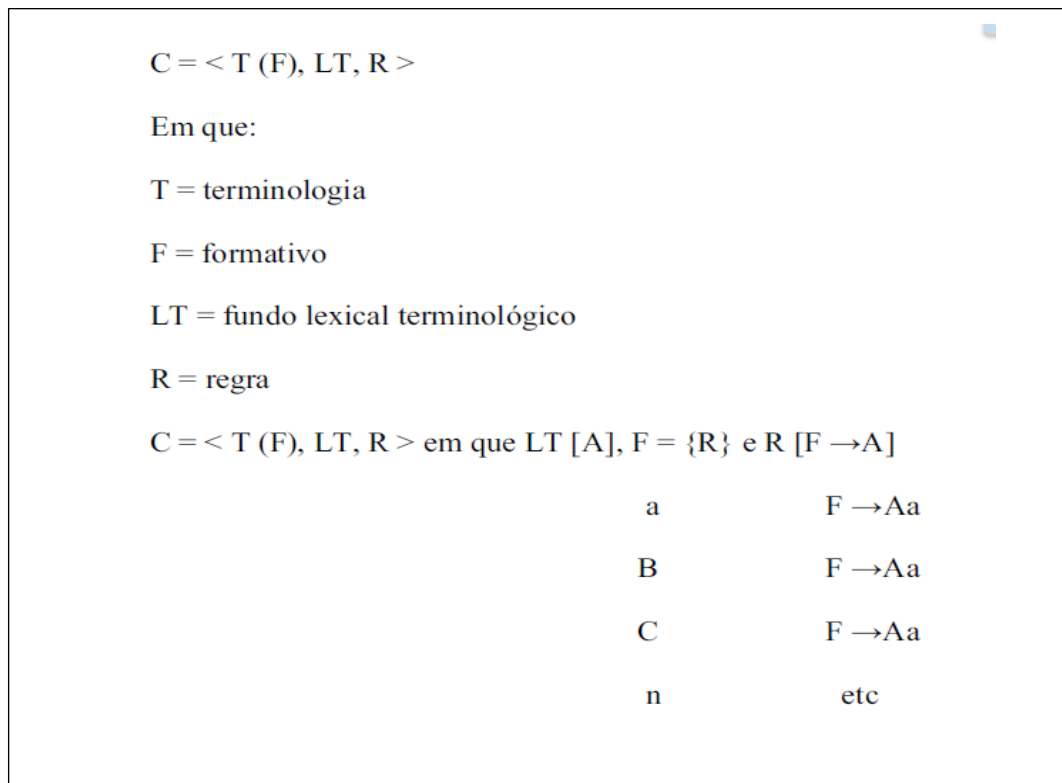
Os sinais-termo recém-apresentados demonstram o construto de Faria-Nascimento (2009), no qual ESPÉCIE é o sinal-termo base para a construção de outros sinais-termo complexos. Desta feita, o campo semântico possibilita a compreensão do morfema-base – que, inicialmente é um morfema livre – para, posteriormente, se tornar elemento originário para a construção de novos termos da área. Sobre os mecanismos de criação de UTCS, é necessário conceber, inicialmente, a constituição do que é uma UTC.

Faulstich (2003), no artigo Formação de Termos, apresenta as regras de construção baseadas no conceito e na definição do termo.

²² Conjunto de indivíduos de uma mesma espécie (NASCIMENTO, 2016).

²³ Várias populações interagindo (NASCIMENTO, 2016).

Figura 31: Constructo de Faulstich



Fonte: Faulstich (2003, p. 14)

De acordo com Faulstich (2003, p. 14), o constructo (C) é igual a equação formada por terminologia (T), que se compõe de formativo (F). Um formativo terminológico pode ser ou um termo simples ($F \rightarrow A$), ou predicado (AB; AaB; ABC etc.). “Portanto é possível afirmar que a unidade terminológica complexa é formada por um contínuo que tem início na base e segue com os predicados. Estes podem apresentar combinações sucessivas, até o ponto de exaustão semântica” (FAULSTICH, ibidem).

Como exemplo, apresentamos a pesquisa de doutorado desenvolvida por Cruz (2013), que trabalha o constructo de Faulstich em seu conteúdo e o aplica em unidades terminológicas complexas da engenharia em LP.

Figura 32: Termo da NBR 6502 utilizado na reaplicação do constructo de Faulstich

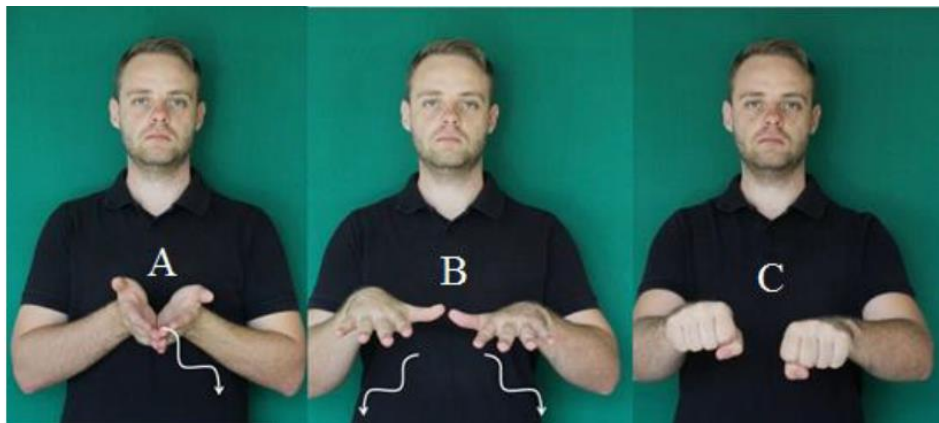
(22) defensas metálicas zincadas por imersão a quente⁴³					[F, T]
A	a	B	C	D	
1. defensas					[AF] R1
2. defensas metálicas	∅ ∅ ∅				[Aa∅∅∅F] R2
3. defensas	∅	zincadas	∅ ∅		[A∅B∅∅F] R3
4. defensas	∅	zincadas por imersão	∅		[A∅BC∅F] R4
5. defensas metálicas zincadas por imersão a quente					[AaBCDF] R5

Fonte: Cruz (2013, p. 113)

Na UTC acima, os formativos se organizam a partir da base inicial e dos predicados que podem ser aplicados à base até a exaustão permitida pela semântica. Segundo Faulstich (2003, p. 14), “um termo atinge a exaustão semântica quando i) é formulado de acordo com as regras da gramática da língua em questão; ii) encerra um conceito evidente; iii) proporciona que seja formulada uma definição.

Há também, na LSB, estudos baseados no constructo de Faulstich a respeito das regras de construção de UTCS. Felten (2016), nos dados apresentados no processo de criação de sinais-termo, registrou um número considerável de UTCS e utilizou o constructo de Faulstich como forma de análise para eles.

Figura 33: Sinal-termo EXPANSÃO MARÍTIMA



Fonte: FELTEN (2016, p. 108)

Na figura 33, Felten (ibidem) apresenta o sinal-termo EXPANSÃO MARÍTIMA que é composto por três ULS: EMBARCAÇÃO (A), MOVIMENTO DO MAR classificador (B) e CONQUISTAR (C). Como o autor afirma, o classificador funciona como ULS autônoma, e atua na composição da UTCS. Vale destacar que as ULS se complementam ao objetivo de possibilitar a construção correta do conceito EXPANSÃO MARÍTIMA. Há, ainda, a possibilidade de predicar mais essa UTCS, se o propósito for definir a especificação da Expansão Marítima, no caso em questão, a Portuguesa.

A partir dos estudos apresentados sobre as UTCS, foi possível criar um novo postulado. De acordo com os dados encontrados nesta pesquisa, postulamos, pois, que a mão ativa ou morfema especificador será sempre o argumento que predica a mão dominante ou morfema preso, visto que a base depende de argumentos na criação de sinais-termo em Libras. (FELTEN, 2016, p. 107).

A partir dos estudos apresentados, surgiu a necessidade de compreender qual a real motivação no processo de criação das ULS, UTS e UTCS dos predicados e dos novos morfemas-base. E mais: o que ocorre na estrutura interna da LSB que, no processo de criação, leva o falante a marcar no sinal-termo os aspectos semânticos? E qual a diferença de constituição entre um sinal e um sinal-termo? Onde inicia o processo de compreensão conceitual?

A partir dos questionamentos acima, reconhecemos que na LSB ocorre uma motivação intrínseca na criação de novos léxicos e termos, uma vez que “no contraste natural que existe entre a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais Brasileira (LSB ou Libras), percebemos que as terminologias científica e técnica exigem um tratamento diferenciado numa e noutra língua, no que se refere à gênese de sinais terminológicos” (FAULSTICH, 2016, p. 1). Portanto, na constituição dos novos sinais que têm o conceito já estabelecido na língua majoritária, a LSB busca uma forma diferenciada de registro dessas mesmas unidades. O caminho não é a tradução de equivalência – termo por termo ou léxico por léxico –, mas sim um pensamento de elaboração do conceito e da definição do objeto na LSB.

Assim sendo, o próximo capítulo se destinará a analisar a natureza do signo linguístico na constituição de sinais-termo de unidades terminológicas (sinalizadas) e de unidades terminológicas complexas (sinalizadas), no empenho de perceber qual é a motivação que permite ao usuário fazer a distinção do uso do sinal comum, em detrimento do uso do sinal-termo no discurso de especialidade.

CAPÍTULO 3

O SIGNO LINGUÍSTICO NA LÍNGUA DE SINAIS: UMA PROPOSTA TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo analisar os mecanismos de criação do sinal-termo, a partir da compreensão do signo linguístico pelo processo conceitual, que se estrutura como uma abstração mental. Para tanto, discutimos as noções de arbitrariedade e de iconicidade, com vista a sua aplicação aos estudos linguísticos das línguas de sinais. Partimos de uma revisão do signo linguístico por meio de duas abordagens: a estruturalista e a funcionalista. Essa escolha advém da percepção relacional de dependência existente entre a estrutura lexical e a estrutura gramatical, uma vez que ambas as naturezas são dependentes entre si. Estes percursos sustentam a proposta teórica de constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB que tem na base a abstração mental do conceito que o objeto representa na mente do interpretante, no caso, o indivíduo surdo.

3.1. O SIGNO LINGUÍSTICO NA FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Quando pensamos em signos linguísticos, lembramos de unidades lexicais, e do que elas representam. Em síntese, são unidades linguísticas, que compõem o léxico de uma língua. Nas LS, essa unidade é representada pelo sinal que, normalmente, é signo advindo da língua de modalidade visual e espacial, por meio do qual o usuário estabelece relação comunicativa com o mundo. Além disso, é pela língua que as estruturas, compostas de palavras ou de sinais, representam as ideias.

Para Saussure (2012²⁴, p. 51), “a língua existe na coletividade sob a forma de uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos”. Dessa maneira, a língua denota sua característica global, tal qual uma repercussão social representada pelo pensar do indivíduo e/ou, ao mesmo tempo, pelo coletivo.

Estudar a língua, bem como suas influências, e modos de organização, significa buscar respostas acerca da estrutura que compõe esse conjunto linguístico social. “A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente” (SAUSSURE, 2012, p. 45). Assim, a língua pode ser entendida como entidade que se propaga no social e não de forma individual.

²⁴ Esta edição foi publicada em 2012, porém, o livro Curso de Linguística Geral (CLG), de Ferdinand de Saussure, é originalmente datada de 1970.

A língua não pode, pois, equiparar-se a um contrato puro e simples, e é justamente por esse lado que o estudo do signo linguístico se faz interessante; pois, se se quiser demonstrar que a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta, e não uma regra livremente consentida, a língua é a que oferece a prova mais concludente disso (SAUSSURE, 2012, p. 111).

Os elementos de estruturação e organização de uma língua – que não possuem intervenção da massa que a usa – derivam do caráter de herança, ou seja, de um uso anterior. “A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja a língua aparece sempre como uma herança da época precedente” (SAUSSURE, 2012, p. 112). De fato, não houve sociedade que conhecesse a língua de outro modo se não pela herança linguística – um produto herdado de gerações.

O caráter histórico da língua evidencia elementos expressivos no que diz respeito à característica da imutabilidade, a saber:

- 1- O caráter arbitrário do signo expõe a língua ao abrigo de toda tentativa de mudança, posto que “a massa ainda que fosse mais consciente do que é, não poderia discuti-la, pois, para que uma coisa seja posta em questão, é necessário que se baseie numa norma razoável” (SAUSSURE, *ibidem*). Isso quer dizer que não há como o indivíduo integrante da sociedade discernir a forma pela qual um objeto deve ser conceituado sem se basear em algo preexistente. Em suma, não há como um grupo social específico fixar uma definição de um objeto que já tenha um conceito ou uma definição no mundo, exceto se não houver correlação em sua língua sobre esse referido objeto. Esse é um ponto de discussão que vai ao encontro da nossa tese e que discutiremos mais à frente.
- 2- A multidão de signos necessários para constituir qualquer língua evidencia a infinidade de elementos e possibilidades que, a rigor, não têm como ser substituída por outra língua.
- 3- O caráter demasiado complexo do sistema não permite conceber que a massa possui capacidade para transformar a língua. Para que tal mudança possa acontecer de fato, o único caminho viável é a intervenção de especialistas, que conheçam a gramática.
- 4- A resistência da inércia coletiva a toda renovação linguística é resultado do fator de conservação que a língua adquire. Por ser usada continuamente pela massa social, não há nela muito espaço, ou ainda, conveniência coletiva para que uma mudança em sua base ocorra. A língua, de todas as instituições sociais, é a que menos oferece oportunidades para uma alteração real.

A partir desses pontos, é possível inferir que a língua é uma estrutura composta por signos imutáveis, porém, essa constatação não é totalmente sólida e indiscutível. Afinal, o que encontramos em todo esse entremeio é o fator tempo que, apesar de garantir a existência – ou não – de uma língua, também é responsável pela alteração dos signos e, conseqüentemente, das línguas. “A alteração no tempo assume diversas formas, cada uma das quais forneceria matéria para um importante capítulo de Linguística” (SAUSSURE, 2012, p. 115). Por fim, essas mudanças são as que dão o caráter de mutabilidade, de alteração da língua – esse fenômeno também é entendido como deslocamento da relação entre os elementos que compõem o signo, ou seja, o significado e o significante.

No livro *Curso de Linguística Geral*, doravante CLG (2012²⁵), há exemplos desse deslocamento da relação entre o significado e o significante. O exemplo *Necare* (latim) – que significa abater, evoluiu no francês para *Noyer*, cujo significado é afogar. Essa dicotomia de mutabilidade e imutabilidade da língua se constitui no universo do conhecimento da massa falante – porção esta que sofre a influência do tempo e reflete seus resultados na sociedade com novas constituições de signos em uma língua.

As Línguas de Sinais, tais quais as Línguas Orais, são constituídas por dicotomias linguísticas na composição do signo. Apesar de as LS serem línguas proibidas por quase um século (STOKOE, 2005²⁶), seu patrimônio linguístico, cultural, social, entre outros, junto a determinados grupos de falantes se consolidou em alguns contextos. De acordo com Strobel (2008), não há registro de onde “surge a primeira língua de sinais”. Semelhantemente, é percebida na história a mesma imprecisão da origem das LO.

Em geral, a língua “[...] aparece sempre como uma herança da época precedente” (SAUSSURE, 2012, p. 112). Da mesma forma, o tempo é um fator de mutabilidade, pois, como os estudos de Diniz (2011) apresentam, existe o deslocamento entre a ideia e o signo quando comparados a LSF e a LSB. Exemplo disso é o sinal NASCER, que passou de LSF para LSB, inicialmente, como o sinal FILHO. Somente na década de 1980, o sinal FILHO passou a ser realizado no peito, como forma padrão dos sinais que não deveriam passar da cintura para baixo do corpo.

²⁵ Reafirmamos que a edição original foi publicada em 1970 e a que utilizamos como fonte de consulta do trabalho é a 34ª edição de Ferdinand de Saussure, publicada em 2012.

²⁶ Esta versão da obra de Stokoe (1960) foi oferecida pela Gallaudet University na ocasião do 10th Anniversary Classics Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf William C. Stokoe, Jr. Ela também foi publicada no *Journal of Deaf Studies and Deaf Education* vol. 10 n.º 1 da Oxford University Press 2005; all rights reserved. doi:10.1093/deafed/eni001.

Assim sendo, tanto as LS como as demais LO possuem caráter linguístico que reitera sua constituição como língua – composta de estrutura e elementos que robustecem seu valor como elemento principal de comunicação entre pessoas – e frisa a relevância dos aspectos epistemológicos que asseguram sua legitimidade.

Entre seus estudos linguísticos, Stokoe (STOKOE, 2005) buscou registrar a historicidade da língua de sinais. “A comunicação por meio dos gestos [...] perpassa o sentido amplo do termo, a língua de sinais é tão antiga quanto o próprio usuário e os primórdios de sua história são igualmente obscuros” (STOKOE, 2005, p. 5). Com essas palavras, ele desconstrói a ideia de que a língua se constitui a partir de pequenos grupos de usuários surdos, dotados de combinações de gestos e mímicas que representam objetos.

Segundo Frydrych (2013, p. 29) “Stokoe tinha em mente a configuração de um sistema de língua, e para isso, buscou uma noção de linguagem que lhe servisse a esse propósito”. Dito isso, entendemos que o estudo de Stokoe (STOKOE, 2005) intentou dar um status linguístico à LS por meio das análises da estrutura interna da constituição dos sinais.

Acreditamos que o objetivo de Stokoe foi alcançado e, com isso, a língua de sinais alçou um status linguístico. Contudo, pesquisas acerca da estruturação interna e constituição do sinal ainda estão irresolutas no ambiente acadêmico.

Nesta pesquisa, buscamos compreender como se estrutura o signo linguístico de uma ULS, UTS e UTCS, pelo fato de alguns discursos acadêmicos ainda tratarem essas unidades como resultado de um processo de tradução entre LP e LSB. Ademais, vale ressaltar que, na tese que defendemos, a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB é baseada na abstração mental do conceito.

Assim sendo, o termo e o sinal-termo correspondem a unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas. Para tanto, consideramos como hipótese a possibilidade de o sinal-termo resultar da elaboração do conceito do termo. Em outras palavras, postulamos que, a concepção do sinal-termo pode ocorrer a partir da captação das características estruturais da própria definição do objeto, pois o signo linguístico das LS, no caso a LSB, constrói uma noção linguística que permite ao sinal e ao sinal-termo atuarem como elementos constitutivos e conceituais na LS.

3.2 O SIGNO LINGUÍSTICO DA LÍNGUA DE SINAIS NA VISÃO ESTRUTURALISTA E FUNCIONALISTA

É possível analisar a constituição do signo por meio de diferentes teorias do significado, porém neste trabalho, demonstramos mecanismos linguísticos que atuam diretamente na constituição de significado, mediante o processo de criação da unidade lexical nas línguas de sinais. Para tanto, retomamos pesquisas que descrevem a noção do signo linguístico pelo viés de duas abordagens: estruturalista e funcionalista. Esta escolha advém da percepção relacional de dependência existente entre a estrutura lexical e a estrutura gramatical, uma vez que ambas as estruturas são variáveis e dependentes entre si, como se percebe na citação a seguir:

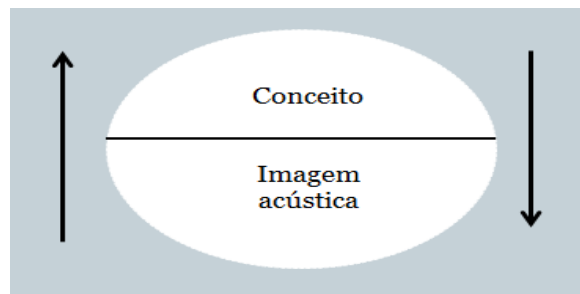
Justificamos este caminho com base na hipótese funcionalista, segundo a qual a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação em que a comunicação entre os interlocutores se faz necessária. Entendemos que, se a estrutura gramatical é dependente do uso, o mesmo se passa com a estrutura lexical, uma vez que léxico e gramática são indissociáveis (FAULSTICH, 2007, p. 143).

Como acentua Faulstich (2007), o léxico não é uma unidade isolada, uma lista de palavras, mas sim uma estrutura lexical ligada ao arcabouço gramatical que incide sobre a organização da língua nos processos de comunicação. À vista disso, o léxico está ligado à gramática na constituição de uma língua, portanto, apresenta elementos determinantes para o contexto de uso da língua nas relações sociais.

3.2.1 O signo linguístico na visão estruturalista

No que diz respeito à natureza do signo linguístico, entendemos que pode ser compreendida mediante duas perspectivas – semelhantemente a uma moeda, que possui duas faces complementares e associadas entre si – são elas: i) o som e a imagem acústica relacionados ao conceito que o falante tem do estado de coisas; ii) o conceito propriamente dito. “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2012, p. 108).

Figura 34: Signo linguístico



Fonte: Saussure (2012, p. 107)

Na imagem acima (figura 34), o autor apresenta o signo mediante a sua representação dividida em duas facetas. A partir dessa estruturação conceitual, Saussure (ibidem) concebe a hipótese de só existir conceito se houver uma imagem acústica aliada a este. No entanto, o linguista percebe que o uso desses dois termos – conceito e imagem – despertam uma questão terminológica, a saber a de que a imagem acústica é mais forte do que o conceito. Isso não é possível. Afinal, “se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime conceito “arvore” de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a total” (SAUSSURE, 2012, p. 107).

Dessa forma, Saussure (SAUSSURE, 2012) alerta para o conceito que deve ser elaborado a nossa volta, uma vez que a imagem não simboliza um som material, mas sim uma impressão mental e psíquica dessa representação que gera um sentido, um conceito. Portanto, trata-se de uma “entidade psíquica de duas faces”, que permite o entendimento do signo por meio de duas faces constantes. Desse modo, a realização desse processo é mental e não sonora; sobre essa realização afirma Frydrych (2013, p. 32): “A língua é formada por unidades materiais e mentais, não necessariamente auditivas. Assim nas línguas de sinais também depreendemos essa correspondência de componentes”.

Saussure (ibidem) conserva o termo *signo* para designar o total e substitui *conceito e imagem acústica* por, respectivamente, *significado e significante*:

Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; esses dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a signo, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos porque substituí-los, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro (SAUSSURE, 2012, 107).

Figura 35: Estrutura do Signo linguístico baseado em Saussure



Fonte: adapt. Saussure (2012, p. 107)

A conversão conceitual dos termos demonstra que Saussure tem consciência da abstração que a imagem representa não apenas como um elemento sonoro, constituído de outros elementos sonoros, mas também como a imagem mental que possibilita ao indivíduo ordenar e organizar a própria língua. A ideia que se quer passar é a da autonomia da língua com pensamento e forma de comunicação, ou seja, existe uma faculdade mais geral que comanda o signo não pela estrutura corporal, dependente de órgão, mas pela faculdade da língua, pela excelência.

O pensamento do signo, como uma entidade estrutural que possibilita ao significado e significante a organização e a discriminação dos elementos da língua, é a base de concepção da relação entre significado e significante. Essa associação, por ser mental, não gera evidência física de relação entre as duas faces. Assim, “o laço que une o significante ao significado é arbitrário. O signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2012, p. 108). Com isso, as duas afirmações evidenciam que a união dos dois elementos é arbitrária, isto é, não há uma causa ou uma necessidade evidente para essa união. Concluimos, então, que o signo é imotivado.

Dentro da concepção de signo linguístico de Saussure, é possível atribuir a este, duas características primordiais: i) o princípio da arbitrariedade do signo e ii) o caráter linear do significante²⁷.

A arbitrariedade parte da relação entre significado e significante ou, na verdade, da não relação entre as duas faces que constituem o signo. Assim sendo, é possível inferir que não há uma motivação intrínseca entre as estruturas de constituição – elas são arbitrárias. O

²⁷ A respeito da linearidade, este é um princípio que se aplica às unidades do plano da expressão (fonemas, sílabas, palavras), por serem estas emitidas em ordem linear ou sucessiva na cadeia da fala. Apesar de ser a base das relações sintagmáticas, este princípio não está relacionado ao nosso objeto de estudo. Portanto, não aprofundaremos o assunto.

exemplo apresentado na obra *Curso de Linguística Geral - CLG* (2012, p. 108) retrata essa relação de arbitrariedade.

Ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada por outra sequência. Isso pode ser constatado por meio dos termos, que são diferentes nas línguas (SAUSSURE, *ibidem*).

Essa arbitrariedade do signo possibilita entender que o significado e o significante são elementos distintos – massas amorfas – que, no recorte da língua, possibilitam a formação do signo linguístico. Essa relação, entre as estruturas convencionadas na língua, utiliza espaços diversos até se tornarem herança linguística para novas gerações e novos contextos sociais. A exceção disso é o fator tempo, que pode diminuir a frequência de uso de uma palavra, até o momento em que é considerada “morta” em determinada língua – tornando-a sem significado –, ou pode ressignificar esse signo pelo uso e empréstimo, ou ainda por imposição do valor linguístico por determinados grupos, quando este signo passar a constituir um novo signo linguístico.

“A qualquer época que remontemos, por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como uma herança da época precedente” (SAUSSURE, 2012, p. 112). No caso, cabe questionar se não houve ou há sociedade que conheça a língua de outro modo que não seja como uma herança linguística, um produto herdado de gerações.

A partir dos pontos explicitados, é possível inferir a língua como uma estrutura composta por signos imutáveis ou que mudam muito lentamente, porém, esse não é um fato definitivo. O tempo, apesar de garantir a existência, ou não, de uma língua, também é responsável pela alteração do signo, isto é, da língua. “A alteração no tempo assume diversas formas, cada uma das quais forneceria matéria para um importante capítulo de Linguística” (SAUSSURE, 2012, p. 115).

Dessa maneira, é possível perceber a importância do signo linguístico na formação de novas palavras, assim como a sua indispensável presença na estrutura da língua, que pode ser perpetuada pela herança linguística de um povo ou sofrer a mutabilidade pelo tempo, ou ainda esse princípio ocorre pela história e pela herança. Além disso, pensar no princípio da arbitrariedade, ou melhor, na aplicação dessa nova formação, é evidenciar que, mesmo arbitrário, há uma motivação intrínseca nesse preceito e que ele não necessariamente precisa ser relacionado à forma física, pode ser entendido também na forma mental.

A formação de novas palavras é um fenômeno básico das línguas e acontece dentro de grupos sociais que se ampliam pelo tamanho, crescem, mudam suas características e

estabelecem novos padrões continuamente. Por causa de todos esse dinamismo, temos a arbitrariedade nesse contexto, também convencionalizada pela herança linguística. Novos signos perpetuam padrões, assim como a presença da arbitrariedade nesse fenômeno resulta na consolidação de convenções a partir de arquétipos hereditários.

Um exemplo disso é o que ocorre com o radical hipo – de raiz grega – que está relacionado ao significado de cavalo. Nesse caso, não há motivação entre as estruturas. No entanto, na formação de novas palavras que também não possuem motivação do tipo sonora ou visual, a regra estabelece que se deve manter o mesmo radical em caso de palavras de herança histórica – como hipódromo, hípica e hipismo. Com isso, essa marca passa a ser o que consideramos uma iconicidade mental, posto que a forma percebida não se refere à coisa ou à forma, mas sim a uma motivação conceitual. Desta feita, para abordar a questão da motivação, trataremos do conceito de signo linguístico na perspectiva de Charles Sanders Peirce (1839-1914).

3.2.2 O signo linguístico na visão funcionalista

Na visão funcionalista, a estrutura lexical, assim como a estrutura gramatical, contém variáveis dependentes que possuem características motivacionais relacionadas ao meio, ou seja, no contexto de uso. Entre os teóricos que reconhecem o valor do meio na elaboração da concepção do objeto real, está o meio e o interpretante dinâmico – conexão que se realiza dentro da mente de uma pessoa. Peirce (1839-1914), um lógico matemático, foi um dos autores que concebeu a mais elaborada e decidida explicação alusiva aos sinais e seus significados (OGDEN e RICHARDS, 1976, p. 279). No livro *Semiótica* (2015²⁸) eles demonstram interesse pela conceituação e significação das coisas, assim como pela formação e constituição do signo:

Um signo, ou *Representâmen*, é aquilo sob certo aspecto ou modo, que representa algo para alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *Interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que o autor denomina *fundamento* do *Representâmen*. Um Signo é um *Representâmen* com um *Interpretante* (e mental (PEIRCE, 2015²⁹, p. 46).

Para Peirce (ibidem), o signo representa algo que provoca ou modifica a ideia. É a forma de comunicar à mente algo exterior. Com isso, podemos compreender que o signo cria

²⁸ PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Segunda reimpressão da 4ª edição de 2010. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2015. Título original – *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*.

²⁹ Vide nota de rodapé 28.

mediações reais nos contextos em que está relacionado, visto que traz consigo algo significante: seu objeto. Ademais, não é apenas a coisa ou a situação que importa, mas sim a forma de uso do signo no meio. Por outro lado, o objeto é algo representado pela ideia da parte compreendida, não do todo. Essa relação é intermediada pelo terceiro termo, o interpretante, e traspassa a ideia de que o signo provoca uma significação na comunicação.

Dessa forma, no sistema teórico de Peirce (ibidem), o signo não pode estar desvinculado do objeto, dado que o próprio objeto gera o signo para um interpretante.

À vista disso, o objeto é necessário à representação que o cientista faz da realidade por configurar um elemento indissociável ao signo. Desta feita, o signo não é a marca ou o nome de um objeto, ao contrário, ele corresponde à representação indireta gerada na mente de um indivíduo e, para certos propósitos, na mente de outrem (PEIRCE, 2015, p. 47).

Todo esse pensamento é estruturado em um esquema triangular. Neste, o signo não pode estar desvinculado do objeto, pois é ele que gera o signo para um interpretante. Segundo Ogden & Richards (1972, p. 280), o esquema triangular de Peirce pode ser entendido como:

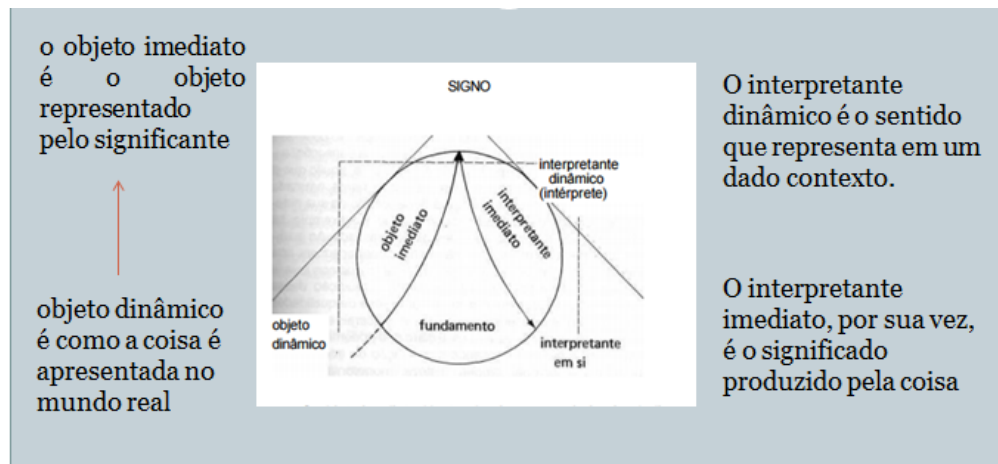
O objeto imediato [...] é o objeto tal como o próprio sinal o representa e cujo ser depende, pois, da sua representação no sinal, do objeto dinâmico, que é a realidade, a qual, por determinados meios, consegue determinar o sinal para a sua representação. [...] o interpretante imediato é o sinal tal como revelado na correta compreensão do próprio sinal e é vulgarmente chamando de ‘significado’ do sinal; [...] interpretante dinâmico é o efeito concreto que o sinal, como sinal, realmente determina.

Com base nessa explicação, podemos inferir que o signo possui uma estrutura complexa composta por três elementos principais: o fundamento, o objeto e o interpretante – estes dois últimos possuem subdivisões denominadas, respectivamente, Objeto Imediato e Objeto Dinâmico, Interpretante Imediato e Interpretante Dinâmico.

O fundamento do *representámen* do signo é estruturado por aspectos e propriedades que possibilitam ao signo ser um objeto imediato presente no próprio signo, isto é, a representação do objeto dinâmico, sua percepção e sua ideia. O objeto dinâmico, por sua vez, representa a realidade observada pelo intérprete, o falante.

De forma pragmática, podemos entender o interpretante imediato como aquilo que o signo está apto a produzir, basear a sua natureza e o seu fundamento. Portanto, ele se configura dentro do signo. O interpretante dinâmico simboliza a produção na mente do indivíduo que pensa e percebe um ou múltiplos significados do mesmo objeto. Toda essa estrutura gera um signo produzido na mente e representado no meio social, no uso da linguagem. A figura seguinte sintetiza o objeto modal de Peirce.

Figura 36: Signo de Peirce



Fonte: Faulstich (2007, p. 147 *apud* PEIRCE, 1975)

Nesta pesquisa, com base na figura 36, evidenciamos o caráter essencial da abstração³⁰ mental como elemento do interpretante dinâmico. Isso posto, entendemos que o *representámen* simboliza o espaço no qual o signo representa algo para alguém. Outrossim, é a figura mental gerada pela interiorização de um ícone representante nas línguas orais ou no mundo social, isto é, o pensamento da língua inserido na cultura.

A tríade ilustrada anteriormente representa a primeira tricotomia de Peirce (2015, p. 83), onde o “signo é uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral”.

Na segunda tricotomia Peirce (*ibidem*), entende a relação do signo para com o objeto ou em relação ao interpretante, por um sistema tríade, denominado por ele como: Ícone, Índice e Símbolo, que vamos definir logo a seguir.

Um **Ícone** é um signo que se refere ao Objeto que denota a virtude de seus próprios caracteres. Segundo Faulstich (2007, p. 153) um ícone, do grego *eikón* (imagem, representação) é um signo que está inserido em uma relação de semelhança, similaridade ou analogia como o objeto designado. A partir desse princípio, constatamos a relação de motivação entre um ícone e o respectivo referente.

Dito de outro modo, um ícone é um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico, em virtude da sua própria natureza interna. No desempenho da função, um signo está dirigido a alguém e cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo ainda mais desenvolvido. Este signo criado é o que se chama de “interpretante” do primeiro signo (FAULSTICH, 2007, p. 153).

³⁰ Segundo Peirce (2015, p. 45), o processo de abstração é, em si mesmo, uma espécie de observação. A faculdade que denomino de observação abstrativa é perfeitamente reconhecível por pessoas comuns.

Assim, qualquer elemento, seja uma qualidade, algo individualizado – uma imagem – ou agrupado – uma lei –, é considerado **Ícone**, na medida em que for semelhante ou análogo ao elemento utilizado como um signo.

A título de exemplo, o primeiro signo citado por Faulstich (ibidem) refere-se às três categorias criadas por Peirce, como um reflexo do pensamento Fenomenológico. Segundo Peirce, todo fenômeno, pensamento e experiência ocorrentes na mente humana passa por uma ordem de três fases, de três categorias: a Primeiridade, a Secundidade e a Terceiridade – assunto este que abordaremos mais à frente.

Um **Índice** é um signo que se refere ao objeto. Contudo, não é imputado a ele alguma similaridade ou analogia qualquer, tampouco o fato de estar associado a caracteres gerais do objeto O Índice simboliza, na verdade, a conexão dinâmica tanto com o objeto individual quanto com os sentidos ou memória da pessoa que o utiliza.

Segundo Peirce (2015, p. 76), os índices se distinguem de outros signos por meio de três traços característicos: i) não tem nenhuma semelhança com seus objetos; ii) referem-se a individuais conceituais, unidades singulares, coleções de unidades ou contínuos singulares e iii) dirigem a atenção para seus objetos por compulsão cega³¹.

Para Faulstich (ibidem) “o Índice é um signo determinado pelo seu Objeto dinâmico, em virtude de estar numa relação real com este”. Assim, o objeto dinâmico leva ao pensamento o objeto do mundo real. O Índice é um fragmento retirado da coisa e, por conseguinte, se refere ao objeto que ele representa. A seguir, alguns exemplos de índice:

1. Atmosfera com nuvens escuras é índice de chuva;
2. Um barômetro a marcar pressão baixa e ar úmido é índice de chuva; e
3. Um cata-vento é um índice da direção do vento.

O **Símbolo** representa um signo que se refere ao objeto que denota devido a uma “lei”. Isso quer dizer que o símbolo é uma lei ou regularidade do futuro indefinido. Seu Interpretante, assim como o Objeto imediato devem obedecer à descrição do Símbolo. Após a consolidação do hábito, mediante o uso e a compreensão como tal, ou do estabelecimento da sua convenção, o Símbolo poderá, então, ser considerado um signo.

³¹ Para Peirce, esta terceira característica é impossível de ser criada: “Mas seria difícil, senão impossível, citar como exemplo um índice absolutamente puro, ou encontrar um signo qualquer absolutamente desprovido da qualidade indicial” (PEIRCE, 2015, p. 76).

Em demonstração à abstração que perpetua todos os seus registros, Peirce (2015) alerta que o constituinte de um Símbolo pode ser um Índice, da mesma forma que outro constituinte de um Símbolo pode ser um Ícone.

Um homem, que caminha com uma criança, levanta o braço para o ar, aponta e diz: “Lá está um balão”. O braço que aponta é uma parte essencial do símbolo, sem a qual este não veicularia informação alguma. Mas, se a criança perguntar: “O que é um balão?”, e o homem responder: “É algo como uma grande bolha de sabão”. Ele torna a imagem uma parte do símbolo (PEIRCE, 2015, p. 71).

O objeto descrito anteriormente descreve um símbolo de caráter social (o braço apontado para cima, em direção ao balão), cujo simbolismo do balão é a ênfase no elemento individual – a explicação do balão como uma bola de sabão. Em suma, o símbolo ocorre devido à presença do interpretante – que é o caminho da significação.

Com a tríade Ícone, Índice e Símbolo descrita, voltaremos a analisar neste momento as categorias fenomenológicas, cuja definição iniciamos nas linhas precedentes. São elas: a Primeiridade, a Secundidade e a Terceiridade.

A Primeiridade corresponde à imagem de seu objeto e, em termos mais precisos, designa o ser tal como ele é em nível primário. É a ideia imediata do fenômeno que relaciona o objeto ao seu sentido real.

A Secundidade consiste na materialização, ou seja, no contato com alguma outra coisa que leva a uma modificação, a uma nova relação de compreensão do fato. A Secundidade gera o desconforto, o conflito, a resistência. Podemos defini-la como o estágio de despertar um efeito na mente que pode levar a uma nova significação.

A Terceiridade é a mediação ou modificação da Primeiridade e da Secundidade pela Terceiridade. É o momento em que surge a representação, a inteligibilidade do fenômeno por parte do intérprete, ou seja, o pensamento em signo.

Diante da análise do signo linguístico, na visão de Pierce, em especial pelas Categorias Fenomenológicas que permitem analisar as etapas de constituição de conceito do signo, passamos a analisar a expressão: “despertar um efeito na mente, uma inquietação que pode levar a uma nova significação”. Na nossa visão, a ideia contida na frase vai ao encontro da constituição de base de nossa tese, uma vez que a cognição que ocorre no mecanismo de formação em LSB é uma inquietação, uma inteligibilidade alusiva ao sinal que, muitas vezes, é inserido erroneamente no contexto de especialidade. Como Faulstich (2007, p. 155) afirma “o objeto dinâmico é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos”.

Isto posto, entendemos que o objeto dinâmico, quando criado fora do seu contexto de especialidade, não configura o signo linguístico com o interpretante relacional e correto. Quando isso ocorre, a língua, como elemento de constituição social, usa novas tentativas para contemplar seu usuário – caso falhe, ela passa nova inquietação e refaz todo o seu sistema.

Diante desse aprendizado, iniciamos um novo pensamento a respeito da criação de termos na LSB, calcados na representação da tríade de Peirce (2015), em que a LS é compreendida pela perspectiva da constituição da língua como um elemento linguístico puro e não uma tradução da LO. Mediante essa concepção, abordaremos, no próximo tópico, o processo de criação do sinal-termo na estrutura conceitual de um glossário bilíngue, com base na estruturação do signo linguístico de Peirce (ibidem).

3.3 O SINAL–TERMO NA ESTRUTURA CONCEITUAL DE UM GLOSSÁRIO BILÍNGUE

A elaboração de obras lexicográficas para falantes de línguas orais é uma prática constante no ambiente linguístico, seja social, seja educacional, seja especializado. Em geral, devem ser realizadas por especialistas Lexicógrafos e Terminólogos atuantes nas áreas de elaboração, registro e análise de obras afins, destinadas à sociedade em geral ou em áreas específicas.

As línguas de sinais, em especial a LSB, são línguas ainda carentes de produção científica e especializada na elaboração de dicionários, sejam eles monolíngues, bilíngues ou semibilíngues. Como apresentamos no primeiro capítulo, existem, no ambiente acadêmico, pesquisas científicas já defendidas que evidenciam a necessidade de um aprofundamento na área. Faulstich (2007) apresenta no artigo “Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez”, o pensamento conceitual necessário para elaborar um dicionário em conformidade com seu público-alvo, no caso, os falantes de LS.

[...] é preciso que um dicionário seja elaborado em conformidade com o público-alvo, no intuito de informar com clareza o significado das palavras. É sabido que um significado fica prejudicado se as propriedades e as características dos objetos descritos omitirem traços básicos. (FAULSTICH, 2007, p. 143).

Desta forma, registrar o significado de léxicos, tanto comuns quanto específicos, exige do profissional Lexicógrafo e/ou Terminógrafo competência para discernir o elemento representacional do signo grafado ou sinalizado na obra.

É sabido que um glossário representa um sistema correlacionado de signos afins, nos quais sem espaço a significação ocorre pela descrição da palavra entrada, ou, no nosso caso,

do sinal-termo entrada. Contudo, o signo linguístico do sinal-termo, que pode ser uma unidade terminológica sinalizada (UTS) ou unidade terminológica complexa sinalizada (UTCS) não pode ser compreendido como a tradução do termo originário da LO. Também há a possibilidade, no glossário, de unidades lexicais sinalizadas, inseridas no discurso da especialidade, serem organizadas e registradas na mesma entrada do termo da LO.

Assim sendo, defendemos que a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB represente uma estrutura distinta, do que seria de uma equivalência do termo em LS, pois pelo aspecto conceitual, ressignificado pelo interpretante, no caso o indivíduo surdo o sinal e o sinal-termo se distinguem pelo uso no discurso que pode ser específico ou comum. À vista disso, é possível depreender o termo e o sinal-termo como unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização específicas. Para isso, consideramos como hipótese a possibilidade de o sinal-termo resultar da elaboração do conceito do termo, porque a concepção do sinal-termo é passível de ocorrer a partir da captação das características estruturais da própria definição do objeto.

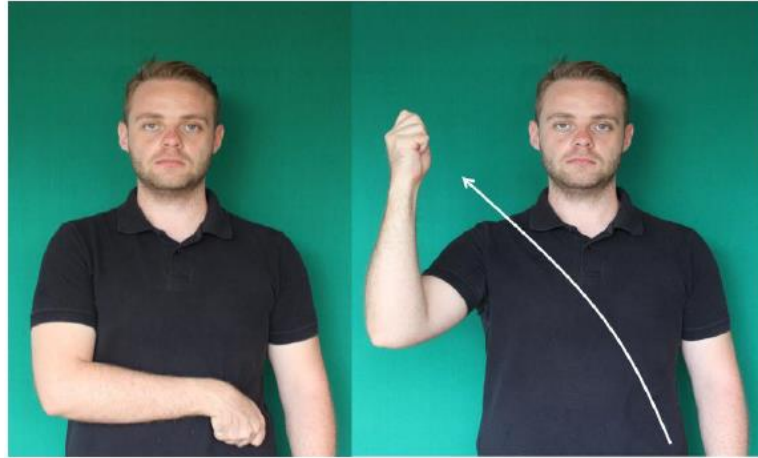
Como afirmamos anteriormente, os sinais da LS foram considerados cópias das formas dos objetos do mundo real – ícones com base no conteúdo da forma. Não obstante isso, algumas teorias entendiam, inicialmente, que a iconicidade na LS era o único mecanismo de criação de sinais. Em cursos de formação de Língua de Sinais Brasileira (LSB), por exemplo, era comum os alunos de nível básico, leigos de formação, perguntarem a origem do sinal: “Por que o sinal de vermelho é assim?”, “Por que o sinal de pão é desse jeito?”. E, normalmente, o professor ou o instrutor respondia com um movimento ou gesto que remetesse ao objeto real. Desta feita, a iconicidade não deriva da forma pura ou do conteúdo.

A iconicidade deve ser entendida, na LSB, como o pensamento abstrato, comum a todos os usuários da língua, que possibilita a compreensão do fato e do conceito pela ideia que o objeto representa para o interpretante.

Felten e Faulstich (2014) descrevem a importância da iconicidade como elemento de formação de conceitos, a partir do trabalho de criação de sinais-termo fundamentados em imagens históricas. Na pesquisa, a concepção de sinais-termo na LSB evidenciou erros que podem ocorrer quando a forma e o conteúdo são considerados prioritariamente na forma icônica, em vez de considerar o conceito. Que deve ter início no ponto de vista do signo linguístico, de acordo com a informação conceitual nas diversas áreas.

A imagem, a seguir, exemplifica a influência da forma e do conteúdo na criação do sinal.

Figura 37: Sinal INDEPENDÊNCIA DO BRASIL



Fonte: Felten (2016, p. 33)

Figura 38: Imagem da obra *O Grito do Ipiranga*

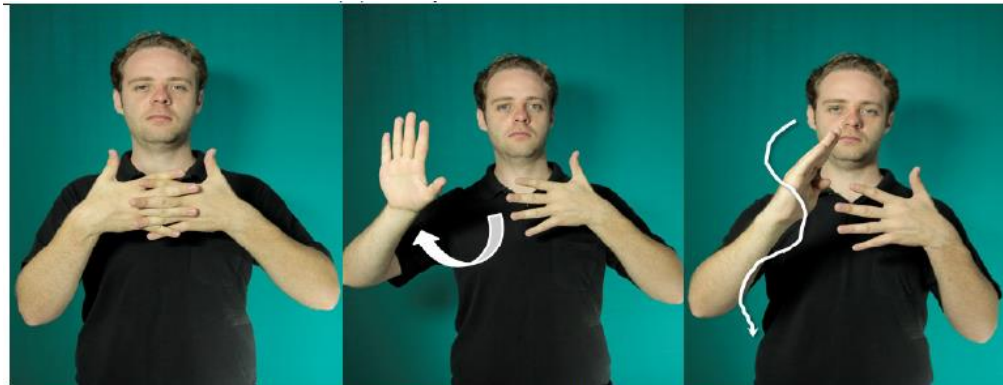


Fonte: Pedro Américo: Óleo sobre a tela, 415 cm × 760 cm, Museu Paulista da USP (1888).

Como podemos perceber, o sinal, na figura 38, não tem um fundo conceitual. Na situação em questão, apenas a imagem do quadro foi levada em consideração nesse processo. Na pesquisa de mestrado realizada por Felten, sob a orientação de Enilde Faulstich, por exemplo, o evento histórico foi analisado pela definição do termo, ou seja, pelo processo da Metalexigrafia, que analisa o termo, bem como sua função ou aplicabilidade.

A partir da significação pela definição, um novo signo linguístico é criado. Isso quer dizer que a percepção do conceito do objeto dinâmico passa por um processo de insatisfação no que diz respeito à concepção do interpretante. No entanto, essa formulação só se concretiza quando o interpretante tem conhecimento do conceito estrutural e funcionalista do termo. Desse modo, o movimento contínuo determinado por Peirce reinicia o processo de criação do signo, antes mesmo de ser formalizado, por não satisfazer a contemplação do fenômeno em si.

Figura 39: Sinal-termo INDEPENDÊNCIA DO BRASIL



Fonte: FELTEN (2016, p. 33)

A figura 39 mostra a iconicidade mental do momento histórico. Nela, é possível comunicar aos falantes da língua o conceito de “O que é?” e “Para que serve?”. Ademais, a imagem permite que as partes dos sinais, denominadas por Faria-Nascimento (2011) como morfema-base, sejam analisadas de forma precisa. O sinal-termo acima, baseado no conceito, ou seja, na abstração mental, demonstra a carga conceitual que o sinal-termo detém.

No nosso objeto de estudo esse fenômeno foi recorrente e acreditamos que isto se deu em virtude da natureza dos termos linguísticos da nossa pesquisa. Em sua maioria, são termos que não têm uma representação quanto à forma e à imagem no mundo real, contudo tem em suas definições marcas conceituais. Vejamos, como exemplo, a ficha de CRÉDITO termo no meio acadêmico:

Quadro 1: Ficha do termo CRÉDITO

Número da ficha: 011	
Termo: crédito	
Definição original: 1 (um) crédito corresponde a 15 (quinze) horas-aula, em trabalho efetivo sob coordenação docente, que podem ser com aulas teóricas ou práticas (GUIA DO CALOURO, 2016, p. 26)	
Decomposição da definição	
O QUE É?	Valor
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	Mostra valor de uma hora/aula da disciplina ou atividade extensão monitoria
Definição reformulada: mostra o valor de uma hora/aula da disciplina ou atividade de extensão ou de monitoria. (TUXI, 2016)	
Remissivas: disciplina.	

Fonte: (adapt NASCIMENTO, 2016)

No intuito de analisar o sinal registrado em glossário ou dicionário impresso ou virtual, buscamos a terminologia crédito em LS. Encontramos o sinal abaixo.

Figura 40: Sinal CRÉDITO



Fonte: Instituto Incluir Tecnologia³²

Na figura 40, o sinal criado foi baseado no procedimento de uso do cartão de crédito em tempos pretéritos (apesar de máquinas de modelos antigos não serem mais utilizadas). Em consequência a essa defasagem, o sinal em evidência não tem como ser adaptado para o ambiente acadêmico atualmente, mesmo porque a criação do sinal-termo no meio acadêmico passa pela compreensão conceitual do signo linguístico.

Para a criação do sinal-termo CRÉDITO foi preciso incluir no significado a palavra valor, dentro do contexto de disciplina acadêmica. Valor, apesar de marcar uma quantidade, não se refere a questão financeira ou a grandeza monetária. Ademais, o número destinado a crédito é marcado pelas horas/aula de determinada disciplina. Assim, o sinal-termo passa a ter relação com três elementos: disciplina, horas/aula e valor. Esse processo metalinguístico de compreensão do conceito conduziu para o sinal-termo crédito como aparece a seguir:

Figura 41: Sinal-termo CRÉDITO



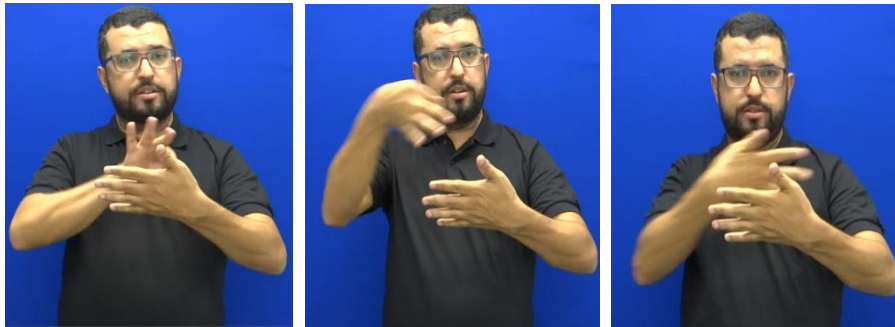
Fonte: Tuxi (2017)

³² Conteúdo acessado em 06/01/2017 no endereço <https://youtu.be/PctVmWYUdI>.

Entendemos que a figura 41 apresenta um exemplo da representação mental, uma vez que foi criada como signo linguístico do sinal-termo CRÉDITO. Esta criação sucedeu a partir da constituição do signo-linguístico do sinal-termo diante do conceito que o objeto representa na mente do usuário da língua. Assim, é possível afirmar que o sinal-termo resulta da elaboração do conceito do termo pela caracterização que é organizada mediante a compreensão do objeto. Constatamos então, que a abstração conceitual, é necessária na proposta de criação do sinal.

Um outro exemplo de como o signo-linguístico possibilita distinguir o sinal do sinal-termo é o que apresentamos para o sinal-termo CALENDÁRIO ACADÊMICO.

Figura 42: Sinal-termo CALENDÁRIO ACADÊMICO



Fonte: Tuxi (2017)

A sequência de imagens acima compõe o sinal-termo CALENDÁRIO ACADÊMICO. Duas imagens iniciais formam o sinal de CALENDÁRIO, o que nos leva a inferir que o sinal é igual ao sinal-termo. Contudo, a última imagem significa o conceito de registro das atividades acadêmicas que são retratadas no calendário acadêmico e que, na constituição do sinal-termo, dão o tom de área de especialidade. No conjunto, a figura 43 mostra a elaboração conceitual da imagem de calendário acadêmico, um sinal-termo passível de ser classificado como um elemento resultante da elaboração mental.

Para finalizar este capítulo, confirmamos que a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB tem sua base na abstração mental do conceito que o objeto representa na mente do interpretante e que, por isso, o termo e o sinal-termo são unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização distintas na LSB. Destacamos também que o sinal-termo, por resultar de um conceito elaborado, apresenta características vinculadas ao processo de criação. Essas particularidades nos permitiram estruturar as

seguintes categorias: i) iconicidade mental (FAULSTICH, 2007); ii) representação processual e iii) abstração conceitual.

Essas três proposições se baseiam na Teoria dos estudos Terminológicos do sinal-termo desenvolvido por Faulstich (2016). Vale lembrar que esse modelo pressupõe a existência distintiva, na língua de sinais, entre sinais usados na linguagem comum e os empregados nas linguagens de especialidade, razão pela qual a autora criou a designação sinal-termo para responder às necessidades contextuais e cotextuais em que o léxico é empregado nas Línguas de Sinais (FAULSTICH, 2016, p. 4).

Diante do que foi exposto até este capítulo, entendemos que as obras lexicográficas devem esclarecer o significado apresentado de cada sinal ou sinal-termo não pela cópia da LO, mas pela representação que a iconicidade mental constitui na LS. Assim, o sinal-termo e o termo não podem ser registrados e organizados na mesma entrada, pois, apesar de serem conceitos similares no mundo real, são distintos quanto à concepção estrutural.

No próximo capítulo, faremos uma análise de dicionários e glossários bilíngues e semibilíngues, tendo a Língua de Sinais Brasileira como objeto de análise; também observamos a descrição do registro e a organização dos sinais-termo nessas obras.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DO REGISTRO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA E AVALIAÇÃO DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS

Os aspectos da Lexicografia e da Terminografia da Língua de Sinais Brasileira (LSB), com destaque para glossários, vocabulários e dicionários bilíngues e semibilíngues são tema deste capítulo. O objetivo é identificar os elementos de constituição da macroestrutura e microestrutura nas línguas propostas. Essa análise nos permitirá perceber as formas de registro e organização que as obras utilizaram e, assim, estabelecer uma diretriz crítica como proposta de registro e organização do Glossário Bilíngue, LSB-LP de Termos Técnicos e Administrativos do meio acadêmico.

4.1 DICIONÁRIOS, GLOSSÁRIOS OU VOCABULÁRIOS ESPECIALIZADOS: UM OLHAR SOBRE AS OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS COM LÍNGUA DE SINAIS.

A produção de dicionários, glossários e vocabulários no contexto da Língua de Sinais Brasileira aumentou consideravelmente na última década. Entre as possibilidades que justifiquem esse crescimento, podemos destacar: i) reflexo da política linguística da língua de sinais, que está em constante movimento de validação social no Brasil; ii) lacuna lexical e terminológica na esfera do discurso comum e de especialidade em, LSB, principalmente nos ambientes educacionais, de segurança e de saúde; iii) escassez de materiais específicos e estruturados para consulta em LS; e, iv) aumento das pesquisas realizadas no âmbito da Linguística, em especial, na área de Lexicologia e Terminologia.

A expansão da LSB é um reflexo do crescimento da língua no espaço social. A partir da Lei 10.436/2002³³ e do Decreto 5.626/2005³⁴, o contexto de uso da língua aumentou e a necessidade de organizar o léxico e a regra de funcionalidade tornaram-se fundamentais. Para Faulstich (2010, p. 168), “[...] as línguas são por natureza, sistemas de representação, regidas por palavras e regras. Nesse caso, o melhor lugar de representar o que pensam os povos que falam uma língua é um dicionário”. À vista disso, o dicionário pode ser elucidado como a forma de registro e organização do pensamento de um povo, no qual é possível compreender seus valores e costumes diante de uma sociedade.

³³ Lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como meio legal de comunicação e expressão das comunidades de pessoas surdas do Brasil.

³⁴ Decreto que regulamenta a Lei 10.436/2002.

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, são, por natureza, sistemas de representação regidas por sinais e regras, portanto, possuem dicionários. O primeiro registro lexicográfico que se tem notícia, segundo Sofiato (2005)³⁵, é a obra de Juan Pablo Bonet (1579-1633), intitulada *Reduction de las Letras y Artes para Enseñar Ablar los Mudos*, datada de 1620.

Figura 43: Bonet – "Finger Alphabet", 1620

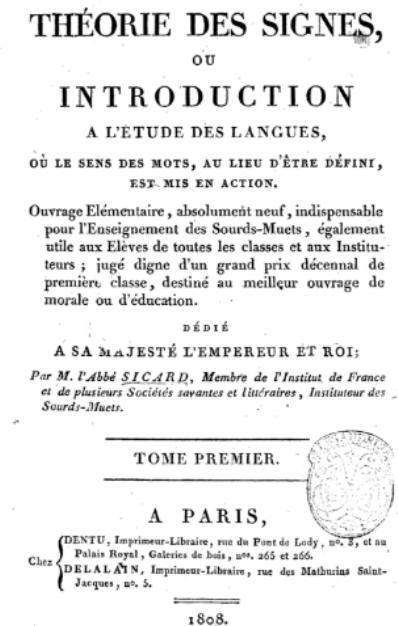


Fonte: Sofiato (2005, p. 15)

Segundo o autor, em prefácio, a obra tinha o objetivo de ensinar a língua de sinais aos surdos por meio do alfabeto manual. Portanto, seu caráter é educacional e não de registrar e organizar o léxico da LS. Como nossa pesquisa tem como um dos objetivos analisar o registro e a organização de obras lexicográficas e terminográficas de modo prioritário, apresentamos apenas o quadro histórico das obras nomeadas no nosso âmbito de pesquisa.

De volta às obras pioneiras, segundo Sofiato (2011) o segundo registro de dicionário com essa temática ocorre com Roch-Ambroise Sicard, em 1808, que escreve *Théories des signes ou introduction à l'étude des langues, où le sens de mot au lieu d'être défini*.

³⁵ A autora apresenta uma pesquisa científica que propôs analisar a constituição da iconografia em dicionários de LS produzidos em diferentes momentos históricos. Em seus escritos, há obras que não são dicionários, contudo, achamos importante registrar em nosso trabalho o fato de essa ser a primeira obra lexicográfica em língua de sinais.

Figura 44: Capa da obra *Théorie des Signes*

Fonte: Sofiato (2011)

Como a figura 44 demonstra, a obra reconhecida como o primeiro dicionário de Língua de Sinais Francesa (LSF) foi considerada uma inovação, bem como uma publicação indispensável para a transmissão de conhecimentos aos surdos. Por conseguinte, Sicard passa a ser referência em sistemas de ensino e, a partir de 1971, passa a dirigir o *Institute Nacional de Surdos-Mudos*, como substituto de L'Epèe.

De acordo com Sofiato (2005), em 1825, o dicionário intitulado *Mimographie de Roch – Ambroise Bèbian* apresenta, de forma inédita, um sistema de escrita baseado em parâmetros, ou melhor, pelas posições da mão.

A chave para a escrita de sinais era decompô-los em combinações de gestos elementares. Seu sistema de escrita, conhecido como mimografia, dependia da identificação da menor coleção de gestos básicos, demarcando um caractere separado para cada um deles, e então escrevendo os caracteres na mesma ordem dos gestos. Bèbian acreditava que um número pequeno de caracteres mimográficos deveria ser suficiente para decifrar todos os sinais possíveis. A partir da mimografia, seria possível uma forma de registro que garantiria o conteúdo de uma série de relatos orais e até mesmo de textos escritos. Além disso, proporcionaria ao surdo a oportunidade de empregar a sua própria língua, registrando-a com a mesma facilidade que ele tinha ao utilizar os sinais gestuais (SOFIATO, 2005, p. 20).

Em 1850, Alexandre Blanchet publica um dicionário da LSF intitulado *Dictionnaire usuel de Mimique est de Dactylogogie*, com aproximadamente 700 sinais. No mesmo ano, Remi Valade volta à tentativa de produção completa do dicionário descritivo da linguagem natural dos surdos de Bèbian.

O trabalho de Valade consistia num dicionário de sinais manuais, que trazia uma lista de palavras-chaves em francês, cada uma seguida de uma descrição verbal dos sinais gestuais naturais correspondentes. Eram adicionados, onde necessária, "symographs", ou desenhos de traços estilizados, nos quais momentos sucessivos na execução de um sinal eram sobrepostos numa única imagem (SOFIATO, 2005, p. 23).

De acordo com Shaw e Delaporte (2006), um modelo similar, tempos depois, aos dicionários atuais é publicado no ano de 1851, por Joséphine Brouland – *Tableau specimen d'un dictionnaire des signes*. O autor trabalha com a forma iconográfica do sinal e o respectivo registro logo abaixo da imagem, do léxico correspondente na língua oral. Destacamos que as imagens passam a ter, a partir de então, a configuração das mãos mais detalhada, bem como a possibilidade de se visualizar expressões não-manuais.

Figura 45: Sinal HOMEM em LSF



Fig. 5. HOMME
Brouland 1855

Fonte: Shaw e Delaporte (2006, p. 19)

Os autores acima, indicam que a obra de Brouland serve de inspiração para Pierre Pélissier, – um professor surdo que publica, em 1856, a obra *Une iconographe de signes*, assim como para Loius Marie Lambert, com a obra *Le langage de la phisionamie du geste mis a la portèe de tous*. Ambos os dicionários utilizam a forma iconográfica do sinal e o registro logo abaixo da imagem, do léxico correspondente na língua oral.

Figura 46: Forma de registro do sinal HOMEM por Pélissier, Brouland e Lambert



Fig. 4. HOMME
Pélissier 1856



Fig. 5. HOMME
Brouland 1855

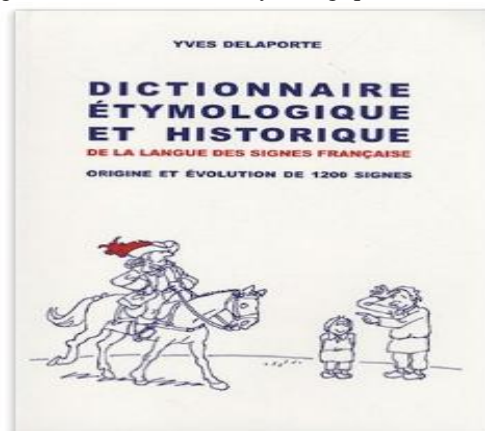


Fig. 6. HOMME
Lambert 1865

Fonte: Shaw e Delaporte (2006, p. 19)

Os dicionários anteriormente citados fazem parte do corpus de análise de Yves Delaporte (2007), autor da obra *Dictionnaire Étymologique et Historique* – um dicionário destinado à etimologia e às histórias de constituição dos sinais franceses. Para tanto, compara os registros de várias obras dicionarísticas existentes na época, a fim de analisar a forma de criação desses sinais, bem como sua constituição. Diante de todas essas singularidades, essa obra se torna fundamental para pesquisadores, educadores e outros personagens interessados no ensino de LS, pois aborda a gênese dos sinais, do mesmo modo que descreve a motivação de criação desses que, ao nosso entender, representam o signo linguístico, como discutimos no Capítulo 3.

Figura 47: Dictionnaire Étymologique et Historique

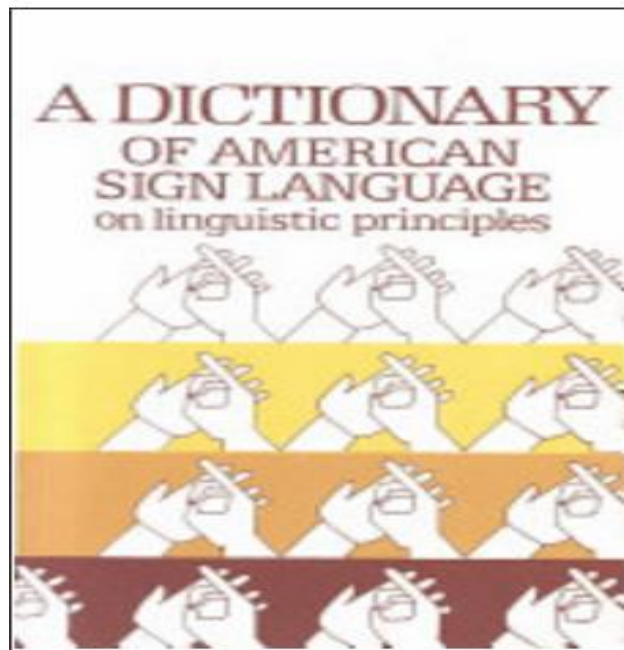


Fonte: Delaporte (2007)

Diante das análises realizadas até o presente momento, é possível constatar o grande desenvolvimento de estudos na área da LSF. Acreditamos que esse fato seja reflexo da política linguística desenvolvida pelo Instituto de Surdos e Mudos (1755), à época criado por L'Épèe. No entanto, há outras obras de destaque em outras línguas que apresentaremos a seguir.

Segundo Oliveira (2015, p. 102), o *Dictionary of American Sign Language on linguistic principles (DASL)*, resultado de um trabalho coletivo entre pesquisadores surdos e os autores William C. Stokoe, Dorothy C. Casterline e Carl G. Croneberg, datado de 1965, é uma das obras mais importantes de reconhecimento da Língua de Sinais Americana (ASL).

Figura 48: Dictionary of American Sign Language on linguistic principles (DASL)



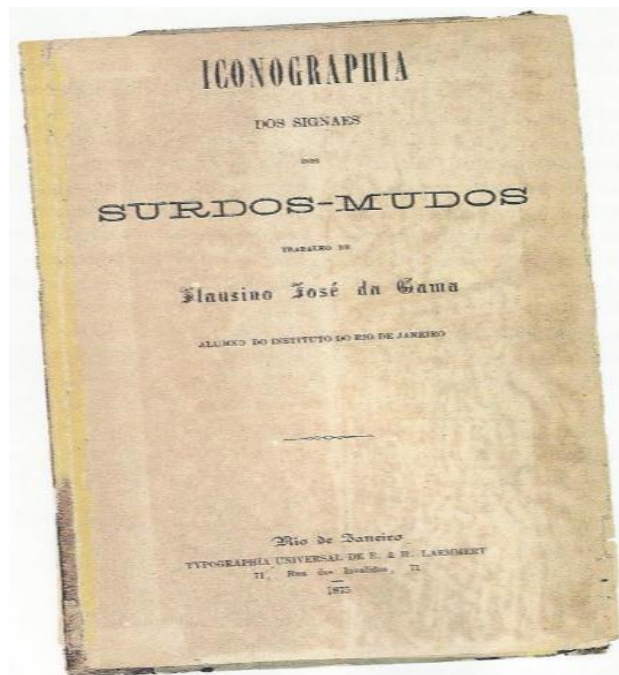
Fonte: Stokoe, Casterline e Croneberg (1976)³⁶

Para a pesquisadora, o *Dictionary of American Sign Language on linguistic principles (DASL)* é o primeiro modelo de organização da ASL fora do arquétipo alfabético. O DASL apresenta informações funcionais, ou seja, significados e usos, além da “[...]primeira e mais completa análise linguística dos sinais organizados de acordo com as partes que os constituem” (OLIVEIRA, 2015, p. 103).

³⁶ Capa da segunda edição – 1976.

De acordo com a série histórica – INES (2011)- no Brasil, a primeira obra registrada sobre a temática é de Flausino José da Gama em 1875 – *Iconographia dos Signaes do Surdos-Mudos*. O autor utiliza a forma de registro e organização similar à do dicionário de Pélissier (1856), ou seja, a configuração iconográfica do sinal e o apontamento descritivo logo abaixo da imagem, do léxico correspondente na língua oral.

Figura 49: Capa da obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*



Fonte: Série Histórica – INES (2011)

Na capa, divulgada na Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), é possível ler a informação de que Flausino foi aluno do Instituto. Segundo Diniz (2011), o diretor do Instituto, à época, o orientou e o auxiliou na produção da obra.

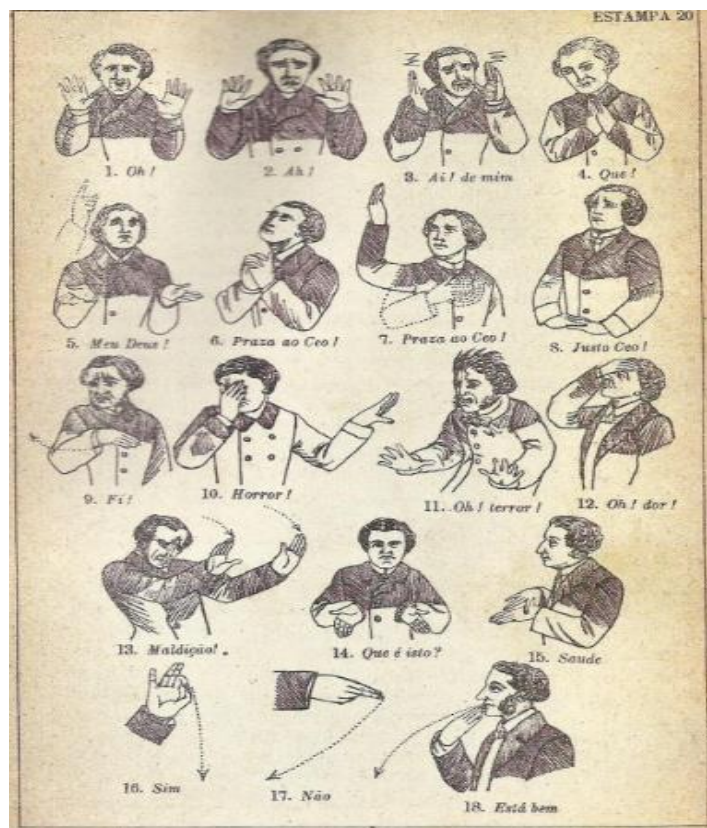
Tobias Leite convidou um perito em desenho litográfico, Eduard Rensburg, para ensinar Flausino numa oficina de desenho, com o objetivo de reproduzir a *Iconographia dos Sinais* franceses para o Brasil, modificando apenas a tradução das glosas, que passaram do Francês para o Português (DINIZ, 2011, p. 56).

Em relação ao registro e à organização da obra, segundo Diniz (2011, p. 58 e 59) esta é formada por 20 estampas divididas em 17 seções, nas quais sete são associadas ao vocabulário do cotidiano e outras dez à gramática, totalizando 382 sinais. As estampas têm a numeração em romano. A primeira delas apresenta uma figura do alfabeto ainda com caracteres alusivos às influências das LSF. As demais letras em romano se destinam às seções

organizadas em tópicos. Os de assuntos gerais são: i) pássaros; ii) peixes e insetos; iii) animais; iv) individualidade e profissões; v) alimentos e utensílios de mesa; vi) bebidas e objetos para escrever; vii) ferramentas de aula. Por outro lado, os relacionados à gramática são: i) pronomes; ii) os três tempos absolutos do indicativo; iii) verbos; iv) advérbios; v) preposições; vi) conjunções; vii) interjeições; viii) interrogações; ix) adjetivos e x) qualidades morais (adjetivos da época).

Na obra, o uso do desenho litográfico permite uma análise minuciosa do sinal. Ademais, a estrutura de organização é similar ao trabalho de Pellisier (1856), isto é, as pranchas de desenho litográfico são organizadas por indexação semântica, o registro ocorre pelo desenho do sinal e, abaixo, o registro do léxico é escrito como representação da língua oral.

Figura 50: Estampa 20 da obra *Iconographia dos Signaes dos Surdos – Mudos*



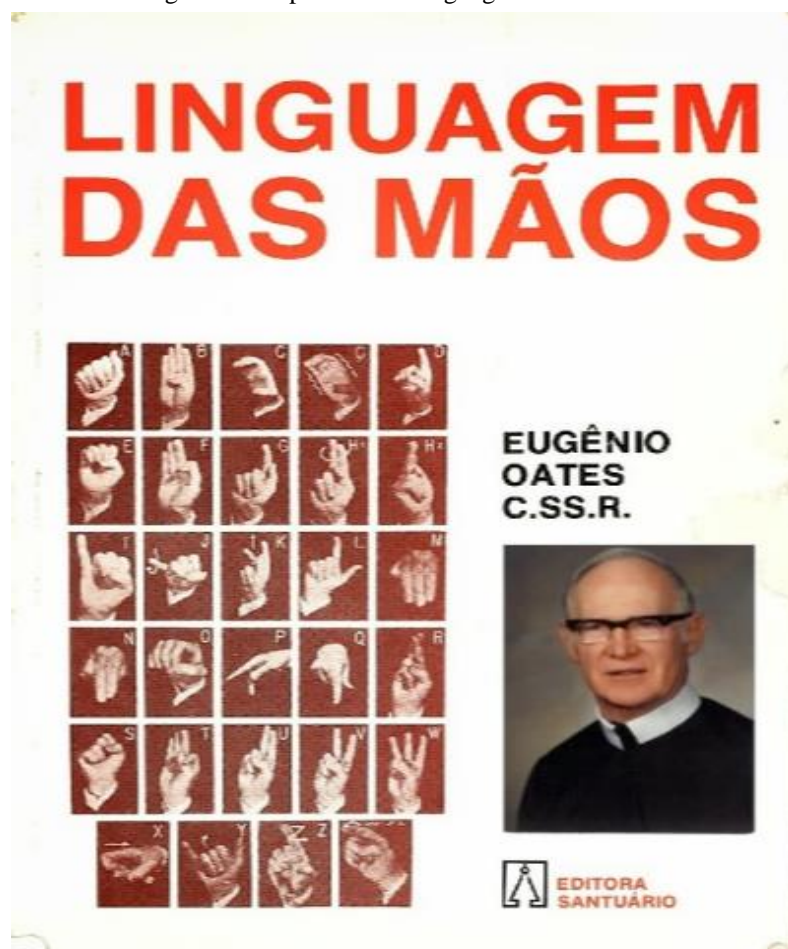
Fonte: Série Histórica – INES (2011)

A obra *Iconographia* é de grande importância para a LSB, uma vez que registra o uso dos sinais em português empregados no início do INES. Esse material se configura como uma rica fonte

histórica de pesquisas acerca da etimologia fonológica dos sinais brasileiros tal qual a desenvolvida por Heloisa Gripp Diniz intitulada A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais (2010)³⁷. Na publicação, a autora analisa obras históricas da LSB e compila esse conhecimento em um quadro, cujo conteúdo tange aos dados concernentes às mudanças fonológicas dos sinais brasileiros no decorrer dos anos.

A segunda obra lexicográfica registrada no Brasil, em 1969, chama-se “Linguagem das Mãos”. O autor é Eugenio Oates, um padre que, ao ter contato com surdos, passou a se interessar pelo que ele definia linguagem de mímicas e gestos. Em suas primeiras páginas, ele informa que o dicionário foi criado com o objetivo de auxiliar os surdos nas trocas de comunicação com a população majoritariamente ouvinte, principalmente nas áreas de educação e religião.

Figura 51: Capa da obra Linguagem das Mãos



Fonte: Oates (1988³⁸)

³⁷ Diniz, Heloisa Gripp – A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais / Heloisa Gripp Diniz - Florianópolis, SC, 2010. 144 p.: il., tabs.

³⁸ A edição original é de 1969. A capa apresentada pertence à obra revisada de 1988.

Em relação ao registro e à organização, o dicionário de Oates (ibidem) contém 325 páginas distribuídas em 15 seções, com um total de 1.276 sinais. A forma de apresentação ocorre mediante a fotografia. Nelas, os movimentos são marcados por setas e traços que indicam o processo de realização do sinal. Quanto à organização, a obra também se divide por tópicos, a saber: i) cores; ii) alimentos; iii) bebidas; iv) animais; v) mundo e natureza; vi) religião; vii) tempo; viii) alguns países do mundo; ix) estados brasileiros; x) vestuários e acessórios; xi) esportes e classes gramaticais: i) verbos; ii) substantivos; iii) advérbios; iv) pronomes; v) antônimos e vi) números.

Figura 52: Página do Livro Linguagem das mãos

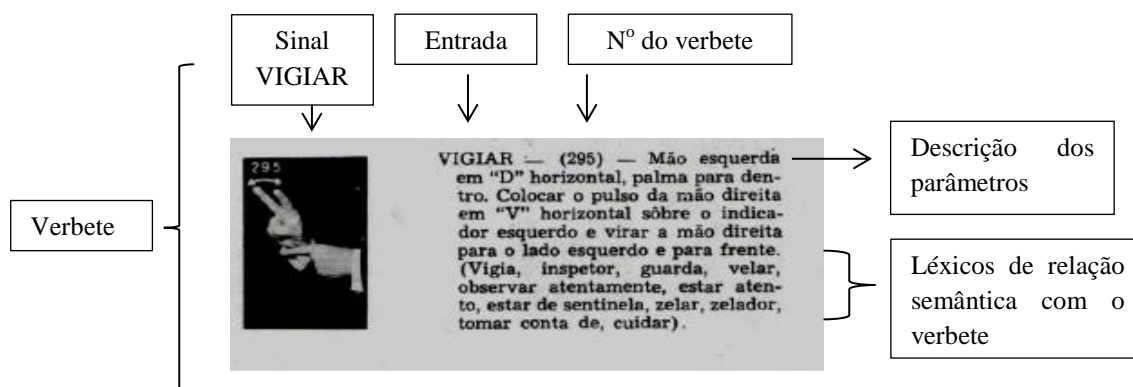


Fonte: Oates (1969)

O recorte da página do dicionário supramencionado nos permite visualizar o “verbeta” de registro do termo no dicionário. Se fizermos uma análise lexicográfica, observaremos que este é constituído de:

Verbeta = sinal + entrada em português + número do verbete + descrição dos movimentos para constituir o sinal (parâmetros)³⁹ + léxicos de relação semântica com a entrada⁴⁰. Veja a seguir:

Figura 53: Verbeta VIGIAR



Fonte: Oates (1969)

Ao analisar a composição do verbete VIGIAR, notamos a falta de elementos que permitam ao consulente da obra obter a definição do sinal. Mesmo após a leitura dessa entrada, ainda são identificadas imprecisões conceituais que podem ocasionar o surgimento de dúvidas, tal como: o que significa VIGIAR? Quanto à função desses materiais, Vilarinho (2013, p. 38) lembra que “[...] o dicionário constitui um tipo de gênero textual com informações linguísticas esclarecedoras acerca do significado das palavras”. Portanto, de volta ao exemplo mencionado há pouco, entendemos que a consulta do verbete VIGIAR deveria resultar na compreensão do referido conceito, sem dificuldade por parte de quem realiza a consulta.

³⁹ Entendemos também, nesta pesquisa, o conceito de descrição fonológica a partir dos estudos de Xavier (2006) que, além dos cinco parâmetros já identificados, ele classifica os sinais quanto à suspensão e ao movimento. Essa análise será melhor trabalhada no Capítulo 6, na análise dos dados.

⁴⁰ Segundo Vilarinho (2013, p. 237), a relação semântica, denominada também de relação lexical ou relação semântico-lexical, abarca uma rede de significações que os lexemas apresentam entre si, por isso, as analogias, seguindo este critério, tornam-se coerentes e delimitadas. Assim sendo, as relações semânticas de sinonímia, hiperonímia e hiponímia, holonímia e meronímia, assim como as associativas devem reger as analogias, tendo em vista que essas relações apresentam os diferentes tipos de ligações semânticas que podem existir entre os lexemas.

Grande parte dos dicionários que descreve para a LSB apresenta a mesma estrutura utilizada por Péliissier (1856), isto é, uma imagem ou foto do sinal, seguida do léxico grafado por meio da escrita da LO logo abaixo. Em alguns casos, como no do dicionário Oates (1969) que apresentamos anteriormente, há a descrição fonológica que objetiva demonstrar a produção manual do sinal, ou seja, a forma de o consulente reproduzi-lo. Contudo, são poucos os casos de registro da definição na LS. Isto posto, verificamos que muitos dos dicionários impressos que ainda representam a maioria dos acervos dessa temática optam por usar o registro da definição de forma semibilíngue, ou seja, a definição registrada na escrita da LO.

A falta de regras na forma de registro, assim como a organização das obras em LS ocorre, principalmente, pelo fato de não serem produzidas por Lexicógrafos ou Terminógrafos. Nascimento (2016, p. 93 *apud* ZWITERLOOD 2010, p. 445) adverte que os dicionários de LS, normalmente, fornecem apenas uma tradução do tipo sinal – palavra, o que constitui uma relação unidirecional em que a entrada, grafada na LO, tem o sistema de busca realizado pela ordem alfabética. Pode ser que ocorra também por temas.

A lexicografia das LS vem sendo produzida por não especialistas. Por isso, é necessário romper com a inadequada compilação de trabalhos feitos por pessoas que não são profissionais da área, como professores, profissionais da saúde e membros de religiões. É necessário superar o legado da tradição lexicográfica inadequada (NASCIMENTO, 2016, p. 93 *apud* ZWITERLOOD, 2010, p. 445).

A produção de dicionários na área de LS, desde sua origem, é realizada por não especialistas da área Lexicográfica. Isso é um fato. Ademais, como demonstramos no histórico do registro lexicográfico da LSB, as obras foram elaboradas por religiosos ou alunos e suas produções estruturadas no formato dicotômico dos dicionários antigos, ou seja, imagem em LS e registro da palavra escrita em língua oral, o que não corresponde a um trabalho Lexicográfico.

A Lexicografia é a disciplina que estuda, de forma analítica, as técnicas de elaboração de dicionários (FAULSTICH, 1998). Assim, seu objetivo maior implica registrar e organizar o léxico de uma determinada língua e estruturá-lo no dicionário.

Segundo Pavel e Nolet (2002, p. 124) “Lexicografia é a técnica de elaborar, com base em estudos da forma, do significado e do comportamento das palavras em uma língua particular”. Assim, na formulação de um dicionário, a lexicografia deve considerar o comportamento da palavra em seu uso, bem como a constituição da própria língua. Em outras palavras, é preciso reproduzir nesse tipo de publicação os aspectos provenientes da língua de determinada cultura e da funcionalidade advinda dela, para então perceber a forma de registro das palavras.

Segundo Faulstich (2010, p. 172), “o dicionário é a compilação completa ou parcial das unidades lexicais de uma língua, como palavras, locuções, fraseologias etc. ou de certas categorias específicas das palavras, como afixos, todos organizados numa ordem convencional”. Em vista disso, o dicionário reproduz a marca de uso das regras, das variações e das convenções de uma língua. Ademais, seu registro não é apenas do léxico, mas também da gramática que perpassa as relações lexicais imediatas, constituídas na língua comum.

Nas LS, sistematizar essas diferenças lexicais é um desafio. Afinal, o estudo a ser realizado deve se concentrar na forma, assim como na organização e no registro de um léxico como modalidade distinta da LO. A respeito desse contexto, Castro Júnior (2014, p. 78) evidencia a necessidade de uma educação lexicográfica, que sistematize o registro e a organização da Lexicografia na LSB. Em outras palavras, as obras precisam atender à demanda do consulente e reconhecer a existência de um dicionário mental que registra, por meio do léxico, as dinâmicas sociais. O usuário, nesse caso, faz parte de um meio, de uma cultura, conseqüentemente, precisa que essas particularidades sejam levadas em consideração no momento de se elaborar um dicionário.

Castro Júnior (ibidem) determina três princípios para a educação lexicográfica nas LS, a saber:

- i) o primeiro princípio da educação lexicográfica é a necessidade de ensinar a ler corretamente as obras lexicográficas; ii) o segundo princípio está na importância de registrar os sinais-termo, em que sejam enfatizados os princípios de criação e formação de sinais, que estão aquém da “cópia” ou da incorporação de empréstimos linguísticos, tanto da língua portuguesa quanto de outras línguas de sinais e iii) o terceiro princípio trata a despeito dos inúmeros estudos que tratam do problema da definição sob as mais diversas perspectivas (CASTRO JÚNIOR, 2014, p. 78).

A educação lexicográfica permite identificar as etapas que existem na constituição de um registro no dicionário das LS. Entre estas, a variação linguística⁴¹, que simboliza o processo de substituição de um termo pela sua variante e, ao mesmo tempo, para o registro e organização da variação em dicionários monolíngues⁴² e bilíngues⁴³ de LS. Apesar de ser uma questão comum nas LO, o registro da variação é desafio em LS. Diante dessa inquietação, surge o questionamento: como organizar e propor estruturas para uma língua de modalidade

⁴¹ Tema da pesquisa desenvolvida por Castro Júnior no mestrado (2011) e no doutorado (2015).

⁴² Dicionário monolíngue ou unilíngue – publicação cujas unidades são apresentadas e descritas na língua à qual elas pertencem (FAULSTICH, 1995, p. 8).

⁴³ Dicionários bilíngues registram as entradas e as equivalências de significados em, normalmente, duas línguas (FAULSTICH, 2010, p. 175).

visual e espacial nas quais duas entradas – que são variantes – possuem configuração e sistema de busca diferenciados? Bem, apesar de o conceito ser o mesmo, nesse caso ocorre apenas a variação do termo em LS. No geral, a forma é diversa. Ademais, poderíamos inquirir ainda: qual o processo correto de registro e organização de uma obra com variação em LS? Para essa resposta, temos a seguinte explicação: analisar, estudar e propor estruturas do dicionário que permitam combinar forma e conceito para chegar ao significado da palavra por meio da Metalexigrafia. Segundo Faulstich (2010):

A metalexigrafia é um conjunto de operações lexicais que combinam forma e conteúdo para chegar ao significado de uma palavra. Para esse fim, os procedimentos metalexigráficos são de natureza durativa, porque analisam, sob o ponto de vista teórico, os conceitos básicos que servem à Lexicografia, antes de estes serem, na prática, empregados na elaboração de dicionários (FAULSTICH, 2010, p. 170).

A Metalexigrafia é, portanto, mais abrangente do que a Lexicografia, posto que os estudos teóricos buscam compreender o processo, bem como os fundamentos científicos que constituem um dicionário. Outrossim, é preciso que essas normas de elaboração sejam suficientes e adequadas ao consulente, a fim de ensiná-lo como ler essa obra e aproveitar, na forma de aprendizado, as informações ali contidas.

Como o dicionário tem em si a função de solucionar as demandas do consulente, entendemos que o lexicógrafo, ao exercer o seu trabalho, deve organizar uma obra clara, capaz de representar o léxico na sua forma e no apropriado uso da língua. Para Faulstich (2010, p. 172) “[...] ao se elaborar um dicionário, é preciso seguir um método. O método lexicográfico é eclético e complexo e, por ser assim, requer que o lexicógrafo seja um linguista que conheça profundamente a língua ou as línguas que descreverá”. Assim, o Lexicógrafo deve ser um linguista que, ao elaborar um dicionário, registre o léxico de uma língua de forma consciente e responsável. Essa tarefa exige uma dedicação tamanha, bem como um método de ordem complexo (FAULSTICH, *ibidem*).

Todos os conceitos anteriormente apresentados se referem ao léxico no discurso social e comum da língua. Vale ressaltar que o léxico tem seu papel na constituição de valor e identidade da língua. Todavia, pode também ser inserido no espaço das ciências, do conhecimento e da tecnologia, quando exerce um novo papel, denominado termo nas LO e sinal-termo nas LS. O termo e o sinal-termo são objetos que constituem a Terminologia.

A Terminologia tem como objeto de estudo a análise e a descrição do termo e do sinal-termo no âmbito técnico-científico. Geralmente, o registro destes ocorre em glossários, vocabulários e dicionários de especialidade, entre outros repertórios terminológicos.

Consoante ao intento da presente pesquisa de investigar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico, daremos maior destaque, nesse capítulo, ao glossário. Segundo Faulstich (2014, p. 1), o glossário é:

[...] repertório de termos, normalmente de uma área, apresentados somente em ordem sistêmica ou somente em ordem alfabética. O ideal é que um glossário seja elaborado e concluído abrangendo tanto a ordem sistêmica quanto a ordem alfabética, assim o leitor não perde a informação que está contida numa remissão de termos. Em um glossário, um verbete apresenta as informações registradas na ficha de terminologia de cada termo, de acordo com a constituição que o elaborador estruturou a ficha. É preciso estar atento para essa constituição, a fim de evitar transformar um glossário em um léxico (FAULSTICH, 2014, p. 1).

Desse modo, o glossário se qualifica como uma obra terminográfica, cujo objetivo específico é determinado principalmente pelo seu público-alvo. Sabemos também que o registro e a organização do glossário dispõem de uma estrutura pré-estabelecida pelo terminógrafo. A respeito disso, Faulstich (idibem) afirma que os glossários podem ser divididos em três categorias:

1. repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas;
2. repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição e remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência. A autora destaca em nota que os glossários em ordem alfabética e os em ordem sistemática podem também conter sinonímia variantes e equivalentes; e
3. repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência. A nota neste tipo, pode aparecer Notas, que são úteis para os tradutores e intérpretes, pois são elaborados a partir das bases textuais esclarecedoras e não definidoras.

Em síntese, a estrutura de uma obra segue o método determinado pelo autor, e para cada tipo, seja, dicionário, glossário ou vocabulário, existem métodos obrigatórios de macro e microestruturas.

4.2 AS MACROESTRUTURAS E AS MICROESTRUTURAS DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOGRÁFICAS NA LSB

A macroestrutura de um dicionário ou glossário exprime o conjunto de informações gerais de identificação da obra, assim como suas respectivas orientações de uso e consulta. A

macroestrutura abrange todas as partes que compõem uma obra terminográfica, a saber, o prefácio, a introdução e as especificações tanto para a forma de uso quanto para a ordem de registro. Para Barros (2004, p. 151) a macroestrutura corresponde “a organização interna da obra, composta de todas as informações pertinentes aos verbetes e sua organização”. Faulstich (2010), por sua vez, destaca que a macroestrutura – também conhecida como paralexigrafia – envolve toda a obra desde a introdução, os anexos, a bibliografia e, caso existam as ilustrações, fotos ou mapas. Neste presente trabalho, a macroestrutura é entendida como o conjunto de informações e identificação de um glossário constituído de elementos que indicam a forma de registro, bem como sua organização.

Nas obras em LS, a macroestrutura é comumente registrada pela LO na forma escrita. Isso ocorre em virtude de grande parte dos dicionários serem impressos, sem a duplicação em mídia de formato digital⁴⁴. Porém, sem o formato digital, a educação lexicográfica apresentada por Castro Junior (2014) não se concretiza na primeira língua do surdo, se caso os requisitos de registro e de organização de obras desse porte não forem atendidos em mídia digital.

A microestrutura, por seu turno, simboliza o verbete, isto é, a parte terminográfica do glossário que contém as informações gramaticais e lexicais dos termos, em cuja composição estão a entrada, a categoria gramatical, a definição, o contexto e a nota, entre outras informações que se fizerem necessárias. Logo, a microestrutura é o verbete pronto (FAULSTICH, 1995).

Ademais, é na microestrutura que se desenrola a organização dos dados. Para Faulstich (1995, p. 23), o conjunto de informações que estrutura cada verbete do glossário deve ser descrito, nas fichas terminológicas, de acordo com o objetivo do Terminógrafo”. Por conseguinte, a autora descreve ainda os respectivos campos composicionais, a saber:

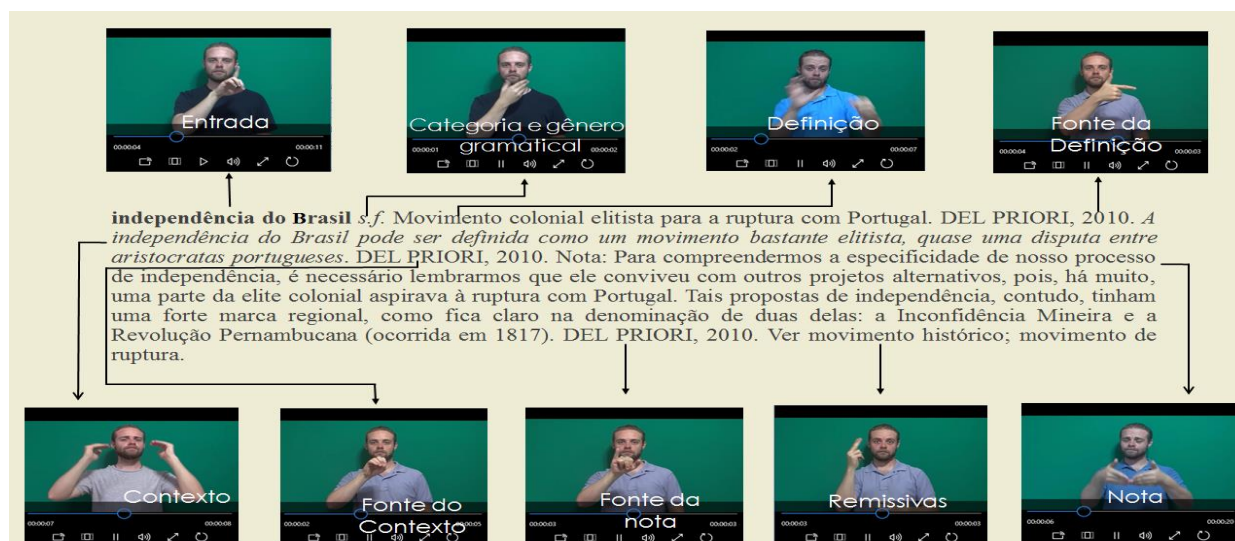
Verbete = + entrada + categoria gramatical (+ - substantivo, + - sintagma terminológico, + - verbo) + - gênero + - sinônimo + - variantes + - fontes + - áreas + - subáreas + definição + fonte + - contexto + - fonte + - remissivas + - equivalentes + - fontes.

Em Língua de Sinais Brasileira, por exemplo, o verbete deve conter estruturas que possibilitem ao consulente a compreensão conceitual e estrutural do sinal-termo. Dentre as

⁴⁴ Entendemos mídias em formato digital como formas de arquivo em DVD, pendrive, blue-ray etc.

pesquisas analisadas, podemos destacar o verbete bilíngue elaborado por Felten (2016, p. 123), que apresenta a seguinte microestrutura:

Figura 54: Estrutura do verbete do Glossário Sistemico Bilíngue - Termos da História do Brasil



Fonte: FELTEN, 2016, p. 123.

O verbete acima apresenta sua estrutura tanto em LO quanto em LSB:

Verbete = + entrada + categoria gramatical + definição + fonte da definição + contexto + fonte do contexto + - nota + - fonte da nota + - remissivas.

Entre as pesquisas científicas analisadas, o trabalho de Felten (2016) mostra ser o primeiro a registrar o verbete de forma bilíngue, ou seja, com os verbetes completos tanto em LP quanto em LSB. Essa estrutura é resultado de pesquisas que o autor realizou na Terminografia da LSB. No entanto, é preciso destacar que a proposta de organização em questão ainda está em processo de verificação, quer dizer, a validação da estrutura já ocorreu, contudo, a educação lexicográfica experimenta seus passos iniciais nos dias atuais. Além disso, há ainda uma busca, por parte dos pesquisadores da área, por orientações específicas acerca do registro e da organização de glossários bilíngues nas áreas de terminografia e lexicografia em LS.

A Terminografia é a área responsável pelo estudo e pela elaboração de glossários, léxicos, e dicionários especializados de uma determinada área. Com isso, a partir dos estudos da Terminografia, foi possível organizar obras terminográficas monolíngues, bilíngues ou semibilíngues.

O glossário bilíngue tem, por finalidade, a descrição de dois termos. Estes são normalmente grafados em línguas distintas, sendo uma – língua fonte ou língua de partida – e a outra – língua alvo ou língua de chegada. Para Faulstich (2010), registrar duas línguas em uma obra não a torna bilíngue, porque, “[...] não é somente a presença de duas línguas que torna um dicionário bilíngue, mas principalmente o motivo pelo qual as duas línguas são postas em contato” (FAULSTICH, *ibidem*, p. 175).

No âmbito dessa pesquisa, a proposta de elaboração do glossário bilíngue de termos técnicos e administrativos resulta de uma política linguística que vem sendo implantada na Universidade de Brasília, a partir do ingresso de alunos surdos em cursos de graduação e pós-graduação. À vista disso, tornou-se necessário um planejamento linguístico dos materiais informativos e de ensino que constituem o espaço acadêmico. Entendemos que a inserção do surdo nesse processo é de grande valia, uma vez que ele traz consigo a perspectiva bilíngue na qual a L1 é a LSB, língua de comunicação e uso da comunidade surda, e a L2 é a LP, língua de registro escrito garantido pela Lei 10.436/2002.

Assim sendo, o motivo pelo qual desejamos registrar um glossário bilíngue (LSB – LP) advém da possibilidade de proporcionar ao discente surdo da UnB, quiçá de outras universidades brasileiras, informações acerca da estrutura social da qual ele faz parte, tanto na língua de comunicação (L1) como na língua de registro (L2).

Faulstich (2010, p. 174) apresenta a estrutura de um dicionário bilíngue em que uma das línguas é a LS. Veja a seguir:

L1 ➡ L2, como Libras ➡ Português
L2 ➡ L1, como Português ➡ Libras

Ao adotarmos essa mesma estrutura na constituição de glossários bilíngues, em que uma das línguas é a LS, podemos inferir que:

1. os glossários possuem dois sistemas linguísticos, assim como dois sistemas terminológicos – o que significa que a língua fonte para os surdos é a língua de sinais (L1) e a língua alvo, o português (L2);
2. a ordem de apresentação na obra representa uma questão de ordem política, visto que o reconhecimento da LS como L1 deveria sempre ser o requisito básico de registro e organização de obras bilíngues destinadas aos surdos.

Isto posto, no glossário que desenvolvemos, a língua de sinais brasileira precede a língua portuguesa, pois pretendemos priorizar o contato inicial do consulente com o verbete em LSB para, em seguida, por meio de um ícone, acessar o verbete em português como segunda língua. Desta feita, na proposta de glossário bilíngue de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico, a obra apresentará as duas línguas de forma concomitante, no tocante ao registro, contudo, a LS precederá a LP.

Em decorrência dessa diversidade linguística, surge uma série de dúvidas quanto à forma de registro e à organização de obras lexicográficas bilíngues em que uma das línguas é a LS. Entre essas, podemos destacar: i) há regras de formação e organização das obras lexicográficas e terminográficas em língua de sinais? ii) há uma forma de organização para cada língua? iii) a constituição da definição em língua de sinais é uma tradução do português para a LS? iv) a forma impressa é o melhor tipo de material a ser utilizado para um dicionário bilíngue? e vii) é possível organizar as duas línguas em um mesmo glossário?

No intuito de buscar respostas para as questões supracitadas, avaliamos três obras lexicográficas, com o objetivo de verificar como ocorre o registro e a organização dos verbetes em obras bilíngues. Ademais, desejamos obter padrões materiais de análise alusivas à estrutura linguística adotada em glossários, na qual uma das línguas em questão é a LS. Para tanto, optamos por utilizar o roteiro de Faulstich (1998, p. 234; 2011, p.183-185) para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos. Contudo, é preciso destacar que a LS não esgota todos os pontos mencionados no tópico 4, ou seja, a microestrutura.

Vale ressaltar também que o Roteiro para avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos foi elaborado pela equipe do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Enilde Faulstich em 1998.

**ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE
DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS**
(Fonte: FAULSTICH, 1998, p. 234; 2011, p.183-185)

Título:
Autor:
Editora:
Edição:
Data:
Local de publicação:
Volume(s):

Epígrafe:

1. Sobre o autor

- 1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?
- 1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

- 2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:
 - a) os objetivos da obra?
 - b) o público para o qual o conteúdo se dirige?
 - c) informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?
 - d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?
- 2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

3. Sobre a apresentação material da obra

- 3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística, científica ou técnica?
- 3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?
- 3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?
- 3.4. A utilização de negrito, de itálico ou de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?
- 3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?
- 3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
- 3.7. O formato do dicionário ou do vocabulário permite manuseio prático e fácil?
- 3.8. A obra está editada em suporte informatizado?
- 3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?
- 3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?
- 3.11. A obra possui ampla divulgação?

4. Sobre o conteúdo

- 4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas etc.?
- 4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?
- 4.3. Os verbetes apresentam:
 - a) categoria gramatical?
 - b) gênero?
 - c) sinonímia?
 - d) variante(s) da entrada?
 - e) variante(s) da definição?
 - f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?
 - g) marcas de uso? Como se classificam?
 - h) indicação de área ou subárea de especialidade?
 - i) contexto? (exemplo ou abonação?)
 - j) equivalente(s)?
 - k) formação da palavra?
 - l) indicação de pronúncia?
 - m) origem e etimologia?
 - n) divisão silábica?

- o) nomenclatura científica?
- p) remissivas úteis entre conceitos?
- q) fontes?
- r) notas?
- 4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?
- 4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

5. Sobre a edição e a publicação

- 5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?
- 5.2. Quais os principais pontos de difusão da obra?

No intuito de avaliar algumas obras em língua de sinais, fizemos a opção por organizar as respostas com breves alterações, relativas ao roteiro de Faulstich (1998) em vista da natureza dos dicionários da Libras. Para atingir o objetivo do presente estudo, selecionamos três obras que consideramos ser de impacto na organização de dicionários e glossários que apresentam concomitantemente a LP e a LSB.

ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS (Fonte: FAULSTICH, 1998, p. 234; 2011, p.183-185)

Obra 1

Título: Dicionário Ilustrado de LIBRAS

Autor: Flávia Brandão

Editora: Global Editora

Edição: 1ª edição

Data: 2011

Local de publicação: São Paulo

Volume(s): 1

Epígrafe: O dicionário foi desenvolvido com o objetivo de contribuir para o conhecimento dos significados dos sinais que compõem a LIBRAS, bem como de orientar a execução dos movimentos que são a base dessa língua gestual.

1. Sobre o autor

Flávia Brandão, formada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em 1986, despertou-se para a causa dos deficientes auditivos quando se deparou com uma perda auditiva do seu ouvido esquerdo. A partir de então, seu empenho tornou-se cada vez maior na área. Exemplo disso foi o convite da então primeira dama do Estado de São Paulo, a Sr^a. Lilia Covas, em 1995, para elaborar e coordenar um projeto voltado ao atendimento de pessoas com deficiência na Estação Especial da Lapa. Nesta oportunidade, ela teve contato com pessoas privadas de condições físicas, sensoriais e intelectuais, logo, a partir desse envolvimento, obteve conhecimento – bagagem cultural e social – para a produção do seu dicionário. É reconhecida na área da dicionarística, desde 2002 ao lançar seu primeiro dicionário de LIBRAS, pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, o Dicionário de LIBRAS Ilustrado, em CD-ROM, com 60 mil exemplares distribuídos em todo país. Este trabalho foi certificado pela Fundação do Banco do Brasil, pela Unesco e

pela Petrobrás. Seu primeiro dicionário obteve reconhecimento internacional pelo *Consejo Iberoamericano em Honor Calidad Educativa*, composto de 13 universidades da América Latina e Europa, recebendo os títulos de *Doctor Honoris Causa e Honorable Educador Iberoamericano*. Não há informação sobre a profissão que exercia na época da publicação da obra.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

O dicionário foi elaborado para promover um fácil aprendizado, de forma prática e direta, da LIBRAS. Por isso, fotografias, ilustrações e textos explicativos são recursos amplamente utilizados neste material. A obra apresenta 3.212 sinais que são acompanhados por seu significado em português, seguido da explicação do movimento. A maior parte deles apresenta uma ilustração que procura demonstrar o significado mais relevante para o verbete consultado, ao tempo em que orienta o seu sentido – dada a necessidade de clarificar as singularidades existentes nos homônimos da LP. O dicionário pode ser consultado por todos os públicos. Vale notar que algumas de suas expressões são de conteúdo adulto. Nesses casos, os verbetes e suas respectivas ilustrações são apresentados de forma apenas didática, sem comprometer, porém, seu entendimento. Há ainda duas páginas de destaque que apresentam as informações sobre a estrutura do verbete, ou seja, como deve ser consultado.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Sim, o dicionário apresenta a bibliografia indicada abaixo:

BRANDÃO, Flávia. Dicionário de LIBRAS Ilustrado, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, CD-ROM.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, v. 2.

DICIONÁRIO de Libras. Disponível em: www.acessobrasil.org.br/libras/. Acesso em 27 de maio de 2011.

ENCYCLOPAEDIA Britânica do Brasil. Nova Barsa CD. São Paulo: Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda., 1998. CD-ROM.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Maurio de Sales. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MICHAELIS. Dicionário Moderno da Língua Portuguesa. Disponível em < www.uol.com.br/michaelis >. Acesso em 27 de maio de 2011.

3. Sobre a apresentação material da obra

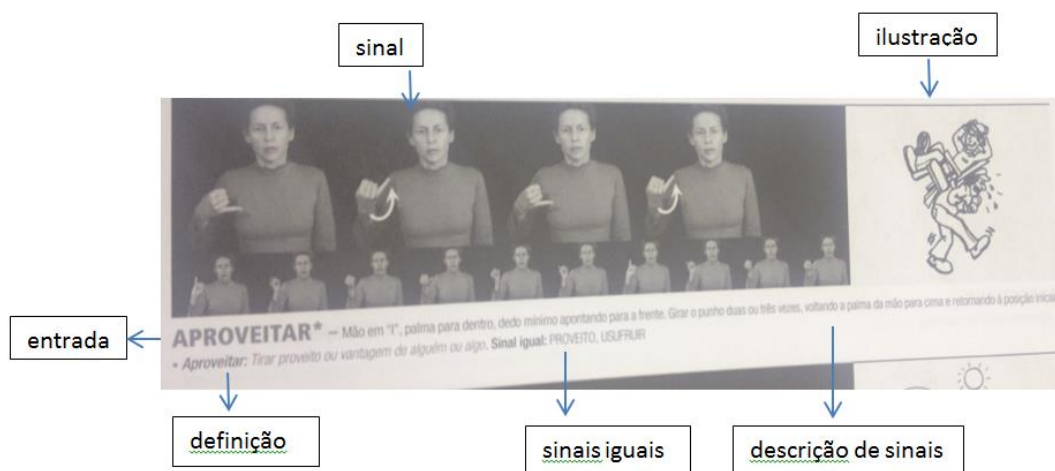
A obra apresenta prefácio com as informações já listadas nos campos 1 e 2 do roteiro de avaliação. Na formação do verbete, são utilizados quatro tipos de letras. Na entrada, o uso é de caixa alta marcada em negrito. A descrição do movimento se dá em letra pequena e com a redação em letra minúscula. A definição também é feita em letra minúscula marcada em itálico. Há, no material, um quarto elemento que a autora chama de Sinal igual. Este indica outras palavras que podem ser representadas como o mesmo sinal da entrada. Estas palavras estão em caixa alta simples. As ilustrações foram desenhadas e representam o significado do sinal apresentado. Os desenhos estão em preto e branco.

Os verbetes, por sua vez, são apresentados em ordem alfabética e, apesar de a publicação não se autoconceituar assim, o conjunto do conteúdo representa uma obra semibilíngue, dado que o dicionário apresenta o sinal em LSB, assim como a respectiva descrição do movimento. As demais informações – definição e palavras no rodapé – são grafadas em português. A publicação se configura uma obra pesada, visto que contém 712 páginas – esse volume demasiado grande não facilita o seu manuseio. Apesar de ser um dicionário em LIBRAS, ele não apresenta suporte informatizado. Por fim, o material tem um acabamento bonito com capa colorida e está à venda em grandes livrarias do Brasil.

4. Sobre o conteúdo

As entradas são palavras de uso da língua comum e não há entradas destinadas a áreas de especialidade. Os verbetes apresentam definição constituída de uma frase. Abaixo, a estrutura do verbete:

Figura 55: Verbetes do Dicionário Ilustrado de LIBRAS



Fonte: BRANDÃO (2011)

4.3. Os verbetes apresentam:

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

A definição é constituída de frase, sendo esta estruturada para o consulente que tem a LP como segunda língua.

5. Sobre a edição e a publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

5.2. Quais os principais pontos de difusão da obra?

É uma obra que traz uma estrutura até então não apresentada em outros dicionários. A forma de descrever o sinal pela imagem é um aspecto que auxilia nos estudos da morfologia, da fonologia e da análise dos parâmetros.

A próxima obra lexicográfica que analisaremos é o glossário de Termos técnico-científicos do Centro Universitário do Triângulo (Unitri).

Obra 2

Título: Língua de Sinais Brasileira no Contexto do Ensino Superior – Termos Técnico-Científicos

Autor: Mirlene Ferreira Macedo Damázio (Org.); Elaine Cristina Barbosa de Paula Bragança; Alessandra da Silva; Cristiane Vieira de Paiva Lima; Josimário de Paulo Ferreira; Danilo Rischitelli Bragança Silva e Paulo Sérgio de Jesus Oliveira.

Editora: Editora Gráfica Hebrom

Edição: 1ª edição

Data: 2005

Local de publicação: Uberlândia - MG

Volume(s): 1

Epígrafe: A publicação dos Termos Técnico-Científicos no Contexto do Ensino Superior destina-se a auxiliar a trajetória acadêmica dos estudantes com surdez, favorecendo seu desenvolvimento biopsicossocial, cognitivo e linguístico, como a atuação profissional dos intérpretes de Língua de Sinais Brasileira nos vários contextos educacionais da vida universitária.

1. Sobre o autor

Os autores têm formação acadêmica diversa; somente um é mestre em Linguística. Os autores são apresentados em ordem alfabética: Alessandra Silva é bacharel em Direito, professora e intérprete de Língua de Sinais Brasileira; Cristiane Vieira de Paiva Lima é licenciada em Educação Artística e atua como intérprete de Língua de Sinais Brasileira; Danilo Rischitelli Bragança é pedagogo e instrutor de Língua de Sinais Brasileira; Elaine Cristina Barbosa de Paula Bragança é graduada em Pedagogia e atua como instrutora de Língua de Sinais Brasileira; Josimário de Paulo Ferreira é licenciado em Letras, mestre em Linguística e professor do curso de Pedagogia, na área de Língua e Linguagem; Mirlene Ferreira Macedo Damázio é pedagoga, mestre e doutora em Educação, especialista em Educação Especial e Pedagogia clínica e, por fim, Paulo Sérgio Jesus Oliveria é pedagogo, instrutor de Língua de Sinais Brasileira.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

A obra teve como objetivo inicial investigar os termos técnico-científicos somente em língua de sinais, no entanto, os autores inseriram a LP no decorrer da elaboração da obra. O material se destina a estudantes com surdez, bem como intérpretes de Língua de Sinais Brasileira atuantes nos vários contextos educacionais da vida universitária. A obra lexicográfica apresenta três tópicos destinados à apresentação – o primeiro, à apresentação propriamente dita; o segundo, a um texto intitulado “A Pessoa com Surdez no Contexto do Ensino Superior” e o terceiro, à contextualização do trabalho. Contudo, o corpo desses tópicos não contém informação alguma sobre como consultar a obra lexicográfica. O corpus foi criado no decorrer da pesquisa e, por isso, não houve pesquisa prévia alusiva aos métodos de referência de consulta.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

A obra lexicográfica apresenta a bibliografia que indicamos a seguir:

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, Fernando César, RAPHAEL, Walkíria Duarte. Dicionário enciclopédia ilustrado trilingue. São Paulo – SP: EDUSP, 2000.

DUBOIS, Jean e outros. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio. Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. Novo AURÉLIO – Dicionário de língua portuguesa do século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

LUFT, Celso Pedro. Dicionário Globo. São Paulo: Globo, 2001.

OATES, Eugênio. Linguagem das mãos. Aparecida – SP: Santuário, 1983.

QUADROS, Ronice M. de & KARNOPP, Lodenir B. Língua de sinais brasileira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. O tradutor e intérprete de língua de sinais brasileira e língua portuguesa. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

Sites: www.dicionariolibras.com.br
www.ines.org.br/libras/index.htm

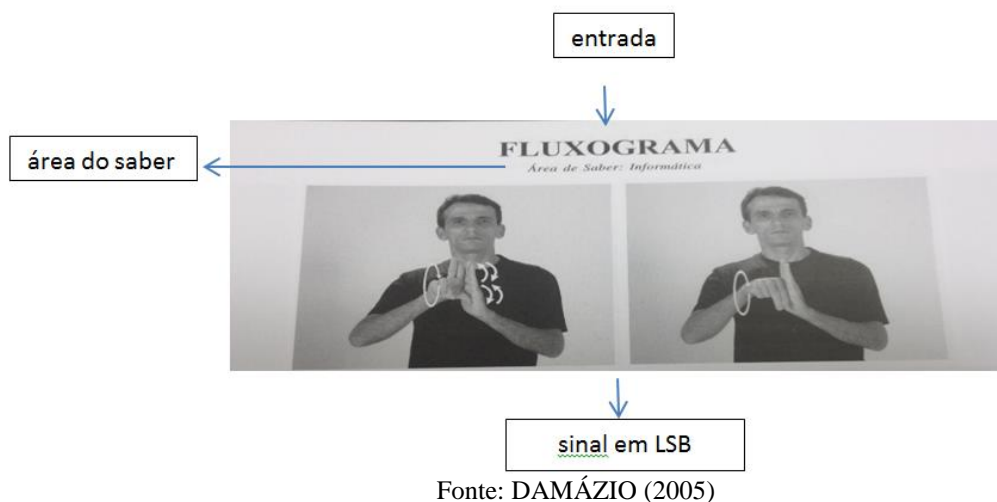
3. Sobre a apresentação material da obra

A obra apresenta prefácio cujas informações já listamos nos campos 1 e 2 do roteiro de avaliação. Na formação do verbete, são utilizados dois tipos de letras. Na entrada, o uso é de caixa alta marcada em negrito. Abaixo da entrada há a indicação da Área de Saber à qual o termo é relacionado. Não há definição dos termos. As fotos do sinal estão em preto e branco. Os verbetes são organizados em ordem alfabética. É uma obra semibilingue, pois o dicionário apresenta o sinal em LSB e as demais informações em português. Possui um DVD organizado em ordem alfabética com os sinais gravados em vídeo. O interessante do DVD é o que o sinal apresentado é exibido de duas maneiras: uma com o ator de frente e a outra de lado, para visualizar o movimento completo do sinal.

4. Sobre o conteúdo

As entradas são termos da área de especialidade do meio acadêmico. Abaixo a estrutura do verbete:

Figura 56: Verbetes em Língua de Sinais Brasileira no Contexto do Ensino Superior



O verbete tem como estrutura a entrada, a identificação da área e o sinal em LSB. Não há definição.

5. Sobre a edição e a publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

5.2. Quais os principais pontos de difusão da obra?

É uma obra que podemos identificar como glossário e, portanto, se constitui como uma fonte de análise interessante para os que desenvolvem trabalhos científicos na área de terminologia.

Obra 03

Título: Il Dizionario TEMATICO dei SEGNI – in 3000 immagini.

Autor: Orazio Romeo

Editora: Zanichelli editore s.p.a – Redazioni Lessicografiche

Edição: 1 edição

Data: 2004

Local de publicação: Bologna

Volume(s): 1

Epígrafe: A publicação do dicionário tem como objetivo maior promover a divulgação da LSI para os surdos italianos. O autor estudou na Universidade de Gallaudet e conheceu dicionários de ASL e no desejo de oferecer para a comunidade surda italiana um material similar, cria o dicionário em LSF.

1. Sobre o autor

Orazio Romeo é surdo e teve formação na área da Linguística na Universidade de Gallaudet. O objeto de pesquisa da sua tese foi a elaboração de um dicionário para LSI. Atualmente é professor de Língua de Sinais Italiana- LSI.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

A obra teve como objetivo inicial ensinar a LSI para surdos italianos. O autor destaca a importância de um dicionário para o desenvolvimento da língua. Assim, o material se destina a surdos e, segundo o autor, a todos que tem interesse em aprender a LSI. A introdução é extensa e dividida em quatro partes: a primeira apresenta o objetivo da obra, a segunda explica o movimento que a imagem apresenta para registrar a vibração das mãos (ou da mão) durante a realização do sinal; a terceira parte é o guia de consulta do dicionário. Nesta, há detalhamento de cada parte da figura que compõe a entrada da obra e a quarta parte apresenta todos os tipos de seta utilizadas nas 3000 imagens do dicionário.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor

A obra lexicográfica apresenta a bibliografia que indicamos abaixo:

ANGELINI N., BORGIOLI R; Mastromatteo M. I Primi 400 segni, Piccolo dizionario della Lingua dei Segni per comunicare con i sordi, La Nuova Italia, Firenze 1991.

BAGNARA C.; CHIAPPINI G.; CONTE M.P.; OTT M.; Viaggio nella città invisibile, Atti del II Convegno Nazionale sulla Lingua dei Segni. Genova, 25-27 settembre 1998, Edizione del Cerro, Tirrenia (Pisa) 2000.

BATTISTON R. ; Signes have parts: A simple idea, a cura Baker c. and Battison R., Sin Language and the Deaf Community, NAD, Silver Spring, (USA, MD)1980.

CRONEBERG G. C.; CASTERLINE D.C.; SOCKOE W.C.; A Dictionary of American Sign Language on linguistic principles, New Edition by William C. Stokoe, Linstok Press, Silver Spring (MD, USA) 1976.

CRYSTAL, D. Dizionario Analogico della Lingua Italiana, TEA Mondadori, Cles (TN)1992.

KLIMA E.; BELLUGI U.; The signs of Language, Harvard University Press, Cambridge (Mass, USA) 1979.

ROMEO, O. Grammatica dei Segni, la Lingua dei Segni in 1400 immagini, Zanichelli, Bologna 1991.

SUPALLA, J. S.; The book of Name Signs, DawnSignPress, San Diego, (CA, USA)1992.

ZINGARELLI, N. Vocabolario della lingua italiana, Zanichelli, Bologna, 2004.

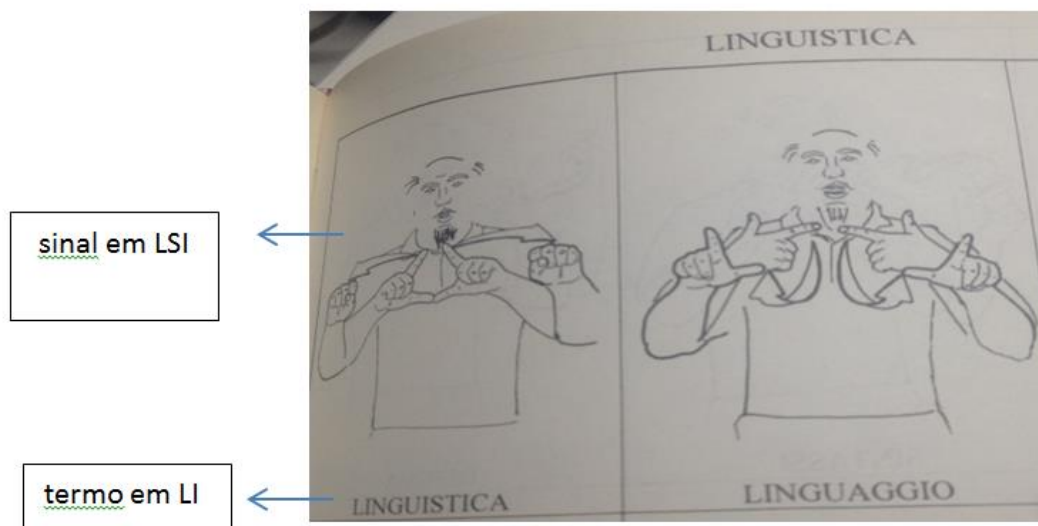
3. Sobre a apresentação material da obra

A obra apresenta prefácio com as informações que já listamos no campo 1 e 2 do roteiro de avaliação. Na formação do verbete, é utilizado apenas um tipo de letra, que indica o termo na forma de escrita da língua Italiana. Não há definição dos termos. A imagem é feita por desenho manual e não é em cores. Os verbetes são organizados por temas. Há 174 temas. Como as demais obras que analisamos, apesar de não delimitar, é uma obra semibilíngue, pois o dicionário apresenta o sinal em LSB, e o nome do termo em registro escrito da língua italiana. Não possui mídia de acompanhamento.

4. Sobre o conteúdo

Como mencionamos previamente, o dicionário é dividido em tópicos. A seguir, apresentamos uma página do dicionário a fim de apresentar a estrutura do verbete, bem como a sua organização a partir dos tópicos:

Figura 57: il dizionario TEMATICO dei SEGNI – in 3000 immagini.



Fonte: ROMEO, Orazio – 2009 (5ª ed.)

Os verbetes apresentam:

O verbete tem como a estrutura o sinal em LSI e, abaixo dele, o registro do termo em língua italiana.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

É uma obra composta de 3000 sinais e podemos considerar de interesse para os aprendizes da língua. Contudo sem a definição ou registro, por meio de imagens, sobre o conteúdo, a definição e a funcionalidade, restringe o uso. Apesar disso, se constitui como uma fonte de análise para os que desenvolvem trabalho de ensino de LSI.

Além da análise baseada no roteiro de avaliação de Faulstich (1998, p. 234; 2011, p.183-185), utilizamos também o Formulário para análise de repertórios léxico-terminográficos de Faria-Nascimento (2009, p. 154 e Anexo VIII). O uso dessa ferramenta de avaliação se justifica pela diversidade dos tipos de registro e organização de obras lexicográficas e terminográficas em LSB. Empregamos esse formulário para avaliação de obras digitais, ou seja, sem edição impressa.

O Formulário para análise geral de repertórios com LS tem uma estrutura, segundo Faria-Nascimento (2009, p. 154) baseada em: a) o roteiro de Faulstich – que utilizamos

acima; b) a pesquisa iconográfica de Sofiato (2005); c) os princípios e critérios norteadores da avaliação de dicionários do MEC/PNLD/2007 e as fichas de avaliação de dicionários 1, 2 e 3 também do MEC/PNLD/2007. Os dois últimos documentos a autora indica ter tido acesso pelo trabalho de Gomes (2007⁴⁵).

O formulário para análise geral de repertórios com LS sintetiza oito itens: o código do repertório, o número de línguas do repertório, a língua de entrada, a presença ou ausência de definição, o tipo de ordenação das entradas (onomasiológica ou semasiológica), o tipo de índice, a forma de representação da LS, as observações ou comentário geral a respeito da obra. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 154)

As partes que compõem o formulário têm o objetivo de analisar as características que a LS pode apresentar de forma distinta do registro feito em LP. Portanto a autora objetivou registrar os oito aspectos que devem estar presentes no processo de elaboração de repertórios lexicográficos de LS. Abaixo apresentamos as avaliações feitas com base na ficha.

Obra 04

Título: Glossário Letras-Libras 2016

Formato: página de internet – <http://www.glossario.libras.ufsc.br>

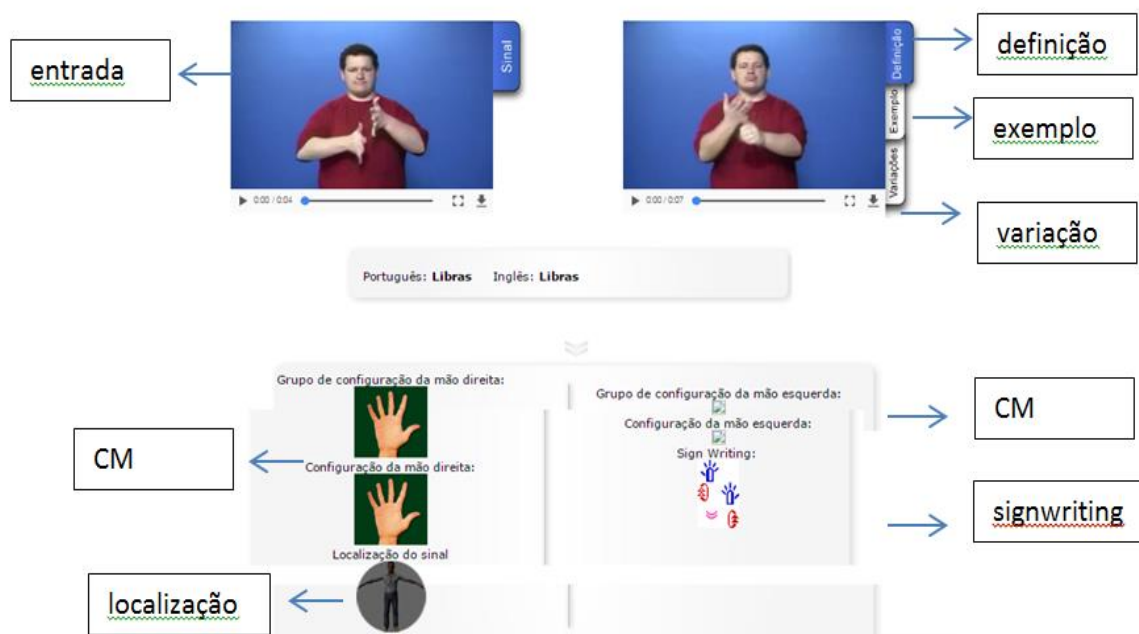
Objeto do Glossário: Terminologia da Área da Linguística

Número de línguas do repertório: Duas, em língua portuguesa e língua de sinais brasileira.
Língua de entrada: Língua de sinais e representação escrita da língua oral.
Sobre definição: Com definição.
Ordenação das entradas: As entradas estão em ordem alfabética. Apesar da busca poder ocorrer também em LSB, a página que abre com as possibilidades de termo está em ordem alfabética.
Tipos de índice: O glossário inicia com um índice temático – Linguística, Arquitetura, Cinema e Psicologia. Apesar da existência de ícones, apenas o de Linguística possui registro de termos.
Forma de representação da LS: Iconográfica: i) por vídeo – em relação ao sinal; ii) pela escrita dos sinais – signwriting – SW e iii) por meio da descrição dos parâmetros de representação de língua de sinais (categorizados pelo sistema SW).

A seguir, apresentamos o verbete do glossário.

⁴⁵ GOMES, Patrícia Vieira Nunes. O Processo de Aquisição Lexical na Infância e a Metalexigrafia do Dicionário Escolar. Brasília, 2007. F. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras Universidade de Brasília – IL/UnB.

Figura 58: Sinal LIBRAS – Glossário Letras- Libras



Fonte: www.glossario.libras.ufsc.br

Obra 05

Título: Glossário Libras EaD – Glossário - Universo escolar

Formato: página de internet – <http://eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=6544>

Objeto do Glossário: Terminologia do Universo escolar

Número de línguas do repertório: Duas, em língua portuguesa e língua de sinais brasileira.
Língua de entrada: Língua de sinais e representação escrita da língua oral.
Sobre definição: Sem definição.
Ordenação das entradas: As entradas estão em ordem alfabética no vídeo.
Tipos de índice: Sem índice.
Forma de representação da LS: Iconográfica – por vídeo.

Abaixo, apresentamos o sinal SUSPENSÃO ESCOLAR do Glossário.

Figura 59: Sinal SUSPENSÃO ESCOLAR – Glossário Libras EaD – Glossário - Universo escolar



Fonte: <http://eaulas.usp.br/portal/video.action?idItem=6544>

Obra 06

Título: Terminologia em Língua de Sinais para Política

Formato: página de internet – <https://www.youtube.com/watch?v=E1EvOhk5ezY>

Objeto do Glossário: Terminologia da Área Política

Número de línguas do repertório: Duas, em língua portuguesa e língua de sinais brasileira.
Língua de entrada: Língua de sinais e representação escrita da Língua oral
Sobre definição: Sem definição
Ordenação das entradas: As entradas estão ordenadas mediante ideia dos espaços nos quais ocorrem a política pública. Em seguida, pelos que atuam nela e, por fim, pelas leis.
Tipos de índice: Sem índice.
Forma de representação da LS: por vídeo.

Abaixo, na figura 60, apresentamos o verbete do glossário de Terminologia da Área Política.

Figura 60: Sinal REQUERIMENTO – Terminologia em Língua de Sinais para Política



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=E1EvOhk5ezY>

Após o percurso investigativo desta pesquisa, foi possível registrar a existência de dicionários, glossários, vocabulários e léxicos especializados em língua de sinais. Dentre esses foi possível perceber que em alguns casos há falta de estrutura Terminográfica de registro. Desse modo, entendemos que os vocabulários, glossários e dicionários apresentados não foram organizados com base nos Estudos do Léxico e da Terminologia. Fica evidente também a necessidade de esclarecimentos a respeito do conceito destas áreas e de suas representações no registro do produto.

Em suma, há uma lacuna na forma de organização e de registro do léxico – ou do termo – quando inseridos em obras típicas do tema examinado nesta tese –, pois, embora haja a possibilidade da aplicação das técnicas lexicográficas e terminográficas nas línguas de sinais, as LS ainda são grafadas e registradas como uma língua oral. Apenas uma das obras analisadas utilizou um sistema de escrita de sinais SW, apesar de existir, no Brasil, três sistemas para essa redação: SIGWRITTING, ELIS e SEL.

Desta feita, vale mais uma vez ressaltar o apontamento de Faulstich que diz: “um lexicógrafo que deseje elaborar materiais em Libras deverá fundamentar a teoria lexicográfica em concepções linguísticas que não sejam as mesmas para os usuários ouvintes, porque, acima de tudo, o ensino e a aprendizagem da(s) língua(s) se dá de forma diferenciada.” (FAULSTICH, 2007, p. 155).

Entendemos essa necessidade, bem como a urgência na formação de profissionais linguistas, a fim de promoverem pesquisas na área de Léxico e Terminologia, junto a profissionais não-surdos também especialistas na área. Com esse anseio, apresentamos no capítulo seguinte as etapas do caminho metodológico que percorremos para a elaboração da proposta de organização e registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue.

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA PARA ORGANIZAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM GLOSSÁRIOS BILÍNGUES LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA: UMA PROPOSTA TERMINOGRÁFICA

Neste capítulo, apresentaremos as etapas que compõem o percurso metodológico desta pesquisa. A primeira etapa retrata o objetivo e o público-alvo. A segunda, denominada Recolha dos Termos, subdivide-se em três fases, a saber: i) reunião do colegiado; ii) formulários internos da área administrativa da UnB e iii) análise do guia do calouro. A terceira fase Organização e elaboração das Fichas Terminológicas em LSB e LP. Vale ressaltar que todo esse procedimento foi adotado com o intuito principal de elaborar uma proposta de registro e organização de sinais-termo da área técnica e administrativa do meio acadêmico em glossários bilíngues – Língua Portuguesa e Língua de Sinais Brasileira.

5.1 ABORDAGEM E NATUREZA DA PESQUISA

Nesta pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, de natureza descritiva. Segundo Godoy (1995, p. 58), a abordagem qualitativa:

[...] é a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Identificamos as características acima explicitadas, a elaboração de obras terminológicas seguem, normalmente a abordagem funcionalista da língua ou das línguas que as compõem. Esta compreensão se dá apenas quando o pesquisador descreve a função das línguas com as quais convive.

Gil (1999, p. 46) afirma que a pesquisa descritiva “[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”. O presente trabalho se propõe a apresentar uma análise da LSB e da LP, com o fim de descrever as relações variáveis entre essas duas modalidades diferentes.

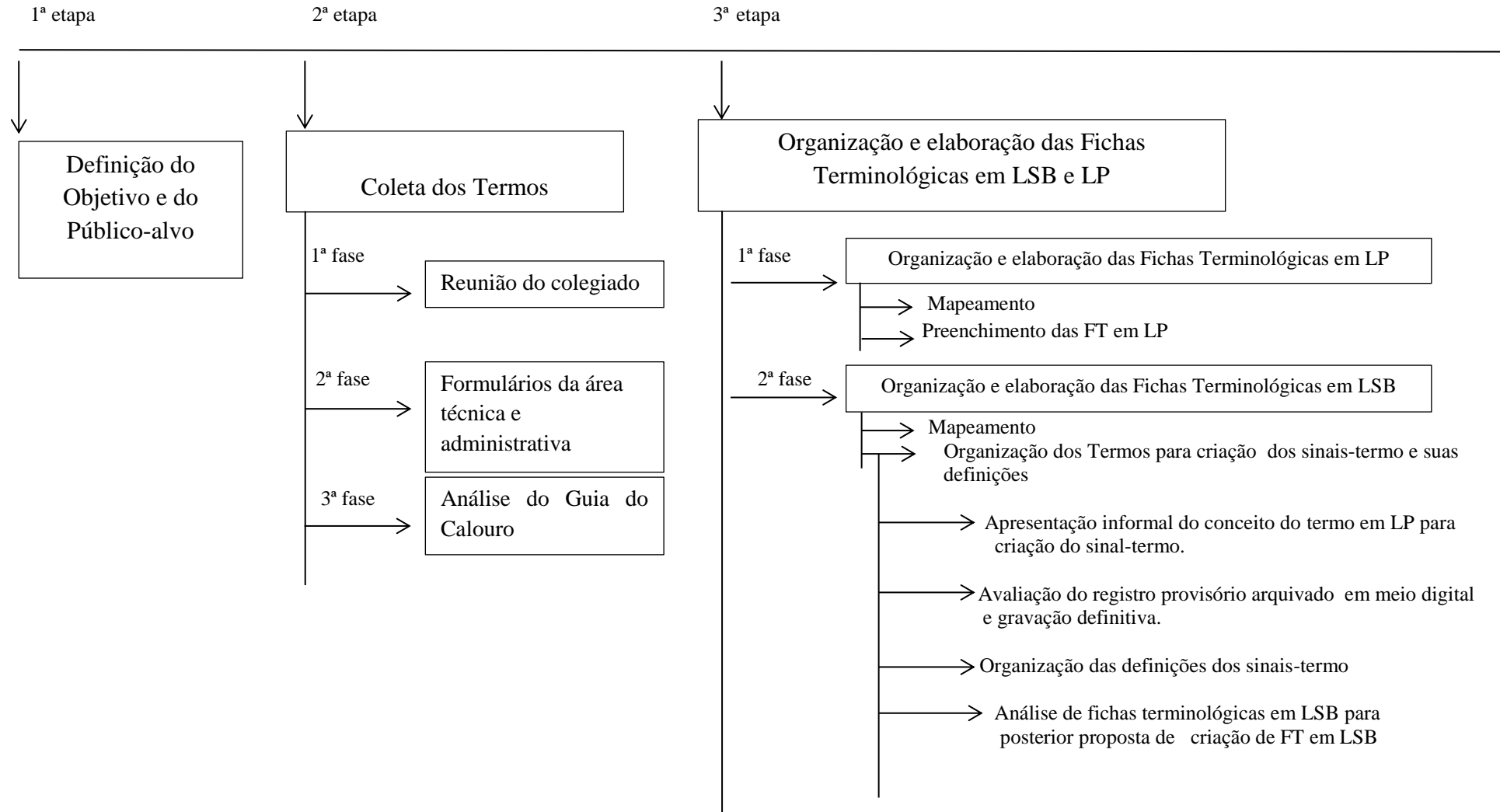
Assim, com base na abordagem, na natureza e nos procedimentos, apresentamos os caminhos metodológicos adotados pela pesquisadora durante o processo de

observação, coleta, análise e registro dos termos em LSB. A pesquisa está organizada em três etapas principais, sendo cada uma composta por procedimentos específicos: i) definição do objetivo e do público-alvo; ii) coleta dos dados e iii) organização e elaboração das fichas terminológicas em LSB e LP.

Para melhor visualização do percurso metodológico, elaboramos um fluxograma com as etapas e seus respectivos desdobramentos. Para Chiavenato (2007), o fluxograma é mais que uma ferramenta de representação é a visualização de todas as fases do processo que foram desempenhadas para um determinado fim. Assim sendo, esta pesquisa utilizou o fluxograma de sequência. Neste a representação horizontal significa as etapas desenvolvidas em determinado tempo e a representação vertical os procedimentos executados em cada etapa, sendo que estes precisam ser concluídos para que uma nova etapa se inicie. A seguir, apresentamos o fluxograma das etapas com os respectivos procedimentos para em seguida descrever cada uma delas. Devido à fase de Elaboração e organização das Fichas Terminológicas em LSB, apresentarem vários procedimentos, foi necessário criar um fluxograma específico que representasse de forma correta todos os passos dados. Portanto, abaixo, apresentamos dois fluxogramas: i) As etapas do percurso metodológico e ii) A segunda fase da terceira etapa que é: Organização e elaboração das Fichas Terminológicas em LSB.

MÉTODO

ETAPAS



5.2 DEFINIÇÃO DO OBJETIVO E DO PÚBLICO-ALVO

A primeira etapa consiste em definir o objetivo e o público-alvo da pesquisa. Assim, o objeto de estudo são os termos técnicos e administrativos do meio acadêmico, com o objetivo de criar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue, Língua Portuguesa - LP e Língua de Sinais Brasileira – LSB. Esta pesquisa segue o modelo de glossário proposto por Faulstich (1995), que entende como:

- a) Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas.
- b) Repertório em que os termos, normalmente de uma área, são apresentados em ordem sistemática, acompanhados de informação gramatical, definição, remissivas podendo apresentar ou não contexto de ocorrência.
- c) Repertório em que os termos são apresentados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência (Faulstich, 1995, p. 16).

Nesta pesquisa, adotamos o tipo explicitado na letra “c”. Assim, entendemos o glossário como um conjunto de termos da área científica ou técnica, organizado em ordem alfabética ou sistêmica que contém informações gramaticais e de contexto.

Ademais, o glossário neste estudo é bilíngue. Assim sendo, o conceito de bilíngue adotado por nós desvirtua-se do conceito atinente apresentado por Welker (2004). O autor conceitua glossário bilíngue como uma obra na qual umas das línguas do dicionário assume o papel de informação listada, ou seja, sem a necessidade de ter as mesmas estruturas do verbete da língua.

Em nossa proposta, a forma de registro, bem como, a organização das duas línguas, mesmo sendo de modalidades diferentes, são completas. Em outras palavras, as duas línguas são apresentadas de forma estruturada. Os verbetes, por exemplo, serão organizados e registrados na íntegra à medida que a língua permitir.

A segunda fase dessa primeira etapa considera a identificação do público-alvo. De acordo com Faulstich (1995, p. 35), “identificar o consulente é o primeiro passo de um trabalho terminográfico, pois determina a estrutura e o tipo de obra que será elaborada”. Assim sendo, os destinatários desta pesquisa, são os discentes surdos da Universidade de Brasília. Atualmente, existe um grupo de discentes surdos⁴⁶ e um surdocego na graduação. Entre esses, dez recebem atendimento do Programa de Apoio

⁴⁶ Entre esse grupo, oito alunos são deficientes auditivos, ou seja, pessoas que possuem a deficiência em um ou ambos os ouvidos, podendo dispor em grau de perda desde a surdez leve até a profunda e que utiliza como forma de comunicação a Oralização da Língua majoritária predominante no país (STROBEL, 2009).

às Pessoas com Necessidades Especiais (PPNE)⁴⁷ da UnB por meio de monitoria e acompanhamento nas salas de aula, com a presença dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira – Língua Portuguesa (TILS). Além dos discentes surdos, estão lotados no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), neste momento, nove docentes surdos falantes de Língua de Sinais Brasileira como primeira língua (L1) e quatro não-surdos falantes de Língua de Sinais Brasileira como segunda língua (L2). Diante desses números, entendemos que tanto os docentes quanto os TILS poderão ser usuários da obra resultante desta pesquisa, mesmo que de forma indireta. Para melhor visualizar os dados quantitativos alusivos ao público-alvo da obra, criamos o quadro a seguir.

Quadro 2: Público-alvo do glossário bilíngue

Público-alvo	Quantidade
1. Discentes surdos e surdocego	18
2. Docentes surdos e não-surdos	13
3. TILS	14

Fonte: Protocolo de Sistematização de Dados (TUXI, 2017)

Os números expressos no Quadro 1 determinam a heterogeneidade dos destinatários deste trabalho – consulentes surdos e não-surdos – que têm em comum o uso de duas línguas: a LSB e a LP. Por essa razão, o glossário registrará os verbetes nas duas línguas, sendo, portanto, uma obra bilíngue.

Assim, com os objetivos e o público-alvo definidos, passamos a descrever a próxima etapa da pesquisa, que consiste na Recolha dos Termos.

5.3 RECOLHA DOS TERMOS

A etapa denominada “Recolha dos Termos” consistiu em três fases que ocorreram em espaços e momentos específicos: i) reunião do colegiado; ii) leitura dos formulários internos da área administrativa da UnB e iii) análise do guia do calouro.

⁴⁷ O PPNE tem o objetivo de estabelecer uma política permanente de atenção a pessoas com necessidades especiais na UnB e assegurar a inclusão deles na vida acadêmica, por meio da garantia de igualdade de oportunidades e condições adequadas ao seu desenvolvimento dentro da universidade.

A primeira fase, que denominamos Reunião do Colegiado, ocorreu no início do ano letivo de 2014. Neste período, participávamos de reuniões de Colegiado do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) do Instituto de Letras (IL) da UnB. Em determinada reunião, durante a interpretação em Libras da ata, observamos que um número significativo de termos do discurso acadêmico não tinha sinais-termo correspondentes. Como forma de tornar acessível, o conteúdo apresentado na reunião aos professores surdos presentes, os TILS utilizaram a datilologia⁴⁸ como estratégia de interpretação.

A partir do mês de maio do mesmo ano, assumimos o papel de observador participativo nas reuniões, durante cinco meses. O foco do acompanhamento foi o processo de interpretação realizado pelos TILS da língua-alvo (LP) para a língua fonte (LSB), em especial, durante a leitura das Atas. Para isso, realizamos anotações de todos os termos em um caderno de campo⁴⁹, a fim de validá-los posteriormente. Buscamos também as atas das reuniões visitadas, no intuito de confirmar as anotações realizadas durante a observação, bem como relacionar os termos para passarem pela fase de seleção⁵⁰ e sistematização de suas características em uma tabela. Posteriormente, a esse processo estruturamos as fichas terminológicas, tarefa que representa a terceira etapa dos procedimentos metodológicos.

Ainda na segunda fase, também denominada leitura dos formulários internos da área administrativa da UnB, analisamos formulários técnicos e administrativos, utilizados pelas secretarias do Instituto de Letras (IL) e do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP). Essa escolha se deu porque o princípio central das secretarias é estruturar os serviços disponibilizados nos processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos pelo Instituto, bem como pelos Departamentos.

Além disso, as secretarias atendem, diariamente, a uma média de 200 discentes e vários docentes. Em geral, esse grupo busca informações sobre questões técnicas e administrativas alusivas ao universo do ensino superior. Entre esses, há surdos. Apenas

⁴⁸ Datilologia é o uso do alfabeto manual para expressar nome de pessoas, localidades e outras palavras que não possuem um sinal. Em uma representação de transcrição do português para a LSB, a datilologia configura a palavra isoladamente, ou melhor, letra por letra, como um ato de soletração (FERREIRA, 2010, p. 23).

⁴⁹ O caderno de campo é uma forma de registro diário de tudo que diz respeito ao assunto pesquisado: datas, dados de bibliografias consultadas, endereços, transcrições sintéticas de livros, revistas, visitas, conversas mantidas com pesquisadores e pareceres do orientador. Deve conter o registro detalhado das informações, observações, bem como as reflexões que surgem durante toda a pesquisa (GIL, 2007, p. 45).

⁵⁰ A seleção dos termos tinha como objetivo a terceira fase dos procedimentos, ou seja, a organização e a elaboração das fichas terminológicas.

por esse fato, já é latente a necessidade de se oferecer a eles a descrição dos termos cujos formulários são utilizados no ambiente acadêmico.

Para tanto, solicitamos aos funcionários da secretaria da Universidade de Brasília os três formulários mais requisitados pelos alunos e professores. Em resposta, recebemos os seguintes impressos: i) Revisão de Menção Final em Disciplina; ii) Solicitação de Aproveitamento de estudos e iii) Solicitação de Admissão – aluno especial.

Questionamos discentes e docentes surdos sobre a compreensão dos termos que compõem os formulários e o resultado se resume em:

1. Todos os docentes já haviam preenchido o primeiro formulário “Revisão de Menção Final em Disciplina”, em resposta a solicitação de algum aluno.
2. Todos os docentes utilizaram o segundo e terceiro formulários, denominados, respectivamente, “Solicitação de Aproveitamento de Estudos” e “Solicitação de Admissão – aluno especial, em algum momento de sua vida acadêmica. Isso ocorreu devido ao fato de terem cursado disciplinas na modalidade de aluno especial. Posteriormente, todos vieram a solicitar a validação dos créditos já cursados.

Nosso interesse era saber, então, se conheciam o sinal referente ao título do formulário. Como resposta, recebemos várias possibilidades de sinais. Alguns utilizaram o português sinalizado⁵¹, outros a datilologia, o que demonstra não haver um consenso no registro do termo nos dias atuais. À vista disso, fizemos uma nova tentativa de registrar sinais alusivos aos termos investigados. Desta vez, solicitamos a ajuda dos discentes surdos da pós-graduação⁵². Contudo, obtivemos respostas semelhantes às já auferidas, ou seja, o uso da datilologia ou de sinais baseados na escrita em português.

Como fizemos na primeira fase, coletamos, novamente, por meio de anotação, o título de cada formulário no caderno de campo, a fim de sistematizá-los em uma tabela. Conseqüentemente, elaboramos as fichas terminológicas que, como já informamos, representam a terceira etapa dos procedimentos metodológicos.

Na terceira e última fase – que denominamos Análise do Guia do Calouro –, o procedimento inicial consistiu na leitura do Guia do Calouro da Universidade de

⁵¹ Português sinalizado é um sistema artificial adotado por escolas especiais para surdos. Tal sistema toma sinais da língua de sinais e joga-os na estrutura do português (FERNANDES, 2003 e GOÉS, 1996).

⁵² Até o primeiro semestre de 2015, não existia alunos surdos falantes de LSB na UnB. No entanto, cinco alunos deficientes auditivos não falantes de LSB constavam nos registros da instituição pelo Programa do PPNE. Os alunos surdos da UnB falantes de LSB, por sua vez, foram localizados na pós-graduação do Instituto de Letras, especificamente no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL).

Brasília. Para isso, delimitamos a consulta às publicações dos anos de 2014, 2015 e 2016. O critério para a escolha desse período remete ao início do Curso de Língua de Sinais Brasileira/Português como Segunda Língua (LSB/PSL) na UnB, até a data do último lançamento do guia em questão, que aconteceu no segundo semestre de 2016 – período este no qual desenvolvíamos as investigações da presente pesquisa acadêmica.

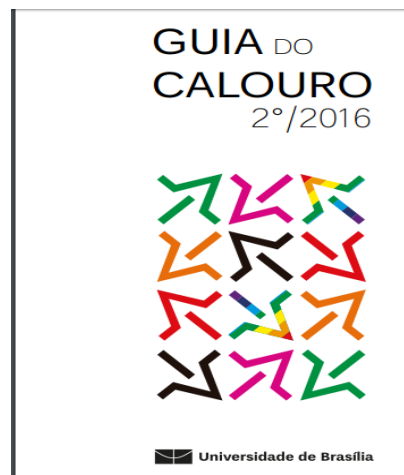
O Guia do Calouro é elaborado pelo Decanato de Graduação (DEG), bem como pela Diretoria Técnica de Graduação, da Editora UnB. As versões dos anos de 2014, 2015 e 2016 estão disponíveis no site da universidade: <http://boasvindas.unb.br/>. As capas dos guias podem ser visualizadas na Figura 61, logo abaixo.

A publicação supracitada configura um documento dividido em tópicos, os quais contêm descrições sobre a funcionalidade do espaço da Universidade de Brasília. Além disso, o impresso apresenta a história da UnB e explica como surgiram as áreas de gestão acadêmica, bem como os serviços de apoio aos estudantes. Ademais, comenta cada um dos passos que os alunos devem seguir desde a matrícula até a etapa final da formatura. Há também uma lista com endereços e mapas de localização das unidades acadêmicas, administrativas, de apoio e de serviços para ajudar os discentes a conhecerem os espaços nos *campi*⁵³. Por fim, o material indica o endereço virtual da universidade (www.unb.br) para a consulta de informações adicionais, caso sejam necessárias.

O Guia do Calouro é um material que se encontra em constante atualização, dado o intuito do órgão responsável em oferecer, aos alunos, os serviços institucionais com excelência. Desde o início da nossa pesquisa, já ocorreu a produção de quatro novas edições, cujas capas apresentamos a seguir:

⁵³ Campi é a referência de plural da palavra “campus” – uma palavra latina que deu origem ao termo português “campo”. Geralmente, é sinônimo de “polo”, e refere-se a um local onde uma instituição ou conjunto de instituições de ensino, religiosa ou de investigação científica ou tecnológica tem parte ou a totalidade dos seus serviços – nomeadamente salas de aula e laboratórios. Quando se refere a um estabelecimento de ensino, “campus” pode ser sinônimo de cidade universitária ou polo universitário, principalmente se as dimensões forem consideráveis. Também pode ser denominado como recinto universitário, albergando todas as instituições dentro da universidade propriamente dita (CEGALLA, 2002, p. 63).

Figura 61: Capas dos guias do calouro da UnB (2014/2015/2016)



Fonte: www.boasvindas.unb.br

Apesar das mudanças de capa, o conteúdo dos guias anteriormente apresentados permaneceu quase o mesmo e a única alteração constatada foi a inserção da ampliação de novos prédios no Campus Darcy Ribeiro da UnB. Assim sendo, após a leitura minuciosa do material, observamos a forma de divisão do guia em tópicos, a saber: Breve História da UnB; Estrutura Administrativa e Acadêmica da UnB; Ensino, Pesquisa e Extensão; Apoio Estudantil; Infraestrutura e Serviços; Cultura e Lazer no Campus; Regras de Convivência; Anexos; Mapas e Calendário Acadêmico.

Desta feita, selecionamos os tópicos a serem trabalhados nesta pesquisa, baseados em: i) conteúdo com termos relacionados à rotina do discente do curso de LSB/PSL na UnB e ii) tópico considerado pilar de qualquer universidade. No primeiro caso, o item se refere aos espaços da universidade, ou melhor, à descrição dos procedimentos de acesso do aluno à biblioteca, ao restaurante, aos auditórios, enfim, aos espaços de uso da Universidade de Brasília.

Vale ressaltar que a pesquisadora já realiza um trabalho, como professora, de ambientação dos recintos universitários em suas instruções nas aulas de Tecnologia e Linguagens do curso de LSB/PSL da UNB. Nelas, é apresentado o conceito de Videoguia⁵⁴, bem como é solicitado aos alunos o desenvolvimento de projetos de acessibilidade dos espaços da universidade. No trabalho, o aluno deve selecionar um dos lugares indicados no mapa do Guia do Calouro ou na Infraestrutura e nos Serviços ou, ainda, na Cultura e no Lazer do Campus; em seguida, ele deve tornar esse material acessível às pessoas surdas por meio do Videoguia.

Apresentamos também a atividade aos alunos do curso de Língua de Sinais Básico para receber um feedback de aprendizado e da compreensão do conteúdo publicado. Alguns alunos, mesmo do nível básico, por exemplo, se sentiram instigados a criar novos Videoguias alusivos a determinados institutos e faculdades da UnB.

De volta às questões que consideramos essenciais para o desenvolvimento desta investigação científica, temos o segundo caso já mencionado, cuja descrição é: tópico que consideramos como pilar da universidade. A etapa que segue nesta análise diz respeito ao Ensino, Pesquisa e Extensão que no manual comporta 30 páginas de conteúdo. O procedimento de análise se repete: anotação dos termos do Guia do Calouro no caderno de campo, a fim de sistematizá-los em uma tabela para, posteriormente, elaborar as fichas terminológicas. Listamos, a seguir os termos iniciais que serão estudados e analisados à luz da literatura terminológica.

Quadro 3: Resultado da Coleta dos Termos

1 – aluno	20 - disciplina módulo livre
2 - aluno especial	21 - disciplina obrigatória
3 - aluno regular	22 - disciplina optativa
4 - aluno visitante	23 - docente
5 - aproveitamento de estudo	24 - ementa
6 - calendário acadêmico	25 - histórico escolar

⁵⁴ Este conceito será apresentado no próximo capítulo, uma vez que o Videoguia é um elemento constituinte do Glossário Bilíngue de Termos Técnicos e Administrativos do meio acadêmico.

7 - chefe	26 - instituto
8 - colegiado	27 - professor
9 - coordenador	28 - professor substituto
10 - coordenador de curso	29 - professor visitante
11 - crédito	30 - progressão funcional
12 - crédito de extensão	31 - reitor
13 - curso	32 - total de créditos
14 - curso de extensão	33 - unidade acadêmica
15 - departamento	34 - universidade
16 – diretor	35 - vestibular
17 – discente	36 - subchefe
18 – disciplina	37 - vice – diretor
19 - disciplina equivalente	38 - vice – reitor

Fonte: Protocolo de Sistematização de Dados (TUXI, 2017)

Dada a indicação dos discentes e docentes, selecionamos também para este trabalho as localizações do mapa alusivas ao Guia do Calouro. São elas:

Quadro 4: Resultado da Coleta de Termos das Localizações do Mapa do Guia do Calouro

1 – Beijódromo	9 - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
2 - Biblioteca Central	10 - Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL)
3 - Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (CentroLexterm)	11- Restaurante Universitário (RU)
4 - Centro Olímpico	12 - UnB Ceilândia
5 - Instituto de Artes	13 - UnB Gama
6 - Instituto de Ciências da Computação	14 - UnB Planaltina
7 - Instituto de Letras	15 - UnB Darcy Ribeiro
8 - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP)	

Fonte: Protocolo de Sistematização de Dados (TUXI, 2017)

Finalizada a Recolha dos Termos, demos início à terceira etapa do procedimento metodológico: a organização e a elaboração das fichas terminológicas em Língua de Sinais Brasileira e em Língua Portuguesa, que serviram de base à construção dos verbetes do nosso glossário bilíngue.

5.4 ORGANIZAÇÃO E ELABORAÇÃO DAS FICHAS TERMINOLÓGICAS

A ficha terminológica é considerada o documento de maior importância para a elaboração de uma obra terminográfica, pois nessa ficha registram-se as informações do termo. Segundo Faulstich (1999, p. 4) “o registro do termo é feito em uma ficha de terminologia a qual funciona como uma certidão de nascimento”. Assim, por meio da sistematização do discurso terminológico, se formula o verbete.

O presente estudo segue, doravante, o modelo de ficha terminológica (FT) de Faulstich (1995a, 1995b, 2010, 2014), elaborado no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm)⁵⁵, sob a coordenação da Professora Doutora Enilde Faulstich. A FT apresenta campos, obrigatórios e facultativos. O que norteia essa escolha da parte do pesquisador é o tipo de obra que será desenvolvida.

Quadro 5: Modelo de Ficha Terminológica de Faulstich (ibidem)

FICHA TERMINOLÓGICA Modelo de Faulstich (2010, p. 180-183)	
1. Número	Ordem numérica do registro feito.
2. Entrada	Unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo ⁵⁶ propriamente dito, o termo principal.
3. Categoria gramatical	Indicativo da categoria gramatical à qual o termo pertence ou da sua respectiva estruturação sintático-semântica. Pode ser n = nome; s = substantivo; v = verbo; utc = unidade terminológica complexa ou outra que seja necessária.
4. Gênero	Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, a saber: m = masculino; f = feminino.
5. Variantes (s)	Formas concorrentes com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente. Elas podem ser variantes terminológicas linguísticas ou variantes terminológicas de registro.
6. Sinônimo (s)	Formas concorrentes no discurso da linguagem de especialidade, cujo significado é idêntico ao do termo da entrada.
7. Área	Indicativo da área científica ou técnica em que o termo é

⁵⁵ O Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília, é um organismo dedicado à pesquisa científica e técnica e à formação de pós-graduados, tal como prevê o seu regulamento. Os Estudos Lexicais e Terminológicos dedicam-se às atividades científicas e profissionais dirigidas à resolução de problemas linguísticos e de comunicação. Incluem-se também nesse rol de incumbências o atendimento às necessidades Linguísticas de organismos e instituições situados em todo o território nacional. Com esse propósito, o Centro Lexterm trabalha em pesquisa fundamental, bem como na constituição de instrumentos e recursos relacionados às aplicações da linguagem. Para mais informações: <http://www.centrolexterm.com.br>.

⁵⁶ Grifo da autora.

	usado.
8. Definição	Sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos.
9. Fonte de constituição da definição	Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor ou o adaptador das definições. Nesses casos, para evitar repetições desnecessárias, a referência pode aparecer na apresentação da obra.
10. Contexto	O contexto é um fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na linguagem de especialidade.
11. Fonte do contexto	Registro do autor, obra, data de onde foi extraída a frase contextual. Também é chamada de abonação. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor dos contextos. Neste caso, para evitar repetições desnecessárias, a referência única pode ser informada na apresentação da obra.
12. Remissivas	Sistema de relação de complementariedade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneira diversa, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser termos hiperônimos, hipônimos e termos conexos.
13. Nota	Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição.
14. Equivalente	Termos de línguas estrangeiras que possuem o mesmo referente. No dicionário, incluem-se os termos equivalentes das línguas selecionadas, segundo o plano da obra.
15. Autor	Registro do nome do responsável intelectual pela elaboração da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
16. Redator	Registro do nome do responsável pelo preenchimento/digitação da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação.
17. Data	Registro do dia, mês e ano em que a ficha foi preenchida/digitada.

Fonte: Faulstich (2010, p. 180-183)

Na FT acima, registramos as estruturas que possibilitam a análise quanto à natureza lexical e gramatical do termo. Isto ocorre devido à característica funcional que a ficha apresenta. Nesta terceira etapa, dividimos o trabalho em duas fases: i) a organização e a elaboração das fichas terminológicas em LP e ii) a organização e a elaboração das fichas terminológicas em LSB.

Passamos, agora, à fase de organização e elaboração da ficha terminológica em Língua Portuguesa.

5.4.1 Organização e elaboração das fichas terminológicas em Língua Portuguesa do Brasil

A ficha terminológica em LP teve a organização baseada no modelo de Faulstich (2010). Como a autora afirma, alguns campos são obrigatórios e outros optativos, desta feita, apresentamos o modelo de ficha adotado nesta pesquisa.

Quadro 6: Modelo de Ficha Terminológica

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico-Administrativos do Meio Acadêmico	
001	
1. Entrada	
2. Categoria gramatical	
3. Gênero	
4. Variante(s)	
5. Sinônimo(s)	
6. Área	
7. Definição	
8. Fonte de constituição da definição	
9. Contexto	
10. Fonte do contexto	
11. Remissiva	
12. Nota	
13. Equivalente	
14. Autor	
15. Redator	
16. Data	

Fonte: Faulstich (2010)

A ficha inicia-se com o título do glossário, que nesta pesquisa é intitulada “Glossário de Termos Técnico-Administrativos do Meio Acadêmico”, seguido do número de ordem do registro – ambos os itens se referem apenas à organização das fichas para o terminógrafo.

O primeiro tópico de análise das informações é a entrada, que registra o termo que será descrito na ficha. **O segundo tópico** diz respeito à categoria gramatical que atribuímos ao termo, dada a sua natureza morfológica de ser nome = n ou do verbo = v. **O terceiro tópico**, por sua vez, se destina à determinação do gênero, se o termo é masculino ou feminino em LP. A opção de delimitar o gênero foi uma forma de apoiar o registro em língua portuguesa para o consulente surdo.

No **quarto tópico**, registramos as variantes dos termos. Contudo, como alguns deles são próprios do ambiente interno da UnB, é muito provável que não sejam utilizados em contextos de outras instituições de ensino superior. A título de exemplo,

apresentamos DECANO, um termo que, comparado a organogramas de outras universidades, corresponde a Pró-reitor. À vista disso, ressaltamos a importância de se pesquisar a ocorrência de possíveis variantes caracterizadas como uma marca regional ou, ainda, resultantes de convenção da universidade pesquisada – essa pluralidade mostra a riqueza cultural, social e linguística existente dentro das instituições de ensino superior.

O **quinto tópico**, por seu turno, se destina a sinônimos que foram registrados com base nos dicionários consultados, a saber: i) Houaiss, 2001 e ii) Aurélio, 2015. No **sexto tópico**, registramos a área de domínio à qual o termo pertence. Na presente pesquisa, todos os termos pertencem à esfera Educacional, por isso, marcamos Educação na Ficha Terminológica e *Educ.* no verbete.

Por fim, o **sétimo tópico** corresponde ao registro da definição. Este tópico dá início a um novo procedimento que denominamos Mapeamento.

5.4.1.1 Mapeamento das definições

Esta foi a parte analítica mais desafiante tanto em LP como em LS. Para a organização e a elaboração da FT em LP, o procedimento adotado foi: i) busca por dicionários da área técnico-administrativa do meio acadêmico em editoras e livrarias, e, ii) análise de guias e manuais para calouros de IES.

No primeiro momento, pesquisamos catálogos em sites de livrarias e em sebos utilizando como palavra-chave “dicionários de termos acadêmicos”. Obtivemos, como resultado, uma lista de obras referentes a técnicas de trabalhos acadêmicos, isso quer dizer, como escrever teses, dissertações e projetos de pesquisa, entre outros. Em seguida, mudamos a menção para “dicionários de termos administrativos do ensino superior” e encontramos obras voltadas à área da administração, como ciência, bem como seu uso em carreiras administrativas ou concursos. Por fim, delimitamos “termos técnicos” e localizamos mais de 150 títulos, tais quais: Dicionários de Termos Técnicos do Meio Ambiente, Dicionários de Termos Técnicos da Medicina e Saúde, Dicionário de Termos da Moda. Entre todos, nenhum pertencia à área de Termos Técnico-Administrativos do Meio Acadêmico.

Por não encontrar o material esperado, optamos por analisar o conteúdo de orientação aos calouros das universidades, como guias e manuais para alunos de IES. Passamos a buscar, também na internet, guias de calouros de universidades. A

expressão utilizada foi “Guias de calouro de universidades”. Como retorno, obtivemos 249 mil resultados. Foi necessário, então, refazer a busca.

Com isso, o critério de escolha passou a ser universidades cujo curso de Letras abrange a formação em Língua de Sinais Brasileira (LSB). Em consequência, encontramos: i) Guia Estudantil versão 2015 e 2016 da Universidade Federal de Goiás (UFG)⁵⁷; ii) Guia de Suporte ao Calouro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)⁵⁸; iii) Guia do Calouro da Universidade Federal do Piauí (UFPI)⁵⁹; iv) Manual do Calouro da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e v) Guia do Aluno da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)⁶⁰.

Durante a busca por guias que pudessem apresentar um glossário de suporte para o nosso trabalho, encontramos o Manual do Calouro da Universidade de São Paulo (USP)⁶¹ que, apesar de não ter ainda o curso de Letras na área de LSB, possui um glossário que acompanha o manual do calouro e que foi, para nós, de grande utilidade.

Além disso, em outros materiais pesquisados, encontramos manuais e guias informais de calouros que são escritos pelos próprios discentes. Estes apresentam informações interessantes que podem facilitar a compreensão de siglas e de termos do meio acadêmico. Um exemplo disso foi o Guia básico de sobrevivência para calouros em São Carlos na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar⁶². Neste, as siglas utilizadas são apresentadas em contextos. Veja o exemplo:

Quadro 7: Termos do Guia básico de sobrevivência para calouros em São Carlos – SIGLAS.

IC – *Iniciação Científica* – Um trabalho com um professor em uma matéria específica de seu interesse. Há possibilidade de remuneração.

CAASO – *Refere-se à USP de São Carlos.*

O Manual do Calouro do Diretório Central dos Estudantes Luís Travassos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)⁶⁴ também merece destaque. Como o

⁵⁷ Site de busca: <https://guiaestudantil.ciar.ufg.br/>. Acesso em maio de 2016.

⁵⁸ Site de busca: <http://acessograduacao.ufrj.br/inc/bookflip/index.php?revista=ManualdoAluno&pgs=51>. Acesso em maio de 2016.

⁵⁹ Site de busca: <http://ufpi.br/guia-do-calouro>. Acesso em maio de 2016.

⁶⁰ Site de busca: <http://proeg.ufam.edu.br/guia-do-aluno-2012>. Acesso em maio de 2016.

⁶¹ Site de busca: <http://www.scs.usp.br/manualocalouro/>. Acesso em maio de 2016.

⁶² Site de busca: <http://guiacalourosufscar.blogspot.com.br/informais>. Acesso em maio de 2016.

⁶³ Site de busca: <http://guiacalourosufscar.blogspot.com.br/>. Acesso em maio de 2016.

⁶⁴ Site de busca: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/320801735-Manual-Do-Calouro-DCE-2016-2.pdf>. Acesso em maio de 2016.

próprio nome já explica, ele foi elaborado pelo DCE e traz informes sobre o campus central e os demais campus da universidade. Além disso, apresenta por meio de fotos os espaços da universidade e os organiza em níveis de prioridade de uso para os alunos. Agrega também ao material publicado, um espaço no facebook em que é permitido a todos os discentes tecer comentários sobre a qualidade dos serviços prestados nos espaços acadêmicos. Desta feita, notamos que o trabalho é grandemente utilizado pelos discentes, do mesmo modo que é muito comentado nas páginas da universidade como um recurso de inovação prática de interesse para todos.

No conjunto dos manuais e guias pesquisados, encontramos informações sobre os espaços como bibliotecas, restaurantes universitários e sistemas de bolsas, assim como auxílios destinados aos alunos. Alguns trazem explicações alusivas à matrícula, aos créditos necessários para concluir determinados cursos, até mesmo descrições referentes aos coordenadores ou responsáveis dos cursos, caso haja a necessidade de procurá-los para sanar alguma dúvida. Contudo, apesar de elucidarem esses procedimentos, não existe a caracterização desses termos, ou melhor, não definem o que é crédito, crédito obrigatório, unidade acadêmica, extensão, disciplinas de módulo livre, entre tantos outros termos constantemente usados nas IES.

Assim, ao constatar a carência de obras que possuam as definições acerca do tema desta pesquisa, iniciamos o trabalho de definição dos termos pesquisados, com base nos contextos apresentados pelos materiais dos guias e dos sites de área administrativa das universidades e pela leitura dos regimentos e estatutos das seis IES consultadas. Em seguida, de posse das definições elaboradas, voltamos a preencher a FT em LP. À vista disso, retomamos os tópicos concernentes à Ficha Terminológica.

O **oitavo tópico** se destina ao registro das fontes cuja informação inicial serviu de base para a compreensão da definição do termo.

O **nono tópico** apresenta o contexto que tem a função de demonstrar o uso da palavra em determinada situação comunicativa. Buscamos, neste trabalho, utilizar apenas o Guia do Calouro da Universidade de Brasília em suas versões de 2014, 2015 e 2016. No entanto, em alguns casos, os termos não estavam precisamente contextualizados dentro do uso da linguagem de especialidade. Após essa constatação, decidimos incrementar o acervo de consulta com sites de notícias da UnB e demais materiais da própria universidade, o que enriqueceu muito o trabalho.

O **décimo tópico** são as fontes dos contextos.

O **décimo primeiro tópico**, marca as remissivas que estão marcados dentro da definição. Nos verbetes aparecem antecedidas pela abreviação V. (letra v em caixa alta e negrito seguida de um ponto) que significa Ver.

O **décimo segundo tópico** da FT diz respeito aos termos equivalentes. Foi preenchido apenas quando detectamos uma representação do conceito real do termo na língua alvo. Em nenhum momento fizemos uma tradução direta sem base linguística. Quando não foi possível encontrar um termo equivalente dentro do contexto, indicamos na ficha e no verbete a expressão “em construção”, isso quer dizer que a busca pelo termo na sua equivalência não obteve êxito até o presente momento.

Os últimos campos – **quatorze, quinze e dezesseis** –, são de uso exclusivo da organização do registro das Fichas Terminológicas. Esses são respectivamente: i) a identificação do autor que elaborou a ficha terminográfica. No caso, optamos apenas pelo registro de uma abreviatura dos dois primeiros nomes da autora Patrícia Tuxi, grafado como PT; ii) o nome de quem digitou a ficha, no caso a mesma abreviação PT e iii) a data de “nascimento do termo”, isto é, o dia, o mês e o ano que a ficha foi preenchida (FAULSTICH, 1995).

Com a ficha terminológica em língua portuguesa estruturada, passamos a organização e à elaboração das Fichas Terminológicas em Língua de Sinais Brasileira.

5.4.2 Organização e elaboração das fichas terminológicas em Língua de Sinais Brasileira

Na segunda fase desta etapa, organizamos e elaboramos as Fichas Terminológicas em LSB. Esta fase constituiu-se como um grande desafio da tese. Ao analisarmos a FT proposta por Faulstich (2010), percebemos que várias lacunas ficariam em branco, uma vez que não havia material de referência em LS para utilizar como fonte. Com essa constatação, entendemos que seria necessário possuir materiais de pesquisa em línguas de sinais relacionados à área de termos técnico-administrativos do meio acadêmico, como ocorreu com a LP. Como não temos esse material na LSB, tivemos que organizar o material textual que seria a base de consulta para a elaboração da ficha terminológica na LSB.

Fizemos, então, a busca por materiais na área com o mesmo procedimento do Mapeamento na LP. A partir do levantamento de obras lexicográficas e terminográficas em língua de sinais (capítulo 4), verificamos que somente o Centro Universitário do

Triângulo (Unitri) produziu uma obra “Língua de Sinais Brasileira no Contexto do Ensino Superior – Termos Técnico-Científicos”.

Como já foi dito, para realizar a elaboração da FT em LSB, era preciso o sinal-termo da área pesquisada e a referida definição. Assim, foi necessário iniciarmos o segundo procedimento que denominamos Organização dos Termos para a criação dos sinais-termo e definições, descrito a seguir.

5.4.2.1 Organização dos Termos para a criação dos sinais-termo e respectivas definições

A organização dos termos para a criação de sinais-termo e definições foi realizada junto a toda equipe de pesquisadores do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais -LabLibras da Universidade de Brasília -UnB. O percurso metodológico foi dividido em cinco passos, a saber: i) apresentação informal do conceito do termo em LP e criação dos sinais; ii) avaliação do registro provisório arquivado em meio digital e gravação definitiva; iii) organização das definições dos sinais-termo; iv) análise registros de sinais em LSB para, posterior proposta de criação de FT em Língua de Sinais Brasileira e v) reunião com o grupo de pesquisa do LabLibras para a validação da Ficha Terminológica e respectivo modelo de verbete que compõe o glossário bilíngue de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico da UnB.

Os passos objetivam a organização e elaboração da Ficha Terminológica em Língua de Sinais Brasileira, base para o registro no glossário bilíngue na parte de LSB.

1º PASSO: APRESENTAÇÃO INFORMAL DO CONCEITO DO TERMO EM LP PARA A CRIAÇÃO DO SINAL-TERMO.

Antes de iniciarmos o primeiro passo, é preciso demonstrar o espaço, os instrumentos utilizados e o período em que foi realizado o mencionado trabalho. A apresentação pré-formal dos conceitos dos termos e os demais passos que constituíram as etapas deste trabalho ocorreram no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais, situado no primeiro andar do Instituto Central de Ciências - ICC, na Ala Sul no Instituto de Letras – IL. O LabLibras⁶⁵ é um laboratório parte do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro LexTerm, ambos, coordenados pela Professora Doutora Enilde Faulstich. O Grupo de Pesquisa citado foi organizado com o objetivo de desenvolver

⁶⁵ Laboratório de Linguística de Língua de Sinais situado na Universidade de Brasília. Ele é uma extensão do Centro Lexterm, coordenado pela Professora Dra. Enilde Faulstich, e conta com a participação de pesquisadores linguistas surdos e não-surdos no processo de criação, análise e validação de novas unidades lexicais e terminológicas em Libras, entre outras atividades de pesquisa desenvolvidas no local.

um trabalho em conjunto na criação e validação de sinais-termo em pesquisas de mestrado e doutorado pelos integrantes do grupo. Durante os nossos encontros, ficou evidente que o trabalho, seja ele Lexicográfico ou Terminográfico, não pode ser um trabalho solitário. É preciso que haja uma equipe e que a mesma tenha flexibilidade para compreender as diversas perspectivas do termo e do sinal-termo, pois ambos necessitam de um olhar diferenciado que tanto se ambiciona na elaboração, organização e registro destes em obras da área. Nossos encontros, para os fins desta pesquisa, ocorreram entre maio de 2015 e janeiro de 2017, sempre às terças e quintas-feiras, no horário das 14h às 18h. No laboratório, fizemos uso de três computadores laptops e de duas câmeras fotográficas profissionais⁶⁶.

Situados no espaço (local), período e instrumentos utilizados, iniciamos as discussões conceituais para chegar ao sinal-termo. Inicialmente, a pesquisadora organizou contextos envolvendo termos técnicos e administrativos do meio acadêmico por tópicos temáticos. Em seguida junto aos colaboradores discutia os aspectos do termo no uso funcional da LSB. Assim criava situações onde a ambiguidade conceitual, estimulava os pesquisadores colaboradores a buscar a concepção do objeto na representação da mente do interpretante, no caso o surdo, e assim, no processo da abstração mental do conceito, criar o sinal-termo.

Ilustramos o fenômeno acima com os termos crédito, crédito de extensão e curso de extensão. O contexto utilizado foi Curso de Extensão de Escrita de Sinais – SignWriting promovido por docentes da Universidade de Brasília. A pesquisadora questionou se todos tinham participado do curso ou se algum outro conhecido havia participado. Diante da resposta questionou o período de realização e o número de créditos que os docentes, que participaram do curso iam receber. No questionamento a pesquisadora utilizou a datilologia, ao que em reflexo um dos integrantes fez o léxico sinalizado de crédito. Assim teve início o questionamento do uso do sinal CRÉDITO para contemplar o conceito de crédito acadêmico. Após discussões no grupo, o conceito de crédito no meio acadêmico foi abstraído, o que resultou na criação do sinal- termo CRÉDITO. Na perspectiva do signo linguístico do sinal-termo, consideramos a natureza da criação desta UTS como abstração conceitual.

⁶⁶ No início da pesquisa, trabalhávamos com três câmeras, contudo, uma delas – a câmera da pesquisadora – foi esquecida na UnB e não foi mais encontrada. Com isso, foram perdidos 11 sinais-termo alusivos à localização da UnB. Assim sendo, no intuito de preservar a obra, os sinais-termo que estavam no cartão de memória da máquina não foram aqui registrados.

Figura 62: Sinal- termo crédito



Fonte: TUXI (2016)

2º PASSO: AVALIAÇÃO DO REGISTRO DE SINAIS-TERMO ARQUIVADOS EM MEIO DIGITAL E GRAVAÇÃO DEFINITIVA

De início, as gravações de alguns sinais se fizeram de forma experimental. Em seguida, os sinais-termo validados eram gravados de forma definitiva pelo ator-surdo, o Professor Messias Ramos Costa, pesquisador do LabLibras. Após a validação do sinal-termo e do registro o novo passo foi a organização das definições em LS.

3º PASSO: ORGANIZAÇÃO DAS DEFINIÇÕES DOS SINAIS-TERMO EM LS

Essa organização foi complexa porque exigiu compreensão nas duas línguas: LP e LSB. Para isso, adotamos como modelo a ficha utilizada por Nascimento (2016, p. 54) intitulada “Definição Reformulada” conforme apresentamos abaixo:

Quadro 8: Modelo de Ficha com Definição Reformulada

Número da ficha:	
Termo:	
Definição original:	
Decomposição da definição	
O QUE É?	
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	.
Definição reformulada:	

Fonte: (adapt. NASCIMENTO, 2016)

É preciso explicar ainda que:

- 1) Em sinais, “**O que é?**” caracteriza a representação do sinal que constitui o conceito maior do sinal-termo, marcado na base (morfema-base) ou o

movimento que pode predicar a base. Neste trabalho, “o que é?” pode ser marcado por: local, pessoa, grupo de área e documento.

- 2) Em sinais, “COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ? PARA QUE SERVE?” significa a descrição do processo que estrutura o termo sob o ponto de vista do uso, como aparece no exemplo seguinte.

Quadro 9: Forma de constituição da definição em LS

Número da ficha: 005	
Termo: aproveitamento de estudo.	
Definição original: Reconhecimento dos créditos de disciplina cursada na UnB e em outra instituição de ensino superior, mediante análise dos estudos realizados pelo aluno.	
Decomposição da definição	
O QUE É?	Documento.
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	Analisar as disciplinas que algum aluno cursou na UnB ou em outra instituição de ensino superior, para aceitar ou não o lançamento de créditos.
Definição reformulada: Documento que analisa as disciplinas que o aluno estudou na UnB ou outra instituição superior crédito para aceitar ou não (TUXI, 2016).	
Remissivas: disciplina e crédito.	

Fonte: (adapt. NASCIMENTO, 2016)

Reformular as definições dos sinais-termo desse glossário é, ainda, um processo em desenvolvimento, dessa maneira o grupo de pesquisa continua a se reunir, agora apenas uma vez por semana, com o objetivo de discutir os termos da área. No Apêndice D, apresentamos uma amostra das Fichas Terminológicas com as Definições Reformuladas dos verbetes que utilizamos no glossário desta pesquisa.

Com os sinais-termo criados e a sistematização das definições em desenvolvimento, retomamos a organização e a elaboração das fichas terminológicas em Língua de Sinais Brasileira.

4º PASSO: ANÁLISE DE FICHAS TERMINOLÓGICAS EM LSB PARA POSTERIOR PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE FT EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Como já citamos anteriormente, a literatura especializada sobre Terminologia evidencia a importância da ficha terminológica como meio para a estruturação do verbete (FAULSTICH, 2001). Contudo, durante os estudos realizados, não encontramos referências de como elaborá-la quando a língua é de modalidade visual-espacial. Tal

constatação nos levou a refletir sobre quais fundamentos devem ser considerados para a constituição do verbete em LS.

O pesquisador do léxico e da terminologia deve ter como pressuposto não só a modalidade da língua, mas também o conhecimento da respectiva forma de organização e sequencia da mesma. Ademais, para determinar a ordem é preciso considerar também os aspectos estruturais, levando em conta o léxico e a gramática da língua.







Na busca de modelos para a elaboração da ficha terminológica retornamos às obras, já apresentadas no capítulo 1, da área de léxico e da terminologia das línguas de sinais.

Iniciamos pela dissertação de Douettes (2015), que criou uma ficha terminológica para organização e registro dos dados. As fichas terminográficas – como são denominadas pelo autor – abarcam a escrita dos termos pelo sistema SignWriting, bem como configuração das mãos, locação, movimento, variantes, os conceitos dos sinais-termo e as referências bibliográficas. Abaixo apresentamos a ficha terminográfica do sinal-termo *AGEU*, termo religioso.

Figura 63: Ficha Terminográfica de registro do sinal-termo

FICHAS TERMINOGRÁFICAS PARA ELABORAÇÃO DE
GLOSSÁRIO DE SINAIS-TERMOS RELIGIOSOS COM LÍNGUA DE SINAIS

CATEGORIA: LIVROS BÍBLICOS

ORDEM	NOME DO LIVRO	SINAL-TERMO	ESCRITA DE SINAIS ¹⁴	CMI	CM2	LOCAÇÃO	MOVIMENTO	VARIANTE	
								CATÓLICO	TJ
1	AGEU								
DESCRIÇÃO DO LIVRO			Ageu é o livro que contém algumas mensagens anunciadas por Ageu, ordenando aos judeus que voltem do cativo para construir de novo o Templo. Fonte: Kaschel (2005, p. 18)						

Fonte: Douettes (2015, p. 306)

Seguindo da esquerda para direita é possível descrever os campos da FT de Douettes (2015).

1. o primeiro campo se destina ao número da ficha, no caso, a ordem de organização;

2. o segundo campo apresenta o nome do livro, relacionado à área religiosa. Para cada sinal-termo, a ficha terminográfica esclarece, ao final, a qual tipo de livro o sinal-termo pertence;
3. o terceiro campo é o sinal-termo digitalizado da obra que ele compilou;
4. o quarto campo é escrita de sinais em SignWriting. Na ficha que apresentamos acima, o autor faz, inclusive, uma observação de agradecimento pela colaboração de dois outros profissionais que o auxiliaram com a escrita de sinais;
5. o quinto e o sexto campos apresentam as configurações de mãos adotada durante a realização do sinal;
6. o sétimo campo de locação apresenta, por meio de imagem, a localização em que o sinal é realizado;
7. o oitavo campo apresenta o movimento, indicado por meio de setas e;
8. o nono e último, espaço apresenta, quando há, a variante.

A outra pesquisa analisada é a de Souza e Lima (2014, p. 119), em que a autora apresenta uma “Proposta Terminológica para a área de Desenho Arquitetônico”. Na ficha, o processo adotado é a descrição fonética da língua de sinais, assim como o preenchimento dos dados realizados por um programa de computador.

Na pesquisa, a autora afirma que o modelo permite analisar e organizar os aspectos imprescindíveis para a elaboração do verbete (SOUZA e LIMA, 2014, p. 121).

Figura 64: Modelo de Ficha Terminológica de registro do sinal

Modelo de Ficha

(1) Ficha Léxico-terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número:	
(2) Termo:		(3) Categoria:	
(4) Classe gramatical:			
(5) Definição em português:			
(6) Utilização do termo em uma frase			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia):			
(8) Fotos do sinal:			
(9) Escrita de sinais (<i>SignWriting</i>):			
(10) Quantidade de mãos:			
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	(h) Movimento:		
(i) Expressão facial:	(j) Expressão corporal:		
(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:	(h) Movimento:		
(i) Expressão facial:	(j) Expressão corporal:		

Fonte: Souza e Lima (2014, p. 113)

Segundo Souza e Lima (2014, p. 114-116), a ficha apresenta os elementos que permitem o registro do sinal. Para a nossa pesquisa, os tópicos relevantes são aqueles referentes à descrição fonológica do sinal que se inicia no tópico 10 e que os transcrevemos a seguir.

10) **Quantidade de mãos:** indica quantas mãos estão envolvidas na expressão do sinal.

11) **Parâmetros do sinal (início do sinal):** essa seção indica denota as características do sinal no momento em que ele começa a ser executado. Ora, ainda clarifica:

a) **Configuração de mão direita:** indica a configuração da mão direita do sinal em questão, conforme Barreto e Barreto (2012).

i) Indica o grupo específico do sinal.

ii) Indica o número específico da configuração de mão, dentro do grupo em questão.

b) **Configuração de mão esquerda:** indica a configuração da mão esquerda do sinal, em questão, conforme Barreto e Barreto (2012).

i) Indica o grupo específico do sinal.

ii) Indica o número específico da configuração de mão, dentro do grupo em questão.

c) **Tipo de ação da mão direita:** indica se a mão direita tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.

d) **Tipo de ação da mão esquerda:** indica se a mão esquerda tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.

e) **Orientação da palma direita:** indica a orientação da palma da mão direita. Ela pode ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.

f) **Orientação da palma esquerda:** indica a orientação da palma da mão esquerda. Ela pode ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.

g) **Ponto de articulação:** indica a região espacial em que o sinal é executado em relação ao corpo do falante.

h) **Movimento:** indica sobre se o sinal apresenta a presença ou não a ausência do movimento do sinal.

i) **Expressão facial:** indica se o sinal apresenta ou não expressão facial.

j) **Expressão corporal:** indica se o sinal apresenta ou não expressão corporal.

12) **Parâmetros do sinal (final do sinal):** esta seção indica as características do sinal no momento em que ele termina de ser executado sua execução é finalizada.

a) **Configuração de mão direita:** indica a configuração da mão direita do sinal em questão, conforme Barreto e Barreto (2012).

i) Indica o grupo específico do sinal.

ii) Indica o número específico da configuração de mão dentro do grupo em questão.

b) **Configuração de mão esquerda:** indica a configuração da mão esquerda do sinal em questão, conforme Barreto e Barreto (2012).

i) Indica o grupo específico do sinal.

ii) Indica o número específico da configuração de mão dentro do grupo em questão.

c) **Tipo de ação da mão direita:** indica se a mão direita tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.

d) **Tipo de ação da mão esquerda:** indica se a mão esquerda tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.

e) **Orientação da palma direita:** indica a orientação da palma da mão direita. Ela pode ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.

f) **Orientação da palma esquerda:** indica a orientação da palma da mão esquerda. Ela pode ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.

g) **Ponto de articulação:** indica a região espacial em que o sinal é executado, em relação ao corpo do falante.

h) **Movimento:** indica sobre se o sinal apresenta a presença ou não a ausência do movimento do sinal.

i) **Expressão facial:** indica se o sinal apresenta ou não expressão facial.

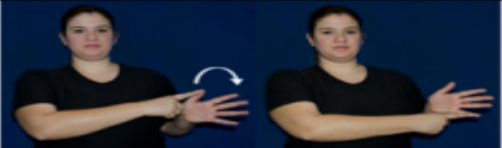
j) **Expressão corporal:** indica se o sinal apresenta ou não expressão corporal.

Apesar dos campos diversos apresentados pela autora acima, a mesma, não configurou como as informações podem contribuir para a organização e registro da obra terminológicas. Ocorreu uma descrição fonológica, contudo, as informações não possuem características conceituais ou de análise da constituição dos termos.

A terceira dissertação é a de Ribeiro (2013) intitulada “Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música”. Nesta, a autora apresenta a ficha terminológica com um campo próprio para a Língua Portuguesa e para a Língua de Sinais Brasileira. Ambos foram organizados de acordo com a proposta de Faulstich (1990).

A ficha terminológica para registro de sinais-termo da música utilizada nesta pesquisa teve como base o modelo proposto por Faulstich (1990), porém adaptado às necessidades de nossa pesquisa. A criação de uma ficha terminológica é essencial para o desenvolvimento de um vocabulário técnico da Música (RIBEIRO, 2013. p. 50).

Figura 65: Modelo de Ficha Terminográfica de registro do sinal-termo

FICHA TERMINOLÓGICA DE GLOSSÁRIO BILÍNGUE DA MÚSICA PORTUGUÊS-LIBRAS E LIBRAS-PORTUGUÊS											
Número da ficha: 39											
PORTUGUÊS – LIBRAS											
ent.	Pentagrama										
var.	Pauta										
cat.	s.										
gên.	m.										
def.	Um conjunto de 5 linhas e 4 espaços onde são escritas as notas musicais.										
Fonte def.	DGM, 1994										
cont.	No pentagrama tem 7 notas musicais.										
LIBRAS - PORTUGUÊS											
ent.											
var.	--										
cat.	n.										
gên.	--										
def.	CONJUNTO 5 LINHAS 4 ESPAÇO ONDE TER NOME NOTA MUSICAIS.										
cont.	7 NOTAS MUSICA PENTAGRAMA TER.										
imagem.	<table border="0"> <tr> <td>5ª linha _____</td> <td>4º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>4ª linha _____</td> <td>3º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>3ª linha _____</td> <td>2º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>2ª linha _____</td> <td>1º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>1ª linha _____</td> <td></td> </tr> </table>	5ª linha _____	4º espaço _____	4ª linha _____	3º espaço _____	3ª linha _____	2º espaço _____	2ª linha _____	1º espaço _____	1ª linha _____	
5ª linha _____	4º espaço _____										
4ª linha _____	3º espaço _____										
3ª linha _____	2º espaço _____										
2ª linha _____	1º espaço _____										
1ª linha _____											
Fonte imagem	TM (1996)										

Fonte: Ribeiro (2013. p. 51)

Na figura 65, a autora apresenta os campos destinados à LSB da seguinte forma: i) entrada para a língua de sinais – foto do sinal-termo; ii) campo variante – só é preenchido se houver outro sinal-termo que signifique o mesmo do sinal-termo principal; iii) categoria – destina-se às informações gramaticais de acordo com o uso no contexto; iv) campo do gênero – foi conservado, mas não é prioritário, pois na marcação quando se refere a objetos ou coisas inanimadas; v) campo definição e contexto – foram preenchidos com a glosa, e vi) campo imagem e fonte da imagem – significam respectivamente, a imagem, que é do site e a fonte de onde foi retirada. Apesar de ser, a primeira FT que diferencia os campos para as duas línguas, não há registro de descrição fonológica.

A quarta pesquisa é a de Cialdine Arruda (2009) cujo tema é nos “Elementos Microestruturais para um Vocabulário Didático dos Termos das Ciências Biológicas para Alunos Surdos do Ensino Fundamental”. Para a constituição da microestrutura – no caso, o verbete –, a autora propõe a ficha terminológica com os campos em LP, no primeiro momento, e uma equivalência em Libras em seguida.




<p>ENTRADA: AIDS</p> <p>INF. GRAM.: SIGLA; Subst. Fem</p> <p>VARIANTE: --</p> <p>REMISSIVA(S): vírus, síndrome</p> <p>CONTEXTO(S) DO LIVRO DIDÁTICO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O termo <i>Aids</i> vem da sigla da expressão inglesa <i>acquired immuno deficiency syndrome</i>, que significa <i>síndrome da imunodeficiência adquirida</i>. (p. 67) • A prevenção contra a <i>Aids</i> consiste basicamente em (...) (p. 68) • Com cerca de 42 milhões de pessoas no mundo infectadas pelo HIV, a <i>Aids</i> passou a ser uma das maiores enfermidades da história. Mas os estudos e os programas de combate ao HIV e à <i>Aids</i> têm avançado muito nos últimos anos. (p. 70) <p>DEFINIÇÕES PROPOSTAS PELOS DICIONÁRIOS:</p> <p>LIVRO DIDÁTICO: Nome comum dado à <i>síndrome de imunodeficiência adquirida</i>, causada pelo vírus HIV, que destrói certos tipos de glóbulos brancos, diminuindo a capacidade de defesa do organismo da pessoa que o contraiu.</p> <p>AURÉLIO: Virose contagiosa, causa por HIV, e que, levando a séria deficiência imunológica, propicia o desenvolvimento de graves infecções. Transmite-se por transfusão de sangue, pelo uso de seringa contaminada, e mediante relação sexual, sem proteção, com parceiro infectado; sída.</p> <p>RUTH ROCHA: Doença letal causada por vírus, transmitida por transfusão de sangue contaminado, relações sexuais, etc.</p> <p>CAPOVILLA: Doença do sistema imunológico humano causada por infecção pelo vírus HIV,</p>	<p>transmitido por meio de troca de fluidos orgânicos (como transfusão de sanguínea, no compartilhar de agulhas durante consumo de drogas injetáveis, ou na relação sexual sem preservativos), que deprime o sistema imunológico do paciente infectado, levando ao aparecimento de doenças infecciosas oportunistas, como a pneumonia e a tuberculose.</p> <p>DEFINIÇÃO: Síndrome causada pelo vírus HIV que diminui capacidade de defesa do organismo da pessoa que o contraiu e leva ao aparecimento de doenças oportunistas, como a pneumonia e a tuberculose</p> <p>EQUIVALENTE EM LIBRAS SELECIONADO:</p>  <p>QUANTIDADE DE VARIANTES EM LIBRAS: 03</p> <p>ESCRITA DE SINAIS:</p>  <p>IMAGEM:</p>  <p>FONTE: http://lges.igq.unicamp.br/images/lges_empauta_novidades_961_virus_hiv.jpg</p>
--	--

Figura 66: Modelo de Ficha Terminográfica

Fonte: Cialdine Arruda (2009, p. 183-184)

A autora explicita o conteúdo de cada ponto da FT conforme apresentamos abaixo:

1. **Entrada em LP:** está registrada a entrada lematizada, que é representada pelo próprio termo ou sintagma terminológico tratado;
2. **Informação gramatical:** se destina às informações gramaticais na forma como é utilizada dentro do contexto;
3. **Variante:** variantes gráficas que são formas alternativas de grafia verificadas no contexto. O preenchimento só ocorrerá caso seja verificada a existência de variantes;
4. **Remissiva(s):** são contempladas as remissivas que são outros termos que se relacionam com o termo-entrada por antonímia, hiperonímia ou hiponímia e sua definição auxilia a sistematização do significado do termo-entrada;
5. **Contexto(s) do livro didático:** registra o(s) contexto(s) apresentado(s) no livro didático da escola;
6. **Definições propostas pelos dicionários:** são as definições veiculadas pelo glossário do livro didático e os dicionários da escola. A definição partiu da análise das definições existentes, com a avaliação do professor da disciplina e dos alunos.
7. **Definição:** o registro da definição, onde o conceito veiculado do termo, é baseado nos contextos;
8. **Equivalente em LIBRAS selecionado:** campo de extrema importância. O sinal apresentado selecionado entre as variantes por um consultor surdo;
9. **Quantidade de variantes em LIBRAS:** campo reservado a um dado quantitativo, ou seja, o número de variantes em LIBRAS para o termo;
10. **Equivalente em escrita de sinais:** campo produzido com o auxílio de um consultor surdo que deseja contribuir com a difusão da escrita de sinais;
11. **Imagem:** imagem retirada de sites da internet que representa o conceito do termo; e
12. **Fonte da imagem:** fonte de onde a imagem foi retirada.

Nesse modelo de ficha, o autor não apresenta a descrição fonológica dos termos.

A última pesquisa é de Faria-Nascimento (2009). A autora elabora um “instrumento genérico”⁶⁷ no intuito de auxiliar quais itens são necessários à delimitação e conseqüente elaboração de fichas léxico-terminográficas, denominadas pela autora como:

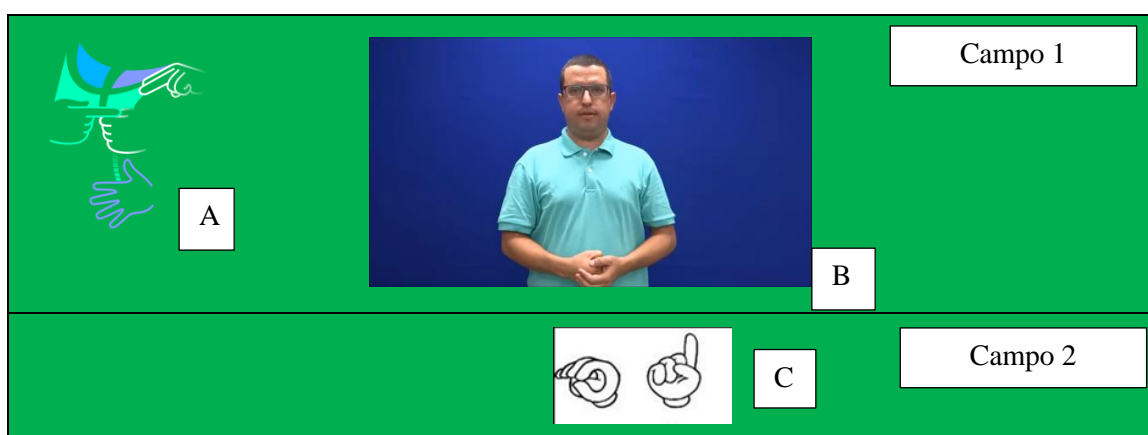
... adequadas ao desenvolvimento dos mais variados tipos de repertórios, inclusos aqueles que tratam, simultaneamente, de duas modalidades diferentes de língua (línguas de sinais e línguas orais), e sobre quais critérios serão organizados os verbetes do repertório. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 211)

Assim, com base nas reflexões anteriores elaboramos uma ficha terminográfica a partir de dois fundamentos: i) a ficha terminológica em língua de sinais não é uma tradução do conteúdo que existe na ficha terminológica em língua portuguesa e ii) o conteúdo da ficha em língua de sinais parte de uma abstração conceitual para ressignificar o conteúdo em Línguas de Sinais Brasileira.

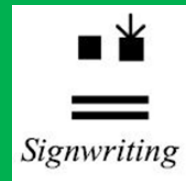
... é preciso notar que as linguagens científica e técnica exigem requisitos além da simples interpretação do conteúdo; exigem representação, isto é, um (o elaborador do glossário) precisa posicionar-se como se fosse o outro (o consultor do glossário). Por exemplo, quando elaboramos glossários tendo como língua de partida o português e como língua de chegada a língua de sinais brasileira, é preciso considerar que os sinais seguem parâmetros diferentes das línguas orais (FAULSTICH, 2013, p. 5).

Assim sendo, nossa pesquisa apresenta ficha com os campos que acreditamos ser necessários para a elaboração do verbete em LS, conforme pode ser visto na Figura 67.

Figura 67: Proposta de Ficha Terminográfica de registro do sinal-termo em LSB



⁶⁷ O Instrumento genérico de Faria-Nascimento (2009) possui 25 páginas, o que impossibilita inseri-lo na redação. Contudo, está disponível, na íntegra, na tese da autora em <http://repositorio.unb.br/handle/10482/6547>.



CM ATIVA

CM PASSIVA

LOCALIZAÇÃO












3.1

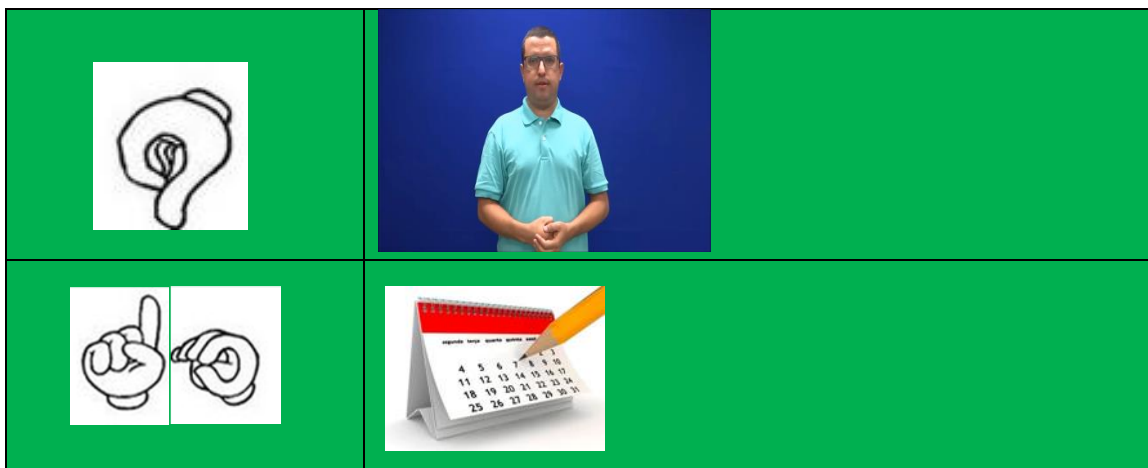


3.2 Canônica (O que é?)



3.3 Pragmática

		
	<p>3.4 Final</p> 	
		
		
		
		
		



Fonte: Tuxi (2016)

A seguir, explicamos cada campo que constitui nossa proposta de Ficha Terminológica para sinal-termo em Língua de Sinais Brasileira.

No campo 1 há três informações de identificação:

(A) Apresenta a Marca de Identificação neste caso, o Glossário, organizada, estruturada e registrada no LabLibras da UnB. Esta logo foi criada pelo Designer Fabio Sellani⁶⁸ e pelo Professor Messias Ramos Costa (2015). É a logo usada como hiperlink no Portal de Libras da UnB (www.portalibrasunb.br)⁶⁹. Este portal foi criado pelo pesquisador Messias Ramos e está sendo ampliado em sua pesquisa de doutorado.

(B) Título do glossário em LSB: Glossário de Termos Técnico-Administrativos do Meio Acadêmico em Língua de Sinais.

No campo 2, a letra (C) indica o número de ordem do registro feito em LS.

O tópico em CM (1) apresenta o sinal-termo em duas formas: i) na forma sinalizada, por meio de uma janela de vídeo, e ii) em SignWriting (SW).

O sistema de escrita para línguas de sinais denominado SignWriting (SW) foi inventado há cerca de trinta anos por Valerie Sutton, que dirige o Deaf Action Committee (DAC), uma organização sem fins lucrativos sediada em La Jolla, Califórnia, USA. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais adapta o sistema à sua própria ortografia. O sistema notacional do SignWriting permite o mapeamento dos sinais de uma língua de sinais, contribuindo para estudo e organização do léxico da língua (STUMPF, OLIVEIRA e MIRANDA, 2014, p. 183).

Assim sendo, a escolha do sistema SW ocorreu por dois motivos: i) a aceitação por parte dos pesquisadores da equipe por esse sistema de escrita, e ii) pelo fato de o sistema ser de fácil reconhecimento e instalação em programas de computador, o que

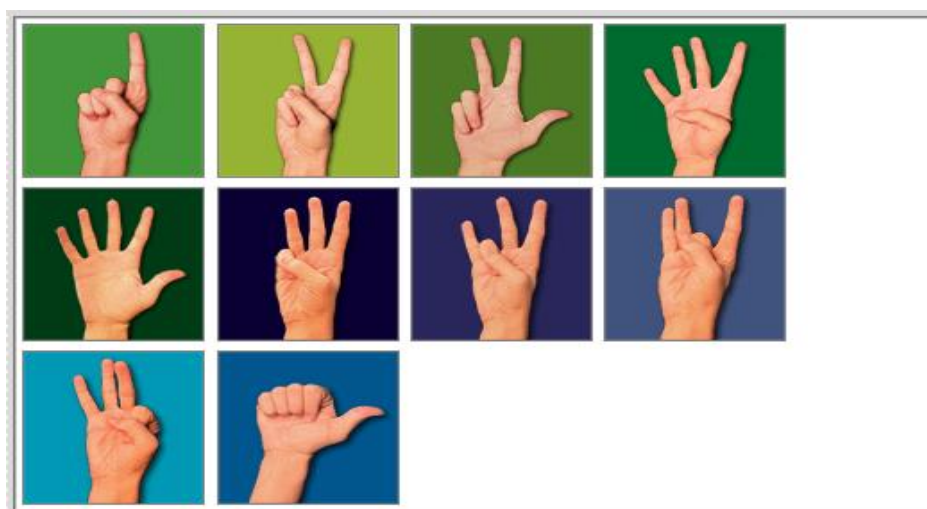
⁶⁸ Página do designer Fabio Sellani – <http://fabiosellani.blogspot.com.br/>

⁶⁹ www.portalibrasunb.br – em construção.

amplia o leque para divulgação e uso do glossário entre vários grupos de estudo e pesquisa do Brasil e do mundo.

Logo abaixo à entrada do verbete, tem a descrição fonológica do sinal-termo. Para isso, seguimos a proposta de Configuração de Mãos (CM) conforme os dez grupos apresentados no Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais –ISWA que, de acordo com Stumpf, “são as formas como as mãos são agrupadas de acordo com quais dedos são usados. Esses dez grupos, que representam os números de 1 até 10 em Língua de Sinais Americana – ASL, são o começo da ‘Sequência-de-Símbolos – SignWriting’ (SW), que é a ordem dos símbolos usada para procurar sinais em dicionários escritos em SignWriting”. (STUMPF, 2005, p.57 *apud* STUMPF, OLIVEIRA e MIRANDA, 2014, p. 183)

Figura 68: Grupos de Configuração de Mão



Fonte: STUMPF, OLIVERIA e MIRANDA (2014. p.180)

A opção de seguir a descrição fonológica do sistema ISWA vai ao encontro dos motivos já expostos para a escolha do sistema de escrita. Há também a facilidade para organizar os sinais-termo a partir dos Grupos de Configuração de Mãos, que apresentamos na figura 68. Estes se constituem em 10 configurações iniciais, sendo que cada configuração, com exceção do número sete, constitui uma nova série de opções. Para visualizar a estrutura completa, como todos os grupos e configurações que constituem o ISWA veja o Apêndice E.

Registramos na FT as duas mãos que realizam o sinal-termo, caso o sinal tenha o uso das duas mãos, ou seja, tanto da mão ativa, quanto da mão passiva. Para Nascimento (2016, p. 46), a mão ativa, também conhecida como mão dominante é

aquela que produz o movimento e a mão passiva ou mão de apoio, e que serve de apoio para realizar o sinal.

Como último ponto desse tópico, há o registro da localização, onde o sinal-termo é feito. Seguimos a proposta de Stumpf, Oliveira e Miranda (2014, p.181), que apresenta 14 regiões selecionáveis, a saber: 1. Neutro; 2. Cabeça; 3. Testa; 4. Olhos; 5. Nariz; 6. Boca; 7. Queixo; 8. Bochecha; 9. Orelhas; 10. Pescoço; 11. Ombros; 12. Tronco; 13. Braço e 14. Mãos.

Com a proposta inicial de análise fonológica realizada, passamos para **O tópico em CM (2)**, que registra as variantes do sinal-termo em LS. Nessa pesquisa, as variantes registradas são resultado de: i) análise feita nas obras lexicográficas já citadas no capítulo 2; ii) resultados da busca em outras línguas de sinais, e iii) respostas reações de docentes, discentes, tradutores e intérpretes de outras IES enviadas por chats, whatsapp e facebook, a partir de questionamentos realizados pela pesquisadora desse trabalho nos mesmos meios midiáticos. Destacamos, também, que a avaliação das variantes registradas neste trabalho passou por discussão com Gláucio de Castro Junior, Doutor na área de Variação em Língua de Sinais Brasileira (2011 e 2014).

O tópico em CM (3), abrange o registro das definições em línguas de sinais. Como explicado anteriormente, a compreensão das definições passa por um processo de organização dos elementos que constituem uma definição em sinais. É imprescindível ressaltar que não realizamos tradução de línguas, mas sim, uma construção conceitual e estrutural de uma definição já existente no português.

Elaboramos, então, definições a partir de configurações padrão que representam as construções processuais que a constituição do sinal-termo oferece. Foram construídas:

i) a representação do sinal que constitui o conceito maior do sinal-termo, marcado na base (morfema-base) ou o movimento que pode predicar a base (O que é?), e

ii) a descrição do processo que caracteriza o termo (Como funciona? e Faz o quê?)

O tópico em CM (4) o registro da fonte da definição. No caso, a fonte inicial da definição é a mesma do quadro da língua portuguesa, apresentado no tópico 8.

O tópico em CM (5) é o contexto. Registramos contextos extraídos dos Guias do Calouro da UnB (2014, 2015 e 2016), e dos materiais de sites de notícias da UnB.

O **tópico em CM (6)**, é a fonte do contexto. Optamos por usar a imagem do Guia utilizado.

O **tópico em CM (7)** é a nota. Nesta pesquisa não houve registro neste espaço.

O **tópico em CM (8)** faz referência aos sinais-termo equivalentes. Seguimos o mesmo princípio utilizado na ficha terminológica em língua portuguesa, ou seja, registramos em vídeo apenas quando há em outra língua de sinais dentro do mesmo contexto. Ademais, não utilizamos tradução direta.

Os últimos tópicos, **tópico em CM (9 e 10)**, apresentam itens de identificação da ficha terminológica. São respectivamente: i) o sinal de identificação do autor que elaborou a ficha terminográfica, a pesquisadora Patricia Tuxi, e ii) a data de registro da ficha terminológica no Sistema de Dados de Léxicos e Termos em Língua de Sinais Brasileira da Universidade de Brasília.

Toda essa FT em LSB é uma proposta, pois não dispomos de um programa de dados que possibilite o registro dos sinais-termo nessa ordem. Como solução nossos dados foram organizados em arquivos destinados a: i) sinais-termo; ii) definições, e iii) contextos. Estes arquivos estão disponíveis no DVD do Glossário de Sinais-Termo Técnico e Administrativo do Meio Acadêmico da Universidade de Brasília, que segue anexado nessa Tese. As fontes das definições e dos contextos são as mesmas das registrada nas FT em LP, que também se encontram no Apêndice D. As análises fonológicas dos sinais-termo também estão disponíveis no Apêndice F.

Com a FT em língua portuguesa e com a FT em língua de sinais estruturada, passamos para a construção do Glossário de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico, que é o objeto de apresentação do próximo capítulo.

CAPÍTULO 6

PROPOSTA DE GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO TÉCNICOS E ADMINISTRATIVOS DO MEIO ACADÊMICO DA UNB

Neste capítulo, apresentaremos a proposta do glossário, a partir da organização e registro das Fichas Terminológicas em LSB e LP. Para tanto, descrevemos a macroestrutura e microestrutura do glossário bilíngue de sinais-termo, que possibilita a composição dos verbetes nas duas línguas. Trazemos a ideia de inovação para glossários bilíngues pelo uso do QR Code e do Videoguia, ambos como instrumento de acessibilidade e interação do surdo ao meio acadêmico. Por fim, em meio digital, apresentamos o Glossário bilíngue de sinais-termo técnicos e administrativos do meio acadêmico: uma proposta para Instituições de Ensino Superior.

6.1 APRESENTAÇÃO DA MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE SINAIS-TERMO

A macroestrutura do Glossário bilíngue de Sinais-Termo Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico da Universidade de Brasília traz as informações gerais da obra. Segundo Faulstich (1998, p.3) “A macroestrutura é também chamada de paralexigrafia, porque compõe o aparato de ordenação do texto”. A ordenação do glossário com as informações da macroestrutura são apresentadas para o consultante por meio de lâminas do programa Power Point – PPT.

Figura 69: Lâmina com Apresentação do Glossário em LSB e LP



Na primeira lâmina, aparecem em língua de sinais e em língua portuguesa o título do glossário e a logo, adotada pelo Grupo de Pesquisa do Laboratório de

Linguística de Língua Brasileira de Sinais - LabLibras, desenvolvida pelo designer Fábio Sellani. Destacamos que a logo representa os Glossários de Sinais-Termo desenvolvidos no laboratório de LSB da Universidade de Brasília. Portanto o nosso glossário é um novo material no banco de dados da UnB. A macroestrutura do glossário consta na Figura 70.

Figura 70: Apresentação da Macroestrutura do Glossário

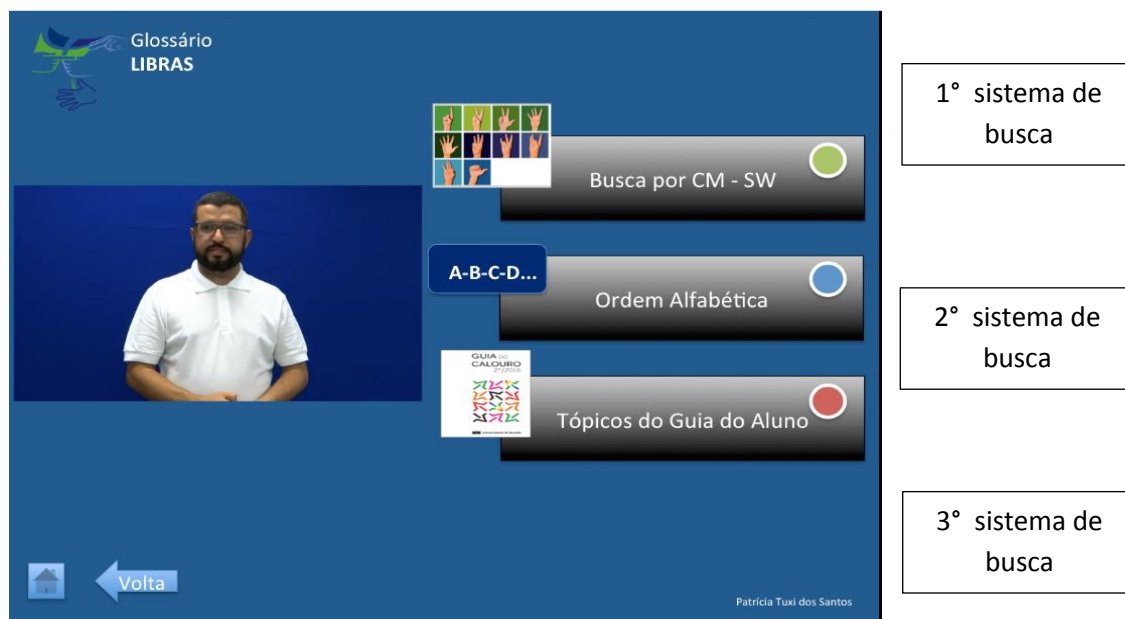


Fonte: TUXI (2016)

A figura 70, apresenta informações sobre a estrutura de elaboração e uso do Glossário. A primeira informação é o objetivo, que consiste em disponibilizar um glossário bilíngue de Sinais-termo e Termos da área Técnica e Administrativa do Meio Acadêmico da Universidade de Brasília. A segunda informação apresenta o que prioritariamente são os discentes surdos da UnB, e em segundo plano, docentes surdos e não-surdos e técnicos em assuntos educacionais e administrativos bilíngues da universidade.

A terceira informação indica como usar o glossário, conforme mostra a Figura 71. O sistema tem três formas de busca: i) em língua de sinais, pela Configuração de Mãos – CM do sistema de escrita SignWriting – SW; ii) em língua portuguesa, pela ordem alfabética e iii) pelos Tópicos do Guia do Calouro.

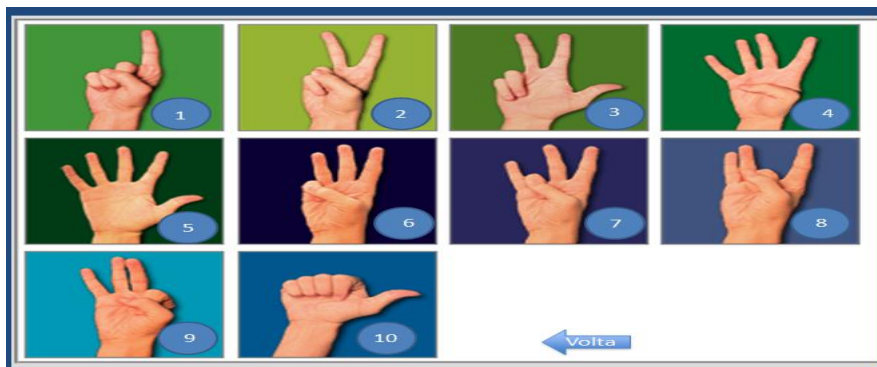
Figura 71: Opções de Sistema de Busca



Fonte: TUXI (2016)

O primeiro sistema de busca foi organizado pelo registro e organização fonológica descrita na Ficha Terminológica. Conforme apresentamos no capítulo 5, seguimos a proposta de Configuração de Mãos – CM de acordo com os dez grupos do Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais – ISWA, que representam as formas das mãos propostas pelos Grupos de Configuração. Os grupos, que ao todo são dez, seguem a Sequência-de-Símbolos que, segundo Stumpf, Oliveira e Miranda (2014, p. 183) “é a ordem dos símbolos usada para procurar sinais em dicionários escritos em SignWriting”. Portanto, utilizamos essa ordem na pesquisa para organizar e registrar os sinais-termo. O consulente pode escolher uma das CM e clicar no número que aparece abaixo. Uma nova tela abre e aparecem os sinais-termo. Em seguida, o sistema de busca pelo Grupo de CM.

Figura 72: Grupo de Configuração de Mãos baseado na Sequência-de-Símbolos em SW



Fonte: ADAPT STUMPF, OLIVEIRA e MIRANDA (2014)

Contudo durante a organização e registro do Glossário nos deparamos no Grupo 5 com número considerável de sinais-termo com a mesma configuração, o que nos fez pensar se categorizar apenas pelo Grupo de Configurações era suficiente. Assim, pensando na possibilidade de ampliação futura, dos sinais-termos pesquisados, elaboramos uma ficha de Análise dos Sinais-Termo com várias informações que auxiliam no registro e organização do sinal-termo em obras Lexicográficas e Terminográficas.

Figura 73: Ficha de Análise dos Sinais-Termo

A		ANÁLISE DOS SINAIS-TERMO			B
Sinal-termo ALUNO ESPECIAL		Análise: O sinal-termo aluno especial é uma composição, pois é constituído do sinal ALUNO + NÃO REAL. Sua marca conceitual que registra o aluno especial, que é aquele sem vínculo com a instituição é marcado com o morfema- boca, a expressão não manual e o balançar da cabeça configurando uma negativa.			
Grupo CM mão direita		SINAL INICIAL/BASE		D	E
	CM mão direita	Grupo CM mão esquerda	Localização do sinal	Sign Writing	
		CM mão esquerda			
Grupo CM mão direita		SINAL COMPOSIÇÃO			
	CM mão direita	Grupo CM mão esquerda	Localização do sinal	Sign Writing	
		CM mão esquerda			

Fonte: TUXI (2016)

Esta ficha segue a Análise, figura 76, inicia com a foto do sinal-termo, campo A. Em seguida no campo B tem a descrição fonológica baseada no sistema Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais (ISWA), que no primeiro momento identifica a CM no Grupo de Configurações de Mão para, em seguida, identificar a Configuração de Mão do Grupo. Para melhor identificação dos grupos utilizados e a forma de organização desse espaço, inserimos no Apêndice E os dez grupos que compõem o sistema do ISWA e como Apêndice F as fichas de Análise dos Sinais-Termo desta pesquisa. A partir da organização dessas fichas, foi possível registrar os Sinais-termo desta pesquisa na forma de busca pela CM, como apresentamos abaixo.

Figura 74: Sinais-Termo do Grupo de CM número 10 em ASL.



Fonte: Tuxi (2016)

Para organizarmos esse sistema tivemos de elaborar uma nova ficha com os dados da FT em LSB. Assim criamos a Ficha de Análise com o objetivo de mostrar os sinais pelo aspecto morfológico e fonológico do sinal-termo: abaixo apresentamos o modelo da ficha. A análise de todos os sinais-termo está no Apêndice F.

Figura 75: Ficha de Análise do Sinal-termo

ANÁLISE DOS SINAIS-TERMO			
Sinal-termo ALUNO ESPECIAL		Análise: O sinal-termo aluno especial é uma derivação marcada pelo morfema base de aluno e com afixo do sinal que indica o não vínculo com a instituição. Há marca do morfema- boca, da expressão não manual e do balançar da cabeça configurando uma negativa.	
SINAL INICIAL BASE			
Grupo CM mão direita	Grupo CM mão esquerda	Localização do sinal	Sign Writing
	∅		
CM mão direita	CM mão esquerda		
	∅		
SINAL COMPOSIÇÃO			
Grupo CM mão direita	Grupo CM mão esquerda	Localização do sinal	Sign Writing
			
CM mão direita	CM mão esquerda		
			

Fonte: TUXI (2016)

A Ficha de Análise do Sinal-Termo segue a constituição do sistema de busca. Isso novamente nos levou a pensar na importância de um programa que organize os dados da FT em LS e, também, nos permita realizar combinações e selecionar os sinais-termo tanto pelo caráter fonológico, pelo morfológico e pela análise dos parâmetros que, no nosso caso, se constitui a partir do SignWriting.

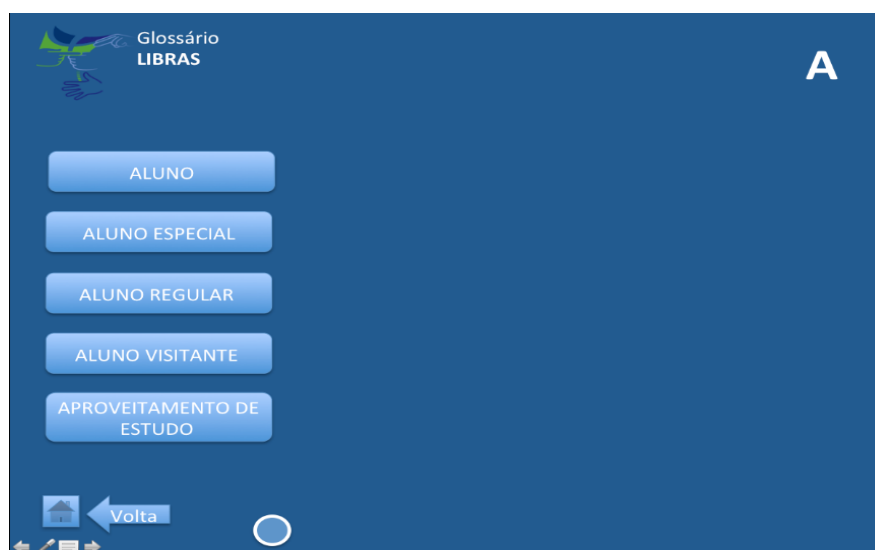
O próximo sistema de busca é pela ordem alfabética. Basta o consulente clicar na letra que desejar e aparecem todos os sinais-termo que são escritos com a letra selecionada.

Figura 76: Sistema de busca por ordem alfabética



Fonte: TUXI (2016)

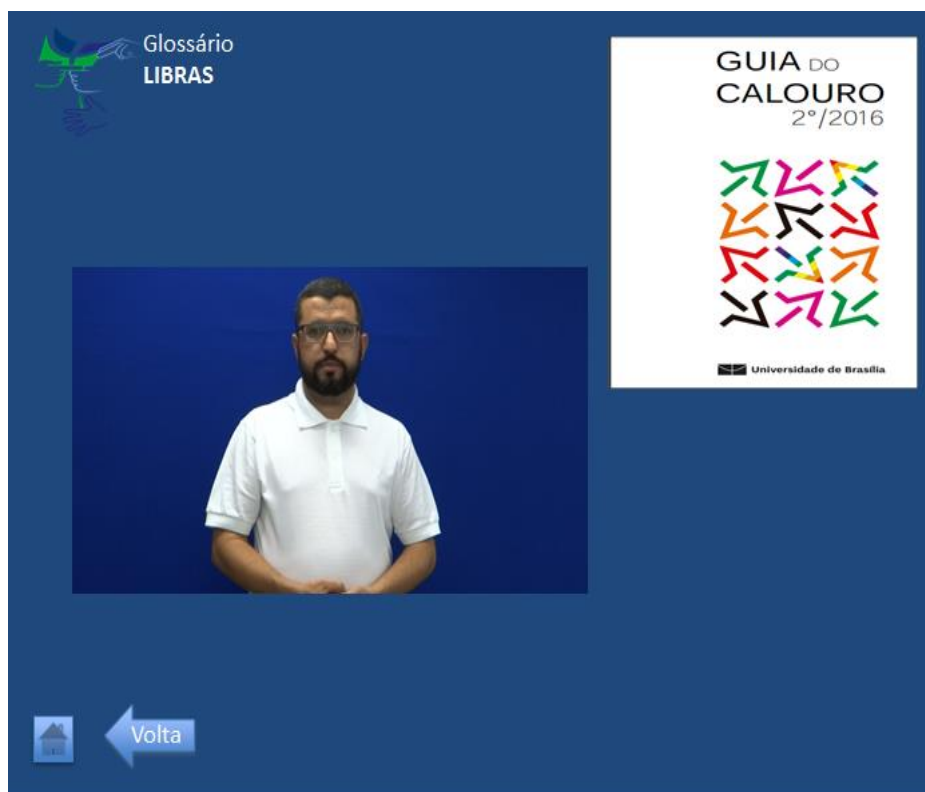
Figura 77: Lâmina que representa os sinais-termo escritos em português com a letra A



Fonte: TUXI (2016)

O último sistema de busca é pela estrutura de tópicos do Guia do Calouro da Universidade de Brasília. Para tanto foram desenvolvidas 22 lâminas com os tópicos do guia. Não se configura como um campo semântico, mas sim como uma estrutura por proximidade conceitual.

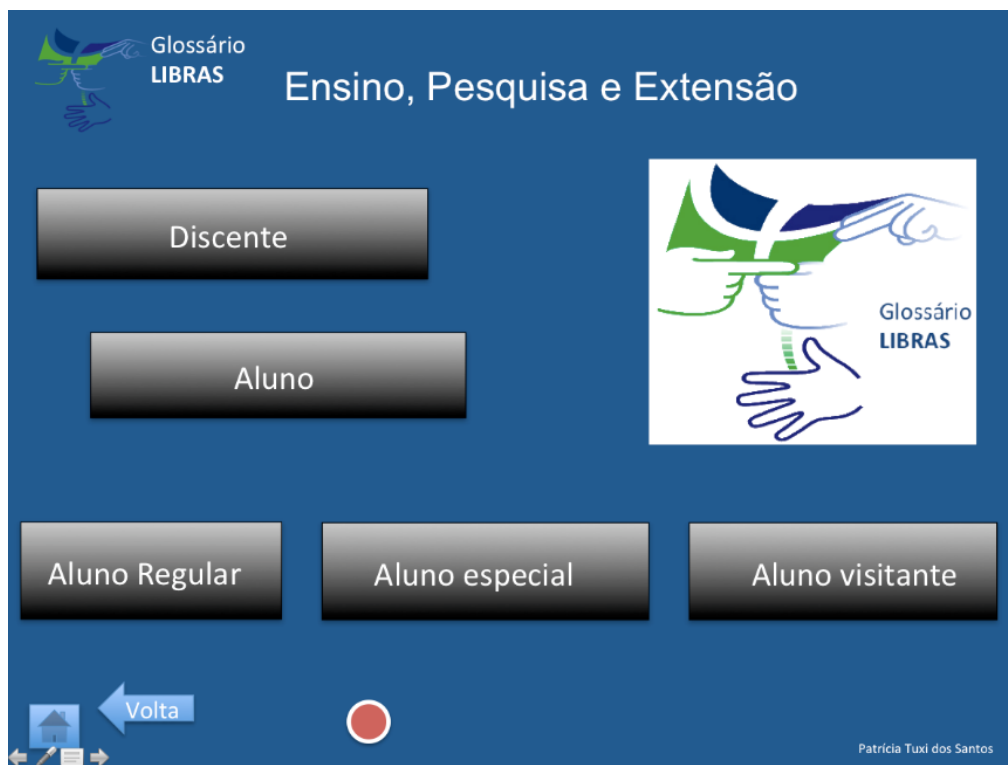
Figura 78: Sistema de busca pelo Guia do Calouro 2/2016 da UnB.



Fonte: TUXI (2016)

Nesta lâmina, o ator-surdo explica, em LS, que os tópicos apresentados são: i) Estrutura Administrativa e Acadêmica da UnB; e, ii) Ensino, Pesquisa e Extensão. Na primeira, aparecem Conselhos Superiores, Unidades Acadêmicas e Órgão Complementares e Centros, e na segunda, em primeiro plano, aparece o termo universidade que se contém 25 termos. A estrutura utiliza tópicos como forma de auxiliar o consultante a perceber os termos pelo tipo de organização hierárquica do meio acadêmico. O consultante, ao clicar nas abas dos termos, recebe uma nova janela, com o sinal-termo e os elementos de composição do verbete.

Figura 79: Lâmina de Tópicos do Guia do Calouro da UnB – Ensino, Pesquisa e Extensão.



Fonte: TUXI (2016)

Nesta lâmina evidenciada na Figura 79, o tópico Ensino, Pesquisa e Extensão contempla termos que estão organizados por proximidade conceitual. O outro tópico é o das Estruturas Administrativas e Acadêmicas da UnB. Neste, a forma de organização do verbete foi diferenciada do tópico Ensino, Pesquisa e Extensão. Essa mudança é resultado do objeto conceitual a que se destina o sinal-termo. Quando este representa uma localização, o verbete tem uma estrutura diferente dos demais sinais-termo. Essa mesma forma de registro foi utilizada para a divisão dos tópicos do guia, ou seja, os verbetes referentes a lugares têm um tipo de organização distinta dos demais sinais-termo.

Além do sistema de busca pelos três caminhos já citados, há outra forma de marcação com o objetivo de melhor visualização pelo consulente. Ao lado de cada janela para acessar a busca, há círculos coloridos que indicam também a qual tipo de busca a lâmina se refere, ou seja, se a lâmina é da busca pela CM, pela ordem alfabética ou pelo tópico do GC, conforme ilustra a Figura 80.

Figura 80: Indicações por cores dos tipos de busca



Fonte: TUXI (2016)

Como dissemos anteriormente, para as discussões sobre criação dos sinais-termo e a validação contamos com a colaboração de uma Equipe de Produção, representada na lâmina que segue na Figura 81. Para melhor situar cada um dessa equipe, apresentamos, ao final da tese, em Apêndice A, uma nota com breve currículo dos colaboradores.

Figura 81: Equipe de Produção



Fonte: TUXI (2016)

A próxima informação da macroestrutura é o campo de Dúvidas e Sugestões. Esse espaço foi discutido sobre as diversas formas de organização para que o consultante possa enviar mensagens escritas, vídeos ou mesmo novos sinais. Optamos, então, pela criação de um e-mail. Assim, além das ferramentas já citadas, teremos também a possibilidade de participar de chats online pelo Gmail, conforme consta na Figura 82.

Figura 82: Email do Glossário



Fonte: TUXI (2016)

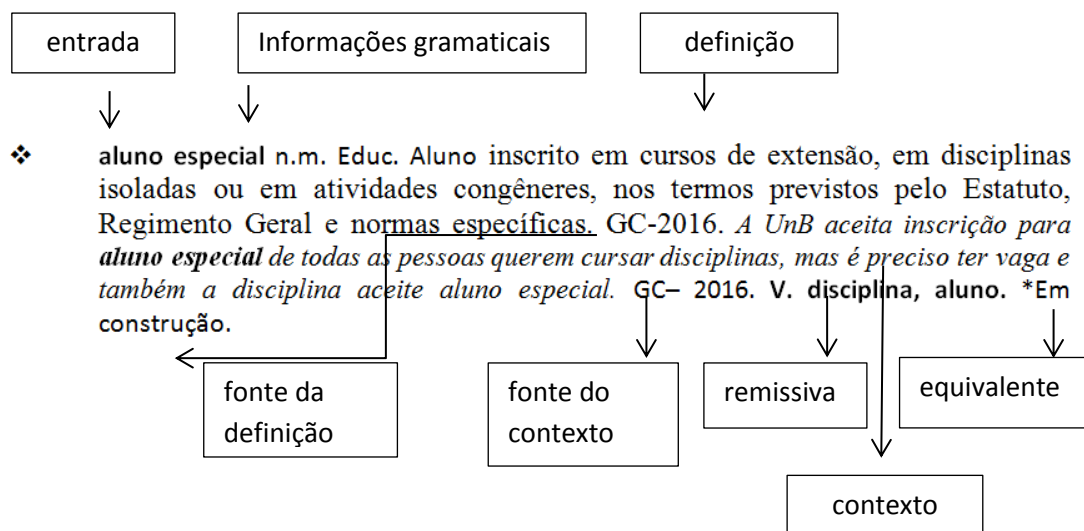
O glossário apresenta na penúltima lâmina as referências de uso para elaboração do material. A validação desse espaço ainda está em processo de construção, pois não foi possível, ainda, apresentar as referências em LSB, uma vez que as referências apresentadas são as utilizadas como base para a elaboração do glossário em específico, e não as referências da Tese.

6.2 APRESENTAÇÃO DA MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE SINAIS–TERMO

A parte interna do glossário, ou seja, o verbete que constitui a obra é a microestrutura. Para Faulstich (1995, p.23) é “onde ocorre a organização dos dados”. Portanto, entendemos a microestrutura como um conjunto de informações, baseadas no registro e organização das Fichas Terminológicas.

No verbete da Figura 83, os campos foram organizados para um consulente que tem o português como segunda língua, por isso, a estrutura do verbete tem a quantidade de campos reduzida, em relação ao modelo original de Faulstich (2001, 2010, 2011)

Figura 83: Verbete do termo Aluno Especial



Fonte: TUXI (2016)

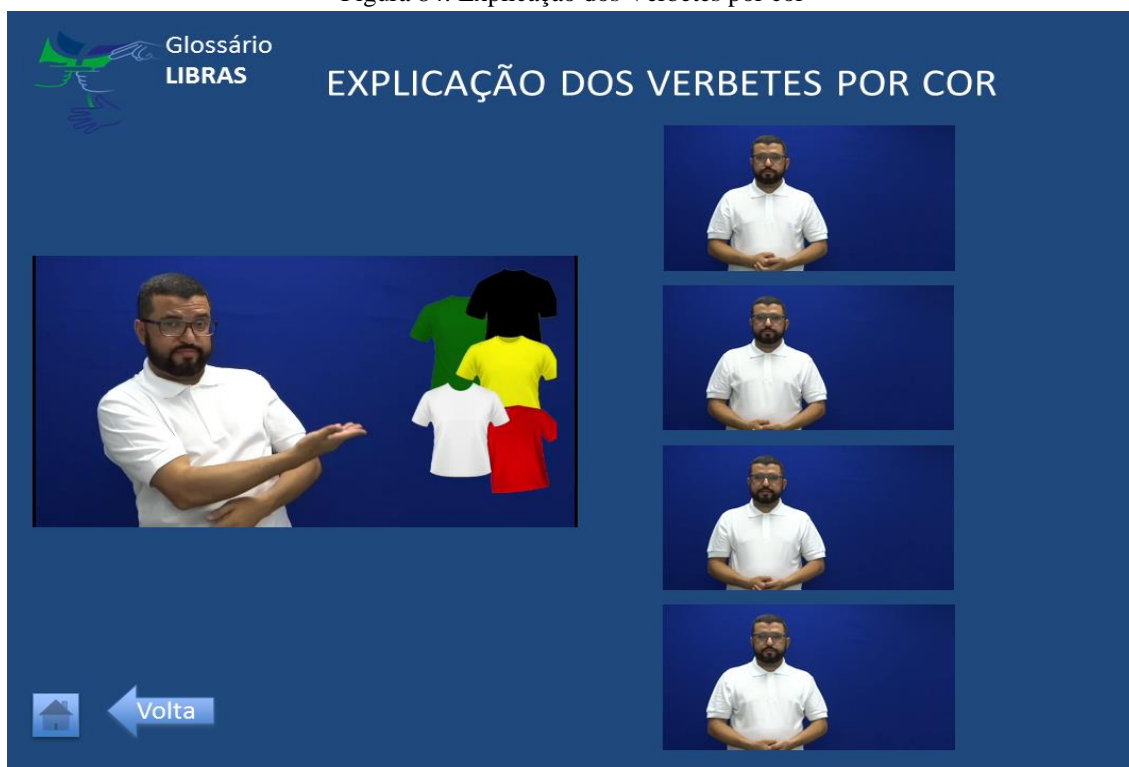
Conforme explicamos no capítulo 5, cada parte das informações que compõem os 38 verbetes foram registradas inicialmente na Ficha Terminológica em Língua Portuguesa. Para a estruturação do verbete em português. Depois, passamos à estruturação do verbete em LSB, como demonstramos a seguir

6.2.1 O verbete dos termos técnicos e administrativos em LSB

Organizar o verbete em Língua de Sinais Brasileira foi uma tarefa que nos exigiu um ano e meio para chegar a uma estrutura, organização e registro que nos satisfizesse. Nesse tempo, foram decididas as cores das blusas para a gravação e a diferença entre os verbetes de sinais-termo das localizações da UnB. Ainda, a forma de apresentação foi um processo que precisou de cinco meses para a validação da LSB com a equipe e com especialistas surdos e não surdos.

O motivo das diversas cores das camisas exige explicitação.

Figura 84: Explicação dos Verbetes por cor



Fonte: TUXI (2016)

Cada cor de camisa tem uma função na constituição do verbete e da macroestrutura e da microestrutura. Assim, há quatro cores para a constituição do verbete:

Figura 85: Verbetes em LSB



Fonte: TUXI (2016)

Na figura 84 em LSB, a blusa preta é usada no registro da entrada do verbete, a blusa de cor verde é usada no registro da definição; a blusa amarela é usada no registro do contexto, a blusa de cor vermelha é usada no registro de variante, quando houver. Abaixo da entrada, aparece a representação da escrita em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais Brasileira pelo SignWriting. Ao clicar no nome em português o consulente é dirigido para a lista de termos em LP.

Os círculos nas cores verde, azul e vermelho, postos no fim do verbete, correspondem respectivamente às possibilidades de busca. Portanto, se o consulente iniciar pela CM ou pela ordem alfabética ou pelo tópicos do GC, a forma de apresentação do verbete será a mesma. Conforme demonstramos na figura seguinte.

Figura 86: Forma integrada de sistema de busca pelas cores



Fonte: TUXI (2016)

Os tópicos das Unidades Acadêmicas apresentam outro tipo de organização para registro do sinal-termo, pois estes representam os lugares na universidade; por isso a definição vai além dos elementos de constituição do verbete. Por ser uma estrutura diferenciada, dedicamos um subtópico para os sinais-termo que se referem a localização dos verbetes que indicam lugares. Nesse ponto, a inovação tecnológica do uso do QR

Code e do conceito de Videoguia é uma técnica de acessibilidade para os alunos surdos. Discutiremos esse assunto em seguida.

6.2.2 Sinais-termo de localizações na UnB

No Guia do Calouro, há Órgãos Complementares, Centros e Unidades Acadêmicas que fazem parte da Estrutura Administrativa e Acadêmica da UnB. Para apresentar esses sinais-termo, utilizamos uma estrutura diferenciada dos verbetes já apresentados, porque assim o consulente pode ter acesso não só ao sinal-termo, mas também ao espaço real do local.

Figura 87: Órgãos Complementares e Centros da UnB



Fonte: TUXI (2016)

Os Órgãos Complementares e Centros no GC contemplam sete espaços da universidade, são eles: I. Biblioteca Central; II. Centro de Informática; III. Editora Universidade de Brasília; IV. Fazenda Água Limpa; V. Hospital Universitário; VI. Rádio e Televisão Universitária. VII. Arquivo Central. Além disso, no tópico Infraestrutura e Serviços, há mais dez lugares que também são citados como parte da UnB. Decidimos, então, criar os sinais-termo de alguns Videoguias pela falta de tempo. Dessa forma, neste glossário apresentamos cinco espaços da UnB, que fazem parte da estrutura e dos Órgãos Complementares, como proposta de organização e registro do

glossário bilíngue. Os sinais-termo que registramos no glossário são os de Restaurante Universitário, Beijódromo, Biblioteca Central e Centro Olímpico. Além dos sinais-termo, apresentamos também os serviços oferecidos e as informações de interesse ao discente da universidade como regras de funcionamento, horário e valores.

Em seguida, registramos os sinais-termo das Unidade Acadêmicas, que estão distribuídas em todo o campus Darcy Ribeiro. Para tanto, utilizamos duas novas tecnologias que possibilitam ao surdo acesso a localização e informação acerca do lugar registrado. Essas tecnologias são o QR Code e o Videoguia, os quais descreveremos a seguir.

6.2.2.1 O QR Code e o Videoguia como instrumentos de acessibilidade e interação do surdo ao meio ambiente

O QR Code é um novo tipo de código de barra que atua em duas dimensões porque utiliza barras na horizontal e na vertical. Isso possibilita um registro muito maior de dados. Criado pela empresa japonesa Denso-Wave nos anos 90, com o objetivo de auxiliar a forma de catalogação de peças da indústria automobilística, tornou-se a maior tecnologia de ponta para uso nos celulares.

Por ser um código de baixa complexidade para leitura, até mesmo celulares considerados simples, desde que possuam câmera de vídeo, têm a capacidade de “ler” o código, o que significa que o QR Code se tornou uma tecnologia acessível para todos e sem custos para quem consome ou fabrica.

A tecnologia do QR Code possibilita perfeita ligação com o videoguia cuja função é conduzir o espectador a compreender determinada informação que, além de ser “falada”, é também “vista”. Os videoguias podem ser considerados a evolução dos tutoriais e, com o avanço de canais interativos, como Youtube e Facebook, são comuns videoguias para ensinar os mais diversos temas nas diferentes áreas. Apesar de hoje, ser muito utilizado como um instrumento de grande utilidade, principalmente para o surdo, o Videoguia não está na lista de Tecnologias Assistivas ou de Tecnologias adaptáveis as pessoas com deficiência.

A esse respeito, recordamos Lévy (1999) quando afirma que a Tecnologia Assistiva no Brasil em meados dos anos 90 teve um grande desenvolvimento. Isto se deu em virtude do avanço mundial e de outros países como modelo de desenvolvimento de recursos e serviços no Brasil para pessoas com alguma deficiência. Portanto, o termo Tecnologia Assistiva se destina em especial a oferecer tecnologias de inovação para

peças com alguma deficiência. Podemos citar o uso do Videoguia para surdos em importantes espaços brasileiros, como na Pinacoteca de São Paulo, um dos primeiros espaços culturais a implantar o uso de Videoguias para surdos.

Outro espaço que também utiliza Videoguias como forma de acesso é o Museu de Artes Moderna de São Paulo – MAM, que disponibilizou dez iPads para serem utilizados com os vídeos em língua de sinais. Atualmente há dois profissionais surdos consultores e também atores-surdos para a elaboração dos Videoguias para as exposições do museu.

Em nossa pesquisa, a organização dos sinais-termo em LSB das localizações da UnB tem a estrutura, apresentada na figura 89.

Figura 89: Sinal-Termo de localização



Fonte: TUXI (2016)

Utilizamos o sistema de mapa porque a Unb tem internet livre para os alunos, o que possibilita que os alunos busquem o local da Unidade Acadêmica desejada por meio do google maps. A imagem que representa o local, também é uma vista visual de indicação do prédio da Unidade desejada. E, por fim, o QR Code, ao ser clicado, abre

uma nova pasta onde está inserido o Videoguia do local desejado. A partir desse conjunto visual, o consulente pode encontrar os diversos espaços que constituem a Universidade Brasília e ainda ter acesso às informações desse local, como site de informações e horário de funcionamento da secretária.

Figura 90: Lâmina de Videoguia do glossário



Fonte: TUXI (2016)

O Videoguia é uma tecnologia voltada para discentes da UnB. Apresenta os espaços da universidade em língua de sinais. Os Videoguias desta pesquisa são resultados de trabalhos desenvolvidos, durante um ano e meio, por alunos que participaram de disciplinas que a pesquisadora ministrou. Apresentamos nesse trabalho quatro Videoguias. Os dois primeiros Videoguias foram produzidos por alunos no curso de capacitação para servidores da universidade de Brasília. O terceiro e quarto Videoguia foi desenvolvido por alunos do curso de Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua - LSB/PSL, em resposta a uma atividade acadêmica proposta pela pesquisadora. No trabalho os alunos deveriam escolher locais da Estrutura Administrativa e Acadêmica da UnB e obter as informações básicas de funcionamento, e se houvesse necessidade, fariam propostas de criação de sinais.

O uso do QR Code e do Videoguia são ainda propostas iniciais no Grupo de Pesquisa do LabLibras. Pretendemos aprofundar os estudos para que possamos promover acessibilidade em todo o campus da Universidade de Brasília – UnB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sinal-termo é uma entidade com características do termo da linguagem especializada da Língua de Sinais Brasileira. Denota conceitos e representações linguísticas tal qual o termo nas línguas orais, pois detém os aspectos e as estruturas de conteúdo específico, que dizem respeito às peculiaridades próprias de cada área especializada.

Nesta pesquisa, desenvolvemos uma tese de doutoramento em que o objeto de estudo são os termos técnicos e administrativos do meio acadêmico, com o objetivo de criar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue, Língua Portuguesa - LP e Língua de Sinais Brasileira – LSB. O público-alvo desta pesquisa são os discentes surdos da Universidade de Brasília e outros que se interessem pelo assunto.

Desenvolvemos um glossário, organizado em ordem alfabética e sistêmica que contém informações gramaticais e de contexto. Ao analisar obras terminológicas bilíngues em LS, percebemos que as estruturas de ambas as línguas não são apresentadas de forma completa.

Apresentamos uma proposta de registro, bem como de organização de glossário nas duas línguas de modalidades diferentes, com vista a elaborar um glossário bilíngue que atenda aos discentes surdos. Nossa proposta é a de um Glossário Bilíngue de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico da Universidade de Brasília. O glossário bilíngue está dividido em três partes: ordem alfabética, parâmetros da LSB e tópicos temáticos. Para o registro e organização dos verbetes repertoriamos os termos e os sinais-termo em Ficha Terminológica.

No que diz respeito a LP, a metodologia utilizada foi a de mapeamento de termos e definições. Por sua vez, a LSB exigiu diferentes etapas, fases e passos para que os sinais-termo fossem registrados na FT. Assim sendo, desenvolvemos uma metodologia para criação, registro e edição dos sinais-termo e com as respectivas definições.

A teoria linguística que embasou o processo de criação dos sinais-termo foi a do signo linguístico, na concepção funcional de Peirce (1975), porque percebemos nessa proposta que a terminologia da LSB decorre da comunicação que se dá entre os usuários da língua na forma de entender o mundo.

Em vista disso, o signo linguístico que compõe o sinal-termo na LS se constitui pela abstração mental do conceito e significado que o objeto representa na mente do interpretante, no caso o surdo. Essa concepção nos possibilitou sistematizar a criação do sinal-termo ocorre a partir de 3 características: i) iconicidade mental; ii) representação processual e iii) abstração conceitual. Portanto, todo o estudo corroborou a tese que defendemos, de que a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB tem base na abstração mental do conceito que o objeto representa na mente do interpretante, surdo, o que significa que o termo e o sinal-termo são unidades terminológicas específicas que apresentam formas distintas de construção e de registro.

Com os verbetes em ambas as línguas, o glossário bilíngue contém 38 termos e sinais-termos da área técnica e administrativa do meio acadêmico. Trazemos também a proposta de implementação do uso de QR Code e de Videoguias na constituição de glossários bilíngues como instrumento de acessibilidade e interação para o surdo, no caso em específico, nos espaços acadêmicos.

O QR Code foi uma opção viável nesta pesquisa por ser um código de baixa complexidade para leitura, sendo o uso possível até mesmo por celulares considerados simples, desde que possuam câmera de vídeo. Pelo código acessamos o Videoguia que é uma forma de vídeo que permite ao espectador, no caso o aluno surdo, obter informações sobre lugares. Os sinais-termo registrados e organizados por esses recursos foram o Restaurante Universitário, o Beijódromo, a Biblioteca Central e o Centro Olímpico da UnB. Além dos sinais-termo, apresentamos também os serviços oferecidos e as informações de interesse ao discente da universidade como regras de funcionamento, horário e endereço dos sites.

No desenvolvimento desta pesquisa tornou-se imprescindível o uso de tecnologias, associadas à linguagem. Os sinais-termo foram gravados e salvos por meio de programas de computador comuns porque não obtivemos êxito em criar um programa específico; esta é uma área que precisa de mais tempo para ser estudada. Todos os dados, por necessidade de exposição, foram sistematizados em Power Point pelo manuseio visual que o programa permite.

Diante do que foi estudado, esperamos que esta pesquisa venha contribuir para a área de Terminologia da Língua de Sinais Brasileira, no que se refere à criação, ao registro e à organização de verbetes em obras terminográficas bilíngues. Desejamos que a proposta apresentada auxilie no desenvolvimento de novos repertórios terminológicos em LSB.

Esperamos que os estudos desenvolvidos nesta pesquisa sejam um estímulo para novas propostas de ensino e de aprendizagem das duas línguas contempladas nas leis de educação de surdos, nos mais diversos níveis de escolaridade.

Acreditamos que esses materiais favorecem o caminhar acadêmico dos discentes surdos que ingressaram e possam vir a ingressar na Universidade de Brasília. Como ainda não havia modelo de glossário bilíngue de termos e sinais-termo da área técnica e administrativa do meio acadêmico, acreditamos que a proposta contempla uma área terminológica da Língua de Sinais Brasileira e em consequência ao Surdo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M.**, Gaudin, F. **Socioterminologie. Une approche sociolinguistique de la terminologie.** Paris, Duculot, 2003. São Paulo: Humanitas, TradTerm, 2003 (Resenha).
- AUGER, P. **Essai d'élaboration d'un modèle terminologique/terminographique variationniste.** Tradterm, São Paulo, v. 7, p. 183-224, dec. 2001. ISSN 2317-9511. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/tradterm/article/view/49148/53231>>. Acesso em: 15 July. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49148>.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios.** Belo Horizonte: Ed. do autor, Vol. 1 2012.
- BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia.** São Paulo: Edusp, 2004.
- BASÍLIO, M. **Teoria Lexical.** Séries Princípios, 8. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- BELLUGI, U. "How Signs Express Complex Meanings". In: BAKER, Charolotte. BATTISON, Robbin. (Eds.) **Sign Language and the Deaf Community: Essays in honor of William C. Stokoe.** Washinton: National Association of the Deaf, 1980. P. 53-74.
- BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou lógica?** a produção linguística do surdo. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.
- BRASIL, Lei nº 10416 de 22 de abril 2002,
 _____. Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.
 _____. **Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa - MEC/SECADI – 2014.**
- BRANDÃO, F. **Dicionário Ilustrado de Libras.** São Paulo, Global Editora, 2011.
- CABRÉ, M. T. **La terminologia: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos.** p 1000- 1023. Documenta Universitaria. Espanha, 2005
- CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico.** Dissertação (Mestrado em Linguística). 2011. 123 f. Universidade de Brasília, Brasília 2011
 _____. **Projeto Varlibras.** Tese (Doutorado em Linguística). 2014. 259 f., Universidade de Brasília, Brasília- 2014.
- CHIAVENATO, I. **Administração: teoria, processo e prática.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- CIALDINE ARRUDA, F. E. C. **Elementos microestruturais para um vocabulário didático dos termos das ciências biológicas para alunos surdos do ensino fundamental.** 2008, 240 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.
- COSTA, M R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras.** Brasília, 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

CRUZ, C. L. S. (RE) **Aplicação do Constructo de Faulstich: Regras de formação das Unidades Terminológicas Complexas na área da Engenharia Civil.** Tese (Doutorado em Linguística). 2013. 177 f., Universidade de Brasília, Brasília – 2013

DAMÁZIO, M. F.M. (Org). **Língua de Sinais Brasileira no contexto do Ensino Superior – Termos Técnicos Científicos.** Uberlândia/MG: Editora Gráfica Hebrom, 2005.

DELAPORTE, Y. **La trace des signes: de la photographie au dessin. Ethnologie française, XXXVII, 2007, p. 97-99.** Disponível em: <http://halshs.archivesouvertes.fr/YVESDELAPORTE>. Acesso em: 11 nov.2016.

DINIZ, H. G. **A História da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais.** 2010144f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro em Linguística, Florianópolis, 2010.

_____, H. G. **A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011

DOUTTES, B. B. **Tradução na criação de sinais-termo religiosos em Libras e em uma proposta para organização de glossários terminológicos semibilíngues.** 2015. 440f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina.

FAULSTICH, E. **Redes de remissivas em um glossário técnico. In: Léxico e Terminologia (Coletânea de Textos).** Universidade de Brasília, 1993, p. 174-184.

_____. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*. Brasília, v.24, n.3, p.281-288, 1995

_____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação.** Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.

_____. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina.** *Ciência da Informação (artigos)*, [S.I.: s.n.], vol. 24, n° 3, 1995b.

_____. **Spécificités linguistiques de la lexicologie et de la terminologie: nature épistémologique.** *Meta: Journal des Traducteurs*, Montreal, v. 41, n. 2, p. 237- 246, 1996

_____. **Da linguística histórica à terminologia.** *Investigações (UFPE. Impresso)*, Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

_____. **Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista.** *TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*. São Paulo, v. 7, p. 11-40, 2001.

_____. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários.** Brasília: 2001. LIV/UnB/ Centro LexTerm, 2001.

_____. **Variación em terminologia: aspectos de socioterminologia.** In: RAMOS, G. G.; LAGOS, M. F. P. (Coord.). *Panorama actual de la terminologia*. Granada: Interlingua, Editorial Comares, 2002. p. 65-91

_____ e ABREU, S. P. de (Org.). **Linguística aplicada à Terminologia e à Lexicologia: cooperação internacional Brasil e Canadá.** Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2003. p. 11-31

_____. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M.M. Lima (org.) **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.** cap. 6. GO: Cãnone, 2007, p.119-142.

_____. **A Terminologia na Universidade de Brasília.** Terminômetro, p.13-15, 1998. Número Especial Terminologia no Brasil. Disponível em: <http://www.termilat.info/public/env682.rtf> Acesso em: 30 set. 2008.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et alli (Org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida** – homenagem a Socorro Aragão. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166 – 185.

_____. **Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica.** Organon, Porto Alegre, 2011, v.25, n. 50, p. 181-220.

_____. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia,** Vol. VII. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

_____. Nota lexical (2012). Disponível em: www.centrolexterm.com.br Acesso em 11 de setembro de 2015.

_____. Procedimentos básicos para glossário sistêmico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais. In: ISQUERDO, A. N.; dal CORNO, G. O.M. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia,** volume VIII, 2016, 13p.

_____. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na língua de sinais brasileira. In: **Léxico e suas Interfaces: Descrição, Reflexão e Ensino.** 1. ed. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2016.

_____. Glossário de termos empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da Lexicologia. In: **Série Léxico & Terminologia.** Brasília: Centro Lexterm, Universidade de Brasília, inédito, 2013b.

_____. **Efeitos da (nova) ortografia no léxico do português: mecanismos gramaticais na grafia de algumas palavras e resultados no uso.** In: LOBO, Tania et al. (Orgs.). (Org.). ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 363-379

FARIA-NASCIMENTO. S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicografica.** Brasília, 2009. 290 f. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

_____. CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos.** Lisboa: UCP, 2011. (Coleção: Língua Gestual Portuguesa – nº15), 2011.

,

_____. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M., STUMPFM. R. e LEITE, T. A. (orgs) **Estudos da**

- língua brasileira de sinais.** Séries Estudos de Língua de Sinais. V. I. Florianópolis: Insular. 2013.
- FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavra na libras.** ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n 2, p. 200-217, jun. 2006.
- FELTEN, E. F. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história.** 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios.** Curitiba, 2003, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná, 2010.
- FERREIRA, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais.** (reimpr.). Rio de Janeiro: Termo Brasileiro, 2010.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila
- FRYDRYCH, L. A. K. **O estatuto linguístico das línguas de sinais: a libras sob a ótica saussuriana.** Porto Alegre, 2013, 92 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2013.
- GAMA, F. J. da C. **Iconographia dos signaes dos surdos-murdos.** Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & s. Laemmert, 1875.
- GAUDIN, F. **Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie.** Bruxelas: De Boeck & Larcler, 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LAKATOS, E. M. de A.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.
- GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, SP v.35, n.2, p. 57- 63, 1995
- GÓES, M. C. R.; **Linguagem, Surdez e Educação.** 2ª ed. Campinas, SP: autores associados, 1999. – coleção (educação). contemporânea)
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- _____.- **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0 – 2012**
- KLIMA E.; BELLUGI. U.; **The signs of Language,** Harvard University Press, Cambridge (Mass, USA) 1979
- KRIGER, M. da G., MACIEL, A. M. B. **Temas de terminologia.** Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universade/UFRGS/ Humanitas/USP, 2001
- LIMA, W. F. **A "lexicologia construcionista" uma proposta alternativa de estudo do léxico na linguagem em uso.** In: Aparecida Negri Isquerdo e Ieda Maria Alves. (Org.). **As ciências do léxico.** Lexicografia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2007, v. 3, p. 125-136.

NASCIMENTO, C. B. do. **Terminografia Língua de Sinais Brasileira**: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

OATES, E. **Linguagem das mãos**. Rio de Janeiro : Gráfica Editora Livro S. A, 1988. 1 edição da obra em 1969.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. **O significado de significado: Um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

OLIVEIRA, J. S. e STUMPF, M. R. **Desenvolvimento de glossário de Sinais Acadêmicos em ambiente virtual de aprendizagem do curso Letras- Libras**. Informática na Educação: teoria e prática- Porto Alegre, v. 16, n.2, jul/dez. 2013.

_____. **Análise descritiva das estruturas querológicas de unidades terminológicas do Glossário Letras-Libras**. Santa Catarina, 2015, 425 f..Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

ORGANISATION INTERNATIONALE DE NORMALISATION. **Terminologie-Vocabulaire. Partie 1. Théorie application**. Genebra, ISO, 2000 (ISO/R1087-1)

PAVEL, S. e NOLET, D., **Manual de Terminologia** – Adaptação para língua portuguesa por Enilde Faulstich, 2002.

PÊGO, C. F. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais**: um estudo do morfema-boca. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília, 2013

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Segunda reimpressão da 4ª edição de 2010. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2015. Título original – The Collected Papers of Charles Sanders Peirce- 1975

PÉLISSIER, P. L' Enseignement primaire des sourds-muets mis a la portée de tout le monde, avec une iconographie des signes. In: **Aux origines de la langue des signes française: Brouland, Péliissier, Lambert los premiers illustreurs 1855- 1865**. Paris: A la Librairie de Paul Dupont, 1856.

PIZZIO, A. L. **A Tipologia linguística e a língua de sinais brasileira**: elementos que distinguem nomes de verbos. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2011.

PROMETI RIBEIRO, D. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira**: Criação de sinais dos termos da música. Brasília, 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

QUADROS, R. M; KARNOPP. L.B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed. 2004.

REY, A. **La terminologie, noms et notions**. Dot Odile. « La terminologie, noms et notions », de A. Rey. In: Communication et langages, n°45, 1er trimestre 1980. pp. 126-127. http://www.persee.fr/doc/colan_0336-1500_1980_num_45_1_1380

ROSCH, E. **Principles of Categorization**. Univerty of Califórnia, Berkkeley, 1978.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012

Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos; 1 e 2. Rio de Janeiro: INES, 2011.

SHAW, E. e DELAPORTE, Y. – 2006, « La Vie des Signes. De l'abbé de l'Épée à la langue des signes américaine: les tribulations du signe SEXE », Patrimoine sourd 17, pp. 17-24 [ISSN 1636-6638]. Acesso em: 22/09/2016 em <https://hal.archives-ouvertes.fr/halshs-00169358/document>

SICARD, R. A. **Théorie des Signes** ou Introduction à L'étude des Langues. 1808

SOFIATO, C. G. **O desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira**. Campinas, 2005. 114 f Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

_____.; REILY, L. . **Em busca de uma iconografia para a língua brasileira de sinais: um estudo histórico**. Revista de Educação PUC-Campinas, v. 16, p. 183-190, 2011.

_____.; REILY, L. H. **Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical**. Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 40, p. 109-126, 2014.

STOKOE, C. W; CASTELINE, D. C; CRONEBERG, C. G. **A Dictionary of American Sign Language: on linguistic principles**. United States of America: Linstok Press, 1965.

_____. Sign Language Structure: Na outline of the visual communication systems of the American Deaf. **Journal of Deaf Studies and Deaf Educations**. Oxford. (UK): Oxford University Press, 2005. V. 10 n. 1.

SOUZA e LIMA, V. L. **Língua de Sinais: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico**. 2014. 272 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

STUMPF, M. R; OLIVEIRA, J. S; MIRANDA, R. D. **Glossário Letras Libras: A trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir?** In: Letras Libras: ontem, hoje e amanhã. Org. QUADROS, R. M. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

SUPALLA, T. (1982) **Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego, 1982.

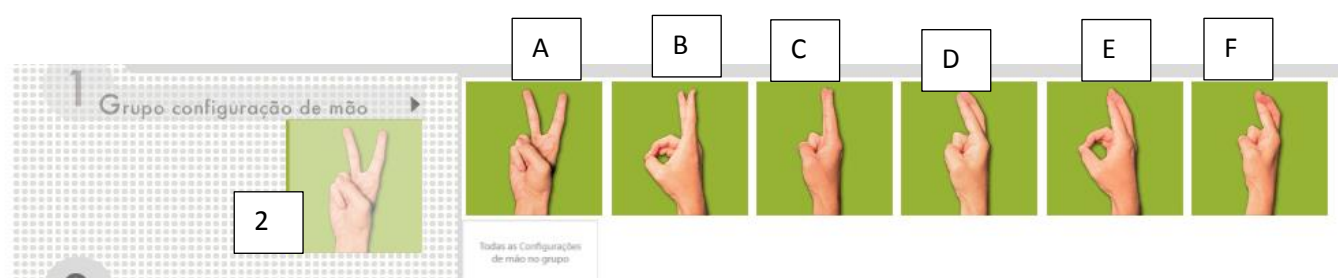
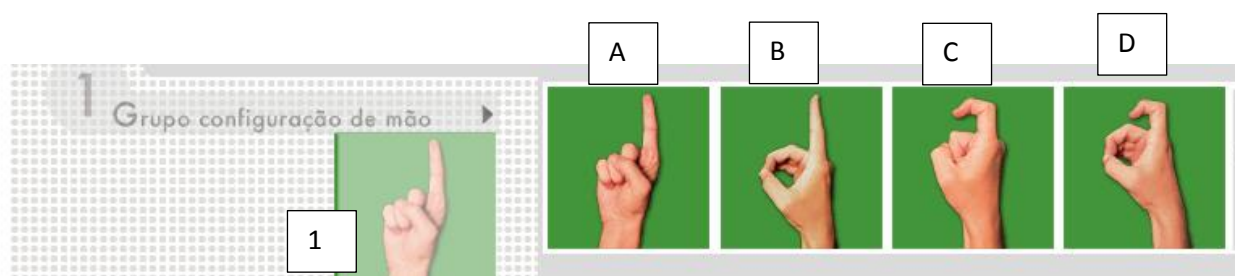
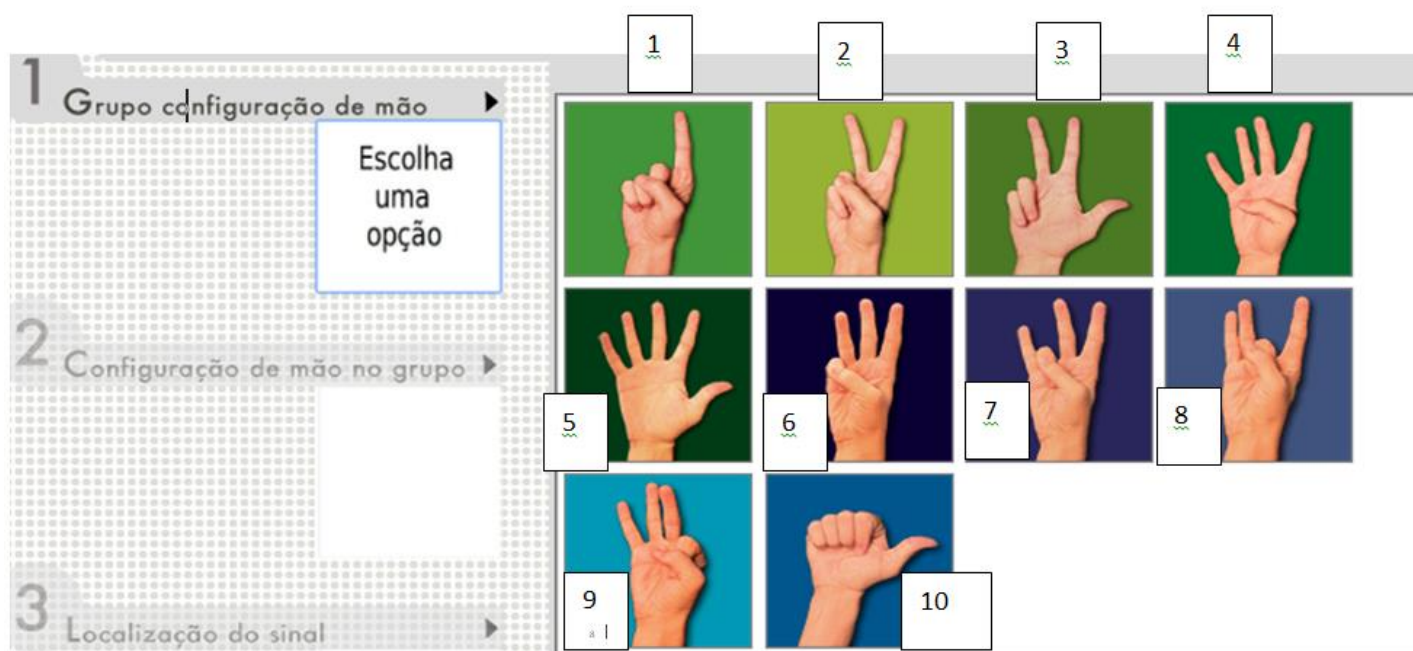
VILARINHO, M. M. de O. **Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa**. 2013. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016

WELKER, H. A. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia**. 2.ed. revista e ampliada- Brasília: Thesaurus, 2004.

WILCOX, S. **Cognite iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages**, 2004. Disponível em: http://www.unm.edu/~wilcox/UNM/Research_files/WilcoxCogIconicity.pdf. Acesso em 20 out 2016.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Tradução de Anne-Cécile Nokerman. Barcelona: IULA, 1998 in ebook Kindle Clouder Read. Adquirido em 5 de fevereiro de 2016

ANEXO A

GRUPO DE CONFIGURAÇÃO DE MÃO COMPLEMENTAR SW⁷⁰

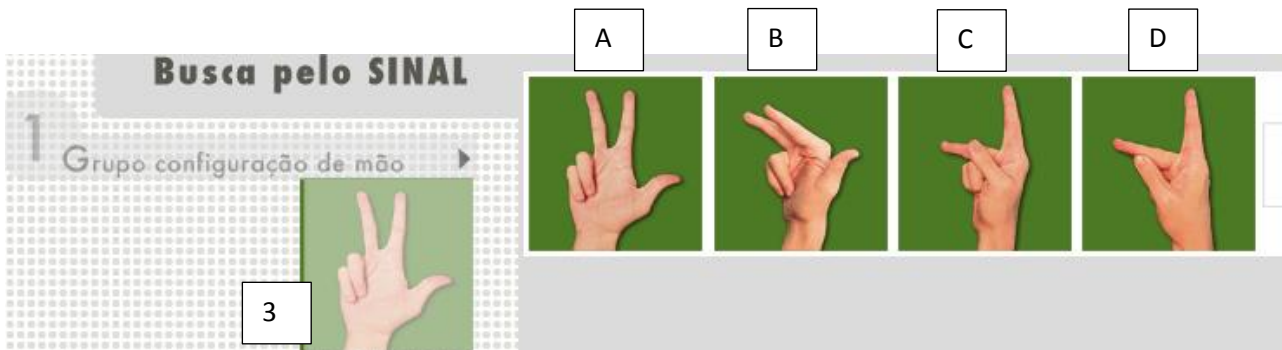
⁷⁰ O Grupo de Configuração de mãos possui dez configurações iniciais, em que cada configuração, com exceção da número 7 se abrem cada uma em várias possibilidades. Os números e letras não fazem parte da imagem inicial. Inserimos as letras e números como forma de auxílio para nossas análises. Fonte: STUMPF, OLIVERIA, MIRANDA (2014. p.180)

Busca pelo SINAL

Grupo configuração de mão

3

A B C D



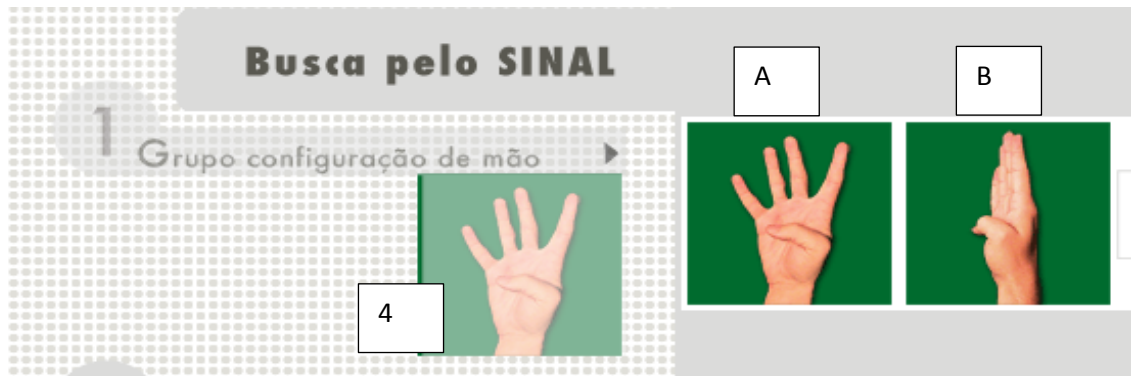
This section shows a hand configuration labeled '3' and four options labeled A, B, C, and D. The hand configuration '3' is a right hand with the index, middle, and ring fingers extended upwards, while the thumb and pinky are slightly curled. Option A shows a similar hand configuration. Option B shows a hand with the index and middle fingers extended, and the ring finger slightly bent. Option C shows a hand with the index and middle fingers extended, and the ring finger bent. Option D shows a hand with the index and middle fingers extended, and the ring finger bent.

Busca pelo SINAL

Grupo configuração de mão

4

A B



This section shows a hand configuration labeled '4' and two options labeled A and B. The hand configuration '4' is a right hand with all five fingers extended upwards. Option A shows a hand with all five fingers extended upwards. Option B shows a hand with the index and middle fingers extended upwards, and the ring and pinky fingers bent.

1 Grupo configuração de mão ▶

5

2 Configuração de mão no grupo ▶

Escolha uma opção

3 Localização do sinal ▶

Escolha uma opção

Buscar

A	B	C	D	E	F
				Todas as Configurações de mão no grupo	

Busca pelo SINAL

1 Grupo configuração de mão ▶

6

A	B	C	D

Busca pelo SINAL

1 Grupo configuração de mão ▶

8

A	B	C

Busca pelo SINAL

1 Grupo configuração de mão ▶

9

2 Configuração de mão no grupo ▶

Escolha uma opção

A	B	C	D	E	F
G	H	I	J	K	L
M	Todas as Configurações de mão no grupo				

1 Grupo configuração de mão ▶

10

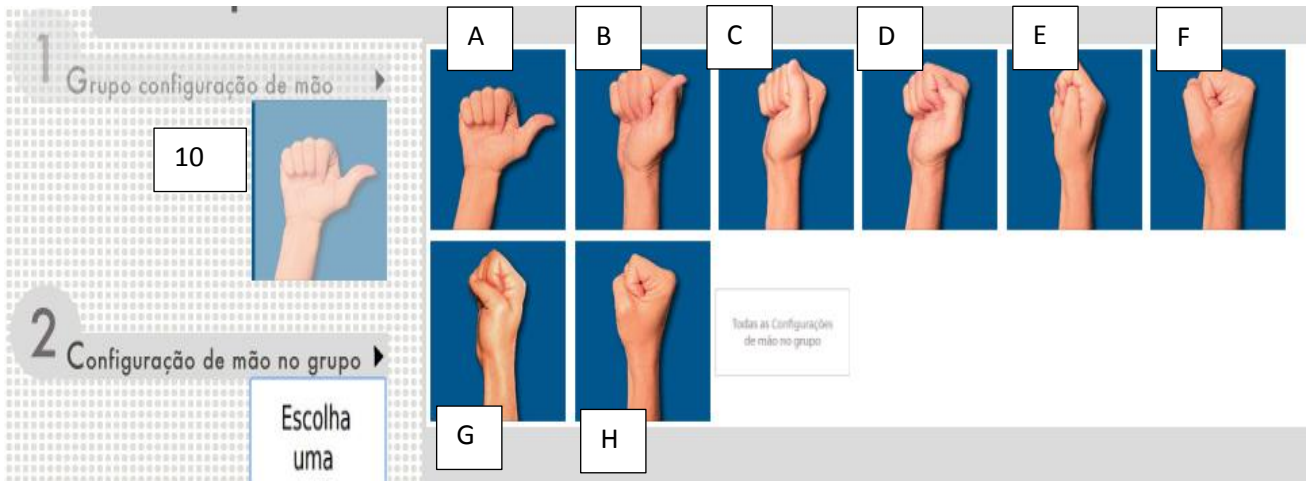
2 Configuração de mão no grupo ▶

Escolha uma

A B C D E F

G H

Todas as Configurações de mão no grupo



APÊNDICE A

Pesquisas com foco no Léxico e na Terminologia da Língua de Sinais Brasileira na Iniciação Científica e Pós-Graduação no Brasil.

 2007

1. Gláucio de Castro Júnior. **Psicobiologia na sala de aula: uma mediação no ensino de Português para surdos**. 2007. Graduando em Letras Libras. CNPq.

Orientadora: *Enilde Faulstich*. Execução: Centro Lexterm/ LIP/ IL / UnB

2. Margot Latt Marinho. **O Ensino da Biologia: O Intérprete e a Geração de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas.

Orientadora: *Orlene Lucia de Saboia Carvalho*.

 2008

3. Gláucio de Castro Júnior. **Variações regionais na Língua de Sinais Brasileira: interiorizando a prática educativa**. 2008. Graduando em Letras Libras. PIBI/CNPq.

Orientadora: Enilde Faulstich. Execução: Centro Lexterm/ LIP/ IL / UnB.

4. Janice Gonçalves Temóteo. **Diversidade Linguístico-Cultural da Língua de Sinais do Ceará: Um Estudo Lexicológico das Variações da Libras na Comunidade de Surdos do Sítio Caiçara**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Cultura) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão.

 2009

5. Sandra Patricia de Faria. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

6. Francisco Edmar Cialdine Arruda. **Elementos Microestruturais para um Vocabulário Didático dos Termos das Ciências Biológicas para Alunos Surdos do Ensino Fundamental**. 2009 - Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) -

Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada.
Orientador: Antônio Luciano Pontes e Co-orientadora: Lúcia Santiago Araújo

✚ 2010

7. Cristiane Batista do Nascimento. **Empréstimos linguísticos do português na Língua de Sinais Brasileira (LSB): línguas em contato.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich

✚ 2011

8. Gláucio de Castro Júnior. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira - foco no léxico.** 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

9. Joana Correia Saldanha. **O Ensino de Química em Língua Brasileira de Sinais.** 2011. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências na Educação Básica) - Universidade do Grande Rio, Mestre em Ensino das Ciências na Educação Básica. Orientadora: Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis e Co-orientadora: Profª. Dra. Wilma Clemente de Lima Pinto.

✚ 2012

10. José Ednilson Gomes de Souza Júnior. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma perspectiva de toponímia por sinais.** 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

11. Messias Ramos Costa. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: ENCICLOLIBRAS.** 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich

12. Antonielli Cantarelli Martins. **Lexicografia da língua de sinais brasileira do Rio Grande do Sul.** 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Orientador: Fernando César Capovilla

13. Nilce Maria Da Silva. **Instrumentos Linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: Constituição e Formulação.** 2012. Doutorado (Tese Em Linguística)- Universidade

Estadual De Campinas, Instituto De Estudos Da Linguagem. Orientadora: Carolina María Rodríguez Zuccolillo.

14. Natália Pizzetti Cardoso. **Diretrizes Para o Desenvolvimento do Design de Interfaces de Glossários de Libras** 2012. Dissertação (Mestrado em Design e Expressão Visual) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa De Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica. Orientadora: Alice Theresinha Cybis Pereira.

15. Everton Botan. **Ensino de Física para Surdos: Três Estudos de Casos da Implementação de Uma Ferramenta Didática para o Ensino de Cinemática**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais com ênfase em Ensino de Física) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Física, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais. Orientadora: Iramaia Jorge Cabral de Paulo e Co-orientador: Fabiano César Cardoso.

 2013

16. Daniela Prometi Ribeiro. **Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

17. Carolina Ferreira Pego. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais. Um estudo do morfema-boca**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

18. Charley Pereira Soares. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

19. Rejane Louredo Barros. **Política linguística: a terminologia da Libras como veículo de cultura em concursos públicos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

 2014

20. Edivaldo da Silva Costa. 2014. **O ensino da Química e a Língua brasileira de Sinais – Sistema SignWriting (LiBRAS - SW): monitoramento interventivo na produção de sinais científicos. 2014.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências e Matemática. Orientadora: Verônica dos Reis Mariano Souza.

21. Anahê Netto Leão Marques. 2014. **Terminologias no Ensino de Química para Surdos em uma Perspectiva Bilíngue.** Dissertação (Mestrado em Educação para Ciências e Matemática). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí. Orientadora: Sandra Regina Longhin.

22. Priscilla Alyne Sumaio. 2014. **Sinalizando Com Os Terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de São Paulo / Araraquara, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras. Orientadora: Cristina Martins Fargetti.

23. Vera Lúcia de Souza e Lima. 2014. **Língua de Sinais: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico.** Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais. Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

 2015

24. Maria José Silva Lobato. **Educação Bilíngue no Contexto Escolar Inclusivo: a construção de um glossário em Libras e Língua Portuguesa na área matemática.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) – Universidade Federal do Rio de Grande do Norte. Orientadora: Claudianny Amorim Noronha.

25. Talicia do Carmo Galan Kuhn. 2015. **Processo de criação de termos técnicos em Libras para Engenharia de Produção.** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnologia Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação, em Ensino de Ciência e Tecnologia. 2015. Orientador: Luis Alberto Pilatti e Co-orientador: Antonio Carlos Frasson.

26. Saulo Machado Mello de Sousa. **Sinais Lexicais dos Termos Cinematográficos: A perspectiva da Língua de Sinais no Cinema.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

27. Brenno Barros Douettes. **A Tradução na Criação de Sinais-Termos Religiosos em Libras e Uma Proposta para Organização de Glossário Terminológico**

Semibílingue. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina , Programa de Pós- graduação em Estudos da Tradução. Orientadora: Ronice Müller de Quadros e Co-orientadora: Sandra Patrícia de Faria do Nascimento.

28. Daniela Almeida Moreira. **Um estudo introdutório sobre o desenvolvimento dos repertórios léxicos da língua de sinais brasileira a partir da elaboração da definição lexicográfica.** 2015 – Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina , Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Orientador: Rodrigo Rosso Marques.

29. Janine Soares de Oliveira. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário letras-libras.** 2015 - Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: Markus Johannes Weininger.

 2016

30. Cristiane Batista do Nascimento. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: Proposta de Glossário Ilustrado Semibílingue do Meio Ambiente, em Mídia Digital.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Leite de Jesus Faulstich.

31. Eduardo Felipe Felten. **Glossário Sistemático Bilíngue Português – Libras de Termos da História do Brasil.** 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Leite de Jesus Faulstich.

32. Rosilene Silva Marinho. **Neologismos em Libras: um estudo sobre a criação de termos na área de química.** 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientador: Frantomé Bezerra Pacheco.

33. Cristina Aparecida Biachi de Souza Gomes. **Proposta para o Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua: glossário semibílingue digital em LSB e LP.** 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Montes Claros - Programa de Pós-Graduação. Orientadora: Maria do Socorro Vieira Coelho.

APÊNDICE B**GRUPO DE PESQUISA EM LÉXICO E TERMINOLOGIA DO LABORATÓRIO DE LINGUÍSTICA DE LÍNGUA DE SINAIS****Professora Msc. Daniela Prometi Ribeiro**

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4433260E1>

Professo Msc. Eduardo Felipe Felten

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4325675U6>

Professor Msc. Falk Soares Ramos Moreira

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4281428A9>

Professor Dr. Gláucio de Castro Júnior

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4592840T4>

Professor Msc. João Paulo Vitório Miranda

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4334699Y8>

Professora Esp. Maria de Fátima Félix Nascimento

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4380868T5>

Professor Msc. Messias Ramos Costa

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4274614Y9>

Professora Msc. Patricia Tuxi

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4202157H7>

APÊNDICE C

TERMOS RECOLHIDOS NA PESQUISA

1	Academia
2	Aluno
3	Aluno especial
4	Aluno extensão
5	Aluno regular
6	Aluno visitante
7	Artigo
8	Ata
9	Beijódromo
10	Biblioteca Central
11	Cadeia de seletividade
12	Calendário Acadêmico
13	Candidato
14	Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos
15	Centro de Informática
16	Centro Olímpico
17	Colegiado
18	Conselho Comunitário
19	Conselho de Administração
20	Conselho de Pesquisa Ensino e Extensão
21	Conselho Universitário
22	Conselhos Superiores
23	Coordenação didático-científico do curso
24	Coordenador
25	Coordenador de Área
26	Coordenador de Curso
27	Crédito
28	Cumprindo condição
29	Currículo de um curso

30	Curso
31	Curso de Extensão
32	Departamento
33	Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
34	Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
35	Departamento de Teoria Literária e Literatura
36	Diretor
37	Discente
38	Disciplina
39	Disciplina Equivalente
40	Disciplina Módulo Livre
41	Disciplina Obrigatória
42	Disciplina Optativa
43	Dissertação
44	Docente
45	Doutorado
46	Doutorando
47	Editora Universidade de Brasília
48	Egresso
49	Especialização
50	Faculdade
51	Fazenda Águas Limpas
52	Fluxo de um Curso
53	Graduação
54	Graduando
55	Histórico Escolar

56	Hospital Universitário
57	Instituição
58	Instituto
59	Instituto de Letras
60	Laboratório de Linguística de Língua de Sinais Brasileira
61	Matrícula
62	Matrícula Web
63	Menção
64	Menção final
65	Mestrado
66	Mestrando
67	Monografia
68	Núcleo Docente Estruturante
69	Orientação Acadêmica
70	Parecer
71	Período letivo
72	Período Letivo
73	Plano de ensino
74	Porto Avançado do DAA
75	Pós-doutorado
76	Professor
77	Professor Efetivo
78	Professor Pesquisador
79	Professor Substituto
80	Professor Titular
81	Professor Visitante
82	Programa de Pós- graduação em Linguística
83	Progressão Funcional
84	Provável desligado
85	Provável Formando
86	Rádio e Televisão Universitária

87	Resolução
88	Restaurante Universitário
89	Semestre
90	Sistema de Crédito
91	Sistema Eletrônico de Informação – SEI
92	Tempo de permanência
93	Tese
94	Total de Créditos
95	Trabalho de Conclusão de Curso
96	Unidade Acadêmica
97	Universidade
98	UnB Ceilândia
99	UnB Gama
100	UnB Planaltina
101	Universitário
102	Vestibular
103	Vice-chefia
104	Vice-diretor

APÊNDICE D

FICHAS TERMINOLÓGICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
01	
1. entrada	Aluno
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	Estudante
5. sinônimo (s)	Discente
6. área	Educação
7. definição	Indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não.
8. fonte de constituição da definição	Houaiss – 2001
9. contexto	<i>O aluno da graduação é desligado se reprovado três vezes em disciplina obrigatória.</i>
10. fonte contexto	Guia do Calouro – 2016
11. remissivas	graduação, disciplina obrigatória
12. nota	
13. equivalente	Eng. student; Fr. étudiant; Esp.estudiante
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
02	
1. entrada	Aluno especial
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	aluno inscrito em cursos de extensão, em disciplinas isoladas ou em atividades congêneres e sem vínculo, nos termos previstos pelo Estatuto, Regimento Geral e normas específicas.
8. fonte de constituição da definição	Guia do calouro – 2016, p.23
9. contexto	<i>A UnB permite a admissão como aluno especial de todos aqueles interessados em, mas é preciso que a disciplina pretendida tenha vaga destinada a esse tipo de público.</i>
10. fonte contexto	http://www.fd.unb.br/pt/alunos-especiais -
11. remissivas	Curso de extensão, disciplina, estatuto e Regimento Geral.
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
03	
1. entrada	Aluno regular
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	Estudante
6. área	Educação
7. definição	O aluno regular e aquele matriculado em curso de graduação e de pós-graduação.
8. fonte de constituição da definição	Guia do calouro – 2016, p.23.
9. contexto	<i>O aluno regular da Universidade de Brasília tem direito a carteirinha de estudante e consegue descontos de até 50% em ingressos em shows.</i>
10. fonte contexto	http://www.saa.unb.br
11. remissivas	curso, graduação e pós-graduação
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
004	
1. entrada	Aluno visitante
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	Estudante de Graduação ou Pós-Graduação que está vinculado a Instituições de Ensino Superior, nacional ou internacional, e que realiza atividades acadêmicas na UnB, sendo supervisionado por docente desta Universidade.
8. fonte de constituição da definição	Guia do Coordenador de Curso de Graduação- GCG – 2016
9. contexto	<i>O aluno visitante tem direito de moradia na Casa do Universitário.</i>
10. fonte contexto	http://unb2.unb.br/saa.administracao/diretorias/dds/moradiaEstudantilGraduacao.php
11. remissivas	
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
005	
1. entrada	Aproveitamento de estudo
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	Reconhecimento dos créditos de disciplina cursada na UnB e em outra instituição de ensino superior, mediante análise dos estudos realizados pelo aluno.
8. fonte de constituição da definição	Guia do Calouro- 2016, p. 36
9. contexto	<i>Não cabe pedido de aproveitamento de estudos em disciplinas cursadas em outras IES de maneira concomitante ao período de curso na UnB.</i>
10. fonte contexto	GC – 2016
11. remissivas	Crédito, disciplina, instituição de ensino superior, aluno
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
006	
1. entrada	Calendário Acadêmico
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	Calendário contém as atividades acadêmicas desenvolvidas no ano ou no semestre letivo.
8. fonte de constituição da definição	Guia do calouro – 2016, p. 23
9. contexto	<i>O calendário acadêmico pode ser visualizado na página da UnB no endereço: www.unb.br/</i>
10. fonte contexto	Guia do calouro – 2016
11. remissivas	Atividades acadêmicas, semestre letivo.
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
008	
1. entrada	Colegiado
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação .
7. definição	Os colegiados são compostos por docentes vinculados à unidade acadêmica responsável pelo curso, pelo seu coordenador, representantes de outras unidades participantes do curso e os representantes discentes que analisam os processos referentes à coordenação de graduação.
8. fonte de constituição da definição	Guia do Calouro – 2016, p. 19
9. contexto	<i>A coordenação didática-científica de cada curso é de responsabilidade do Colegiado.</i>
10. fonte contexto	Guia do Calouro – 2016
11. remissivas	unidade acadêmica, curso, coordenador, curso, discente, coordenação, graduação
12. nota	
13. equivalente	Eng. collegiality; Fr. collégialitéd. Esp. colegialidad
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
011	
1. entrada	Crédito
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	1 (um) crédito corresponde a 15 (quinze) horas-aula, em trabalho efetivo sob coordenação docente, que podem ser com aulas teóricas ou práticas
8. fonte de constituição da definição	Guia do Calouro – 2016, p.
9. contexto	<i>O aluno tem o limite de 38 créditos de matrícula por semestre se desejar cursar mais só com autorização do Coordenador de curso</i>
10. fonte contexto	Guia do calouro – 2016, p. 26
11. remissivas	Horas-aula, coordenação, docente, aula teórica, aula prática
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
012	
1. entrada	Crédito de extensão
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	crédito corresponde a 15 (quinze) horas-aula, do curso presencial ou à distância de disciplinas diferentes das disciplinas da graduação e pós-graduação
8. fonte de constituição da definição	UnB-extensão
9. contexto	<i>O curso de extensão de Sign Writing o aluno aprovado ganha quatro créditos de extensão.</i>
10. fonte contexto	PT – 2016
11. remissivas	Horas-aula, curso presencial, curso à distância, disciplina, graduação e pós-graduação.
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
018	
1. entrada	Disciplina
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Feminino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	o conjunto de estudos e de atividades correspondentes a um programa de ensino, definidos a partir de ementas, com um mínimo prefixado de horas, integralizados por um total de créditos que os alunos assistem e sobre as quais eles serão examinados, podendo ser aprovados ou não.
8. fonte de constituição da definição	Guia do calouro 2016, p. 24.
9. contexto	<i>A matrícula em disciplinas de graduação o aluno faz na página da UnB no site Matrícula Web.</i>
10. fonte contexto	Guia do calouro – 2016
11. remissivas	Aula, alunos
12. nota	
13. equivalente	Eng. discipline; Fr. discipline; Esp. disciplina
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	10/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
019	
1. entrada	Disciplina Equivalente
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Feminino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	Documento de análise do conteúdo da disciplina oferecida pela UnB, com o objetivo de considerar determinada disciplina equivalente àquela cursada no correspondente programa para integralização no currículo do curso e de dispensar o aluno de cursá-la
8. fonte de constituição da definição	SAA- UnB - 2016.
9. contexto	Alunos podem pedir para criar o processo de disciplina equivalente na própria secretaria do Departamento do seu curso.
10. fonte contexto	http://www.saa.unb.br/acompanhamento-academico/19-equivalencia-de-disciplina
11. remissivas	disciplina, programa, currículo, curso, aluno.
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/09/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
020	
1. entrada	Disciplina Módulo Livre
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Feminino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	disciplinas de graduação que não são de abrangência restrita e que não constam no currículo do curso. Os créditos a integralizar em módulo livre são referentes às disciplinas ou atividades que não estão na lista de disciplinas obrigatórias nem de optativas do seu curso, porém estão previstas e oferecidas pela UnB.
8. fonte de constituição da definição	Guia do Calouro 2016, p. 25
9. contexto	<i>Nos currículos da UnB pode incluir até 24 créditos em disciplina módulo livre.</i>
10. fonte contexto	Guia do calouro – 2016
11. remissivas	graduação, currículo, curso, crédito, disciplina, disciplina obrigatória, disciplina optativa.
12. nota	
13. equivalente	
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
021	
1. entrada	Disciplina Obrigatória
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Feminino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	Disciplina em que o estudante deverá ser matriculado e aprovado, ou ter obtido aproveitamento de estudos ou exame de proficiência ou títulos, para fins de integralização curricular do curso.
8. fonte de constituição da definição	Guia do Calouro 2016, p. 25
9. contexto	<i>Se o aluno for reprovado duas vezes na mesma disciplina obrigatória é desligado do curso de graduação.</i>
10. fonte contexto	Guia do Calouro– 2015
11. remissivas	Disciplina, estudante, aproveitamento de estudo, exame de proficiência, exame de títulos, integralização curricular, curso
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
022	
1. entrada	Disciplina Optativa
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Feminino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	disciplinas integrantes do currículo do curso cujos créditos, em caso de aprovação, são considerados para fins de integralização curricular.
8. fonte de constituição da definição	Guia do Calouro 2016, p. 25
9. contexto	<i>Caso o aluno queira cursar alguma disciplina optativa, é necessário realizar o pedido em seu departamento, com o coordenador do curso.</i>
10. fonte contexto	Guia do Calouro– 2016
11. remissivas	Disciplina, currículo, curso, crédito, aprovação, integralização curricular.
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/01/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
025	
1. entrada	Histórico Escolar
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	Documento que informa sobre a vida acadêmica, desde o ingresso na universidade, permitindo acompanhar a situação e o progresso do estudante no curso.
8. fonte de constituição da definição	Guia do Calouro 2016, p. 27
9. contexto	<i>O aluno pode pedir o Histórico Escolar na secretaria do seu departamento.</i>
10. fonte contexto	Guia do Calouro – 2016
11. remissivas	documento, estudante, curso, universidade
12. nota	
13. equivalente	
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	11/1/2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
030	
1. entrada	Progressão Funcional
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	Passagem funcional do docente do nível inicial para classe imediatamente superior
8. fonte de constituição da definição	Guia do professor / UnB
9. contexto	A <i>progressão funcional</i> será feita por uma comissão de três professores de nível igual ou superior.
10. fonte contexto	Guia do professor / UnB
11. remissivas	Docente, nível, classe
12. nota	
13. equivalente	
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	22-02-2016

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos Técnico – Administrativos e Acadêmicos do Ensino Superior	
034	
1. entrada	unidade acadêmica
2. categoria gramatical	Nome
3. gênero	Masculino
4. variantes (s)	
5. sinônimo (s)	
6. área	Educação
7. definição	institutos ou faculdades, que têm como atribuições: coordenar e avaliar as atividades de ensino, pesquisa e extensão nas respectivas áreas.
8. fonte de constituição da definição	Estatuto e Regimento Geral – UnB
9. contexto	<i>Diretores e Vice-diretores das Unidades Acadêmicas são nomeados de acordo com Regimento Geral da unb.</i>
10. fonte contexto	Estatuto e Regimento Geral – UnB
11. remissivas	Professor, departamento,
12. nota	
13. equivalente	Em construção
14. autor	PT
15. Redator	PT
16. data	06/02/2016

MODELO DE FICHA COM DEFINIÇÃO REFORMULADA BASEADA EM NASCIMENTO (2016).

Número da ficha: 001	
Termo: aluno	
Definição original: Indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Pessoa
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	recebe instrução ou educação em escola, instituto, faculdade ou universidade.
Definição reformulada: Pessoa que recebe ensino e aprende em escola, instituto, faculdade ou universidade. (TUXI, 2016)	

Número da ficha: 002	
Termo: aluno especial	
Definição original: O aluno especial é aquele inscrito em cursos de extensão, em disciplinas isoladas ou em atividades congêneres, nos termos previstos pelo Estatuto, Regimento Geral e normas específicas.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Aluno
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	recebe ensino só em cursos de extensão e disciplinas isoladas sem vínculo com a universidade.
Definição reformulada: Aluno que recebe ensino em curso de extensão ou disciplina, sem vínculo com a universidade. (TUXI, 2016)	

Número da ficha: 003	
Termo: aluno regular	
Definição original: O aluno regular é aquele matriculado em curso de graduação e de pós-graduação.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Aluno
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	recebe ensino graduação, pós-graduação, curso de extensão e tem vínculo com a universidade.
Definição reformulada: Aluno que recebe ensino na graduação, pós-graduação e tem vínculo com a universidade. (TUXI, 2016)	
Remissivas: graduação, pós-graduação e universidade.	

Número da ficha: 004	
Termo: aluno visitante	
Definição original: Estudante de Graduação ou Pós-Graduação Visitante é aquele que está vinculado a Instituições de Ensino Superior, nacional ou internacional, e que realiza atividades acadêmicas na UnB, sendo supervisionado por docente desta Universidade.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Aluno de outra Universidade do Brasil ou outro país.
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	receber ensino de graduação ou pós-graduação na UnB.
Definição reformulada: Aluno de outra Universidade do Brasil ou outro país, que recebe ensino de graduação ou pós-graduação na universidade. (TUXI, 2016)	
Remissivas: universidade, graduação e pós-graduação.	

Número da ficha: 005	
Termo: Aproveitamento de estudo	
Definição original: Reconhecimento dos créditos de disciplina cursada na UnB e em outra instituição de ensino superior, mediante análise dos estudos realizados pelo aluno.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Documento
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	analisar as disciplinas que estudou na UnB ou outra instituição superior para aceitar ou não os créditos
Definição reformulada: Documento que analisa as disciplinas que estudou na UnB ou outra instituição superior crédito para aceitar ou não. (TUXI, 2016)	
Remissivas: disciplina e créditos.	

Número da ficha: 006	
Termo: calendário acadêmico	
Definição original: O calendário do ano letivo da Universidade estabelecido pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão contém as atividades acadêmicas desenvolvidas no ano ou no semestre letivo.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Calendário da Universidade.
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	mostrar o período de início e o período de fim do semestre ou ano na Universidade.
Definição reformulada: Calendário da Universidade, que mostra o período de início e o fim do semestre letivo. (TUXI, 2016)	
Remissivas: universidade e semestre.	

Número da ficha: 008	
Termo: colegiado	
Definição original: Os colegiados são compostos por docentes vinculados à unidade acadêmica responsável pelo curso, pelo seu coordenador, representantes de outras unidades participantes do curso e os representantes discentes que analisam os processos referentes à coordenação de graduação.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	grupo de docentes, coordenadores e discentes de uma unidade acadêmica
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	analisar os processos referentes à coordenação de graduação.
Definição reformulada: Grupo de docentes, coordenadores discentes da mesma unidade acadêmica e analisam área administrativa e pedagógica .	
Remissivas: docentes, coordenadores, discentes e unidade acadêmica.	

Número da ficha: 011	
Termo: crédito	
Definição original: 1 (um) crédito corresponde a 15 (quinze) horas-aula, em trabalho efetivo sob coordenação docente, que podem ser com aulas teóricas ou práticas (GC – 2016)	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Valor
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	Mostra valor de uma hora/aula da disciplina ou atividade extensão monitoria .
Definição reformulada: mostra valor de uma hora/aula da disciplina ou atividade extensão ou monitoria. (TUXI, 2016)	
Remissivas: disciplina.	

Número da ficha: 012	
Termo: crédito de extensão	
Definição original: 1 (um) crédito corresponde a 15 (quinze) horas-aula, do curso presencial ou à distância de disciplinas diferentes das disciplinas da graduação e pós-graduação	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Crédito
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	mostra valor de uma hora/aula do curso presencial ou à distância de disciplinas diferentes das disciplinas da graduação e pós-graduação. (TUXI, 2016)
Definição reformulada: crédito mostra valor de uma hora/aula do curso presencial ou à distância de disciplinas diferentes das disciplinas da graduação e pós-graduação. (TUXI, 2016)	

Remissivas: disciplina, graduação e pós-graduação.

Número da ficha: 018	
Termo: disciplina	
Definição original: o conjunto de estudos e de atividades correspondentes a um programa de ensino, definidos a partir de ementas, com um mínimo prefixado de horas, integralizados por um total de créditos que os alunos assistem e sobre as quais eles serão examinados, podendo ser aprovados ou não.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Aulas
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	assistir e assimilar a matéria para posterior avaliação que indicará se foi aprovado ou não
Definição reformulada: Aulas e atividades que as pessoas participam para aprender matérias diversas e depois avaliação mostra se foi aprovado ou não.	
Remissivas: matéria e avaliação.	

Número da ficha: 019	
Termo: disciplina equivalente	
Definição original: Processo de análise do conteúdo da disciplina oferecida pela UnB, com o objetivo de considerar determinada disciplina equivalente àquela cursada no correspondente programa para integralização no currículo do curso e de dispensar o aluno de cursá-la (SAA – 2016)	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Documento
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	Analisar o conteúdo da disciplina da UnB que o aluno estudou para ver se a disciplina estudada corresponde a disciplina do currículo do curso e o aluno não precisa cursar de novo.
Definição reformulada: Documento que analisa o conteúdo da disciplina própria da UnB que o aluno estudou para ver se a disciplina estudada corresponde à disciplina do currículo do curso e se corresponder certo o aluno não precisa cursar de novo	
Remissivas: conteúdo, disciplina, aluno, currículo, curso.	

número da ficha: 020	
Termo: disciplina módulo livre	
Definição original: As disciplinas de módulo livre de um curso são todas as disciplinas de graduação que não são de abrangência restrita e que não constam no currículo do curso. Os créditos a integralizar em módulo livre são referentes às disciplinas ou atividades que não estão na lista de disciplinas obrigatórias nem de optativas do seu curso, porém estão previstas e oferecidas pela UnB.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Disciplina

COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	participar e estudar, se aprovar soma créditos livre porque não é obrigatório e não é optativo.
Definição reformulada: Disciplina não está na lista da disciplina obrigatória, mas o aluno pode escolher de qualquer curso de graduação participar e estudar, se aprovar soma créditos livre não é obrigatório e não é optativo.	
Remissivas: disciplina obrigatória, graduação, crédito e aluno	

Número da ficha: 021	
Termo: disciplina obrigatória	
Definição original: As disciplinas obrigatórias são aquelas em que o estudante deverá ser matriculado e aprovado, ou ter obtido aproveitamento de estudos ou exame de proficiência ou títulos, para fins de integralização curricular do curso.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Disciplina
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	Participar, estudar, passar e formar o aluno.
Definição reformulada: Disciplina que o aluno é obrigado a participar, estudar e passar para conseguir formar.	
Remissivas: disciplina	

Número da ficha: 022	
Termo: disciplina optativa	
Definição original: As disciplinas optativas são aquelas integrantes do currículo do curso cujos créditos, em caso de aprovação, são considerados para fins de integralização curricular.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Disciplinas não obrigatórias.
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	participar e estudar, se aprovado conta pontos no currículo e ajuda formar.
Definição reformulada: Disciplinas não é obrigatória, mas se o aluno participar aprovar ganha pontos currículo e ajuda formar.	
Remissivas: disciplina obrigatória, aluno e currículo.	

Número da ficha: 025	
Termo: histórico escolar	
Definição original: Documento que informa sobre a vida acadêmica, desde o ingresso na UnB, permitindo acompanhar a situação e o progresso do estudante no curso.	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Documento
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	mostrar as notas e as disciplinas tudo que o aluno já estudou no curso.
Definição reformulada: Documento que mostra as notas, as disciplinas tudo que o aluno já estudou no curso.	
Remissivas: notas, disciplina, aluno e curso.	

Número da ficha: 030	
Termo: progressão funcional	
Definição original: Passagem funcional do docente do nível inicial para classe imediatamente superior. (HOUAISS, 2001)	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Mudança de classe.
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	mudar a classe profissional e também salarial para nível imediato superior.
Definição reformulada: mudança de classe profissional e salarial para nível superior.	

Número da ficha: 033	
Termo: total de créditos	
Definição original: Instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior. (HOUAISS,2001).	
Decomposição da definição	
O QUE É ?	Instituição de ensino
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	que faz pesquisa nas área humanas, tecnológicas, artísticas e também forma aluno nível superior.
Definição reformulada: soma de créditos para analisar o máximo OU mínimo de crédito que aluno precisa ter cada período de matrícula ou SE PODE FUTURO desligado	

Número da ficha: 034	
Termo: unidade acadêmica	
Definição original: As unidades acadêmicas integram os institutos ou faculdades, que têm como atribuições: coordenar e avaliar as atividades de ensino, pesquisa e extensão nas respectivas áreas. (GC, 2014)	
Decomposição da definição	
O QUE É?	Institutos e Faculdades da Universidade.
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	Coordenar as atividades de ensino, pesquisa e extensão.
Definição reformulada: Institutos e Faculdades da Universidade que coordenam as atividades de ensino, pesquisa e extensão.	



GLOSSÁRIO – GUIA DO ALUNO



A

- ❖ **aluno** n.m. Educ. var. estudante sin. discente. Indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não. (Houaiss -2001). *O aluno da graduação é desligado se reprovado três vezes em disciplina obrigatória.* GC-2016. **V. graduação, disciplina obrigatória** *Eng. student; Fr. étudiant; Esp.estudiante

- ❖ **aluno especial** n.m. Educ. Aluno inscrito em cursos de extensão, em disciplinas isoladas ou em atividades congêneres, nos termos previstos pelo Estatuto, Regimento Geral e normas específicas. (GC-2016). *A UnB permite a admissão como aluno especial de todos aqueles interessados em, mas é preciso que a disciplina pretendida tenha vaga destinada a esse tipo de público.* FD/UnB. **V. disciplina.** *Em construção.

- ❖ **aluno regular** n.m. Educ. sin.estudante. O aluno regular e aquele matriculado em curso de graduação e de pós-graduação. (GC-2016). *O aluno regular da Universidade de Brasília tem direito a carteirinha de estudante e consegue descontos de até 50% em ingressos em shows.* SAA/ UnB. **V. carteirinha de estudante.** *Em construção.

- ❖ **aluno visitante** n.m. Educ. Estudante de Graduação ou Pós-Graduação que está vinculado a Instituições de Ensino Superior, nacional ou internacional, e que realiza atividades acadêmicas na UnB, sendo supervisionado por docente desta Universidade. (GC-2016). *O aluno visitante tem direito de moradia na Casa do Universitário.* SAA/ UnB. **V. graduação, pós-graduação, Instituição de Ensino Superior, atividades acadêmicas.** *Em construção.

- ❖ **aproveitamento de estudo** n.m. Educ. Reconhecimento dos créditos de disciplina cursada na UnB e em outra instituição de ensino superior, mediante análise dos estudos realizados pelo aluno. (GCG-2016). *Não cabe pedido de aproveitamento de estudos em disciplinas cursadas em outras IES de maneira concomitante ao período de curso na UnB.* SAA/ UnB. **V. crédito, disciplina, instituição de ensino superior, aluno.** *Em construção

C

- ❖ **calendário acadêmico** n.m. Educ. Calendário que contém as atividades acadêmicas desenvolvidas no ano ou no semestre letivo.(GC- 2016). *O calendário acadêmico pode ser visualizado na página da UnB no endereço: [www.unb.br/ GC-2016](http://www.unb.br/GC-2016). V. **atividades acadêmicas.*** *Em construção

- ❖ **chefe** n.m. Educ. Professor eleito responsável em administrar e representar o Departamento; convocar e presidir as reuniões do Departamento; fiscalizar a observância do regime acadêmico, verificar a frequência do pessoal lotado no Departamento, comunicando-a ao Diretor da Unidade Acadêmica; supervisionar, no plano administrativo, os cursos de especialização, de aperfeiçoamento e de extensão, bem como os projetos de pesquisa; cumprir e fazer cumprir as deliberações do Departamento, bem como os Atos e as decisões dos órgãos a que se subordina; administrar o pessoal técnico-administrativo do Departamento (ERG- 2016). *Todos os docentes, discentes e servidores técnicos –administrativos participam da votação para Chefe e Vice-chefe . ERG/2016. V. departamento, reuniões, departamento, regime acadêmico, diretor, unidade acadêmica, plano administrativo, cursos de especialização, aperfeiçoamento, extensão, projeto de pesquisa, atos, órgãos, técnico-administrativo.* * Em construção

- ❖ **colegiado** n.m Educ. Os colegiados são compostos por docentes vinculados à unidade acadêmica responsável pelo curso, pelo seu coordenador, representantes de outras unidades participantes do curso e os representantes discentes que analisam os processos referentes à coordenação de graduação. (GC-2016) *A coordenação do curso é de responsabilidade do Colegiado – GC-2016, V. unidade acadêmica, curso, coordenador, curso, discente, coordenação, graduação.* *Eng. collegiality; Fr. collégialitéd. Esp. colegialidad

- ❖ **coordenador** n.m Educ. Professor responsável pelo atendimento acadêmico dos estudantes para orientação, esclarecimentos e apoio acadêmico e administrativo no período de matrícula bem como durante o curso. (GCG-2016) *Cada curso de graduação tem um Coordenador responsável pelo apoio pedagógico e administrativo. – CG-2016, V. atendimento acadêmico, estudante, matrícula, curso.* * Eng. coordinator; Fr. coordinauteur; Esp. Coordenador.

- ❖ **coordenador de curso** n.m Educ. var. coordenador. Professor responsável pelo atendimento acadêmico dos estudantes para orientação, esclarecimentos e apoio acadêmico e administrativo no período de matrícula bem como durante o curso. (GCG-2016). *O Coordenador de curso tem a responsabilidade de apoiar e ajudar o aluno no período de matrícula também durante o curso. – CG-2016, V. atendimento acadêmico, estudante, matrícula, curso.* * Eng. coordinator; Fr. coordinauteur; Esp. Coordenador.

- ❖ **crédito** n.m Educ. Crédito corresponde a 15 (quinze) horas-aula, em trabalho efetivo sob coordenação docente, que podem ser com aulas teóricas ou práticas (GC-2016) *O aluno tem o limite de 38 créditos de matrícula por semestre se desejar cursar mais só com autorização do Coordenador de curso – GC-2016. V. Horas-aula, coordenação, docente, aula teórica, aula prática.* * Em construção.

- ❖ **crédito de extensão** n.m Educ. crédito corresponde a 15 (quinze) horas-aula, do curso presencial ou à distância de disciplinas diferentes das disciplinas da graduação e pós-graduação. (GC-2016) *O curso de extensão de Sign Writing o aluno aprovado ganha quatro créditos de extensão. – PT-2016. V. Horas-aula, curso presencial, curso à distância, disciplina, graduação e pós-graduação.* * Em construção.

- ❖ **curso** n.m Educ. programa de estudo específico e organizado segundo a atividade ou profissão pretendida. (HOUAISS-2001). *Cada curso de graduação tem um Coordenador responsável pelo apoio pedagógico e administrativo. – GC-2016. V. programa de estudo.* * Eng. Course; Fr. cours; Esp.curso.

- ❖ **curso de extensão** n.m Educ. Cursos ministrados na UnB e que respondem a demandas não atendidas pela atividade regular do ensino formal de graduação ou de pós-graduação. Esses cursos podem ser presenciais ou à distância. (GC-2016) *A UnB ofereceu o primeiro curso de extensão de SIGNWRITING no 2/2016 com professores Messias Ramos e João Paulo Vitorio. – GC-2016. V. curso, graduação, atividade regular do ensino formal, pós-graduação, curso presencial, curso à distância.* * Em construção.

D

- ❖ **departamento** n.m. Educ. organizado por área de conhecimento, vinculado à unidade acadêmica tem como atribuição principal a coordenação de atividades de ensino, pesquisa e extensão, no âmbito de sua competência. GC – 2016. *O estudante poderá solicitar o seu Histórico Escolar (HE) na secretaria do seu departamento. GC– 2014. V. unidade acadêmica, coordenação, atividade de ensino, pesquisa e extensão.** Eng. department; Fr.département; Esp. departamento.

- ❖ **diretor** n.m. Educ. professor responsável por superintender e coordenar as atividades da Unidade Acadêmica, bem com exercer a atribuições definidas no Regimento Geral e no regimento interno da Unidade Acadêmica responsável. (ERG-2016) *O novo diretor lembrou que o Instituto de Letras é a maior unidade acadêmica da Universidade de Brasília. – Agencia/ UnB. V. unidade acadêmica, regimento geral, regimento interno* *Eng. principal; Fr. directeur; Esp. director.

- ❖ **discente** n.m. Educ. var. estudante sin. aluno. aluno que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não. (Houaiss -2001). *Na posse da*

*primeira reitora mulher teve apresentação de musica dos **discentes e docentes da Faculdade de Música da UnB.** Notícias/UnB– 2016. V. **estabelecimento de ensino** *Em construção.*

- ❖ **disciplina** n.f. Educ. conjunto de estudos e de atividades correspondentes a um programa de ensino, definidos a partir de ementas, com um mínimo prefixado de horas, integralizados por um total de créditos que os alunos assistem e sobre as quais eles serão examinados, podendo ser aprovados ou não.(GC – 2016). *A matrícula em **disciplinas de graduação o aluno faz na página da UnB no site Matrícula Web.** GC – 2016. V. aula, aluno. *Em construção.*

- ❖ **disciplina equivalente** n.f. Educ. documento de análise do conteúdo da disciplina oferecida pela UnB, com o objetivo de considerar determinada disciplina equivalente àquela cursada no correspondente programa para integralização no currículo do curso e de dispensar o aluno de cursá-la (SAA – UnB – 2016). *Alunos podem pedir para criar o processo de **disciplina equivalente** na própria secretaria do Departamento do seu curso.* GC – 2016. V. **disciplina, programa, currículo, curso, aluno.** * Em construção.

- ❖ **disciplina módulo livre** n.f. Educ disciplina de graduação que não são de abrangência restrita e que não constam no currículo do curso. Os créditos a integralizar em módulo livre são referentes às disciplinas ou atividades que não estão na lista de disciplinas obrigatórias nem de optativas do seu curso, porém estão previstas e oferecidas pela UnB. (GC – 2016). *Nos currículos da UnB pode incluir até 24 créditos em **disciplina módulo livre.*** GC – 2016. V. **graduação, currículo, curso, crédito, disciplina, disciplina obrigatória, disciplina optativa.** * Em construção.

- ❖ **disciplina obrigatória** n.f. Educ. disciplina em que o estudante deverá ser matriculado e aprovado, ou ter obtido aproveitamento de estudos ou exame de proficiência ou títulos, para fins de integralização curricular do curso. (GC – 2016). *Se o aluno for reprovado duas vezes na mesma **disciplina obrigatória** é desligado do curso de graduação.* GC – 2016. V. **disciplina, estudante, aproveitamento de estudo, exame de proficiência, exame de títulos, integralização curricular, curso.** * Em construção.

- ❖ **disciplina optativa** n.f. Educ. disciplina integrante do currículo do curso cujos créditos, em caso de aprovação, são considerados para fins de integralização curricular. (GC – 2016). *Caso o aluno queira cursar alguma **disciplina optativa,** é necessário realizar o pedido em seu departamento, com o coordenador do curso.* GC – 2016. V. **Disciplina, currículo, curso, crédito, aprovação, integralização curricular.** * Em construção.

- ❖ **docente** n.m. var. professor Educ. referente aquele que ensina (HOUAISS, 2001). *No colegiado participam **docentes, coordenador e discentes vinculados a Unidade Acadêmica.*** GC – 2016. *Em construção

E

- ❖ **ementa** n.f. Educ. apresenta muito de forma sucinta as ideias gerais sobre quaisquer assuntos que serão abordadas ao longo da [disciplina \(HOUAISS – 2001\)](#). *Ao selecionar uma disciplina no MatriculaWeb, uma janela será aberta com as informações sobre a ementa e programa da disciplina – GC – 2016. V. instituição, faculdade, nível superior, área humana, área tecnológica e área artística.*

H

- ❖ **histórico escolar** n.m Educ. Documento que informa sobre a vida acadêmica, desde o ingresso na universidade, permitindo acompanhar a situação e o progresso do estudante no curso. (GC – 2016) *O aluno pode pedir o Histórico Escolar na secretaria do seu departamento GC – 2016. V. documento, estudante, curso, universidade. * Em construção.*

I

- ❖ **instituto** n.m. Educ. Estabelecimento de ensino público ou privado que forma profissional no ensino médio, técnico e superior. (HOUAISS – 2001) *No Brasil, a UnB foi à primeira universidade a ser dividida em institutos e faculdades. GC– 2014. V. nível médio, nível técnico e nível superior. * Eng. institute; Fr. institut; Esp. instituto.*

P

- ❖ **professor** n.m. var. docente Educ. referente aquele que ensina (HOUAISS, 2001). *A ementa de cada disciplina é elaborada pelo professor e aprovado pelo Colegiado do curso. GC – 2016. * Eng.teacher; Fr. professeur; Esp. profesor*
- ❖ **professor substituto** n.m. Educ. professor concursado por um ano para substituir professor efetivo em casos de contratação por tempo determinado para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público (GC – 2016). *O candidato interessado em participar do processo seletivo para contratação de professor substituto deverá efetuar a sua inscrição no próprio Departamento conforme Edita – DGP/UnB. V. professor, professor efetivo. *Em construção.*
- ❖ **professor visitante** n.m. Educ. docente ocupante do cargo de Professor Universitário possuidor de título de pós-graduação em nível de doutorado ou equivalente ou, ainda, de notório saber, contratado temporariamente para o fim exclusivo de dedicar-se às atividades de ensino, pesquisa, extensão e às respectivas atividades pedagógicas dos cursos de graduação e pós-graduação. (GC – 2016) *Se a Unidade acadêmica tiver*

*interesse pode pedir contrato de **Professor Visitante** em reunião de colegiado. SRH/UnB. V. docente, professor, título, pós-graduação, doutorado, contrato temporário, atividades de ensino, pesquisa, extensão, atividades pedagógicas, graduação e pós-graduação. * Em construção.*

- ❖ **progressão funcional** n.f Educ. passagem funcional do docente do nível inicial para classe imediatamente superior. (GP/UnB – 2016). *A **progressão funcional** será feita por uma comissão de três professores de nível igual ou superior. GP/UnB – 2016. V. docente, nível, classe * Em construção.*

R

- ❖ **reitor** n.m. Educ. Professor eleito pela comunidade acadêmica como principal responsável em administrar a Universidade na área administrativa, área ensino, pesquisa e extensão. (ERG- 2016) *A nova reitora e o novo vice-reitor tomaram posse em novembro de 2016. (Notícias / UnB). V. professor, departamento * Em construção.*

S

- ❖ **subchefe** n.m. Professor eleito que na ausência do Chefe fica responsável em administrar e representar o Departamento; convocar e presidir as reuniões do Departamento; fiscalizar a observância do regime acadêmico, verificar a frequência do pessoal lotado no Departamento, comunicando-a ao Diretor da Unidade Acadêmica; supervisionar, no plano administrativo, os cursos de especialização, de aperfeiçoamento e de extensão, bem como os projetos de pesquisa; cumprir e fazer cumprir as deliberações do Departamento, bem como os Atos e as decisões dos órgãos a que se subordina; administrar o pessoal técnico-administrativo do Departamento. (ERG – UnB). *Caso o chefe não possa estar presente quem substitui e passa a representar o departamento é o vice - chefe.(ERG-UnB) V. professor, departamento * Em construção.*

T

- ❖ **total mínimo** n.m Educ. total mínimo e máximo de créditos por período que deverão ser considerados na matrícula e em situação de risco do aluno (GC – 2016) *As disciplinas módulo livre podem somar ao **total de créditos** exigidos para o curso – GC – 2016. V. crédito, período, aluno, matrícula. * Em construção.*

U

- ❖ **unidade acadêmica** n.f. Educ institutos ou faculdades, que têm como atribuições: coordenar e avaliar as atividades de ensino, pesquisa e extensão nas respectivas áreas (ERG – 2016) *os Diretores e Vice-diretores das **Unidades Acadêmicas** são nomeados de acordo com o Regimento Geral da unb. ERG/2016. *Em construção.*

- ❖ **universidade** n.f. var. IES sin. academia. Educ. Instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior e realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico. (HOUAISS – 2001) *A universidade pública têm objetivo estimular a extensão universitária GC – 2016. V. instituição, faculdade, nível superior, área humana, área tecnológica e área artística.* *Eng. university; Fr.université; Esp universidad

V

- ❖ **vestibular** n.f. Educ prova que aprova e classifica os estudantes a serem admitidos nos cursos superiores (HOUAISS – 2001) *A UnB realizou o primeiro vestibular para o curso de licenciatura em Língua de Sinais Brasileira/Português como Segunda Língua no ano de 2014. Notícias/UnB- 2016. V. estudante, curso.* * Em construção.
- ❖ **vice-diretor** n.m. Educ. professor eleito que na falta do diretor é responsável por superintender e coordenar as atividades da Unidade Acadêmica, bem com exercer a atribuições definidas no Regimento Geral e no regimento interno da Unidade Acadêmica. (ERG-UnB) *O Diretor e o Vice-Diretor da Unidade Acadêmica são nomeados de acordo com o Regimento Geral da UnB – ERG/ UnB. V. professor, diretor, unidades acadêmicas, regimento geral e regimento interno.* * Em construção.
- ❖
- ❖ **vice – reitor** n.m. Educ. Professor eleito pela comunidade acadêmica que na falta do reitor é responsável administrar Universidade na área administrativa e também área ensino, pesquisa e extensão. (ERG-2016) *A nova Reitora e o novo Vice-reitor tomaram posse em novembro de 2016. Notícias/UnB. V. Estudantes, apoio acadêmico, apoio administrativo, matrícula, curso.* *Em construção.

APÊNDICE E

FICHA DE ANÁLISE DOS SINAIS-TERMO